

ITAYTERA

— ORGÃO DO —
Instituto Cultural do Cariri

«É uma corrução visível (Batateira) do termo Itaytera, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: Ita, pedra, Y ou Yg. água, têra, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras».

Dr. Marcos de Macedo

ANO I

N.º 1

Tipografia Imperial

CRATO

1955

Banco Caixairal

do Crato

(Soc. Coop. de Responsabilidade Ltda.)

Rua Dr. João Pessoa, S/N
CRATO — CEARÁ

Capital Realizado . . . Cr\$ 1.508.100,00
Reservas. 1.029.738,50

Operações de Crédito Ativo

Empréstimos populares avalizados. Descontos de notas promissórias, de letras de câmbio internas, de bilhetes de mercadorias, de conhecimentos, duplicatas, etc.

Empréstimos agrícolas financeiros de entre-saфра.

Operações de Crédito Passivo

DEPÓSITOS C/ RETIRADAS LIVRES.

DEPÓSITOS POPULARES.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO.

Operações Acessórias

Cobrança de conta alheia.

Transferências de fundos.

Ordens de pagamentos, etc.

ITAYTERA

— ORGAO DO —

Instituto Cultural do Cariri



«E' uma corrução visivel (Batateira) do termo Itaytera, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo mânanciaal do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: Ita, pedra. Y ou Yg, água, têra, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras».

Dr. Marcos de Macedo

ANO I

N.º 1

Tipografia Imperial

CRATO

1955

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

FUNDADO EM 17 DE OUTUBRO DE 1953

DIRETORIA DE 1955

Presidente	Dr. José de Figueiredo Filho
Vice-presidente	Pe. Antonio Gomes de Araujo
Secretário Geral	Ten. Otacilio Anselmo e Silva
Secretário	João Lindemberg de Aquino
Tesoureiro	Orestes Costa

Comissão de Organização de ITAYTERA

J. de Figueiredo Filho
Otacilio Anselmo e Silva
F. S. Nascimento

Comissão de Sindicância e Finanças

Dr. Raimundo de Oliveira Borges
Celso Gomes de Matos
Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa

Comissão de Ciências, Letras e Artes

Dr. Francisco Ferreira de Assis
Dr. Duarte Junior
Dr. Anibal Viana de Figueiredo

Aceita-se permuta com publicações congêneres

Não se responsabiliza a direção da revista pelas idéias e conceitos de seus colaboradores.

EXPLICANDO ...

É tentativa bastante ousada lançar se á publicidade revista de carater cultural, nestes tempos de utilitarismo e de futilidades. «Itaytera» nasce com programa definido. O da defesa intransigente da região caririense. Lutará com empecilhos múltiplos, mas saberá vencê-los, pois conta com o apoio firme e decidido das figuras que integram os quadros do Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato.

“Itaytera” quer seu lugar ao sol. Já passou a época da preponderância absoluta do litoral em todos os setores da vida. No interior e na região é onde pulsa o verdadeiro coração do Brasil. Seu programa não está fechado em regionalismo estreito. Não podemos viver mais em regiões estanques, sem contacto com o Estado, o país e a própria humanidade. Fatos que ocorrem em partes longínquas do globo, podem exercer mais influência na região caririense do que mesmo acontecimentos que se desenrolam em Crato, Juazeiro do Norte ou Barbalha. Nunca no mundo, estivemos mais intimamente ligados à sorte um dos outros, do que nesta época de abismos profundos que parecem separar as principais nações da terra.

“Itaytera” pugnará, sem desfalecimento, pela melhoria do nível cultural e pelo bem estar da região caririense, dentro da comunidade cearense e brasileira, sem esquecermos de que somos parcela bem viva, desta humanidade inquieta de hoje. Seu nome de batismo, sem cerimonial religioso, foi lembrança do culto sacerdote—Pe. Antônio Gomes de Araújo. O atual presidente do I. C. C. apadrinhou-o e tomou para si a responsabilidade de justificá-lo. Não é denominação estranha ao Vale Caririense. Passemos a palavra ao Dr. Marcos de Macêdo, através de citação, à página 135, do “Dicionário Geográfico Histórico e Descritivo do Estado do Ceará”, do Desembargador Alvaro Gurgel de Alencar:

“Uma notável depressão se observa acima da nascente do rio Itaytera, vulgarmente conhecido pelo nome de Batateira, não havendo, entretanto, notícias, de batatas nas margens daquela corrente, que justifique o nome que lhes puseram os primeiros colonos. É uma corrupção visível do termo — Itaytera, pelo qual os tupis designaram o maior e mais belo manancial do Araripe, e que se decompõe do seguinte modo: Ita, pedra, y ou yg, água, tera, por entre, isto é, água que corre, precipitando-se por entre pedras”.

É denominação de amplitude bem regional. O Batateira forma dos mais ricos brejos de cana da terra caririense. Suas

águas engrossam o Salgadinho que mais adiante se junta ao Salgado, cujos baixios são verdadeiras forjas de riqueza coletiva da zona sul cearense. O antigo Itaytera, agora com o nome bem português de Batateira, alimenta, com humus e humidade, a um verdadeiro Cariri, mais ubérrimo, dentro mesmo da privilegiada região caririense. É isso o que deduzimos de trecho do "O Cariri e sua importância econômica", de Tomaz Pompeu Sobrinho e publicado no "O POVO", de Fortaleza, em sua edição comemorativa do centenário de elevação de Crato à cidade, de 15 de Outubro de 1953:

"O Cariri Cearense oferece uma feição original e bem caracterizada, quer se considere o seu fácies geográfico, quer as suas origens e sobrevivências étnicas, quer o seu aspecto social.


Esta curiosa diferenciação, no seu conjunto, bem acentuada quanto ao resto do Ceará e dos Estados vizinhos, o é igualmente em relação a todo o País. O mais frisante contraste observa-se entre o pequeno vale do Batateira com os seus tributários, ainda menores, e o sertão circundante. Mas, interposta entre aqueles e este, uma zona de transição se estende, subdividida em trechos transversais, ou mais ou menos bem definidos, que, daquele vale, se irradiam, perdendo progressivamente as qualidades especiais que sobremodo singularizam a parte nuclear.

Ao conjunto desta faixa circunscrita e ao pequeno vale é o que se conhece por CARIRI. Abrange vários municípios do Estado, e não tem mais de 7.660 quilômetros quadrados de área, com uma população de 330.000 habitantes, o que dá a densidade demográfica de 43. A parte nuclear, com 4 municípios, mede 2.460 quilômetros quadrados, com a população de 171.000 habitantes, correspondendo a densidade demográfica de 73. Estas cifras dão uma idéia da concentração humana no minúsculo vale do Batateira, a região melhor irrigada do Cariri".

Itaytera é o símbolo da pujança da natureza caririense.

"Itaytera" está assim com seu nome bem justificado.

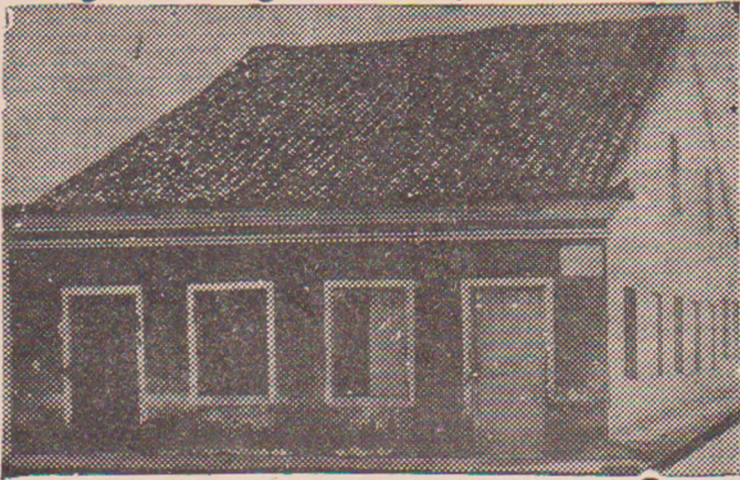
F. F.



BANCO DO CARIRI S. A

Praça Siqueira Campos, N.º 2

PREFIRA, PARA TODAS AS SUAS
OPERAÇÕES BANCÁRIAS, ESTA ANTIGA E
TRADICIONAL INSTITUIÇÃO DE CRÉDITO.



Prédio antigo, à Praça da Sé, onde se realizou o sensacional júri presidido pelo Juiz leigo José Vitoriano Maciel e que condenou o caudilho Pinto Madeira à pena de morte, no dia 26 de Novembro de 1834.

A casa está reduzida à metade, ligeiramente remodelada. E atualmente casa de residência e mercearia.

Leitor Amigo! Atenção!

A «Casa Venus»,

A bem de sua numerosa freguesia, acaba de renovar o seu variado estoque de

«Sêdas,» «Linhos,» «Tropicais,» «Bramantes» e tudo o mais que se relacione com a sua elegancia e distincção.

Faça sua economia fazendo suas compras na

CASA VENUS

Rua Dr. João Pessoa, 92 — TELEFONE: 21-64 — CRATO-CERRÁ

A BAHIA nas RAIZES do CARIRI

(Século XVIII)

Pe. Antônio Gomes de Araújo

*Do Instituto Cultural do Cariri e sócio
correspondente do Instituto do Ceará e da
Academia Cearense de Letras.*

Encalçando índios belicosos, ou movidos pela ânsia da fundação de currais de vacaria, os sapatões dos sertanistas despertaram o Cariri nos últimos decênios do século 17 (1).

Iniciada a centúria seguinte, abriu-se a fase do povoamento da região, afluindo, os povoadores, pelo rio Salgado, deixando atrás o Jaguaribe, e pelos caminhos que, da antiga fazenda «Vila-Bela», hoje Serra Talhada, e da povoação de Cabrobó, localidades pernambucanas, convergiam e se fundiam nas alturas de Jati (outrora Macapá), passando, o primeiro, por Belmonte, hoje Maniçobal, e o segundo, por Salgueiro. Dêsse ponto de fusão, rumava-se para Jardim e terra dos atuais municípios de Porteiras, Brejo Santo, Milagres, Mauriti e Missão Velha. Eram as estradas. Vila - Bela - Cariri e Cabrobó - Cariri.

Exu, município nos baixos pernambucanos da serra do Araripe, ocupado no século 18 pelos colonizadores, ligava-se ao citado Cabrobó por uma estrada que marginava o lado esquerdo do riacho da Brígida através das fazendas «Terra Nova,» «Saco do Martinho,» da qual nasceu Leopoldina, hoje Parnamirim, e da de «Granito». Era a estrada Cabrobó - Exu.

Do referido Exu, vencido o acesso da Serra do Araripe, o qual depois se chamou «Ladeira da Gameleira», rampa produzida pela erosão pluvial e sucessivamente usada por índios e brancos - do referido Exu, repito, vencidos êsse acesso e a chapada, descia-se no lugar, atualmente denominado «Ladeira do

(1) Datas de Sesmarias, Fortaleza, 1910, vol. 2.º, pag. 23, 25, 27, 31 e 33.

Em documentos de requisição de sesmaria, do começo do século 18, de terras da Ribeira do Riacho dos Porcos, diz-se que elas foram requeridas e não ocupadas na segunda década do século anterior — Ver «A Cidade de Frei Carlos,» Pe. Antônio Gomes de Araújo, revista «A Província,» ano 2.º, vol. 2.º, CRATO—CEARÁ, 1954.

Francisco Gomes», no sítio do mesmo nome, município de Crato. — Era a estrada Exu-Cariri.

Desde tempos imemoriais, as precipitações pluviais abrem, lenta e progressivamente, rampas nos bordos elevados da referida serra, para oferecer acesso ao homem desmunido de veículo. Foram as veredas — ladearias dos precolombianos, depois praticadas por sertanistas e colonos. Rampas suáveis: Boca da Mata (Jardim) e Tabocas em Bodocó, Pernambuco.

Os ameríndios não habitavam a chapada do Araripe, face à ausência de reserva d'água circunstância que ainda hoje imprime ao platô a fisionomia de quase deserto demográfico. Os dois únicos e temporalíssimos reservatórios, «Malhada Funda» e «Cacimbas,» formados por abaixamento da planície e que parecem de impermeabilidade natural, realmente receberam pisoteio secular do casco do gado. Se alguma vez a indiada concentrou-se transitariamente na chapada, o fez sob pressão armada dos colonos.

As veredas indígenas, em seguida estradas dos brancos, Jaguaribe—Cariri, Vila - Bela—Cariri, Cabrobó—Cariri e Cabrobó—Exu—Cariri, conduziram desbravadores e povoadores para esta região: pernambucanos, sergipanos e baianos, entre outros.

Os colonos baianos, se não foram aqui os principais titulares das terras de sesmaria, co-povoaram por acostamento, aforamento e compra aos sesmeiros, açambarcadores de latifúndios de léguas. Consagraram-se, assim, fecundos co-fundadores do Cariri, depois de copartes em sua revelação ao sôpro expansionista da Casa da Torre, da Bahia, a qual requereu sesmarias no Ceará, conforme o identificou RENATO BRAGA, professor catedrático da Escola de Agronomia do Ceará.

Os baianos atuaram sobretudo nos vales de Missão Velha e Barbalha, em sua tarefa de partícipes na formação étnica, social e econômica da nova pátria que adotaram.

Dêsses heroicos filhos da terra de Moema, fixados sob o céu caririense, ao longo do século 18, século das origens e formação social do Cariri, — fiz o presente rol, pálida resenha, que fica muito aquém da realidade. Deficientes, as fontes escritas consultadas, quanto ao tempo, pois partem de 1742, 40 anos após o início do povoamento da terra. Os arquivos eclesiásticos consultados acham-se desfalcados de muitos de seus livros, considerados perdidos. O arquivo paroquial de Crato não possui um único livro relativo ao século 18, senão o do Tombo, datando a criação da freguesia de março de 1762! É um exemplo. Ademais,

não me foi ensejada consulta aos arquivos públicos e aos de todos os cartórios do Cariri. Por isso, numerosos colonos baianos, estabelecidos na zona durante o século 18, escaparam ao presente fichário, podendo o número dos registrados ser dobrado sem exagero, para cobertura da deficiência.

Recolhi mais de 400 nomes numa área correspondente aos territórios dos modernos municípios de Crato, Barbalha, Milagres, Brejo Santo e Juazeiro do Norte, área que registrou 78 batisados de 1742 a 1747 (2), o que representa u'a média de 1800 a 2.000 habitantes, tomando-se por critério a proporção racional de cem nascimentos anuais para um grupo de 2.000 habitantes. Se consideramos êsses dados e mais o fato de a população apresentar-se muito mais rarefeita nas décadas anteriores à de 1740, concluímos não ter sido somenos a cota de baianos integrada na formação do Cariri naqueles tempos recuados. Todo o Cariri, exclusão feita das áreas atuais dos municípios de Quixerá, Araripe e Campos Sales, deu 600 batisados, de 1748 a 1762 (3).

Os colonos baianos, lado a lado de seus congêneres de outras procedências, foram os autênticos povoadores do Cariri. Os sesmeiros representaram o papel de posseiros: açambarcaram as terras e aforaram-nas e venderam a retalho. Com exceção do coronel João Mendes Lobato, assim agiram os 7 outros Lobatos, que chegaram a possuir na região, de 1714 a 1725, 70 léguas de terra em quadro.

O coronel João de Barros Braga foi outro grossista (4). Só uma percentagem muito reduzida d'esses latifundiários de espirito fértil, exploraram e povoaram os seus sesmos pessoalmente ou por intermédio de imediatos, quais, por exemplo, Antônio de Sousa Goulart e José de Sousa Goulart em Barbalha; ou João Gonçalves Sobreira e o capitão Francisco Pinto da Cruz, em Milagres. Sômente uma prova em contrário à base dum levantamento das transmissões de propriedade de terra no Cariri desde a primeira parte do século 18, levar-me-ia a outra conclusão.

(2) Caderno de reg. de Bat. Cas. e Óbitos, da capela de S. Antônio de M. Nova.

(3) Livr. de Reg. de Bat., freguesia de M. Velha, 1748—1764.

(4) Ver Antônio Bezerra, «Algumas Origens do Ceará», Fortaleza-Ceará.

Não sei de famílias caririenses portando nomes dos primitivos sesmeiros. Mas, muitas famílias existem com os nomes dos humildes troncos originários, que aforaram e compraram a retalho as terras de sesmaria. São elas, entre outras, os Pinheiro, Esmeraldos e Alencares de Crato; os Sobreiras, de Joazeiro do Norte; os Sampaio, Calô, Coêlho, Correia, Filgueiras, Cardoso e Sâ Barreto, de Barbalha; os Cruz, Santana e Landim, de M. Velha; os Govêas, os Neves, os Pereira de Carvalho, de Jardim; os Furtado Leite, Figueiredo e Araújo Lima e Martins, de Milagres, Mauriti e Brejo Santo. Os troncos dessas famílias fixaram-se no Cariri, na primeira e segunda metade do século 18.

Conclusas essas considerações, declaro que o presente trabalho é prolongamento de outro, e sua confirmação documentária, de minha autoria, também: «Concurso da Bahia na Formação da Gens Caririense», tese apresentada ao Primeiro Congresso da Bahia, reunido na cidade do Salvador em março de 1949, para comemorar a fundação da primeira capital do Brasil e a instalação do Governo Geral. A tese foi publicada nos Anais do Primeiro Congresso de História da Bahia, Vol. 3.º, Tip. Benedictina L.T.D.A., cid. do Salvador—Bahia, 1950. Publiquei uma separata, no ano de 1950, em ed. de 600 exemplares.

E, para ponto final: «Quando se fizer a história territorial do país, sobretudo, na região nordestina, há de verificar-se... que foi insignificante a proporção de sesmarias dadas aos povoadores efetivos da terra. Já é tempo de escrever essa história que se detém na casinhola de palha, no heroísmo do homem simples, que, de perto, enfrentou os perigos da conquista e assegurou o domínio da terra. (Parbosa Lima Sobrinho, O Devassamento do Piauí — Brasiliana — Vol. 225).

No Cariri, a casinhola de palha eliminou a presença do domínio dos sesmeiros e evoluiu para a casa grande do sítio e da fazenda e assumiu a direção política e o controle econômico da terra.

“ A ”

—Livro de Registro de Batisados—Missão Velha—1748—1764:

ANTÔNIO RODRIGUES VIEIRA—de Geremoabo,—casado com Rosa Benta, da Vila da Moxa, Piauí, então morador no sítio Correntinho—1762 — hoje integrado no território do município de Crato—Ceará (Livro citado, fls. 40).

ANA MARIA VIEIRA, casada com o pernambucano Cae-

tano Vieira, ao tempo —1762—fixado no sítio de "Santana", incluso, atualmente, no município de Barbalha (Livro cit. fls. 41).

ANA, índia, de Curral dos Bois— residente em Santo Antônio de Missão Nova, distrito atual de Missão Velha (Livro cit. fls. 43).

ANTONIO DA COSTA,—de Itapicuru—casado com Dominges de Almeida, moradores no " Olho d'Água de Manuel Dias"—1762—Crato (Livro cit. fls. 44).

ANTÔNIO TAVARES, casado com Maria Rodrigues, moradores na "Missão do Miranda" (Crato) (Livro cit. fls. 44).

ANTÔNIO DE BARROS, de Pacé, casado com Teodósia Lopes de Jesus, residentes - 1762 — na Missão supra mencionada (Livro cit. fls. 47).

ANTONIO PEREIRA FREIRE— de Cachoeira— casado com

ANTONIA NUNES BARRETO DE MENEZES — de Geremoabo—moradores—1762—no " Corrente" (Crato) (Livro cit. fls. 47).

ANTONIO PEREIRA—de Maragogipe—casado com Maria de Oliveira, pernambucana, moradores—1762—na citada "Missão do Miranda" (Livro cit. fls. 47).

ANTONIA MARIA—de Pitanga—casada com o caririense do «Brejo da Salamanca», (Barbalha), Marcos de Barros Lima (Livro cit. fls. 48).

ANTONIO DE ARAÚJO—de Pitanga—casado com

> ANA MARIA—de Pitanga—moradores na aludida " Missão do Miranda", (Crato) (Livro cit. fls. 48).

ANA FAUSTINA PEREIRA DA ROCHA—de Santiago—casada com o capitão Luis de Figueiredo Adorno, então residentes e senhores do "Engenho da Lama", Brejo da Salamanca (Barbalha) (Livro cit. fls. 49).

ANTONIO LE PAMPLONA VASCONCELOS—de Pitanga—casado com

ANA DA SILVA OSANA—de Pitanga—moradores e possesores na Ribeira do Riacho dos Porcos (Livro cit. fls. 50). (1)

ANA MARIA - de Santo Amaro—casada com Constantino de Sousa Ferraz—do mesmo Santo Amaro— moradores naquela Ribeira—1762—(Livro cit. fls. 52).

ANTONIA MARIA DA ROCHA—do Rio São Francisco—(lado baiano), casada com o português Francisco Coelho, moradores no "Brejinho"—1763—Crato (Livro cit. fls. 62).

ANA MARIA MADALENA—de Cachoeira—casada com o capitão Vitoriano Ribeiro, pernambucano, moradores—1763—no "Brejo da Salamanca", Barbalha, (Livro cit. fls. 64).

ANDRESA DA SILVA—de Cachoeira—casada com o capitão Francisco de Araújo, pais daquela Ana Maria Madalena, e moradores no referido Brejo da Salamanca — 1763— (Livro cit. fls. 64).

ANTONIO BARRETO DE MENEZES—da vila de Santa Luzia, casado com Catarina Barbosa, residentes no sítio "Barbalha" (Barbalha) (Livro cit. fls. 74).

ANTONIO COELHO—da cidade do Salvador — casado com a maranhense Vitória Pereira, moradores em Missão Velha (Livro cit. fls. 75).

ANTONIO BARBOSA DANTAS — da cidade do Salvador — casado com Inocência Brígido Rodrigues, moradores no "Brejo Grande" (Santanópole). (Livro cit. fls. 82).

ANTONIO DE CASTRO SILVA—da freguesia de N. S. da Saúde— casado com Brásida Coelho de Resende, moradores —1763—na citada Missão Nova (Livro cit. fls. 83).

ANTONIO COELHO DE RESENDE—da cidade do Salvador—casado com a caririense, do Cariri Novo, Quitéria Lobato, (Livro cit. fls. 83), filha do patriarca de M. Nova, coronel João Mendes Lobato e Lira.

ANA BARBOSA—de Canabrava—casada com Marcolino da Costa, moradores na Serra do Araripe (Livro cit. fls. 84).

ANTONIA DA SILVA—de Itapicuru—casada com o alagoano Francisco Monteiro de Melo, residentes em Milagres — 1763—(Livro cit. fls. 85).

ANTONIO ÁLVARES DE MATOS RODRIGUES— de Pacé — casado com Margarida Álvares de Matos, proprietário na Serra de Missão Nova (Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 1) (2)

ANTONIA MARIA, solteira, com filhos, residente em Missão Nova, (Livro de registro de Batizados, M. Velha, 1748—1764, fls. 89)

Livro de Registro de casamentos— Missão
Velha—1765—1770:—

ANTONIA DA SILVA—de Inhambupe—casada com Manuel Pereira dos Santos, moradores no citado “Brejo da Salamanca” (Livro cit. fls. 5), hoje Barbalha.

ANA MACIEL, residente naquele Brejo (Livro cit. fls. 5).

ANTONIO DE SOUSA PRESA — da cidade do Salvador—casado com Maria Álvares de Oliveira, proprietários rurais no “Rosário” (Milagres) (Livro cit. fls. 5). (3)

ANDRESA PEREIRA DO LAGO—da freguesia de N. S. do Monte, casada com Vasco Marinho Falcão (Livro cit. fls. 9).

ANTONIA MARIA PARRETO—de Geremoabo—casada com Luis de Macedo, proprietário no mencionado sítio “Corrente”, (Crato) (Livro cit. fls. 11).

AGOSTINHO RODRIGUES—de Santo Amaro da Purificação—casado com Maria de Araújo, moradores no “Brejo da Salamanca”, (Livro cit. fls. 15).

ANTONIO FERREIRA—da freguesia antecedente—casado com Felícia de Almeida (Livro cit. fls. 15).

ANA DOS HUMILDES, casada com o pernambucano Miguel da Silva (Livro cit. fls. 17).

ANTONIA MARIA DA CONCEIÇÃO—de Jacobina — filha de

ANTONIO GODINHO DE SOUSA, casado com Catarina de Araújo, proprietários do sítio “Tinguís” (M. Velha, (Livro cit. fls. 18).

ANTONIA MARIA BARBOSA—de Jacobina — casada com Félix Pinto Barbosa, moradores em Missão Nova (Livro cit. fls. 19).

ANA MARIA DE JESUS — de Pitanga — casada com Constantino de Souza Ferraz, moradores nas “Tabocas”, Milagres (Livro cit. fls. 19).

ANTONIO ALVARES VELHO—de Inhambupe— casado com Maria da Gama (Livro cit fls. 21).

ANTONIO BARBOSA DE SOUZA—de Sento Sé — casado com Brigida Pereira, do Icó, Ceará, (Livro cit. fls. 23).

ANTONIO DE SAMBOAVENTURA— de Cachoeira — filho de Anacleto de Matos, piauiense, e Vitória Maria, todos moradores em M. Velha, (Livro cit. fls. 26).

ANTONIO RIBEIRO— do Rio São Francisco, (lado baiano), casado com Josefa Maria. (Livro cit. fls. 27).

ANGFLA REIS RABELO—de Itapicuru — casada com o capitão Domingos Duarte, português, cuja filha, Geralda Rabelo Duarte, casara com o alagoano capitão José Paz Landim, tronco dos Landim, do Cariri Novo, (Livro cit. fls. 28). (4)

ANTONIO PINHEIRO DE MAGALHÃES (alferes)—casado com Inês de Sá Souto Maior, ("Origem das Familias Sá Barreto e Landim"), apontamentos escritos por José Sampaio de Sá Barreto, "Seu Zuca", os quais se encontram, inéditos, em mãos da filha do autor, senhorita Maria Alacoque Sampaio, residente em Barbalha). Antônio Pinheiro foi pai, com Inês, do capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, tronco dos Sá Barreto, de Barbalha, e tronco baiano, êle, A. P. Magalhães, no Cariri, dos mesmos Barreto e Sá. Residiu na Ribeira do Riacho dos Porcos, setor de Milagres, onde faleceu, 19—9—1751, recebendo sepultura na capela local. (Livro de Óbitos, M. Velha, 1748-1770.

ADRIANA FRANÇA— da cidade do Salvador — casada com o português Antônio Calheiro Barbosa, moradores em M. Velha (Livro cit. fls 29)

ANTONIO DE SOUZA GOULART—da cidade do Salvador—casado com Maria da Encarnação de Jesus, posseiros no "Brejo da Salamanca". Foram sogros de Leonel de Alencar Rego, com quem casaram a filha, Maria da Assunção de Jesus. Leonel e Maria da Assunção: avós da heroína Bárbara de Alencar. (Livro cit. fls. 33. Ver: "Naturalidade de Bárbara de Alencar"—Pe. Antônio Gomes de Araújo). (5).

ANTONIO MACHADO— de Geremoado — casado com a pernambucana Mariana Barbosa (Livro cit. fls. 34).

ANTONIA LOURENÇO— de Pambu—casada com o capitão Brás de Souza do Rosário (Livro cit. fls. 35).

ANTONIO LOPES TRAVASSOS—de Cachoeira—casado com Arcângela Magalhães, residentes no "Brejo da Salamanca" (Livro cit. fls 44).

ANTONIO RIBEIRO, casado com Josefa Maria (Livro cit. fls 49).

ANTONIO DA CRUZ NEVES, tenente, citado, de Pam-

bu—(Livro de Registro de Batisados, de M. Velha, 1795—1803, fls. 179 e 278), casado com Maria Vieira de Jesus, cariense, filha do alferes Bento de Sousa Meireles, português, e de sua mulher Antônia de Jesus, sergipana (Livro cit. fls. 50). É tronco dos Neves, de Jardim.

ANA MARIA—de Curral dos Bois—casada com o português Francisco Xavier de Miranda (Livro de registro de Batisados, M. Velha, 1795—1800).

ANTONIO D'AVILA GODINHO—casado com Ana Martins da Encarnação, sergipana, (Livro cit. fls. 143), proprietário em Missão Velha, sítio "Barreiras".

ANTONIO PEREGRINO — da cidade do Salvador — casado com Isabel Gomes (Livro cit. fls. 214).

ALEXANDRE DE MATOS—da cidade do Salvador—casado com Luiza Maria, (Livro cit. fls. 225).

ANTONIO DE BRITO CORREIA.—casado com Ana de Azevedo (Livro cit. fls. 283).

ANTONIO ALVARES CORREIA—de Santiago—casado com Úrsula Alves das Neves (Livro de reg. de Batisados, Missão Velha, 1764—1805, fls. 10).

ANTONIO DA SILVA—de Inhambupe—(Livro cit. fls.11).

AGOSTINHO RODRIGUES VEREDA—de Campinhos—casado com Maria Arcângela (Livro cit. fls. 19).

ALFXANDRE JOSÉ DE PASSOS.—da cidade do Salvador—casado com Ana Francisca (Livro cit. fls. 102):

ANGELA PERPÉTUA—da cidade do Salvador — casada com Matias Ferreira, residentes em Milagres (Livro de reg. de Batisados, M. Velha, 1783, fls. 3).

ANTONIO SÉRGIO — de Jacobina — casado com Teresa de Jesus (Livro cit. fls. 9).

ANTONIO PEREIRA PINTO — de Inhambupe — casado com Joana Batista do Espírito Santo — troncos dos Pereira Pinto Calou, pois casaram seu filho, Gregório Pereira Pinto, bahiano, com Ana Angélica de Jesus, filha do citado capitão Francisco de Magalhães Barreto e Sá, ascendente sergipano dos Sá Barreto, de Barbalha, (Livro de Registro de Batisados, M. Velha, 1795—1803).

ANTONIO HOMEM — casado com Maria Angélica Maia,

residentes em M. Velha, (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1800 fls. 17)

ANA MARTINS DA ANUNCIAÇÃO — casada com Antônio d'Avila Godinho, referido (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1803, fls. 3).

ANTÔNIO DE MACEDO PIMENTEL. — casado com Teresa Correia de Oliveira, residentes em Crato, sendo, ela, natural desta localidade. Casaram seu filho — Antônio de Macedo Pimentel, cratense, com Maria Joaquina de Santana, filha do Joaquim Ferreira Lima e Desidéria Maria do Espírito Santo (Livro de Reg. de Batisados, Crato, 1800—1806, fls. 73), sogros de Tristão de Alencar Araripe. (6).

ANTÔNIA MARIA DE SOUSA — de Cachoeira — casada com Manuel Ferreira Castão. (Livro cit. fls. 191). (7).

ANTONIA MARIA DA CONCEIÇÃO — filha de João de Sousa Goulart, casada com Lourenço Correia Dantas. Ela é ascendente dos Coelho, de Barbalha. (Livro de Casamentos, M. Velha, 1765,—1770, fls. 18).

ANTÔNIO DE OLIVEIRA DE CARVALHO. (tenente) casado com Maria Cardoso Fraga. (Livro de Casamentos, M. Velha, 1790, fls. 47), cunhado do cit. Franc. Magalhães B. e Sá.

ANTÔNIO RIBEIRO DE MATOS— (Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 49).

ALEXANDRE CORREIA ARNAUD— de Inhambupe — coronel de Milícias de Missão Velha e filho do fundador daquela cidade, João Correia Arnaud. (Livro de Registro de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 41).

ANTÔNIO PEREIRA DE BRITO ARNAUD— filho daquele capitão João Correia Arnaud (Professor Bernardino Gomes de Araújo, em "O Araripe", de João Brigido dos Santos, Crato —1855—1865).

ANA MARIA ARNAUD— filha do referido capitão João Correia Arnaud (Livro de reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 24).

ANA MARIA DE FIGUEIREDO ARNAUD — irmã da precedente (Livro cit fls 16).

ANA MARIA DE SANTANA — casada com o capitão José Pereira Mascarenhas, irmão da precedente (Livro de reg. de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 59).

CAPITÃO ANTÔNIO FÉLIX DE FIGUEIREDO MASCARENHAS—residente em M. Velha. (Livro cit. fls. 62). (8)

ANA MARIA DE SANTANA — casada com Paulo Pereira de Brito (Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1790—1800. fls. 94). (9).

ANA MARIA COUTINHO DA ENCARNAÇÃO — casada com o capitão Mateus Fernandes de Azevedo Correia, ela, da freguesia de Socorro, ambos residentes no sítio “Juazeiro”—M. Nova—de M. Velha. São ascendentes dos Correia e Sampaio de Barbalha. (Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, pois casaram sua filha Maria Lourenço Coutinho, que irá registrada como baiana, com Antônio Correia Sampaio, ascendente cariense daqueles Correia e Sampaio, e filho do Alferes Gonçalo Coelho de Sampaio, colono baiano fixado no Cariri Novo, na primeira metade do século XVIII (Livro cit. fls. citadas), sendo proprietário do referido sítio “Juazeiro”).

ANA MARIA FERREIRA—de Salvador — casada com o capitão Bartolomeu Martins de Moraes, já em 1748 fixado na Ribeira do Riacho dos Porcos e, em dado momento, o maior posseiro na zona. É tronco, com Ana, da família Martins de Moraes, do Cariri, muito entrelaçada com Furtado Leite, Filgueiras e Cardoso. (Livro de reg. de Batisados de M. Velha, 1783—fls. 2).

“ B ”

BENTO MOREIRA—de Cachoeira — casado com Sebastiana de Oliveira, moradores—1763—no sítio “Corrente”, Jardim (Livro de Registro de Batisados, Missão Velha, 1748 — 1764, fls. 81).

BEATRIZ DE SOUSA DA SILVEIRA de Pambu— casada com o português tenente coronel Luis Furtado Leite de Almeida, da ilha de São Miguel, senhor do sítio “Coité”, encravado no município de Mauriti. É tronco dos Furtado Leite, de Milagres (Livro de reg. de Casamentos, Missão Velha, 1765—1770—fls. 14, e Livro de reg. de Batisados, freguesia de Cabrobó (PE), 1764—1769, fls. 32). (10)

BERNARDINA EUGÊNIA DE MENEZES—casada com Francisco Xavier, moradores no “Correntinho”, Crato. (Livro cit. fls. 16).

BERNARDO GOMES DE SAMPAIO — de São Félix—casado com Francisca Correia Dantas, moradores no mencionado sítio “Juazeiro”, e pais do já referido alferes Gonçalo Coelho de

Sampaio (Livro cit. fls. 18).

BRÁS DE SOUSA DO ROSÁRIO (capitão)—de Pambu—casado com Antônia Lourenço (Livro cit. 35 e 36).

BONIFACIA DE MENEZES — casada com Domingos de Sousa Prêsa, português, senhores do sítio "Oitis," Milagres (Livro cit. fls. 45). (11)

BEATRIZ DA SILVA — casada com João Pereira, residentes no sítio "Santana", Barbalha. (Livro cit. fls. 49).

BERNARDINO PEREIRA DE BRITO — casado com Florença da Silva. (Livro de Registro de Batisados, Missão Velha, 1795—1800, fls. 234).

BARBARA DE JESUS — de Água Fria — casada com Inácio Gil de Barros. (Livro de Registro de Batisados, Missão Velha, 1769—1805, fls. 3).

BERNARDINO PEREIRA DE BRITO — de Inhambupe — casado com Nicácia Pereira de Brito, residente em M. Velha. (Livro cit. fls. 27.) (12)

BARBARA VIEIRA — da cidade do Salvador — casada com Manuel da Silva das Neves. (Livro do Registro de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 60).

BERNARDA DE JESUS MARIA — casada com Manuel Alves de Oliveira. (Livro de Registro de Casamentos, M. Velha, 1790—1800, fls. 40).

BEATRIZ RODRIGUES—casada com o português Manuel da Costa Barros (Livro de Registro de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 34 e 35), ascendentes dos Carneiro de Moraes, de Crato.

BERNARDA CORREIA CALDAS — de Cachoeira — casada com Teotônio de Azevedo Correia, ascendentes dos Correia e Sampaio, de Barbalha. (Livro de Registro de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 55 e verso).

BEATRIZ DE FREITAS — de Água Fria — casada com João Caetano da Fonseca. (Livro cit. fls. 29).

BALTASAR GOMES DE OLIVEIRA — de Salvador — casado com Luísa Maria do Prado. (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1790—1800, fls. 23).

BRIGIDA MARIA — casada com Pedro Barbosa. (Livro do Reg. de Batisados, Missão Velha 1748—1764, fls. 97).

" C "

CRISTÓVAO GOMES — casado com Maria de Menezes, residentes na "Missão do Miranda", Crato, (Livro de Registro de Batisados. M. Velha, 1748—1764, fls. 41).

CAETANO GOMES DA SILVA — de Itapicuru — casado com Francisca Maria. (Livro cit. fls. 74).

CATARINA BARBOSA DE MENEZES — da vila de Santa Luzia — casada com Antônio Barreto de Menezes. (Livro cit. fls. 74).

CATARINA PEREIRA — de Água Fria — casada com o português Tomé Gonçalves Machado. (Livro cit. fls. 91).

CONSTANCIA DA COSTA — casada com Jerônimo Celestino. (Livro cit. fls. 95).

CATARINA DE ARAÚJO — casada com Antônio Godinho de Sousa, já referido. (Livro de Casamentos. M. Velha, 1765—1770, fls. 18).

CLEMENTE FIALHO — de Jacobina — casado com Eugênia da Trindade. (Livro cit. fls. 19).

CONSTANTINO DE SOUSA FERRAZ — de Pitanga — casado com Ana Maria de Jesús, já referida. (Livro cit. fls. 19).

CUSTÓDIO RODRIGUES DE MATOS — casado com Luzia Ferreira. (Livro cit. fls. 26).

CIPRIANA MARIANA — casada com José Inácio da Silva. (Livro de Casamentos, reg. de M. Velha, 1790—1800, fls. 170).

CLARA PEREIRA DE SOUSA — da cidade do Salvador — casada com José Nunes Viana. (Livro do reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 82).

COSME PEREIRA DA SILVA — adulto, filho de Manuel Pereira do Lago e de sua mulher Maria da Silva. (Livro do reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 7).

" D "

DOMINGAS DE ALMEIDA — de Itapicuru — casada com Antônio da Costa. (Livro de reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 44).

DOMINGAS DUARTE — de Itapicuru — casada com João Batista. (Livro cit. fls. 66).

DAMASO DE SOUSA — de Jacobina — casado com Maria José. (Livro cit. fls. 88).

DOMINGOS DIAS — casado com Lourença de Sousa. (Livro cit. fls. 95).

DOMINGAS DE ALMEIDA — da cidade do Salvador — casada com o capitão Tomé Dias Ferreira, alagoano. (Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 37).

DOMINGOS GONÇALVES — sargento-mor, residente no sítio "Brejo", Brejo Santo. (Livro de Casamentos, M. Velha, 1773—1810, fls. 2).

DOMINGAS DO ESPIRITO SANTO — casada com Félix Nunes. (Livro do reg. de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 15).

DOMINGOS RODRIGUES DO VALE — de Jacobina — casado com Quitéria Maria. (Livro cit. fls. 19)

DAMIANA GONÇALVES — da vila do Conde — casada com Silvestre Dias.

TEODORA FERNANDES VIEIRA DE MELO — de Sento Sé — casada com Manuel Joaquim de Santana, e ascendentes do dr. Juvêncio Santana, atual Juiz de Juazeiro do Norte, bem como de seus irmãos drs. Antônio e Manuel de Santana, e do coronel Cicero Santana, sitiante na "Serra do Mato", Missão Velha.

" E "

ELEUTÉRIA FRANCISCA — da cidade do Salvador — casada com João Rodrigues (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls. 68).

ESTEVAO CORREIA DA SILVA, capitão, — de Pacé — casado com Josefa Maria de Matos. Residiam na "Serra do Mato", M. Velha, onde eram proprietários de terras. (Livro cit. fls. 85). O capitão Domingos Alvares de Matos, — casado com a cratense Inácia da Silva, era filho daquele casal. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1765—1770, fls. 1). (13).

EUGÊNIA DE ALMEIDA — casada com o português — Fernando de Sousa Coutinho, ascendentes dos Correia Sampaio, de Barbalha. (Livro cit. fls. 28).

EUSÉBIO DE FIGUEIREDO — de Iguape — casado com Antônia Ribeiro do Sacramento (Livro de Registro de Batisados de M. Velha, 1795—1800, fls. . .).

ESTEVAO LOPES DOS SANTOS— casado com Eufrá-
sia Maria de Caldas (Livro cit. fls. 145).

EMERENCIANA MARIA DA CONCEIÇÃO—de Gere-
moabo—casada com Manuel José da Silva (Livro de reg. de Ca-
samentos, de M. Velha, 1790—1800, fls. 51).

“ F ”

FRANCISCA RODRIGUES—de Pambu— casada com Lou-
renço Ferreira. (Livro de Registro de Batisados de M. Velha,
1748—1764, fls 50).

FRANCISCO PEREIRA LIMA— de Pambu— casado com
Teodora Maria da Conceição, de M. Velha (Livro cit. fls. 58),
filha do alferes Gonçalo Coelho de Sampaio e sua mulher Louren-
ça Barbosa de Melo, citados nestas páginas como ascendentes
dos Correia, Coelho e Sampaio, de Barbalha. Junto á fazenda
fundada por Francisco Pereira Lima, no chamado “ Brejo da
Barbosa”, surgiu a cidade de Brejo Santo. É considerado, por
isso, o fundador dessa cidade. O autor dêste trabalho é quinto
neto dêsse pioneiro, pelo lado paterno, e, como se vê, colateral
dos citados Coelho, Sampaio e Correia.

FILIFE DE SANTIAGO LEITÃO — casado com Isabel
Maria da Rocha (Livro cit. fls. 62).

FRANCISCO RODRIGUES—de Cachoeira — casado com
Valéria da Silva (Livro cit. fls. 64).

FRANCISCO DE ARAÚJO, capitão,—de Cachoeira— ca-
sado com Andresa da Silva, residentes no “Brejo da Salamanca ”
(Livro cit. fls. 64). (Barbalha).

FRANCISCO XAVIER DA LANÇA—de Salvador— ca-
sado com Ana da Cunha (Livro cit. fls. 68).

FRANCISCA MARIA—de Itapicuru— casada com Caeta-
no Gomes da Silva, já referido (Livro cit. fls. 74).

FELIZARDA SOARES, com filhos (Livro cit. fls. 75).

FRANCELINA DA SILVA — de Salvador— casada com
Manuel da Silva, (Livro cit. fls. 77).

FRANCISCO FERREIRA DE MELO— de Iguape — casado
com Antônia da Silva de Castro (Livro cit. fls. 83).

FRANCISCA PEREIRA DE SOUSA — casada com Ma-
nuel Pereira de Oliveira (Livro cit. fls. 86).

FRANCISCO XAVIER—de Jacobina—casado com Maria da Conceição (Livro cit. fls. 87).

FRANCISCO DA SILVA PIMENTEL— de Itapicuru — casado com Rita Dias Fernandes (Livro cit. fls. 95).

FELICIA DE ALMEIDA— de Santo Amaro da Purificação—casada com Antônio Ferreira, já referido (Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 15).

FÉLIX DA ROCHA SILVEIRA de Cachoeira — casado com Teodora de Magalhães (Livro citado, fls. 17).

FRANCISCA COELHO DA SILVEIRA—de São Félix— casada com Bernardo Gomes de Sampaio, referido, ascendentes, como ficou dito, dos Correia, Coelho e Sampaio, de Barbalha. Também o são dos Gomes e Nicodemos, de Brejo Santo. (Livro cit. fls. 18).

FRANCISCA DE JESUS—casada com João de Sousa Goulart, irmão do mencionado Antônio de Sousa Goulart, co-fundador da terra barbalhense.

FRANCISCA BARBOSA—de Pitanga— casada com o português Silvestre de Sousa Ferraz. (Livro citado fls. 19).

FILIFE RODRIGUES DE FIGUEIREDO—de Inhambupe —casado com Francisca Pessoa de Araújo. (Livro cit. fls. 20 e 21).

FRANCISCO RODRIGUES DE JESUS—de Pambu—casado com Videla Maria. (Livro cit. fls. 34).

FRANCISCO DE FIGUEIREDO ADÓRNO— da cidade Jo Salvador—casado com Francisca da Silva, sucessores do citado Antônio de Sousa Goulart, no dominio do sitio " Lama " (Barbalha) (Livro cit. fls. 38). (14).

FRANCISCA DA SILVA, citada, — da cidade do Salvador—casada com aquele Adorno. (Livro cit. fls. 38),

FRANCISCO XAVIER FERREIRA—de Nazaré—casado com Marcelina Monteiro de Melo (Livro cit. fls. 40).

FILIPA DA SILVA—de Cachoeira — casada com Bernardo da Silva de Carvalho (Livro cit. fls. 40).

FRANCISCO DA SILVA FERREIRA — da cidade do Salvador—casado com Francisca de Sousa (Livro cit. fls. 57).

FRANCISCO PEREIRA DE BRITO— de Salvador—ca-

sado com Florência Rosa da Silva (Livro cit.)

FRANCISCO DE SOUSA — de Salvador — casado com Eusébia do Monte Pereira (Livro do reg. de Casamentos, M. Velha, 1773—1810, fls. 9).

FRANCISCA DE SOUSA—de Salvador — casada com Pedro Marinho Cavalcante (Livro cit. fls. 50).

FRANCISCO XAVIER DA SILVA— de Pilão Arcado—casado com Josefa Maria (Livro de Reg. de Batisados, de M. Velha 1769—1805, fls. 12).

FÉLIX NUNES — casado com Domingas do Espírito Santo, citada. (Livro cit. fls. 15).

FRANCISCO DA ROCHA — casado com Luzia Correia, (Livro cit. fls. 18).

FELIPE DOS SANTOS — da vila do Conde — casado com Natália Quaresma. (Livro cit. fls. 21).

FIRMINA DA SILVA — de Inhambupe — casada com Patrício de Brito, da tribo do fundador-mor da cidade de M. Velha, capitão João Correia Arnaud. (Livro cit. fls. 27).

FRANCISCO MONTEIRO DE MELO — de Itapicuru — casado com Apolônia da Silva, residentes em Milagres. (Livro do reg de Batisados de M. Velha, 1769—1805, fls. 33).

FRANCISCO GOMES — casado com Clara Pereira de Sousa, citada. (Livro cit. fls 35).

FRANCISCO JOSÉ — de Salvador — casado com Maria da Conceição. (Livro cit. fls. 57).

FRANCISCO DA SILVA BELÉM — de S. Pedro do Rio Fundo — casado com Joaquina Paz Landim, cariariense, filha do cariariense Domingos Paz Lançim e Isabel da Cruz Neves. (Livro do registro de Casamentos de M. Velha, 1773—1810, fls. 152). (15). É tronco dos Belém, do Cariri.

FRANCISCO DIAS D'AVILA — de Salvador — casado com Ana da Silva, referida. (Livro cit.)

FRANCISCO JOSÉ DOS SANTOS — casado com Maria Vieira da Conceição. (Livro cit. fls. 82).

FRANCISCO DA SILVA PIMENTEL — casado com Justa Fernandes. (Livro de reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls 95).

FRANCISCA DE FIGUEIREDO — casada com Francisco Froes de Figueiredo. (Livro do reg. de Casamentos de M. Velha, 1765—1770, fls. 9). ascendentes dos Oliveira Rocha, de Milagres e Missão Velha.

FÉLIX DA ROCHA — casado com Lourença Barbosa de Melo. (Livro do reg. de Batisados, Missão Velha. 1748—1764, fls. 90).

FRANCISCA PERPÉTUA — casada com o capitão Pedro Carneiro de Moraes, (de Crato) e filha do capitão Brás de Sousa do Rosário, já referido. É ascendente, ela, dos Moraes de Brito, de Crato. (Livro do reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 34).

FRANCISCA FOGAÇA — casada com o português João Dias de Sousa. (Livro cit. fls. 34).

FRANCISCO PEREIRA DE ABREU (capitão) — de Jacobina — filho do capitão João Correia Arnaud, citado. (Livro do reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 24). É ascendente de Coelho de Barbalha, Mons. José Coelho, Padre Miguel Coelho, p's. João e José Coelho de Alencar.

" G "

GUILHERME MARTINS — de Geremoabo — casado com Camila de Melo. (Livro do reg. de Batisados. M. Velha, 1748—1764, fls. 44).

GASPAR MARTINS — casado com Maria Soares. (Livro cit. fls. 75.)

GONÇALO PIRES DA LUZ -- de Itapicuru — casado com Joana Gomes. (Livro cit. fls. 81).

GERALDA RABELO DUARTE — de Itapicuru — casada com o mencionado alagoano, capitão José Paz Landim, em 1733 senhor do sítio «Santa Teresa». E' tronco dos Duarte, de Barbalha, (Livro cit. fls. 83). e, com o marido, dos Landim, do Cariri, como foi dito. Aliás, também são ascendentes dos Belém de Figueiredo, do mesmo Cariri.

GERALDO GONÇALVES DOS SANTOS — de Jacobina — casado com Ana Maria das Neves. (Livro cit. fls. 97).

GREGÓRIO PIRES — da freguesia de Socorro — casado com Branca Ferreira. (Livro do reg. de Casamentos de M. Velha, 1765—1770, fls. 34).

GUILHERME MACHADO — de Salvador — casado com Edwirge Maria. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1795—1800, fls. 179).

GERTRUDES GONÇALVES — de Pambu — casada com Agostinho Manuel da Silva. (Livro citado).

GONÇALO GIL DE BARROS — de São Gonçalo da Cachoeira — casado com Maria de Jesus. (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1769 — 1805, fls. 3).

GERALDA BARRETO — de Salvador — casada com José Barreto da Costa. (Livro cit. fls. 4).

GREGÓRIO PEREIRA PINTO — citado, de Inhambupe — casado com Ana Angélica de Jesus. É, êle, como foi dito, ascendente dos Pereira Pinto Calou, do Cariri. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1803, fls. . .).

GONÇALO COELHO DE SAMPAIO -- (alferes) de «Canabrava», São Félix (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 18), filho dos referidos Bernardo Gomes de Sampaio e Francisca Coelho da Silveira. (Livro cit. fls. 4 e 28). Em 1748, aquele alferes já era senhor no sitio «Juazeiro», município de M. Velha (Livro cit. fls. cit.). Como o pai, êsse alferes é ascendente dos Correia, Coelho, Correia Sampaio e Sampaio, de Barbalha, dos Sampaio, de Recife, dos Sampaio Filgueiras, de Jardim e Serrita.

" H "

HELENA MARIA — de Salvador — tinha filhos. (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 26).

« I »

INACIO COELHO DE MELO — casado com

ISABEL DOS ANJOS — (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 40).

INOCÊNCIO BARBOSA — de Salvador — casado com Maria Pinto. (Livro cit. fls. 69).

INÁCIA SOARES — casada com Gaspar Martins, citado. (Livro cit. fls. 75).

ISIDORA DA SILVA — de Água Fria — casada com José Ferreira. (Livro cit. fls. 75).

INACIO DE FIGUEIREDO ADORNO — de Salvador — casado com Maria Lobato, filha do coronel João Mendes Lobato e Lira, patriarca de Missão Nova, de M. Velha. Inácio era filho de Francisco de Figueiredo Adorno, já mencionado, ambos, senhores do sítio «Lama», em Barbalha (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 38).

ISABEL DA CRUZ NEVES—de Pambu— casada com o já citado Domingos Paz Landim. É, como seu irmão, o aludido tenente Antônio da Cruz Neves, ascendente de Cruz Neves do Cariri (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1795 — 1800, fls. 188). Isabel o é do dr. Epitacio Quesado Cruz.

INACIO GIL DE BARROS—de Cachoeira — casado com Bárbara, citada (Livro de Batisados, Missão Velha, 1769—1805, fls. 3).

INACIA MOREIRA, com filhos. (Livro cit. fls. 15).

INACIO DE CARVALHO— de Salvador — casado com Rosa Maria (Livro cit. fls. 36).

ISABEL FRANCISCA — de Salvador — amásia do dr. Manuel de São João Madeira, avós paternos de Joaquim Pinto Madeira, fusilado em Crato, em 28-11-1834 (Livro cit. fls. 36 e 37).

INACIO DIAS DOS SANTOS—de Pambu— casado com Leonora da Costa, (Livro cit. fls. 51).

INACIA MARTINS DA COSTA— casada com José Rodrigues (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls. 74).

INACIO CAETANO MACIEL—casado com Januária Maria de Vasconcelos Teles de Menezes, pais do capitão José Vitoriano Maciel, por sua vez pai do juiz leigo que condenou Joaquim Pinto Madeira, em Crato, em 28-11-1834 (Testamento do referido capitão, feito em 9-11-1810, Cartório de Antônio Machado—Crato—Ceará.): coronel José Vitoriano Maciel.

ISABEL MARIA DA PURIFICAÇÃO MASCARENHAS—de Iguape —casada com o fundador-por da cidade de M. Velha, capitão João Correia Arnaud (Livro do reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 24; idem, 1769—1805, fls. 30).

INACIA PEREIRA DE ABREU—esposa do citado capitão Francisco Pereira de Abreu (Livro de Reg. de Casamento de M. Velha, 1765—1770, fls. 24).

ISABEL MARIA DA PURIFICAÇÃO — primeira esposa

do citado coronel de Milícias, Alexandre Correia Arnaud, pai do primeiro capitão-mor de Jardim, José Alexandre Correia Arnaud, e avô do grande ex-vigário de M. Velha, Padre Félix Aurélio Arnaud Formiga (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769—1895, fls. 41).

ISABEL MARIA MASCARENHAS — esposa de Paulo Pereira Mascarenhas, da tribo do capitão João Correia Arnaud. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1790 1800, fls. 63), (citado).

INÊS PLATENA DE SA—de Pambu—casada com o capitão Antônio Pereira da Cunha, português, grandes proprietários na citada Ribeira do Riacho dos Porcos. (Livro do Reg. de Casamentos, Missão Velha, 1765—1770, fls. 9). São ascendentes dos Teles, de Crato e Barbalha.

INÊS DE SA SOUTO MAIOR, a citada esposa do alferes Antônio Pinheiro Magalhães.

“ J ”

JOANA MARIA DE FIGUEIREDO, ou Maria Rodrigues, —de Pambu — esposa de Julio da Costa Barros, e filha do capitão José d'Ávila de Figueiredo. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 27 e 39). (16)

JOSÉ DE GOIS—casado com Cordúla Maria (Livro cit. fls. 41).

JULIANA MARIA, com filhos, (Livro cit. fls. 61).

JOÃO RODRIGUES—de Salvador— casado com Eleutéria Franciscã, citada (Livro cit. fls. 68).

JOANA BARRETO DE MENEZES— de Geremoabo — esposa de Gabriel Canto de Sousa, (Livro cit. fls. 68).

JOSÉ DA CRUZ—de Salvador—casado com Antônia Pereira (Livro cit. fls. 75).

JOSÉ D'ÁVILA DE FIGUEIREDO (capitão), citado, fundador do sítio “Gameleira”, Milagres. Livro cit. fls. 78). (17)

JOAQUIM SOARES DOS SANTOS—de Sento Sé— esposo de Luzia Maria Cabral (Livro cit. fls. 81).

JOSEFA MARIA DAS NEVES, esposa de Francisco Xavier da Silva, citado, (Livro cit. fls. 87).

JOÃO PEREIRA DA SILVA—de Salvador — esposo de

Beatriz da Silva (Livro cit. fls. 87).

JOSÉ NUNES VIANA de Santiago—casado com a citada Clara Pereira de Sousa (Livro cit fls. 82).

JOÃO FERREIRA LIMA—de São José das Itapororocas—esposo de Joana Gonçalves (Livro cit. fls. 93).

JOSÉ FERREIRA CASTÃO—de Cachoeira—casado com Vicência Gomes Castão, avós maternos do padre Cícero Romão Batista, segundo fundador do Juazeiro do Norte. (Livro de Reg. de Batisados. Crato, 1844)

JOSÉ FERREIRA—de Salvador — casado com Isidora da Silva, cit. (Livro Reg. B. 1748—64—fls. 93).

JOSÉ QUARESMA, esposo de Ana Maria (Livro cit. fls. 99).

JOANA DA SILVA esposa do citado Cosme Pereira (Livro do Reg. de Casamentos. M. Velha, 1765—1770. fls. 5).

JOÃO TINÉN—de Água Fria casado com

JOANA CORREIA—de Água Fria—(Livro cit. fls. 7).

JOÃO LINS DE MACEDO — (sargento-mor), esposo de Rosa Maria de Queirós (Livro cit. fls. 11).

JOSÉ RODRIGUES DE ARAÚJO— de Santo Amaro da Purificação—casado com Emerenciana (Livro cit. fls. 58), filho do português João Ribeiro Reverdosa.

JOÃO DE SOUSA GOULART — casado com Francisca de Jesus, e irmão de Antônio de Sousa Goulart, o capitão copioneiro da colonização de Barbalha (Livro cit. fls. 18).

JOÃO DE SOUSA, esposo de Luiza de Sousa (Livro cit. fls. 18).

JULIANO TAVARES PESSOA—de Inhambupe—(Livro cit. fls. 20 e 21)

JOÃO BARBOSA DE SOUSA — de Santo Sé — casado com Joana Pinto Dantas (Livro cit. fls. 24).

JOANA PINTO DANTAS (Idem).

JOSÉ MARCOS DE MELO — de Jacobina — marido de Lourença Lopes (Idem).

JOSEFA MARIA DE ALMEIDA—de Cachoeira—esposa do português Manuel de Araújo Barcelos (Livro cit fls. 28).

JOAO BARBOSA FRANCA — da freguesia de N. S. do Pilar — casado com Maria Cleofas de Nazaré, filha do capitão Vicente Luis Vieira, todos residentes em Milagres. (Livro cit. fls. 19).

JOÃO CAETANO DA FONSECA — de Agua Fria — casado com Beatriz de Freitas, citada. (Livro citado).

JOÃO COELHO FAIÇÃO — do Recôncavo — casado com Maria Ferreira. (Livro cit. fls. 32).

JOANA DA SILVA — de Salvador — casada com o já mencionado Cristovão Correia da Silva, pais do citado capitão Estevão Correia da Silva. (Livro cit. fls. 33).

JOÃO BATISTA DA SILVA — de Cachoeira — casado com Francisca Maria de Moura. (Livro cit. fls. 40).

JOSÉ MARIA — de Jacobina — marido de Natércia de Sousa. (Livro cit. fls.).

JOAO LOPES DO VALE — de Cachoeira — casado com Antônia Travassos. (Livro cit. fls. 44).

JOSÉ MAGALHAES — de Cachoeira — casado com

JOSEFA PEREIRA — de Cachoeira — (Livro cit. fls. 44).

JOSEFA MARIA — de Salvador — casada com Antônio Ribeiro, citado. (Livro cit. fls. 49).

JOSEFA MARIA — de Salvador — esposa de Francisco Xavier da Silva. (Livro citado).

JOANA FAGUNDES DE SOUSA — de Pambu — casada com o citado sargento-mór Manuel da Cruz Neves. (Livro cit. fls. 50 e 51).

JOAO PEREIRA SANTOS — de Salvador — casado com Eufrásia Maria de Caldas. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha. 1795—1800, fls. 145).

JOSÉ DE SA — de Salvador — casado com Teresa Maria. (Livro cit. fls. . .)

JOSÉ RIBEIRO — de Salvador — casado com Teresa Maria. (Livro cit. fls. 225).

JOAO PEREIRA SOUTO — casado com Isabel Lobato. (Livro. c. t. fls. 235).

JOSÉ FRANCISCO — casado com Narcisa Pinto. (Livro cit. fls. 259).

JOSEFA MARIA DE BRITO. (Livro cit. fls. . .)

JORGE BARRETO DELIMEIRA — de Cachoeira — marido de Francisca Maria, (Livro de Reg. de Camentos de M. Velha, 1773,—fls. 49).

JOÃO FERREIRA LIMA — de Jacobina — casado com Maria do Rosário. (Livro cit. fls. 70).

JOANA RODRIGUES — de Jacobina — casada com Domingos Rodrigues do Vale, citado. (Livro cit. fls. 19).

JOSÉ RODRIGUES VEREDA — de Cachoeira — casado com Emerenciana da Silva do Canto. (Livro cit. fls. 19, citada).

JOAQUIM DE ALMEIDA — de Pambu — casado com Margarida Correia. (Livro cit. fls. 22)

JOAQUIM VIEIRA DA CONCEIÇÃO — de Pambu — casado com Marçala Maria de Jesus. (Livro de Reg. de Casamentos de M. Velha, fls. 26, 1790—1800).

JOSÉ PEREIRA MASCARENHAS — (capitão), de Cachoeira — casado com Isabel Maria. (Livro cit. fls. 93). 18).

JOANA DA COSTA TORRES — de Santo Antônio do Pambu — casada com o português Manuel da Silva Maia. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1783, fls. 3).

JOSÉ MONTEIRO DE MELO — de Salvador — casado com Maria Tomás de Lacerda. (Livro cit. fls. 33).

JOAQUIM ANTÔNIO DE MACEDO — de Salvador — casado com Leocádia Paz Landim, filha de Domingos Paz Landim e Isabel da Cruz Neves, citados. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1803). (19).

JOANA BATISTA DO ESPÍRITO SANTO — de Inhambupe — citada como esposa de Antônio Pereira Pinto, pais, ambos, do referido Gregório Pereira Pinto, troncos dos Pereira Pinto Calou, do Cariri. (Livro cit. fls. . . .)

JOSÉ DE SÁ SOUTO MAIOR — irmão de Inês de Sá Souto Maior, esposa do citado Antônio Pinheiro Magalhães, troncos, como se disse, os dois últimos, dos Sá Barreto, do Cariri, através de seu filho, o capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá. (Livro de Reg. de Batisados, Icó, fls. . . ano de 1741, e Livro de Reg. de Óbitos, M. Velha, 1748, fls. 4).

JOAG DE JESUS DA CRUZ DA SILVA PIMENTEL — de Jacobina — esposo de Vicência Maria da Trindade, filha do

cita o capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, e sua mulher Pelucena de Abreu Lima. (Livro de Reg. de Casamentos de M. Velha, 1790, fls. 18).

JOSE JOAQUIM DE SANTANA MACEDO — (comandante) de Cachoeira — casado com

JOSEFA MARIA DA CONCEIÇÃO — de Jacobina. (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773, fls. 154)

JOSE RODRIGUES — casado com Inácia Martins, citada. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 74).

JOSE JOAQUIM DE SANTANA — (Comandante de Rio Fundo) — casado em primeiras núpcias com Francisca Gomes Amorim e, em segundas, com Ana Maria de Jesus. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1795—1803, fls. 68).

NOTA:—Esse comandante é ascendente dos drs. Juvêncio, Antônio e Manuel de Santana, do Cariri, cujo pai, coronel Antônio de Santana, foi um dos próceres duma fase superada da politica desta zona.

NOTA 2ª.:—Aquele tenente Antônio da Cruz Neves casou-se, segunda vez, com Francisca Maria de Jesus, filha dos citados Antônio Correia Sampaio e Maria Lourenço Coutinho. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773—1800, fls. 18).

NOTA 3ª.:—O referido comandante era irmão do citado Francisco da Silva Belém, tronco dos Belém de Figueiredo, do Ceará.

JOSE DA SILVA PIMENTEL — casado com Ana dos Santos, pais de João da Cruz da Silva Pimentel, já mencionado. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1795, fls. . . .)

JOSE JOAQUIM DE SANTANA — casado com Rosa Maria Barbosa.

JOSE PEREIRA FILGUEIRAS—capitão-mor, dos Campos de Cachoeira—figura decisiva nos movimentos politicos do Ceará, de 1817, 1822 e 1824. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773—1810, fls. 116). (20).

JOAQUINA MARIA DO ESPIRITO SANTO, esposa de Bernardo Bento de Figueiredo e ascendente dos Bentos de Figueiredo e Homem de Figueiredo, de M. Velha, e dos Figueiredo Abath, de Crato

NOTA—Figueiredo, de Bernardo, vem de seu pai, capitão

José Bento de Figueiredo, coimbrão, já em 1769 proprietário na serra de Goianinha e Missão Nova, do atual município de M. Velha. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769, fls. 12 e 13 e 1795, fls. 129).

JOSÉ VITORIANO MACIEL, citado, casado, com Germana Maria Gonçalves, cratense. (Livro de Reg. de Batisados, Crato, 1800 — 1803, fls. 191). Era natural da freguesia de Socorro.

JOAQUINA MARIA PARENTE, primeira esposa do citado capitão-mor José Pereira Filgueiras ("José Pereira Filgueiras", Irineu Pinheiro, pag. 6).

JOAO DE BARROS FALCAO. (ajudante) casado com Maria Pereira do Lago. (Livro de Reg. de Óbitos, de M. Velha, 1748—1765, fls. 13).

JANUARIA MARIA DE VASCONCELOS TELES DE MENEZES — casada com Inácio Caetano Maciel, citado, pais, ambos, daquele capitão José Vitoriano Maciel, mencionado, proprietário do sítio "Santo Antônio do Grangeiro", (Crato), conforme testamento feito em 9-11-1810. (Cartório de Antônio Machado, Crato, Ceará).

-JOSÉ SERAFIM DOS SANTOS (capitão), citado, filho dos já aludidos Antônio d'Ávila Godinho e Ana Maria. Possuía o sítio "Barreiras" (Missão Velha); (Livro de "Notas", Cartório de Antônio Machado, Crato, folhas 97 e seguintes).

JOSEFA MARIA DE MATOS, citada como esposa do capitão Estevão Correia da Silva (Livro do Reg. de Batisados, de M. Velha. 1748—1764, fls. 85).

JOAQUIM FERREIRA—casado com Ana Maria da Silva, filha dos citados Julio da Costa Barros e Joana Maria de Figueiredo. Joaquim e Ana, residentes no sítio " Genipapeiro " (Milagres) (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765 — 1770, fls. 37).

JANUARIO CASTAO—de Cachoeira—casado com Maria Januária Maciel, filha do citado capitão José Vitoriano Maciel (Livro de Batisados, Crato, 1800—1806, fls. 171).

JOSÉ PEREIRA LIMA, ou AÇO, tronco dos Ferreira Lima e Lima Verde, do Cariri (Informações do dr. Josias Sisnando ex Juiz da 1ª Vara da Comarca de Crato, a mim fornecidas em 24—6—51). O referido Juiz é quarto neto dêsse Aço.

JOSÉ DOS REIS — casado com Catarina Maria de Jesus

(Livro de Reg. de Casamentos M. Velha, 1790—1800, fls. 170).

JOSÉ INÁCIO DA SILVA—casado com a citada Cipriana Mariana (Idem).

JOSÉ PIRES MACHADO—casado com Ana Rosa de Farias, êle. filho do português João Machado Jorge, casado em segundas núpcias, com uma filha do já mencionado Antônio Correia Sampaio. (Livro cit. fls. 159).

JOSÉ NUNES— casado com Francisca Maria (Livro cit. fls. 113).

JOSÉ HOMEM DA COSTA—casado com Maria José do Espírito Santo.

JOSÉ RIBEIRO DE MATOS—(Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 49).

JOAO CORREIA ARNAUD—(capitão), citado fundador-mor da cidade de M. Velha, (Livro cit. fls. 24). (21).

JOAQUIM DE FIGUEIREDO MASCARENHAS—(alferes) filho do antecedente (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 49).

JOAQUIM DE FIGUEIREDO ARNAUD—padre, irmão do antecedente. (Prof. Bernardino Gomes de Araújo, in " O Araripe", de João Brígido dos Santos, Crato, Ceará, 1855—1865).

JOSÉ PEREIRA MASCARENHAS—(capitão), irmão do antecedente e nascido em Pilão Arcado (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 59).

JOAO DE SOUSA LISBOA — casado com Maria dos Santos Barbalha (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1748—1765, fls. 69).

" L "

LUZIA RODRIGUES—da Casa da Torre — casada com o português Manuel Gonçalves Braga (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls. 40).

LEONARDA DA COSTA— de Pambu — casada com o citado Inácio Dias. (Livro cit. fls. 43).

LUIS DE FIGUEIREDO ADÓRNO—de Santiago — proprietário do "Engenho da Lama". Barbalha, e casado com Maria José de Jesus, filha do mencionado capitão Domingos Paz Landim e Isabel da Cruz Neves (Livro cit. fls. 49).

LUIS DE FIGUEIREDO ADORNO — de Santiago — pai do antecedente e co-proprietário no sítio mencionado. Foi casado com a citada Ana Faustina da Rocha (Livro cit. fls. cit.)

LUZIA DE OLIVEIRA — de Pitanga — casada com Francisco Oliveira Rocha Froes, filho do capitão Antônio de Oliveira Rocha, alagoano, filho, por sua vez, do alferes Bento de Oliveira Rocha e de sua mulher Joana da Rocha. Este patriarca estabeleceu-se no Cariri na primeira metade do século 18, enchendo com sua prestigiosa tribo uma área do leste caririense: Brejo Santo, Milagres, Missão Velha. O filho do patriarca, tenente Gonçalo de Oliveira Rocha, figura como um dos primeiros colonos importantes de Brejo Santo, ao lado do citado Francisco Pereira Lima, proprietários que foram, de sítio "Brejo" e da fazenda "Nasença" (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1748—1764, fls. 9) [22]

LEONOR GONÇALVES — de Pambu — com filhos ilegítimos [Livro cit. fls. 51].

LUDUINA PAULINA DO ROSÁRIO — casada com Manuel da Silva. (Livro cit. fls. 89).

LUIS DE BARROS — casado com Teresa de Jesus. (Livro cit. fls. 92).

LOURENÇA DE SOUSA — casada com o citado Domingos Dias. (Livro cit. fls. 95).

LOURENÇO GOMES — casado com Mariana de Oliveira (Livro cit. fls. 99).

LEONOR PEREIRA MARINHO — de Santiago — casada com o português capitão Manuel Coelho de Miranda. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 9).

LUIS MACEDO — de Cachoeira — casado com a citada Antônia Maria Barreto Muniz. (Livro cit. fls. 11).

LUIA DA CONCEIÇÃO — esposa do citado João de Sousa Goulart. (Livro cit. fls. 18).

LUIA COELHO DA ROCHA VIEIRA — de Oliveira, ora Campinhos — casada com Manuel da Mota Soares. (Livro cit. fls. 46).

LUIA GOMES — de São Pedro de Miritiba — casada com José Batista, citado, [Livro cit. fls. 47].

LOURENÇO DE SÁ — de Jacobina — casado com Rita Maria dos Reis [Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1790 —

1800, fls 259).

LUISA DOS PRAZERES DOS SANTOS — da cidade do Salvador — casada com Simão Quaresma. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1773, fls. 9).

LUIS PINTO — de Salvador — casado com Joana Maria. (Livro cit fls. 9).

LUIS DA FRANÇA — de Salvador — casado com Isabel Coelho. (Livro cit. fls. 6).

LUISA CORREIA — de Salvador — casada com Francisco da Rocha. (Livro cit. fls. 18).

LUZIA FERREIRA DE BARROS — de Cachoeira — casada com Luis Pereira Pachêco. (Livro cit. fls. 19).

LOURENÇA DE SOUSA — de Pambu — casada com Antônio da Costa. (Livro cit. fls. 31).

LUIS CORREIA FRANCO — de São Pedro do Rio Furo — pai do citado Francisco da Silva Belém. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1769—1810, fls. 152).

LUISA do BONFIM — casada com Manuel Ferreira Neto, pais da mencionada Josefa Maria da Conceição, esposa do referido comandante José Joaquim de Santana de Macêdo. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1773—1810, fls 154).

LEOCADIA MARIA DE CASTRO — de Santo Amaro da Purificação — casada com o português, vianês, Manuel Cardoso Viana, tronco, dos Cardoso, do Cariri. Leocádia Maria de Castro era filha do tronco dos Filgueiras do sul do Ceará, tenente José Quesado Filgueiras Lima. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1795—1803, fls. 174).

LOURENÇA BARBOSA DE MELO — esposa do citado alferes Gonçalo Coelho de Sampaio, filha de

LUIS CORREIA DANTAS — casado com Maria da Graça (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1765—1770, fls. 4).

LUCIANO JOSÉ DE SANTANA — casado com Teresa de Jesus. (Livro cit. fls. 54).

LUIS DA ROCHA PITA E ARAÚJO — capitão, sitiante na "Salamanca" (Barbalha), casado com Rosa Maria de Jesus. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1765—1770, fls. 28). Casou seu filho, alferes Manuel Prudente do Espírito Santo,

com Bárbara Francisca de Jesus, filha do aludido capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá De Manuel Prudente descendem os Espirito Santo Correia, de Barbalha. (Livro cit. fls. cits.).

" M "

MARIA DE OLIVEIRA — casada com Antônio Pereira. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls. 47).

MARIA DE MIRANDA BEZERRA — casada com Agostinho Ribeiro da Silva, português, troncos dos Esmeraldo, de Crato. (Livro cit. fls. 52).

MARIA DOS SANTOS BARBALHA — casada com João de Sousa. (Livro cit. fls. 69).

MARIA VIEIRA — de Geremoabo — casada com Salvador Correia. (Livro cit. fls. 74).

MARCOS DE NORONHA — casado com

MICAELA PEREIRA—(Livro cit. fls. 75).

MANUEL DA SILVA — de Salvador — casado com a citada Luduvina Barbosa. (Livro cit. fls. cits.).

MATIAS PEREIRA — Salvador — casado com Ângela Perpétua. (Livro cit. fls. cits.).

MANUEL DIAS — de Santo Amaro da Purificação — casado com Maria Vieira. (Livro cit. fls. 77).

MANUEL DA SILVA — de Salvador — casado com Francelina da Silva. (Livro cit. fls. cit.).

MARIA DANTAS VIEIRA — casada com o capitão José D'Ávila de Figueiredo, tronco dos Figueiredo e Belém de Figueiredo, de Milagres. (Livro cit. fls. 78).

MANUEL RODRIGUES — de Geremoabo — casado com Apolonia Gonçalves. (Livro cit. fls. 80).

MARCOLINA DA ROCHA DE SOUSA — de Pambu — casada com João Gonçalves Sobreira, tronco dos Sobreira que se estabeleceram em M. Velha nas primeiras décadas do século 18. (Livro cit. fls. 82).

MANUEL FERNANDES — do Curral dos Bois — casado com Quitéria da Rocha. (Livro cit. fls. 83).

MARCOLINO DA COSTA — de Canabrava — casado

com a citada Ana Barbosa. (Livro cit. fls. 84).

MANUEL MONTEIRO — de Geremoabo — casado com Andresa Maria. (Livro cit. fls. 85).

MARIA DE ALMEIDA — com filhos ilegítimos. (Livro cit. fls. 83).

MANUEL DE BRITO — casado com Rosa Maria. (Livro cit. fls. 87).

MARGARIDA ALVARES DE MATOS — casada com o referido Antônio de Matos Rodrigues. (Livro do Reg. de Casamentos, de M. Velha, 1765—1770, fls. 1).

MANUEL DIAS—de Itapicuru — casado com Rosa Maria (Livro cit. fls. 95).

MARIANA DA CONCEIÇÃO—casada com o português Manuel Nunes Ferreira, (Livro cit. fls. 96).

MELCHIOR GOMES—de Cachoeira — casado com Ponciana Rodrigues. (Livro cit. fls. 99).

MANUEL PEREIRA DOS SANTOS—de Inhambupe — casado com Antônia da Silva D'Ávila (Livro de Reg. de Casamentos de M. Velha, 1765—1770, fls. 5).

MANUEL PINHEIRO—de Inhambupe— casado com Ana Maciel, citada, (Livro cit. fls. 5).

MANUEL PEREIRA DO LAGO—de Iguape—casado com

MARIA DA SILVA—de São José das Itaporocas— (Livro cit. fls. 7).

MARIA DE AGUIAR—de Salvador—casada com o coronel Leandro Vieira Câmara, pais do citado Antônio Barreto Muniz (Livro cit. fls. 11).

MANUEL TEMOTEO DE FIGUEIREDO (alferes)—de Pambu — filho do citado capitão José D'Ávila de Figueiredo, e casado com Antônia Romana, filha do citado tenente coronel Luis Furtado Leite e Almeida, senhor do sítio "Coité" (Mauriti), e de sua mulher, a citada Beatriz de Sousa da Silveira. (Livro cit. fls. 14): Os Furtados de Figueirêdo são seus asc.

MARIA DE ARAÚJO—de Santo Amaro da Purificação—casada com o referido Agostinho Rodrigues de Araújo (Livro cit. fls. 15).

MANUEL PEREIRA DOS SANTOS— de Inhambupe —

(Livro cit 20).

MARIA DA GRAÇA—de Inhambupe—casada com Antônio Álvares Velho (Livro cit. fls. 21).

MANUEL PRUDENTE DO ESPÍRITO SANTO — de São Pedro do Rio Fundo— (alferes), filho do capitão Luis da Rocha Pita e Almeida e de s. m. Rosa Maria de Jesus. Foi genro — repito — do capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, citado. (Livro cit. fls. 28)

MANUEL FÉLIX DE FIGUEIREDO ADORNO — de Santiago — casado com Luisa Lopes de Sousa, e filho do mencionado Luis de Figueiredo Adorno e Francisca Pereira da Rocha. Foi sitiante no "Engenho da Lama", Barbalha (Livro cit. fls.).

MATIAS FERREIRA FALCÃO—do Recôncavo — casado com Ângela Perpétua, já mencionada, (Livro cit fls. 32).

MARIA FERREIRA — do Recôncavo — casada com João Coelho Falcão, já citado. (Livro cit. fls. 32).

MARIA DA ENCARNAÇÃO DE JESUS—de Salvador— citada como esposa de Antônio de Sousa Goulart, aquele que batizou com o nome de Salamanca o oeste do Vale de Barbalha (Livro cit. fls. 33). E' ascendente do romancista José Martiniano de Alencar.

MICAELA DOS ANJOS—de Cachoeira—casada com Tomás Martins Pereira, (Livro cit. fls 34).

MANUEL MACHADO DA SILVA — de Geremoabo — casado com Vitória Rodrigues (Livro cit. fls 34).

MARIA DE SOUSA—de Pambu— casada com Lucas de Sousa, citado, (Livro cit. fls. 34)

MARIA BARBOSA — casada com Domingos dos Santos (Livro cit. fls. 35).

MARIA ALVARES DE SILVA — de Cachoeira — casada com o português Venturo Gomes de Oliveira (Livro cit. fls. 40).

MARCELINA MONTEIRO DE MELO— de Nazaré — casada com o referido Francisco Xavier Ferreira (Livro. c. t. fls. 40).

MANUEL DIAS—de Salvador—casado com Maria Vieira, posseiros em Milagres (Livro cit. fls. 52).

MARIA LOURENÇO COUTINHO—de Pacé—filha de

MATIAS FERNANDES DE AZEVEDO CORDEIRO—da freguesia de Socorro e marido da citada Ana Maria Coutinho da Encarnação. Como foi referido, Maria Lourenço Coutinho teve por marido a Antônio Correia Sampaio, filho do alferes Gonçalo Coelho de Sampaio e de s. m. Lourença Barbosa de Melo (Livro cit. fls. 55 e 56).

MANUEL DA SILVA—de Salvador—casado com

MARIA DA SILVA PEREIRA — de idêntica naturalidade (Livro cit. fls. 57).

MANUEL JOSÉ DE CASTRO—de Salvador—casado com Maria Madalena (Livro de Reg. de Batisados de M. Velha, 1795—1800, fls. 60)

MARIA DO ESPIRITO SANTO— de Salvador— casada com Bernardo Bento de Figueiredo, coimbrão, (Livro cit. fls. 130).

MANUEL RAMOS—de Salvador— casado com Ana Pereira (Livro cit. fls. 205).

MANUEL LOPES DE LIMA—de Salvador—casado com Ana Maria do Nascimento (Livro cit. fls. 242).

MANUEL ALVARES DE MATOS—de Salvador— casa- do com Maria Dias da Costa (Livro cit. fls.).

MANUEL PEREIRA PINTO—de Pambu — casado com Josefa Dias de Oliveira (Livro do Reg. de Casamentos M. Velha, 1773, fls. 52).

MANUEL DANTAS—de Salvador — casado com Inácia Maria do Nascimento (Livro cit. fls. 54).

MARIA DE JESUS—de S. Gonçalo de Cachoeira—casada com o citado Gonçalo Gil de Barros (Livro de Reg. de Casamentos de M. Velha, 1769—1805, fls. 3).

MARIA DOS SANTOS — de Jacobina — casada com o português José de Scusa (Livro cit. fls. 6).

MICAELA PEREIRA—de Santiago—casada com Vitorino dos Santos (Livro cit. fls. 10).

MANUEL CORREIA—de Salvador — casado com Joana Batista (Livro cit. fls. 18).

MARIA ARCANGELA—de Campos de Cachoeira—casa- da com o citado Agostinho Rodrigues Vereda (Livro cit. fls. 19).

MARGARIDA CORREIA— da Vila do Conde — casada

com Joaquim de Almeida, citado. (Livro cit. fls. 22).

MANUEL RODRIGUES DE CARVALHO — de S. Pedro do Rio Fundo — casado com Antônia Ferreira. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1770—1800, fls. 3).

MANUEL DA CRUZ E SILVA — de Salvador — casado com Teresa Maria. (Livro cit. fls. 97).

MANUEL RAMOS MARTINS — de Salvador — casado com Marcelina dos Santos. (Livro cit. fls. 100).

MANUEL ALVARES DE SÃO JOSÉ — de Pambu — casado com Maria Bonifácia. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1783, fls. 9).

MARIANA PEREIRA — casada com João Caldas, português. (Livro cit. fls. 34).

MANUEL DA SILVA DAS NEVES — de Salvador — esposo de Quitéria Maria. (Livro cit. fls. 60).

MANUEL PINTO — de Salvador — casado com

MARIA DA CONCEIÇÃO — de Salvador — (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1796, fls. 229).

MANUEL FERREIRA NETO — de Jacobina — casado com a citada Luísa do Bonfim, ambos, pais daquele comandante José Joaquim de Santana Macedo, já referido. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1773, fls. 154).

MARIA PEREIRA DE CASTRO — de Campo de Cachoeira, hoje Campinhos, casada com o referido português, tenente José Quezado Filgueiras Lima, tronco dos Filgueiras Lima, do Cariri e Ceará, bem como de Sampaio e Pompeu Aciolis. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1795—1803), desta província.

MARCELINO DA CRUZ NEVES — de Pambu — irmão dos citados Isabel e tenente Antônio da Cruz Neves, e casado — 1773 — com a caririense Maria da Conceição. (Livro do Reg. de Casamentos de M. Velha, 1773, fls. 8).

MARIA DOS SANTOS BARBALHO — de Jacobina — casada com o português João de Sousa. (Livro cit.).

MANUEL DIAS — casado com Maria de Sousa. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls. 95).

MANUEL BENTO — casado com Maria Francisca, pais daquela Joaquina Maria do Espírito Santo, esposa do mencio-

nado Bernardo Bento de Figueiredo. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1803, fls. 129).

MANUEL FERRFIRA CASTAO — de Cachoeira — casado com Antônio Maria de Sousa. (Livro do Reg. de Batisados, Crato, 1800—1801, fls. 191), pais de Januário e José Ferreira Castão.

MANUEL RODRIGUES BRANDAO — casado com Antônia Gonçalves Diniz, filha de Bento Diniz Barbosa, português e grande posseiro, fixado no Riacho dos Porcos (Milagres), e que doou as terras que constituíram o patrimônio da Matriz de M. Velha, na quarta década do século XVIII. (Livro de Fragmentos de Registros de Batisados, Casamentos e Óbitos, M. Velha, 1742—1747).

MATIAS JOSÉ — casado com Cândida.

MARIA DE FIGUEIREDO ARNAUD — f. do ref. cap. João de C. Arnaud, fundador da cidade de M. Velha.

MARIA CARDOSO FRAGA — casada com o citado tenente Antônio de Oliveira Carvalho. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1790— fls. 47).

MESSIAS DE FIGUEIREDO ARNAUD — filha do referido capitão João Correia Arnaud. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1748—1764, fls. 16).

MARIA DE BRITO GONDIM — sogra dos citados irmãos, Coronel de Milícias Alexandre Correia Arnaud e Capitão José Pereira Mascarenhas. (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha, 1769—1805, fls. 41 e 59).

MANUEL GONÇALVES PARENTE. (Mestre de Campo) — dono do sitio "São Paulo", Barbalha, e primeiro sogro do Capitão-Mór José Pereira Filgueiras — ("José Pereira Filgueiras", Irineu Pinheiro, pág. 6).

" N "

NATÉRCIA DE SOUSA — de Cachoeira — casada com o citado José Maria. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 40).

NATALIA QUARESMA — casada com o citado Filipe dos Santos. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769, fls. 22).

NICÁCIA — de Inhambupe — casada com o mencionado

Manuel José. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1790—1800, fls. 16).

NICACIA PERFIRA DE BRITO — de Jacobina — casada com o alferes Valério Pereira de Brito, da familia do citado capitão João Correia Arnaud. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769—1805, fls. 27).

“ P ”

PEDRO BARBOSA — de Jacobina — casado com a aludida Brígida Maria. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 97).

PEDRO BARBOSA DE AGUIAR — casado com a citada Bárbara Teles. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 11).

POLUCENA DE ABREU LIMA — de Vila Nova — atual Bonfim, esposa do ja mencionado capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá. (Livro cit. fls. 28).

PERPÉTUA FOGAÇA — de Salvador — casada com o português Manuel da Cunha Barbosa. (Livro cit. fls. 25).

PEDRO MARINHO CAVALCANTE — de Salvador — casado com Francisca Maria de Sousa. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773, fls. 50).

PEDRO MARINHO CAVALCANTE — pai do antecedente, e natural do Senhor do Bonfim da Mata, e casado com Francisca de Sousa. (Livro cit. fls. 50).

PATRICIO PEREIRA DE BRITO — de Água Fria — casado com a citada Firmina da Silva, sendo, êle, da tribo do João Correia Arnaud, citado. (Livro cit. fls. 27).

PEDRO FRANCISCO DE ABREU—de Salvador—casado com Eugênia Pereira de Castro (Livro cit. fls. 61).

PONCIANA JOAQUINA DA CONCEIÇÃO — casada com o referido Luis Correia Franco, pais do mencionado Francisco da Silva Belém, casado com Joaquina Paz Landim (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773, fls. 152).

PEDRO RIBEIRO DE MATOS—casado com Josefa Maria (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765-1770, fls. 49).

PERPÉTUA FERREIRA—de Pambu — casada com Félix Ferreira de Oliva (Livro do Reg. de Batisados de M. Velha,

1748 — 1764, fls. 34).

PAULO PEREIRA DE BRITO—casado com Ana Maria de Santana, ambos da gente do capitão João Correia Arnaud (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1790, fls. 94).

PAULO PEREIRA MASCARENHAS—casado com Isabel Maria Mascarenhas, (Livro cit. fls. 63). Este casal era de Cachoeira.

“ Q ”

QUITÉRIA MACEDO DO ESPÍRITO SANTO — de Sento Sé—casada com Joaquim José de Santana (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773, fls. 44).

QUIRINO PEREIRA DE VASCONCELOS — de Salvador—casado com a citada Josefa Maria de Jesus (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1800, fls. 283).

QUITÉRIA MARIA—da Mata de São João—casada com Bartolomeu Fernandes Cardoso (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 53).

“ R ”

RITA MARIA, com filhos ilegítimos (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 47)

ROSA MARIA—de Pambu—com filhos ilegítimos (Livro cit. fls. 51).

RITA DIAS FERNANDES— Itapicuru — casada com o referido Francisco da Silva Pimentel (Livro cit. fls. 95).

ROSA MARIA DE QUEIRÓS— de São Gonçalo de Cachoeira—casado com o citado sargento-mór João Luis de Macedo (Livro cit fls. 11).

RITA MARIA DOS REIS—de Jacobina — casa-la com o mencionado Lourenço de Sá (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1800, fls. 242).

ROSA MARIA DE SANTANA— de Inhambupe— casada com o citado Bernardo Pereira de Brito, da gente do capitão Correia Arnaud (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1769, fls. 27).

ROSA MARIA DA SILVEIRA—de Pambu—casada com Bernardino de Sousa, (Livro cit. fls. 23).

ROSA MARIA PERPÉTUA—de Salvador—casada com Inácio Diógenes (Livro cit. fls. 49).

RUFINA DOS SANTOS—de Jacobina — casada. (Livro cit. fls. 54).

ROSA MARIA DE JESUS—casada com o citado capitão Luis da Rocha Pita (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 20).

“ S ”

SIMÓA LOPES DE JESUS—de Alagoinhas—casada com Manuel Pereira da Silva (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 7).

SEMIAC DIAS—do Rio Real—lado baiano — casado com Maria Barbosa (Livro cit fls. 59).

SALVADOR CORREIA—de Itapicuru—casado com a citada Maria Vieira (Livro cit. fls. 53).

SILVESTRE DA SILVA—da cidade do Salvador—casado com Rosa Maria da Conceição, (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1795—1800, fls. 129).

SEMIAO PEREIRA —da cidade de Salvador—casado com Romana Apolônia (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1773, fls. 2).

SIMÃO QUARESMA—de Salvador—casado com a citada Luísa dos Prazeres (Livro cit. fls. 9).

SERAFIM DOS SANTOS, capitão, dono do sítio “Barreiras”, M. Velha, (Livro de “Notas”, cartório de Antônio Machado, Crato).

SILVESTRE DIAS—casado com a referida Damiana Gonçalves (Livro cit. fls. 21).

SIMÃO CORREIA DE OLIVEIRA—de Itapicuru—casado com Josefa de Oliveira, sergipana, ambos residentes na Missão do Miranda, Crato (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 55), e pais de Simão Cabral de Melo, co-fundador da sociedade cratense.

SIMÃO NUNES—casado com a mencionada Eusébia Correia (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1790—1800, fls. 113).

SILVESTRE RIBEIRO DA SILVA—de São José das Itaporocas — casado com a cratense Ana Lopes de Andrade. É.

êle, tronco dos Esmeraldo, de Crato. Já em 1762, Silvestre residia no "Miranda" ou "Missão do Miranda", hoje Crato. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1748 - 1764, fls. 52). (23),

" T "

TEODORA DE MAGALHÃES — de Água Fria—casada com Félix da Rocha, (Livro de Reg. de Batisados, M. Velha, 1748—1764, fls. 90).

TEODÓSIO GONÇALVES HOMEM—de Jacobina— casado com Joana Pinto (Livro cit. fls. 69).

TEODORA LOPES — casada com o referido Antônio de Barros (Livro cit. fls. 93).

TEOTÔNIO NUNES FERREIRA — casado com Maria Fernandes (Livro cit. fls. 90).

TEODÓSIA DE BRITO FERREIRA—de Cachoeira—casada com o citado Antônio de São Boaventura (Livro de Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 26).

TOMAS MARTINS PEREIRA — de Cachoeira — casado com a citada Micaela dos Anjos (Livro cit. fls. 34).

TEODÓSIO TEIXEIRA — de Salvador — casado com Josefa Gertrudes. (Livro cit. fls. 40).

TEOTÔNIO DE AZEVEDO CORREIA — da freguesia de Socorro — casado com a citada Bernarda Correia de Caldas, avós daquela Maria Lourenço Coutinho, m. de Antônio Correia Sampaio. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765—1770, fls. 55 verso).

TOMÉ FRANCISCO — de Água Fria — casado com Luísa Dias Barbosa. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769 —1805, fls. 60).

TERESA DE JESUS — de Iguape—casada com João Correia da Silva, citado. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha 1765—1770, fls. 4).

TEODÓSIA LOPES— de Salvador — casada com Francisco de Sousa. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765 —1770, fls. 33).

" U "

ÚRSULA BATISTA DE MELO — de Santiago — casada

com o referido José Moreira da Silva. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1748-1764, fls. 81).

“ V ”

VITÓRIA MENDES — da Lapa — casada com Tomás de Souza de Aquino. (Livro do Reg. de Batisados M. Velha, 1748-1764, fls. . . .)

VASCO MARINHO (tenente) — de Santiago — (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1765-1770, fls. 9).

VASCO MARINHO FALCAO — de Santiago — casado com a mencionada Andréa Pereira do Lago. (Livro cit. fls. 9).

VITÓRIA MARIA — Cachoeira — casada com Antônio de Sanboaventura (Livro cit. fls. 26).

VITÓRIA RODRIGUES — de Geremoabo — casada com Manuel Machado. (Livro cit. fls. 34).

VITÓRIA GONÇALVES — casada com Gonçalo Barbosa. (Livro cit. fls. 34).

VIDELA MARIA — casada com Francisco Rodrigues de Jesus, citado. (Livro cit. fls. 34).

VITÓRIA DE SOUSA — de Cachoeira — casada com Nazário da Rosa. (Livro cit. fls. 38).

VITORINO DE FIGUEIREDO — de Santiago — casado com Micaela Pereira, citada. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769, fls. 10).

VITÓRIO DE SOUSA — de Pambu — casado com Maria Francisco. (Livro cit. fls. 31).

VALENTIM DE SOUSA — de São José das Itaporocas — casado com Teresa da Conceição. (Livro do Reg. de Casamentos, M. Velha, 1790-1800, fls. 7).

VALÉRIO COELHO DE BRITO (alferes) — casado com a citada Maria de Brito Gondim. (Livro do Reg. de Batisados, M. Velha, 1769-1805, fls. 41 e 59), sendo, ele, da tribo do capitão João Correia Arnaud, citado.

— NOTAS —

(1) ANTÔNIO PAMPLONA DE VASCONCELOS foi ascendente do padre Antônio Pereira de Vasconcelos, nascido

e falecido em Milagres.

(2) ANTÔNIO ALVARES DE MATOS RODRIGUES, grande possuidor, vinculou seu nome a um trecho da Serra do Araripe, "Serra do Matos", depois "Serra do Mato".

(3) ANTÔNIO DE SOUSA PRÊSA, auxiliou a fundação de Rosário, à margem do Riacho dos Porcos, vila a poucos quilômetros da cidade de Milagres.

(4) O Capitão JOSÉ PAZ LANDIM E GERALDA RABELO DUARTE, fundadores do sítio "Santa Teresa" (Missão Velha) onde já residiam em 1731. (Livro do reg. de Casamentos, freguesia do Icó, 1728—83, fls. . . .) são ascendentes dos Landins, dêste Cariri, e Duartes, de Barbalha, e dos Belem de Figueiredo, de Milagres.

(5) ANTÔNIO DE SOUSA GOULART, estabeleceu-se no vale da Salamanca na segunda decúria do século 18, em companhia de seus irmãos, igualmente baianos, JOSÉ E JOÃO DE SOUSA GOULART. Com o primeiro e outros mais obteve em 11—10—1718, três léguas de terra, na Lagoa Coachilé, na Serra do Araripe, desaguardo no riacho da Cachoeira. Eram três léguas de comprimento e uma de largura. (Datas de Sesmarias, Vol. 6.º pag. 79, Fortaleza, 1921). Antonio de Sousa Goulart é 4.º avô de José Martiniano de Alencar, o romancista.

(6) ANTÔNIO DE MACEDO PIMENTEL, fixado em Crato no último quartel do século 18, quando foi testamenteiro do primeiro vigário desta freguesia (1786), houve, entre outros filhos, Antônio de Macedo Pimentel, citado, que se casou com Maria Joaquina de Santana, também cratense, filha do capitão Joaquim Ferreira Lima e Desidéria Maria do Espírito Santo, cratense, sogros, através de sua filha Ana Porcira de Lima, de Tristão de Alencar Araripe, o malogrado presidente do Ceará, em 1824. De Antônio de Macedo Pimentel, filho, e Maria Joaquina de Santana, nasceu o sábio Dr. Marcos Antônio de Macedo. (Livro do reg. de Batizados, freguesia do Crato, 1800—1806, fls. 73. Apontamentos Genealógicos da família Alencar Nogueira. Dr. João Nogueira, trabalho inédito em poder do Dr. Antônio Alencar Araripe, deputado federal. Barão de Studart, Dicc. Biob.).

(7) Manuel Ferreira Castão e s. m. Antônia Maria da Conceição foram bisavós do padre Cicero Romão Batista, o segundo fundador de Juazeiro do Norte.

(8) O Capitão Antônio Félix de Figueiredo Mascarenhas

pertenceu á gente do fundador da actual cidade de Missão Velha.

(9) ANA MARIA DE SANTANA era da mesma prosápia do antecedente.

(10) Enganou-se, o dr. Leite Maranhão, quando escreveu que Luis Furtado Leite e Almeida chegara ao sítio "Coité" com um irmão chamado Manuel, e que ambos eram de Aracati. Manuel era filho de Luis, e casou-se com Joana Correia de Plate-na (Livro do reg. de Batisados, Missão Velha, 1769—1805, fls. 52). Manuel, que se chamou mesmo Manuel Furtado Leire, teve o titulo de alferes e faleceu, 1-3-1809, com 69 anos de idade. (Livro do reg. de Óbitos, Missão Velha).

(11) A DOMINGOS DE SOUSA PRÊSA, refere-se Antônio Bezerra em Algumas Origens do Ceará. Não, foi, porém, um dos fundadores da cidade de Milagres. Ele e Bonifácia são ascendentes da familia MOREIRA, de Milagres, sítio "Grutas", entre cujos sobreviventes contam-se, por exemplo, a professora Maria Conceição Moreira e o jesuita José Moreira. Domingos e Bonifácia são ainda ascendentes do padre João Antônio de Araújo, actual vigário de Acopiara, Ceará.

(12) Bernardino Pereira de Brito era da estirpe do capitão João Correia Arnaud, fundador principal da cidade de Missão Velha.

(13) Estevão Correia da Silva casou seu filho, capitão Estevão Correia da Silva, com Atanásia Francisca, filha do tronco da familia Sampaio, de Barbalha, Gonçalo Coelho de Sampaio; e uma filha, Maria do Rosário, com o tenente João de Oliveira Rocha, um dos fundadores de Missão Nova, distrito de Missão Velha; e outra filha, Joana da Silva, com Leonel de Alencar Rêgo, tio paterno da heroína Bárbara de Alencar.

(14) Esses Adôrnos, todos portando titulos militares de aristocratas rurais, Luis de Figueiredo Adôrno, Luis de Figueiredo Adôrno, filho; Francisco de Figueiredo Adôrno, Manuel Félix de Figueiredo Adôrno, constituiram um clan no sítio "Lama", rio Salamanca (Barbalha), na terceira decúria do século 18. Descendiam de Paulo Dias Adôrno, português, casado com Filipa Álvares, filha do legendário casal luso—tupinambá, Caramuru—Paraguassu, cujos descendentes, segundo Pedro Calmon, notabilizaram-se no devassamento do Nordeste.

(15) Francisco da Silva Belém é tronco dos Belém deste Cariri, sobretudo dos Belém de Crato e Milagres e Missão Velha.

(16) De Joana Maria de Figueiredo, com seu Marido Julio da Costa Barros, descendem, entre outros, o coronel Antonio Leite, da Policia Militar do Ceará; padre Manuel Rodrigues Lima, ex-vigário de Milagres; padre Marcelino de Queirós Lima, professor do Seminário do Crato.

(17) O Capitão d'Ávila de Figueiredo, é tronco, no Cariri, de Figueiredos, e Furtado de Figueiredo, de Milagres, e dos Belém de Figueiredo, do Ceará.

(18) O Capitão José Pereira Mascarenhas, vinculava-se à tribo do Capitão João Correia Arnaud, fundador da cidade de Missão Velha.

(19) Joaquim Antônio de Macedo é tronco dos Macedo de Missão Velha e Barbalha e CRATO, aqui dos Sampaio de Macedo.

(20) A propósito de sua atuação decisiva por ocasião da guerra da Independência, setor do Piauí e Maranhão, e ao tempo da Confederação do Equador—Filgueiras escreveu: "Tendo-me a Providência socorrido com a graça de acabar felizmente a minha tarefa política na marcha expedicionária e restauradora das duas provincias do Piauí e Maranhão, fui chamado acêlradamente a esta capital (Fortaleza). . . Marchei á frente de minhas tropas, derribei o tirano (José Pedro da Costa Barros, presidente da Provincia) . . . Convoquei a Câmara e os cidadãos bons para a instalação de um novo governo . . . Sahuu eleito o excellentissimo senhor Tristão Gonçalves de Alencar Araripe . . (Rev. do Instituto do Ceará, Tomo Especial, 1924, pags. 377 — 379 e 380).

Fosse Filgueiras revestido de ambição ou vocação politica, teria sido o presidente revolucionário, em vez de Tristão, graças ao incontrastável prestígio popular e força militar de que dispunha. O próprio Tristão escreveu: Foi deposto o tenente-coronel José Pedro da Costa Barros da presidência do Governo desta Provincia do Ceará á ordem do Comandante das Armas José Pereira de Castro Filgueiras (Op. cit. pag. 386).

Ocupando-se da Revolução de 1817 no Cariri Novo, escreveu o Barão de Studart "Derribou o movimento do Crato e Jardim . . . a decisão do Capitão-mor Filgueiras de chefiar a contra-revolução (Revista do Instituto do Ceará, 1817, pag. 138),

A cidade do Crato possui figuras nucleares descendentes de Filgueiras. Exemplo: drs. Equicio de Figueiredo Abath, agrônomo; Edicio de Figueiredo Abath, odontólogo; doutorandos Eligio

e Edisio de Figueiredo Abath; professora d. Hélia Abath Esmeraldo, casada com o Snr. José Esmeraldo Pinheiro; d. Edistia Abath Pereira, casada com o comerciante Audisio Pereira; professora Zenilda Landim Filgueiras.

(21) Em "Concurso da Bahia na Formação da Gens Cariariense", Crato—1950, em o jornal "O Município", Crato, 1951, ocupo-me do citado capitão João Correia Arnaud, o fundador da cidade de Missão Velha. Sacerdotes, seus descendentes, entre muitos: Joaquim de Figueiredo Arnaud; José Alexandre Correia Arnaud Bezerra de Menezes; Félix Aurélio Arnaud Formiga; Miguel Coelho de Sá Barreto; José Coelho Figueiredo Rocha (monsieur); Antônio Coelho (cônego); José Coelho de Alencar; João Coelho de Alencar; Antônio Bezerra de Menezes; Irineu Pinheiro Bezerra de Menezes.

Pais do capitão João Correia Arnaud: "João Correia de Brito e s. m. Micias de Figueiredo Mascarenhas, baianos. (Livro do reg. de Casamentos, freguesia de M. Velha, 1765—1770, fls. 24).

O fundador da cidade de Missão Velha não faleceu em 1771, conforme escreveu João Briqido e outros, pois, em vinte e dois de julho de 1770, não existia, segundo se poderá constatar no assentamento de batizado de sua neta Isabel. (Livro do reg. de Batisados, Missão Velha, 1769—1805, fls. 59).

(22) O sítio "Brejo" e sua convizinha, a fazenda "Nacença", foram embrião social da atual cidade de Brejo Santo, onde as honras de pioneiro cabem á viúva baiana Maria Barbosa, cujo nome, vinculado á terra, o capitão Antônio Mendes Lobato e Lira, citou quando requereu sesmaria nessa região, requerimento deferido em 28—1—1714. (Livro de Datas de Sesmarias, Vcl. 10, pag. 40).

A expressão "Brejo da Barbosa", constante do documento de requisição, supõe, na terra, um posseiro anterior ao requerente. Todos os documentos do cartório de Brejo Santo, referentes áquele "Brejo", consignam, sem discrepância, a expressão: "Brejo da Barbosa".

A tradição, em Brejo Santo, atribui a essa mulher, e não a Lobato, a descoberta dêsse "Brejo".

(23) Descendem de Silvestre Ribeiro da Silva, entre outros: Monsieur Pedro Esmeraldo da Silva, falecido; padre Pedro Esmeraldo de Melo, superior da Província da Companhia de Jesus, com séde em Recife; padre José Arnaldo Esmeraldo de Melo, jesuita; dr. Francisco Esmeraldo de Melo, promotor em S.

André, S. Paulo; coronel Adauto Esmeraldo, do Exército Nacional; dr. Zaqueu Esmeraldo, falecido, ex-livre docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil; dr. Fábio Esmeraldo, médico em Crato; madre Esmeraldo, dorotéia; professora Rosa Pinheiro Esmeraldo, ex-diretora do Grupo Escolar D. Quintino, ex-membro da Câmara dos Vereadores de Crato, e atualmente no exercício das suas funções do magistério no Ginásio Santa Teresa de Jesus; professora Maria de Lourdes Esmeraldo, desempenhou, com eficiência, as funções do magistério no Ginásio Santa Teresa de Jesus, desta cidade; coroneis Antônio e Pedro Esmeraldo da Silva e José Esmeraldo Pinheiro; D. Pia Esmeraldo Cabral, viúva, mãe de vinte filhos, catorze dos quais sobrevivem, entre êles, nove professoras diplomadas: Maria Antoniêta Esmeraldo Cabral, Mirian E. Cabral, Maria Cléa E. Cabral, Maria F. Esmeraldo Cabral, Maria Sara E. Cabral, Maria Bernadete E. Cabral, Maria Irene Esmeraldo Cabral, Maria Elisabete E. Cabral. É um exemplo.



Manhã no Caldas

A J. de Figueiredo Filho

O frio faz tremer e a terra envolve tudo !
Uma gaze nupcial, esbranquiçada e leve,
Cobre as casas, a mata e a serra de veludo,
Numa transmutação que poeta algum descreve.

Extasiado abandono as seduções do estudo
E olho a terra em redor, por um momento breve,
Vendo que o campo, — há pouco insípido e desnudo, —
Acha-se, como em sonho, inundado de neve.

Enfrento o frio e sigo, entre íngremes barrancos,
Admirando de em tórno uns véus longos e brancos
Revestirem de vez o coração da terra.

Mais tarde surge o sol e tudo se ilumina !
De neve a luz não deixa a mais tênue cortina,
—Que manche o resplendor da esmeralda da serra !

Carlyle Martins

FRAGMENTOS DA CRÔNICA — LITERÁRIA DE JARDIM —

— F. S. Nascimento —

As manifestações literárias do povo jardinense, se esboçadas parelhas com os frustrados acontecimentos de 1817, ou com a revolta monarquista de 1831, comandada por Joaquim Pinto Madeira, a crônica do tempo desapareceu-se de registá-las.

Sabemos, todavia, que a instrução em Jardim floresceu nos meados do século XIX, pois assim nos fez crer a lei nº 333, art. 1, de 21 de agosto de 1844, em que o presidente da Província do Ceará, José Maria da Silva Bittancourt, provia a cadeira de primeiras letras, nessa vila, percebendo o respectivo professor o ordenado anual de trezentos mil réis.

A lei nº 814, art 5, de 11 de setembro de 1857, sancionada pelo presidente João Silveira de Souza, refere que "o professor e professora da cidade de Quixeramobim, vencerão o ordenado que percebem os professores das demais cidades, e os de Saboeiro e Jardim, o ordenado que vencem os professores das villas ..."

Essas duas leis provinciais de 1844 e 1857, testemunham apenas que, ao mear o século passado, já se ministravam as letras primárias na então vila de Santo António do Jardim. Por falta de documentos comprobatórios, sentimo-nos inclinados a crer que a instrução não se irmanou a quaisquer movimentos culturais da época, e que os primeiros passos do povo jardinense para uma vida literária activa, datam do último quartel do século 19, quando uma pleiade memorável de homens voltados para o soergimento intelectual da terra inaugurava, sob os mais louváveis princípios, o "Club Literário e Recreativo".

* * *

O jornal "VANGUARDA", da cidade do Crato, em edição de 18 de agosto de 1887, noticia que, em data de 7 de agosto desse ano, se fundava em Jardim o "Club Literário e Recreativo"; sua finalidade era promover e propagar a instrução da mocidade e, por sua conta, passava a ministrar aulas gratuitas, diurnas e nocturnas, de português, aritmética, geografia e música. O "Club Literário e Recreativo" criava, também, nessa mesma oportunidade, uma biblioteca exposta ao público.

Ao acto de inauguração do "Club Literário e Recreativo" estiveram presentes inúmeras pessoas daquela localidade, e fôram

pronunciados vários discursos pelo padre Joaquim de Sá Barreto, promotor Gustavo Horácio de Figueiredo, alferes Francisco José da Silva Filho, dr António Lopes da Silva Barros, advogados Rodrião de Sá Barreto e Sebastião Batista Vaz, prof. António Jaime de Alencar Araripe e Virgolino Isidro Portela Duarte. Esteve animando a sessão a banda de música regida pelo prof. Joaquim José Biserra de Melo, que executou festivas peças do seu repertório.

Organizada aquela entidade cultural, ficou sua directoria assim constituída:— Presidente— dr. Gustavo Horácio de Figueiredo; 1º. vice presidente—advogado Rodrião de Sá Barreto; 2º. vice presidente— alferes Prudêncio José de Freitas; 1º. secretário — alferes Francisco José da Silva Filho; 2º. secretário — Bevenuto Álvares Couto ; tesoureiro—Virgolino Isidro Portela; bibliotecário — Fausto Emilio José da Silva; comissão de estatutos — capitão Castriciano Marques de Gouveia, advogado Sebastião Batista Vaz e professor António Jaime de Alencar Araripe.

Os fragmentos desta crônica são motivo de orgulho para os filhos de Jardim, que já no século XIX, e apenas 8 anos depois de elevado à categoria de cidade, manifestava sua pujante tendência para o cultivo das letras e para a vulgarização do ensino.

«Livraria Católica»

Missais para altar — Paramentos — Alvas — Sacras —
Ambulas — Cálices — Custódias — Turibulos — Lâmpadas
do SS. — Sacrários — Tronos — Banquetas — Altar Por-
tátil — Fitas para Congregações — Missais quotidianos.

ADOREMOS
TERÇOS
MEDALHAS
SANTINHOS
LIVROS DE ASCÉTICA, FORMAÇÃO
RELIGIOSA, DIDÁTICOS E

PRIMÁRIOS
PAPELARIA E SERVIÇOS
TIPOGRÁFICOS
VELAS DE CÉRA
IMAGENS DE TODOS OS TAMANHOS
E EM VÁRIAS INOVAÇÕES.

Caixa Postal, 45—Fone. 21-45—Tel.: JOVALE

Crato — Rua Dr. João Pessoa, 114 — Ceará

Mosaicos Leão

Fabricado em distintas e varia-
das padronagens e com material
de primeira qualidade por:

Olavo Caçula Rocha

Rua José de Alencar, N.º 97
CRATO — CEARÁ

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR

Representações e conta própria

Revendedor autorizado da **S. A. PHILIPS DO BRASIL**

Distribuidor dos Rádios:

— PHILCO, TELEFUNKEN,
SIEMENS e PIONER —

*Fogões DAKO a carvão e a gaz de kerozine,
vendas a prestações e a vista com descontos
especiais.*


Liquidificadores SPAN, cofres, máquinas de
escrever e calcular.

Enceradeiras «ARNO».
Painéis de Pressão «PANEX»
Cafeteira e objetos para presentes.


Lâmpadas, tungas, baterias e
material elétrico em geral.

Thomaz Osterne de Alencar

End. Telegr.: OSTERNE — Caixa Postal 16 — Fone 21-74
Crato-Rua Dr. João Pessoa, 113-Ceará

★  ★

**Carta do Dr. Quixadá Felício
ao advogado Duarte Junior**

★  ★

Lhe prometi, meu velho e dilêto Duarte Junior, atender á intimação que me fez para comparecer com algumas lêtras na revista com que o Instituto Cultural do Cariri estreará como animal realmente vivo no panorama da inteligencia. Foi uma promessa, você se lembra, um bocado amaréla, de sujeito que parecia de vëntas defumadas em incênsos de lisônjas, inchando importancia que nunca teve. Amarelona como ninguem, a promessa foi assim não porque algo de cataclismico tivesse, de repente, arrancado a pêle humilde da minha natural e consequente humildade, mas por motivos muito outros, ainda decorrentes desta convicção vulcanica, que é o meu anjo-da-guarda, de que eu sou uma péça imprestavel para qualquer proeza espiritual. Me digam tudo, mas não digam que eu dou de com:er a qualquer virus blasé de arrogancia estulta. Ah, isto não. Quando procurei fugir á ordem sua, o meu constrangimento era tal e tanto que eu teria agradecido a Deus Nosso Senhor me tivesse feito por completo e afortunado analfabeto, só para não dizer não, numa hora dessa, a um amigo bem cá do lado esquerdo. Constrangimento porque me sinto mesmo improprio para ginasticas escrevinheiras, em que são tão férteis nos nossos dias muitos individuos que sabem deitar as mais pomposas asneiras empapel cada vez mais caro. A profissão de ha muito toma todo o meu tempo. Todo, todo seu Duarte Com 18 anos e semanas de médico, entendo que agora é que o carro começa a andar menos emperrado, pois só agora vou arrumando alguns conhecimentos na verdade compatíveis com o desempenho da mais perigosa de todas as artes, que é esta de aliviar a dôr do semelhante. Os minutos de folga, noite a dêntro, queimo-os bebericando novidades em tratadistas do outro século, como Ramond e Dieulafoy, e em poucos modernissimos, nas revistas que se dedicam á evolução da patologia e da terapeutica. Se outros instantes ficam vazios, bem raras, por sinal, diz-me a prudencia que não dêvo comprometê-los com aventuras em revistas e jornaes. Para que? Falar sobre a crise de vergonha, a única que vai devorando este alucinado paiz de Pedro Alvares? Se a gente disser isto longe, em meios cosmopolitas, todo mundo rí com mófas e o geito é dizer que ainda ha bestas sobrando no gigante deitado eternamente em berço esplendido. Se a gente se méte a pregar na província, faz burrice maior, porque expõe a cabeça a um beijo de telha contundente. A critica, mesmo a mais sutil e construti-

va, é recebida como uma agressão, uma falta de respeito aos donos da fazenda. O camarada não vê nada, fica ceguinho de co-lera e quer brigar, coisa que eu não aprecio. Eu sou da paz, da cordialidade. Noutros tempos, môço, o bigode ainda nêgro, ar-fando ilusões e confianças afoitas, era um prazer bulir sem in-tenção de golpear a honra de quem quer que seja. Me compreem-deram pouco, supuzeram que eu tinha virulencias morbidas ou invejas que eu nunca alimentei. O bom sên-o veio como um bál-samo e me convidou ao silencio. Hoje sou, graças a Deus, um feliz desiludido de quazi tudo. É deixar as aguas ir rolando, ro-lando sem parar. Um dia tudo ficará claro, filtrado, sem lama, sem podridão. Os otimi-tas ingenuos que comem o queijo de he-rança do Conde que inventou o ufanismo das paisagens inocen-tes e dos passarinhos despreocupados nos galhos da mata agreste, ou os pessimistas liderados pela carcassa fantasmatica de euge-nio gudin acordarão, numa manhã perto, lívidos de vergonha es-tupida. Porque nem tanto para lá, nem tanto para cá. É preciso palpar com virtudes objetivas a doença do colossão cobiçado pe-los louros rapazes imperialistas. Os problemas são muitos, mas de solução tão facil, que só o impatriotismo da pilotagem malsã e a ignorancia de 50 milhões ousam justificar. Sim, Duarte, ar-ranje-se vergonha para esses palhaços nossos conhecidos e isto será um seio de Abraão sem cofaps e outras patoeiras do mes-mo estalão. Que é uma coap, seu Duarte, sinão uma resultante logica do instinto impatriotico, do instinto de rapinagem nacional?

Precisamos mesmo de cofaps ou de produção agrícola e indus-trial? Será dificil irrigar este Nordeste heroico e miseravel com a metade do dinheiro que se dá a deputados e outros parasitas, espoliadores da nossa riqueza material, agentes do imperialismo, profanadores do nosso patrimonio moral, immediatos e criminosos responsaveis pela desmoralização do regime? Será dificil com a outra metade ir devassando a terra generosa e dela trazer o ourc, o petroleo, otungstenio, o diamante e toda uma intermi-navel gama de inapelavel emancipação economica? Ainda mais, amigo, sou contra essa mistica de cultura. Estamos sofrendo prin-cipalmente por culpa dessa chamada elite intelectual. Os ignoran-tes não nos fazem nenhum mal. Pelo contrario. São os unicos que ainda aguentam com o corpo vulnerado do gigante. As per-nas quazi arrêando, sim, mas aguentando. É o homem inculto que ainda com o dealbar da madrugada, como cantou o Olegario, faz o sinal da cruz e vai cavar a terra. O doutor se encafua na re-partição envernizada, escoltado por bêlas e amaveis datilografas. É o paraizo da burocracia a sugar tudo. E o suor da gatinha vai prali, atravez das burras do Estado. Os doutores tem sido nossa grande desgraça. Tiro por mim, muito mais útil acaso

estivesse adubando cercados para o cultivo da mandioca ou do algodão. E, por outro lado, ofício mais compensador. As faculdades continuam se multiplicando. E sem nenhum pudôr. Multiplicação de péssimas faculdades, quando meia duzia, nos oito milhões de quilômetros, chegariam para o trabalho de encanudar as escassas legítimas vocações. Hoje, qualquer rapaz para se graduar em filosofia, medicina ou direito, está dispensado das fatigantes caminhadas dos outros dias, dos dias em que o pudôr ainda era um corolario, ou mesmo um imperativo, na vida nacional. Em quazi todas as capitães e mesmo em cidades do interior, qualquer rapazola de débil instrução e musculosa brilhantina percorrerá qualquer curriculo universitário. E estará dispensado de cansativas madrugadas ao contato dos livros. Basta que saiba heber uisque com elegancia nos salões de um Nautico qualquer e prometer casamento á debutante que sai na ultima pagina do jornal e é filha do capitalista Beltrano, para ter, após 5 ou 6 anos, um rapapé infernal, de brilhante para lá, nas melhores colunas dos mais conceituados periódicos da cidade. E assim, velhinho, vão crescendo os doutores. Assustadoramente. Perigosamente. Mas, para que esse crescimento, seu Duarte? Para que tanto doutor neste Brasil, amigo? Para viver do trabalho ingrato e desamparado de uma minoria de agricultores e perceber, em cada dia 30, um miseravel ordenado que o govêrno paga pelo amor de Deus, quando não uma reprimenda ou chicote que o mesmo governo distribue quando os doutores esperneiam por salario menos ridiculo, realmente de fome. É preciso, Duarte, limitar essa nefasta natalidade. Mostrar aos meninos que isto anda tudo pelo avêssô, em dramatico desequilibrio. E tocar o pau no fabrico de doutores na enxada e no arado. Botar esse povo para rasgar os buracos da terra, que somente déla nos vem a vida. Chega de adulação ao politico do dia para a conquista de um empreguinho humilhante. O Brasil está em frangalhos. Ontem, dia 15 de janeiro de 1955, tivemos cá no Crato, uma amostra da debacle horrivel. Um garotinho de 11 anos aproximados foi barbaramente espaldeirado pela policia, segundo me informa respeitavel senhora, da minha velha e melhor amizade. O menino roubara, dias antes, uma bolsa, não sei de quem. Logo perpetrou a esperteza, vendeu o fruto espurio a uma matrona, domiciliada á rua Nelson Alencar. Pegado pela góla, o coitadinho foi conduzido á suja cadeia da Pr. da Sé e lá o serviço foi executado com os melhores requintes da tradição policial. E o menino, seu Duarte, é uma vitima da sociedade que erigimos. Mui-creança, ficou orfão. O pae teria morrido de tuberculose, sub-nutrição. Fô-me, enfim. A mãe, sem apoios sociaes, sem instrução, sem saúde, lançou-se ao meretrício, abandona a prole. De

quem a culpa? Deante de fatos de tal ordem, diários, corriqueiros, quasi a nos anestesiar a sensibilidade pela frequencia com que repontam, aqui e no resto da Patria, é licito pensar-se noutra coiza que não seja uma solução objetiva, sem poesia, das nossas aflições? Preguemos todos, sem exceção, a necessidade de remediar, pelo menos, a fisionomia economica do enfermo ilustre. Deixemos á margem as cogitações estereis. Digámos ao nosso prezado Paulo, com toda a sinceridade: Bichinho, você aqui não tem prestigio de especie alguma. Nem você, nem o Café, nem o Armando, nem ninguém. O povo está faminto, a descrença é uma constante nos espíritos da grande maioria. Prestigio, aqui, popularidade só da chuva. Se viér do céu alguma surpresa agradável, ainda bem. O sertanejo respirará aliviado e fará questão de ignorar que vocês todos existem. Mas, se o céu continuar inclemente, aí vocês verão que convulsão pode surgir, para abalar com violencia os alicerces apodrecidos que não suportarão a dôce violência de um espirro...

Me perdõe, Duarte. mas ando muito assim, como você está vendo: olhando de frênte a realidade cruel de nossos dias, destes dias que o Padre Eterno está esticando como uma fatalidade sobre os ombros da mais infeliz humanidade. E se esta não fôr a nossa attitude, que será dos nossos filhos? Ficarão pensando que o Brasil poderá viver sempre assim, a orquestração arrepiante da insensatez forjando novas gerações irresponsaveis, mais roedores roendo sempre e com cupidez as carnes decaidas dessa pobre mulher que a cainçalha do alto comando apelidou de maquina administrativa...

Vamos acabar com essa gente, Duarte. Vamos fazer a multiplicação dos alimentos, enquanto a fome não será apanagio das vitimas dos doutores que seguram o lême do barco que está afunda-não-afunda...

Queira bem a quem muito inveja sua capacidade de ainda sonhar, depois dos 50, neste Brasil de pungentes dezesperos.



Posto São Cristovão

Orlandino Silva
DEPOSITARIO DISTRIBUIDOR DA
Atlantic Refining Company Of Brasil
Endereço Telegrafico: **ORSILVA**

Inscrição N.º 184

TELEFONE: 22-33

Crato — Rua Ratisbona S/N — Ceará

Combustiveis, Lubrificantes, Pneus e Camaras.
Peças e Accessorios Ford, Chevrolet e Jeep.

Gazolina, Óleo, Graxas, etc. — Lavagens,
Lubrificação e Pulverização.
SERVIÇOS EM GERAL

GINASIO NOSSA SENHORA DAS DORES

SOB INSPEÇÃO FEDERAL

Ciclo ginásial — Curso primario e normal.

Direção da educadora Francisca de Jesus Cavalcante

Conseguiu impor-se ao meio graças a sua
sadia orientação e competencia de seu
corpo docente.

Senador Pompeu —:— Ceará

«Casa Campinense»

—:— EDSON CASTRO —:—

Peças «Ford», «Chevrolet» e «Jeep», Pneus e
Camaras, Combustíveis e Lubrificantes

Teleg. ECASTRO - Fone, 22-99 - Rua Mons. Esmeraldo, n. 162 - Crato-Ceará

SEÇÕES ESPECIALIZADAS:

Casa das Molas

Rua Monsenhor Esmeraldo n. 157.

Molas para veiculos de todos
os tipos.

Sacaria Campinense

Rua Tristão Gonçalves, n.º 26

Sacos de algodão e de juta
para cereais.

ALMINO & CIA. LTDA.

FÁBRICA ALIANÇA

Extração de óleos vegetais

Refinaria e Saboaria

Beneficiamento de algodão

Produtores dos Sabões:

Crato — Araripe — Popular — Vegetal

Inscrição 408 — Caixa Postal 44

TELEGRAMA:— «ALMINO» — Telefone: 21-11
RUA SENADOR POMPEU N.º 10 — Crato-Ceará

FIGURAS REPRESENTATIVAS DA VILA DO CRATO QUANDO

PASSOU A CATEGORIA DE CIDADE — 1853.

Capitão Mór Joaquim Antonio Bezerra de Menezes. (Deputado Provincial, eleito em 1838.)

Cel. Antonio Luís Alves Pequeno. (Presidente da Camara em 1853.)

« « Felipe Teles de Mendonça.

« « Pedro José Gonçalves da Silva.

« « Joaquim de Araujo Candeia.

« « Joaquim Lopes Raimundo do Bilhar.

« « Joaquim Pedroso Bembem

« « Miguel Henrique Xavier de Oliveira. (Deputado Provincial, eleito em 1842).

« « José Francisco Pereira Maia. (Deputado Provincial, eleito em 1838).

« « Joaquim Romão Batista.

« « José Romão Norões.

« « José Vitoriano Maciel. (Deputado provincial, eleito em 1835)

« « José Ferreira de Menezes.

« « Francisco do Leão da Franca Alencar.

« « José Esmeraldo da Silva.

« « Antonio Ferreira de Melo.

« « Francisco José de Brito.

« « Francisco Gomes de Matos.

« « Antonio Ferreira Lima e Felismino Marques Peixoto.

« « Antonio José de Carvalho.

« « Francisco Lôbo de Macêdo.

« « Benedito da Silva Garrido.

« « Laureno Briseno da Silva.

« « José Antonio de Figueiredo.

« « Hildebrando Sisnando Batista.

« « Joaquim Gomes de Matos e Childerico Cícero de Alencar Araripe.

« « Raimundo Gomes de Matos.

- « « José Geraldo Bezerra de Menezes,
- « « José Pinheiro Bezerra de Menezes,
- « « Antonio Duarte Pinheiro e Joaquim Saraiva,
- « « Manoel Pereira de Araujo Caçula,
- « « Joaquim Secundo Chaves e Antonio Ferreira Lôbo,
- « « Mariano de Oliveira e Souza,
- « « Jesuino Brizeno da Silva,
- « « Joaquim José de Santana Milfont,
- « « Joaquim Jácome Pequeno,
- « « José de Sousa Rolim e Manoel Leite Xenofonte de Oliveira.
- « « João Vitorino Gomes Leitão
- « « Vicente Alves de Lima,
- « « Antonio Romão Batista,
- « « José Alves da Silva Bacurau,
- « « Joaquim Beserra de Menezes,
- « « Leandro Beserra de Menezes,
- « « Miguel Ferreira Nobre,
- « « Manoel Lopes Abath,
- « « Miguel Beserra Frazão,
- « « Domingos Lopes de Sena,
- « « Antonio Raimundo Brigido dos Santos. (Dep. Provincial, eleito em 1838).
- « « Antonio Teles de Mendonça
- « « Francisco Dias Azêde e Melo,
- « « Adriano Pinheiro Landim,
- « « José do Monte Furtado,
- « « Ricarto José de Araujo Vilar,
- « « Eufrasio Alves de Brito,
- « « Antonio de Brito Correia,
- « « João Soares de Oliveira
- « « Antonio Francelino Correia,
- « « Joaquim Francelino da Cunha
- « « Dr. Leandro de Melo Chaves Ratisbona. (Deputado Provincial eleito em 1858, depois deputado geral.)

PADRES EXISTENTES NA VILA DE CRATO EM 1853

- Padre Joaquim Ferreira Lima Verde,
- Padre João Marrocos Teles,
- Padre Manoel Joaquim Aires do Nascimento (Deputado Provincial, eleito em 1840.)

Museu do Crato

J. Lindemberg de Aquino

Em todos os tempos e em todas as épocas os povos procuraram manifestar as suas tendencias artisticas, religiosas ou folclóricas, através dos mais variados meios. Outro não foi o sentido da construção das Pirâmides do Egito, que não o da perpetuação, através dos séculos, da historia das riquezas, e da civilização a que chegaram os povos do Nilo e dos Ramsés.

Atenas e Sparta também consagraram em monumentos imortais do pensamento e da matéria os seus tributos aos historiadores do futuro, as suas páginas á historia da Civilização.

As Grandes Causas — as Grandes Guerras e os grandes acontecimentos que sacudiram a Humanidade em toda a longa carreira da sua existencia foram documentadas, quase todas elas, em quadros, livros, documentos, murais e objetos de todas as espécies que hoje em dia abarrotam os museus, galerias, Catedrais e Palácios de toda a Europa e America.

O Brasil—paiz do Futuro—na expressão feliz de Zweig—tem cuidado, embora de uma maneira que ainda deixa a desejar, de arquivar e documentar os fatos mais importantes ligados á vida do seu povo, á sua civilização e á sua cultura.

Essa tendencia natural atinge todos os quadrantes da Pátria, onde as manifestações de carater cultural se sucedem num ritmo animador, sob todos as aspectos.

Precisamos [e estamos tentando] documentar para o futuro o que o passado e o presente tiverem e tem de mais significativo— em todos os campos— quer politico, histórico, sociológico ou religioso.

Tambem o Crato entrará neste ano no quadro das cidades brasileiras de grande movimento intelectual e artistico.

Outro não é o sentido do futuro MUSEU DO CRATO, que o Instituto Cultural do Cariri, transformando velho sonho em pujante realidade, está organizando, com o intuito de preservar o nosso Patrimonio histórico e tornar conhecido o Cariri e o Crato em particular pelo que ele possuiu e possui de mais representativo.

A nobre missão de que, em nome da cultura cratense, foi incumbido o Instituto Cultural do Cariri é por demais espinhosa, porque organizar um Museu numa terra onde nunca existiu en-

tidade semelhante é pioneirismo legítimo.

E Pioneirismo se faz com pioneiros — felizmente há — os bastante.

Há Pioneiros batalhando incessantemente pela Verdade histórica, como o Pe. Antonio Gomes e José de Figueiredo Filho, amantes inveterados da nossa terra e das nossas cousas, pesquisadores incansáveis dos nossos fatos sociais.

E é nesses dois Pioneiros que recaem as maiores esperanças do cratense, porque será principalmente dos seus esforços que sairá o Museu do Crato.

O Museu do Crato possuirá 3 secções distintas — a Folclórica, a Histórica e a Artística. Na secção Artística se verão os mais variados e incontáveis exemplares da cerâmica popular do Cariri do passado e do presente.

Toda especie de objetos de barro, como jarros, estatuetas, animais, vasos, panelas, etc. objetos de uma beleza e de uma significação rustica, figuras moldadas no barro por sertanejos que nunca tiveram noção de Arte, mas que representam, incontestavelmente, a legitima arte cabocla, herdada principalmente dos nossos indigenas. Teremos numerosas coleções de ex-votos, recolhidos carinhosamente dos templos do Cariri ou adquiridos de colecionadores. São objetos de louça, barro, gesso ou madeira que atestam de maneira bem clara o espirito de credence dos nossos sertanejos. Na secção folclorica do Museu estará á disposição dos visitantes enorme quantidade de versos e livros populares do Cariri, bem como objetos tipicos da zona.

Ali se verão os famosos versos do meio da rua, recitados em pregões pelos seus vendedores. Versos caboclos, na sua simplicidade e ingenuidade. Versos matutos, cheirando a flor do mato.

Versos arrumados pela inteligencia sempre fertil do nosso sertanejo. Versos das feiras. Versos das estradas do sertão, com aquela poderosa beleza mágica, que cantam as farturas de um inverno cheio ou as tristezas de uma seca devassadora...

Versos que nos farão ver mentalmente a beleza da alma do sertão, o pequizeiro, as cavalhadas, a cabocla corada como mangaba...

Possivelmente a secção folclorica do Museu possuirá tambem uma coleção de gravações em fio de aço das nossas cousas mais caracteristicas como o aboio do vaqueiro, a banda cabaçal, um legitimo desafio, emboladas etc.

Um desafio não deixa de se constituir uma das cousas mais características do Nordeste. São os desafios dos cantadores, imortalizados por Leonardo Mota, desafios que são cheios de poesia, poesias de noite de lua cheia em rodas de alpendres . . .

Tambem na secção folclorica alguns dos nossos objetos tipicos, como o chicote do vaqueiro, as suas botinas de couro cru, cachimbos, alpercatas, cinturões, chapéus de palha, etc.

A secção historica—a mais importante do Museu—é a que vai ser maior e a que terá tudo quanto se puder conseguir sobre a nossa história.

Vasta biografia sobre os fatos mais importantes e sobre a vida do Cariri e do Crato com especialidade será arquivada em estantes, junto a mapas, monografias, dados gerais sobre o Crato etc. Objetos que tiveram relação com a nossa historia, como mesas, cadeiras, etc., tudo se verá ali.

Objetos que pertenceram aos mais ilustres personagens da historia do Crato, fotografias e descrições com dados sobre os nossos locais historicos, livros dos nossos autores, coleções de velhos jornais e de velhas revistas, recortes, dados, estatisticas, tudo enfim que a diplomacia e a argucia poderem recolher estará na secção historica do Museu do Crato.

Não resta duvida que será um trabalho de folego, este da organização desse Museu. Mas todos nós estamos dispostos a dotar o Crato dessa instituição valiosissima, que a cultura do nosso meio de há muito reclama.

O Museu do Crato terá um sentido social de grande alcance—virá ele por a luz onde há trevas. Tirará muitas duvidas dos nossos jovens sobre fatos da nossa historia.

Reconstituirá um Passado de lutas e de glorias, um Passado de figuras portentosas como a de Tristão Gonçalves, Martiniano, Barbara de Alencar, Pe Cicero Romão Batista, Joaquim Pinto Madeira e Lampeão, todas elas intimamente ligadas, cada qual a seu modo, á historia do Crato, á nossa terra e á nossa gente.

Esclarecerá, por fim, ao forasteiro todos os fatos que ele desconhece sobre o Crato e sobre a sua história, sobre o seu folclore, sobre suas tendencias artisticas.

Será o futuro Museu do Crato, por si só, o porta voz da grandeza historica, moral e material desta terra abençoada, desta nobre terra que sempre foi guiada por um Ideal superior, basea-

do nas mais sublimes e nobres Causas.

Será este o extraordinário benefício que nos trará o Museu do Crato. Será esta a missão que ele vem encarregado de desempenhar.

Requerimento n.º 336, de 1.953

Atendendo a que a Cidade de CRATO, no Estado do Ceará, foi elevada a essa categoria por força da Lei provincial n.º 623, de 17 de Outubro de 1853, sancionada pelo então presidente Dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares;

Atendendo a que dêse modo em igual dia do proximo mês a aludida cidade cearense completará seu primeiro século de existência;

Atendendo a que se trata da passagem de data de elevada significação na vida de Município que, no interior do Nordeste brasileiro, pelo desenvolvimento economico e social, se constituiu um dos mais promissores centros de civilização;

Atendendo a que Crato pela ação patriótica e varonil de seus filhos, nos movimentos revolucionarios de 1.817 e 1.824, e na luta contra o insurreto Fidié, destaca-se como um viveiro das mais gloriosas tradições civicas;

Atendendo a que nessa conformidade é justo que o Se-

nado se associe ás manifestações de jubilo pela decorrença da data em apreço;

Requeremos: a) que se transcreva na ata dos trabalhos desta Casa do Congresso Nacional um voto de congratulações com a população do Município de Crato pela comemoração do primeiro centenário de elevação à cidade;

b) que por telegrama se comunique essa resolução ao respectivo Prefeito Municipal;

c) que se designe uma Comissão de 3 membros para representar o Senado nas festas comemorativas.

Sala das sessões, em 23 de Setembro de 1.953.

Onofre Gomes, Plinio Pompeu, Assis Chateaubriand, Kerginaldo Cavalcanti, Mozart Lago, Alfredo Chimil, Camilo Mercio, Cicero de Vasconcelos, Domingos Velasco, Novaes Filho, Melo Viana, Levindo Coelho, Carlos Saboia, Anisio Jardim.

(«Diário do Congresso,» de 24 de setembro de 1.953, pag. 669).

IN MEMORIAM

Discurso em honra do dr. Irineu Nogueira Pinheiro, em sessão solene do Instituto Cultural do Cariri, na noite de 11 de junho de 1954 pelo advogado Duarte Júnior, do Instituto Cultural do Cariri e Delegado Regional do Ensino.

Meus senhores:

O Instituto Cultural do Cariri menteria à sua finalidade, seria uma estância de inativos, se descurando dos nossos valores, neste transe lutuoso do passamento do dr. Irineu Nogueira Pinheiro, seu presidente, animador e guia, não lhe soubesse cultuar e enaltecer a memória.

É certo que as minhas palavras não valerão como necrológio do saudoso homenageado e muito menos como estudo crítico de sua grande obra, mas farão as vezes, pelo seu teôr preteatório, de hino e de elegia.

Arrebatado pela morte às primeiras horas de um dia presago, êle proprio não pressentia a aproximação da ceifeira cruel, vendo-se da carta, que acabara de escrever, momentos antes do triste desenlace. projetos para o futuro.

O toque de recolher da morte surpreendeu-o no seu campo de operações intelectuais.

"Morreu, na expressão de um escritor nosso, de pena em punho."

Com o séstro de solidão e o signo do celibato, possuía Irineu, paradoxalmente, a euforia da vida e embora não professasse a filosofia de Leibniz, via o mundo com o otimismo do grande idealista alemão.

O seu horror à morte era um estado de ânimo permanente, orçando pelo risível as medidas de precaução que tomava e que de nada serviram contra a inimiga que o salteou.

Êsse gôsto da vida, porém, não se compadecia com o seu retraimento, a sua fuga das diversões e enlevos sociais.

Falandô do Cemitério de Crato, nas últimas páginas do

“O Cariri” escreve êle: “Há pouco estive ali: vieram-me, então, à lembrança as minhas visitas em menino, ao túmulo dos meus parentes . . .” E, após algumas evocações e minuciosa descrição da cidade dos mortos, conclui: “Mas todas essas melancólicas reminiscências lá se foram em revoada, como pássaros assustados, à minha saída da meia luz da nave da capêla para o sol que é a alegria da vida.”

Um cearense como êle tostado de sol tropical, devoto de Apolo, com ânsia de claridade dos moradores do Nordland . . .

Nós do polígono da sêca, perseguidos do sol, não lhe podemos erguer estátuas como os habitantes da glacial Copenhague.

Não o acompanhou, todavia, o astro do dia à sua última morada, inútil que seria porque ainda que em desperdício de energia superiluminasse o Campo Santo, não esparcaria as sombras da morte. Apagado por forte nublação foi rendido por renitente garôa na cerimonia do seu sepultamento.

O mêdo das sombras e o pavor da mudez dos túmulos, contudo, não o levariam modesto que era, a desejar, como Antonio Lemos, atroadoras homenagens nos seus funerais — descargas militares, estrondos de artilharia — porquanto, em que pese a vaidade do ex-oligarca marajoara, nem mesmo as tempestades tropicais o conseguiriam despertar.

Irineu teve a ventura de não deixar mulher e filhos e não esmagar com a sua queda êsses corações. Nenhuma Eponina no seu esconderijo de solitário . . .

Meus senhores:

O dever social de respeito à memoria dos mortos já era, nos velhos tempos de Solon, previsto em uma de suas leis, em que se continham as mais severas sanções.

Lei inútil porque quem protege e prestigia a memória dos mortos, são as virtudes que lhes aformosearam o caráter e os serviços prestados à comunhão social.

O despotismo da história não respeita leis e não há Cezar e não há Napoleão que lhe faça calar os seus pecados e os seus crimes.

Porisso aqui vim, não para deturpar a verdade sôbre o nosso homenageado, em nome do sentimento de piedade, mas para colaborar na consagração merecida de quem foi, realmente, a mais forte radiação do nosso regionalismo literário.

Não foi guerreiro e não foi inventor. Nem Caxias, nem Santos Dumont.

Foi, porém, um historiógrafo que honra a galeria dos que no Brasil se afirmaram como narradores dos fatos de nossa vida passada.

Esta opinião, que emito como impressão pessoal, sem preocupações acadêmicas, sem pretensões a confecção de trabalho de crítica, é, aliás, sufragada por autoridades das maiores de nossas letras.

Não poderia me sentir com pulso para o estudo, em sua extensão e profundidade, da obra do escritor conterrâneo, cujo testamento literário merece estruturado por penas como a de Agripino Grieco.

Câmara Cascudo, escritor potiguar, de cartaz internacional considera "O Cariri" de Irineu uma delícia, um encanto para ler tanta coisa ensinada por quem alia á força da cultura o feitiço da espontaneidade".

José Lins do Rêgo, o moderno e lustrôso romancista paraibano, considera a obra de Irineu, "obra de fôlego, feita com a seriedade e o tom de narração viva dos melhores escritores do gênero". Pode o Cariri, diz êle, "contar com um homem de primeira qualidade entre os melhores do Paiz". E, em seguida, numa delicada hipérbole: "Li O Cariri com visível mágua de não haver mais páginas a devorar".

Enquanto isso acontece em relação a escritores de Estados diferentes, a maioria dos nossos intelectuais, nada sabem do que escreveu Irineu, conhecendo os seus livros como conhecem as Rapsódias de Homéro, salvas algumas desvanecedoras excepções.

O brilhante autor de "O Romance Cearense" Abelardo Montenegro — acentua que na obra de Irineu "são pontos altos, de sadio regionalismo, a paisagem familiar e a identificação ecológica com a gleba nativa".

Da pena brilhante do notável polígrafo — Padre — Antonio Gomes — caiu como um retrato, o seguinte conceito: "Belo talento, estilista de recursos, esforço de castor, paciência beneditina, Irineu vinha, há quase trinta anos, colocando êsse conjunto de predicados a serviço do fato histórico do Cariri. "Não seria possível mais perfeita síntese. Irineu o homem do fato histórico do Cariri, cabe, todo êle, dentro dessa admirável moldura.

Não é só: entre os que se impressionaram agradavelmente

com a obra de Irineu, conta-se o celebrado Tauney, o maravilhoso criador de "Inocência".

E não aludo ao que sôbre "O JUAZEIRO do Pe. Cícero" disse o doutor José Acioly porque os seus elogios valem menos como juizo crítico do que como despique partidário.

Outros cerebrais como o Monsenhor Pedro Rocha, Monsenhor Silvano de Souza, Raimundo Girão, Audifax Mendes e o autor de "O meu mundo é uma farmacia", êste magnifico Figueirêdo Filho, endossam a critica elogiosa da obra do escritor cratense.

Meus senhores: Irineu Pinheiro nasceu nesta cidade a 6 de janeiro de 1881, herdando de seus pais — Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro e Irinéa Pinto Nogueira Pinheiro — o caráter de que foi portador e a conduta modelar que podem ser definidos como uma combinação simétrica de arte espiritual.

Em todos os atos e até mesmo na correção do traje, refletia a sua elegância moral.

Fez os seus primeiros estudos nesta cidade.

Como a maioria das crianças, não tinha amor aos livros, essa paixão de que mais tarde se inflamara.

Não revelou na infância os atributos que possuia em potencial. Não foi uma dessas crianças fenômeno em tôrno das quais, "a fantasia do amor paterno cria a lenda da genialidade."

Brincalhão, gazeador, naquêles tempos em que se adotavam os mais grosseiros métodos de ensino, deve ter apanhado muito o nosso Irineu, como aconteceu a todos quantos viveram o regime medieval da palmatória.

O mestre—escola Raimundo Duarte, foi o seu mais constante professor e ninguém ignora quanto tinha êle de severo e intransigente.

Em várias passagens do "O Cariri" e do "Juazeiro do Padre Cícero", Irineu se refere aos castigos infligidos aos alunos.

Até trinta anos passados estavam convictos o mestre—escola e o pai de familia da verdade da velha sentença: **Literae cum sanguine in traint.**

"Meu professor, diz êle, Raimundo Duarte, ensinava de féru-la em punho desde a manhã até à tarde. Eram as escolas primárias verdadeiros centros de tortura e, aos sábados, as sabati-

nas eram um terror”.

Ainda em sua retirada estratégica, na revolução de Juazeiro, para o Estado da Paraíba, Irineu relata que em uma fazenda da fronteira onde pernoitou, chamado para visitar um enfermo, deparou-se com um professor primário. “Em volta do mesmo, bancos escolares, um tinteiro, alguns cadernos . . . e dependurado à parede um símbolo eloquente: uma palmatória”.

O horror que lhe infundia aquêlo instrumento de suplicio não impediu, porem, que empenhasse todos os recursos médicos na salvação do professor.

É com amargor na alma e visível ressentimento que Irineu exclama: “Não eram gente, não, os professores de outróra”.

E tinh· êle razão. Quem, como eu, conheceu êsses Reis de barba longa e palmatória à destra, não os olvida nunca.

A história pitoresca de certo professor cratense, serve para documentar a barbaria dos processos, da disciplina da escola antiga: tomado de antipatia pelo menino de nome Valdivino, castigava-o sadicamente com ou sem motivo. No dia em que se alcoolisava chamava para junto de sua mêsa os alunos cujos nomes terminassem em ino—Severino, Balduino, Josino, Roidino—e o bolo cantava nas mãos dos portadores da fatídica desinência.

No curso secundário já não aparece Irineu com os defeitos de uma adolescência trêfega, mas compenetrado da necessidade de aprender.

Não sofre nenhuma reprovação e, no curso universitário, no Rio de Janeiro, enfileira-se, ao séquito dos mais adiantados. Não foi o orador de sua turma pela sua aversão à retórica, essa florista maravilhosa que aureolou a velha civilização helênica. Não possuía as atitudes dos fabricantes de imagens, dos ilusionistas da palavra.

Casto como Newton, não pertubaram os seus estudos os olhos feiticeiros das cariocas, das areias da Guanabara.

Ao contrário de Oliveira Martins, o notável historiador português, em suas obras não ressoam passos femininos.

Apenas quando alude às festas da padroeira revela que as moças do seu tempo, por ocasião das novenas, repartiam os seus olhares entre o altar e os rapazes que as fitavam enamorados.

Em outro capítulo do “O Cariri” fala da severidade dos antigos costumes domésticos: nem mesmo os noivos gozavam de

liberdade para os colóquios com as futuras esposas. E, em abono de sua observação, relata curiosíssimo episódio:

O velho Manoel Pimenta havia dado a mão de sua filha a um rapaz que a solicitara em casamento. No momento da celebração do matrimônio, frente ao altar erguido na sala principal da residência daquele, presente o sacerdote oficiante e os convidados, em lugar da noiva surge do interior da casa a irmã mais velha desta, de véu e grinalda, acompanhada das testemunhas.

O infeliz, à semelhança do Jacob da Bíblia, em vez de Raquel, casou com Lia.

—Em minha casa é assim, explicava o velho Pimenta, casam primeiro as mais velhas.

Não foi, por certo, com receio que lhe trocassem a noiva que o nosso Irineu se tornou celibatário.

Esquivança de temperamento. A sua alma não tinha janelas abertas para o amôr, não obstante viver em uma região em que as Iracemas e Moemas servem de modelo vivo de pintura e escultura, como provam as têlas de João Batista e Rodôlfo Amoêdo.

Que importa Roma, dizia Bilac, se Cleopatra é bela?

Irineu não daria a história romana por milhares de Cleopatras. Roma, para êle, por ser cidade histórica, valia mais do que as portentosas New Yorque, Londres, Paris.

O seu pendor literário divorciou-o da medicina. Sôbre o esculápio projetou-se o historiador.

As investigações científicas preferiu as escavações históricas. Muito mais Michelet do que Claud Bernard, muito menos Kock e Pasteur do que Ranke e Tierry.

Meus senhores:

A obra de Irineu acerca do Ceará, e digo do Ceará porque o nosso Estado tem aqui o centro do seu drama histórico, a obra de Irineu é das melhores que tenho lido sôbre o nosso passado.

Partindo da pre-historia, isto é, da ocupação do vale pelo selvagem, estuda com segurança os diversos ciclos da nossa vida—o ciclo da conquista, o da colonização, o da evolução, o nativista e o pré-republicano.

Verdadeiro Sherlok de nossa crônica, tudo revolve, tudo

devassa, tal como revistam os policiais de países em guerra a bagagem de estrangeiros em trânsito.

Trocando a síntese pela análise, nada deixa à curiosidade do leitor.

Junte-se a isso, o critério, a serenidade na investigação da verdade.

Tem-se a impressão, pela sua frieza na interpretação dos fatos, que a sua educação foi captada nas escolas alemãs ou inglesas.

Até mesmo na construção de «O Juazeiro do Pe. Cícero», livro forte, o melhor, sem dúvida de quantos foram editados sobre a Méca cearense, malgrado a parcialidade que revela, em função de sua posição na jagunçada de 1914, não descamba para a ficção, reproduzindo os acontecimentos com indiscutível honestidade.

Levado pelo seu tio Antonio Luiz Alves Pequeno, a envolver-se naquêl movimento, confessa que a massa de cangaçeiros aliciados para deposição do govêrno Franco Rabelo era integrada de elementos dos Estados vizinhos, de onde se conclui que a revolução era contrária às aspirações do povo cearense.

Adianta ainda, que todos os bandoleiros, chefes dos diversos pelotões de combatentes — Manoel Chiquinho, José Pedro, José Pinheiro, Quintino e José Terto, depois da vitória do Pe. Cícero, morreram trágicamente.

Amigo íntimo daquêl sacerdote, seu correligionário político, não o exhibe travestido de Taumaturgo e não o inclui no número dos sete sábios da Grecia, como fez o escritor Simões da Silva, que, por sôbre tudo isso, ainda lhe empresta qualidades de orador, capazes de empanar a fama de Mont'Alverne: "Vê-lo, por exemplo, diz Simões da Silva, a discutir História Sagrada, História Antiga, Média, Romana, política internacional, questões do Oriente, sempre com esplêndidos dotes oratorios"...

Para vingar a história, contra tais sabugices, basta o seguinte trecho de uma carta lapidar, dirigida ao Pe. Azarias Sobreira pelo abalizado Fernandes Távora: "Pe. Cícero, homem simples e de poucos conhecimentos, acabou por convencer-se também de que havia naquêles corriqueiros fenômenos (milagres de Maria de Araujo), algo de sobrenatural."

A incultura do padre não lhe permitiu que se servisse, em qualquer tempo, da tribuna, da imprensa, ou instrumento outro

de prática intelectual, nada existindo que assinala a sua passagem pelas províncias do saber.

Irineu, sóbrio e discreto, referindo-se aos discursos do sacerdote às suas proclamações aos homens em armas, à fala sobre a abertura dos valados em volta da cidade, oferece-nos o seguinte flagrante: "Daquela figura frágil de velho que se recortava no retângulo da janela, dependia, irremissivelmente, a sorte das armas".

Não seria preciso dizer que os valados foram construídos dentro de poucos dias.

Com a facilidade com que Bonaparte construiu estradas nos Alpes, tornando a praça de guerra italiana cidade aberta, o Pe. Cícero fez rasgar trincheiras tornando Juazeiro inexpugnável.

Meus senhores :

As obras de Irineu não são apenas « Juazeiro » e « O Cariri ». O estudo sobre Pinto Madeira, é um serviço prestado não somente às nossas letras mas ao Cariri. palco onde se desenrolou o drama de sua agitada vida de caudilho.

Fiel à corôa de Portugal, Pinto Madeira ao lado do Capitão-mór do Crato, José Pereira Filgueira, colaborou na debelação da Revolução de 1817, chefiada por José Martiniano de Alencar.

Embora o sentimento nativista do movimento, vitorioso que fosse êle, teria por certo quebrantado a unidade nacional, verificando-se, conforme o pensamento de Irineu, o mesmo fenômeno de fragmentação da América Hespanhola.

Daí o mérito da contra-revolução de que foi Pinto Madeira obreiro eficiente.

Na libertação do Piauí e Maranhão atuou igualmente, com a sua costumada valentia.

De tal forma a fama do caudilho se radicou no seio das massas que passou a ser chamado Governador do Centro.

Até 1824, conservaram-se unidos Pinto Madeira e Pereira Filgueira separando-os a revolução republicana batisada por Confederação do Equador.

Abraçando Filgueira, juntamente com Tristão Gonçalves, o movimento instaurador do novo regime, contra êles insurgiu-se Pinto Madeira de armas na mão e com tal ímpeto que somen-

te no combate de Picadas exterminou cêrca de duzentos homens.

Fracassada a Confederação, como havia fracassado a revolução de 17, morto Tristão e aprisionado Filgueira, caiu esta região sob o dominio exclusivo de Pinto Madeira.

Com a abdicação, porem, de Pedro I, em 7 de Abril de 31, empalideceu a estrêla do Caudilho que, entretanto, não se conformou com o ostracismo e não se rendeu às perseguições dos seus adversários.

Em combinação com o padre Antonio Manoel, organizou um exército de mais de dois mil homens, marchando, então, da cidade de Jardim, contra esta cidade de Crato, por êle vencida e terrivelmente depredada.

É muito longa a narração dos combates, repetidos e sangrentos entre o caudilho e os elementos situacionistas da Provincia, bosquejados pela pena brilhante de Irineu Pinheiro.

Preso e condenado, " morreu virilmente Pinto Madeira. Conta a tradição ouvida por mim desde menino, que no momento do fuzilamento ofereceu-lhe um lenço para que vendasse os olhos, um dos seus mais ferrenhos inimigos — José Francisco Pereira Maia.

Recusou o condenado a oferta dizendo ter consigo lenço proprio".

O heroismo de Pinto Madeira, refere o historiador, criou em tôrno do seu nome uma lenda de santidade que perdurou por longo tempo.

Há quem entenda que foi na monografia escrita sôbre Pinto Madeira onde melhor se patenteou a vocação de historiador de Irineu Pinheiro.

Mais forte, ao meu ver, é o magnifico trabalho sôbre José Pereira Filgueira, em que o crônista cede lugar ao intérprete e em que o observador reconstitui a verdade histórica desfazendo os equivococ criados pelas deficiências dos que o precederam.

Irineu deixa evidenciado que se não fosse a reação de Filgueira, teria vingado o movimento de 17, posto que temporariamente, enquanto que sem o apoio do Caudilho teria sido a República do Equador uma fantasia de sonhadores. Não teria vencido no Ceará e Tristão não teria sido o seu Presidente.

Talvez porque fosse Filgueira um gigante, o homem de maior força fisica dos nossos sertões, ou por sentimento de an-

tipatia, era êle para João Brigido, um misto de bravura, estupidez e crueldade, conceito êste tambem emitido por Dias da Rocha que o considera um quase irresponsável pela mesquinhez da intelligencia".

A essa critica apressada e l-viana, respondeu Irineu, mostrando que nada se fez no primeiro quartel do século passado sem a chefia ostensiva de Filgueira.

Foi êle, diz Irineu, homem da estirpe dos que fazem história em vez de escrevê-la, pôsto não tenha mantido a linha de coerência política de Pinto Madeira.

A marcha de Filgueira sôbre a capital, atrelando ao seu carro de guerra as populações rurais, é obra napoleonica, imprópria de um camponez boçal.

Maior é, talvez, a sua obra na emancipação dos Estados do Piauí e Maranhão, por cujo feito devia ter sido agraciado, segundo Oliveira Lima, com o titulo de Marquez do Maranhão.

Causa espécie que um homem dessa estatura, o capitão-mór do Crato, não tenha nesta cidade uma rua, um logradouro, uma travessa com o seu grande nome.

Digna de registro é a resposta que Filgueira deu ao comandante das armas em Pernambuco: "A minha idade são 65 anos, mas para defender a causa da minha pátria tenho apenas vinte e cinco."

Um dos pontos fracos dêste trabalho ciclópico de Irineu, está no paralelo que êle procurou estabelecer acêrca do prestigio pessoal de José Pereira Filgueira frente ao Padre Cícero.

Embora se trate de duas figuras excepcionais do Nordeste, nenhuma afinidade existe entre a popularidade de um e a do outro.

O prestigio de Filgueira era pessoal, emanava de sua bravura e simpatia, enquanto que a do sacerdote era impessoal, emanava da credence no seu poder sobrenatural.

Filgueira tinha para as massas a fascinação de sua coragem, a lenda das vitórias corpo a corpo e a confiança que infundia no espirito dos sertanejos.

Faltou a Filgueira, apenas, para sua maior glorificação a corôa de martir.

Houvesse morrido em combate como Tristão, ou fuzilado

como Pinto Madeira, a sua história se esmaltaria com os artificios da lenda.

Podia Figueira ser comparado pela identidade dos feitos e da influência exercida sobre as massas, ao caudilho sulista Go-mercindo Saraiva.

Grande figura da revolução federalista do Rio Grande do Sul, cognominado, segundo Gustavo Barroso, Napolião dos Pampas, o Capitão-mór do Crato, foi muito maior do que o Bonaparte mirim.

Meus senhores :

Criou-se nesta cidade, em torno do nome de Irineu, a falsa reputação de imaginária avaréza.

Não era êle, realmente, um perdulário, um dissipador, um liberal do tipo de Bolivar, o Washington da América do Sul, mas, nem porisso, lhe podemos negar impulsos de generosidade.

São conhecidos os seus serviços à população do Cariri nos surtos epidêmicos, e bêm assim a sua dedicação aos doentes sob seus cuidados médicos.

Há, muitas vezes, no coração humano impulsos de generosidade que a modéstia encobre como pérolas imersas no oceano.

E se êle nada nos deu dos seus bens materiais, a obra intellectual que nos legou, modelada com dispêndio da propria vida, tem o valor que só a gratidão pode indenizar.

O seu amor à nossa terra, dedicando-lhe a sua atividade, sem qualquer objetivo econômico, tornam-no credor da mais ampla consagração.

A sua última obra, ainda inédita — **Efemérides do Cariri** — poderia ser arrematada com o fêcho da grande História da França escrita por Michelet: " Em que estreita intimidade, óh minha terra, vivi contigo durante quarenta anos ! Se foi preciso para sondar a tua vida que o homem se dedicasse inteiramente, passasse e repassasse muitas vezes o rio dos mortos — êsse homem está consolado pelo que fez. E a sua grande pena é... a de te deixar agora ".

Ata da inauguração da vila de Brejo Santo

O embrião social da cidade, cariariense, de Brejo Santo, surgiu á margem dum brejo, que deu seu nome á povoação e, depois, á comuna.

Nessa ilha de terra molhada, alimentada de fontes perenes, a viúva baiana, dona Maria Barbosa, instalou fazenda de gado vacum antes de 1714, século da expansão curraleira na interlândia do nordeste brasileiro, ciclo econômico iniciado na centúria anterior.

Naquele ano, Antônio Mendes Lobato e Lira requereu e obteve uma sesmaria de terra no «Brejo da Barbosa» (e não «do Barbosa», como erroneamente se tem escrito), isto é, no «Brejo» da mencionada viúva, a posseira pioneira na região. (Antônio Bezerra, *Algumas Origens do Ceará*, pag. 118).

Em 1773, o referido sitio-fazenda pertencia ao baiano Francisco Pereira Lima, e era vulgarmente conhecido pela denominação de «Brejo de Francisco Pereira». (Livro de Reg. de Casamentos, paróquia de M. Velha, 1773—1810, fls. 2 e segs.), alusão ao posseiro em apreço o qual foi meu quinto avô.

Vizinha a êsse sitio, surgiu a fazenda «Nascença», data de terras pertencente a um irmão do aludido Francisco Pereira Lima, e que a vendeu a seu gerente, tenente Gonçalo de Oliveira Rocha, casado com Joana Martins de Morais, leito do qual nasceu o capitão Gonçalves Martins de Oliveira Rocha, casado com Joana Inacio dos Santos Filgueiras, ou Joana Maria das Virgens (Livro do reg. de Cas. da paróquia de M. Velha, 1773—1810, fls. 263 e segs.). O casal teve cinco filhos varões - os Oliveira Santos, que transmitiram o gentílico - Santos ao locativo Brejo. Daí, Brejo dos Santos, modificado para Brejo Santo, ao tempo da ditadura Vargas.

Ainda em 1860, o local, em que assenta a cidade de Brejo Santo, ao pé do antigo sitio «Brejo», servia de páteo a uma fazenda de criar, de propriedade de Aristides Cardoso dos Santos. O prédio nuclear da povoação expressou-se por uma capela dedicada ao Coração de Jesus, iniciativa do maior apóstolo do Nordeste no século 19, padre José Antônio Maria Ibiapina.

Pela lei provincial número 1708 de 25 de Julho de 1876 foi criada a freguesia. Seu primeiro vigário, padre Francisco Lopes Abath, de ilustre familia de Cra'o, tomou posse a 11 de setembro de 1877.

Por decreto do governador do Estado, então o coronel Luiz Antonio Ferraz, datado de 26 de agosto de 1890, o distrito erigiu-se em vila, cuja ata da sessão de inauguração transcrevo, dada a sua indiscutível importância histórica:

«Acta da Inauguração da Municipalidade da nova Villa de Brejo dos Santos, como abaixo se declara.

«Aos cinco dias do mez de Novembro do anno de mil oitocentos e noventa, na Sala das Sessões desta Casa destinada para a realização das Sessões do Concelho de Intendencia Municipal desta Villa de Brejo dos Santos, creada por decreto do Governador do Estado, coronel Luis Antonio Ferraz, numero quarenta e nove (49), de vinte e seis de agosto do corrente anno, ás dez horas da manhã, presentes os Intendentes: Lourenço Gomes da Silva, Benevenuto Bezerra da Paixão, José Florentino de Araujo Lima, e José Moreira Tavares, nomeados por acto do Governador do Estado, de vinte e seis de agosto, tambem do corrente anno, e, todos, juramentados perante o Concelho de Intendencia Municipal da Villa de Porteiras, da qual foi esta Villa desmembrada, por aclamação foi escolhido o intendente presidente do Concelho, o intendente, cidadão Lourenço Gomes da Silva, o qual, após, tomou assento á cabeceira da mesa e convidou para exercer as funções de secretario ao intendente, cidadão José Moreira Tavares, o qual, assumindo o cargo, tomou seu respectivo lugar. Em seguida declarou, o Presidente, que havendo numero legal de intendentes, declarava aberta a sessão. Então, declarou inaugurada a Municipalidade desta Villa, e que se lavrassem officios de participação da presente sessão ao Exmo. Governador do Estado, ao Concelho de Intendencia Municipal de Porteiras, ao Doutor Juiz de Direito da Comarca e ás autoridades e empregados publicos, aqui existentes da antiga Municipalidade. Para conhecimento de todos, lavrou a presente acta. Determinou-se o dia seguinte para instalação da primeira sessão ordinaria do mesmo Concelho. Ordenou, o presidente, que se extrahisse uma copia da acta e se remetesse ao Doutor Juiz de Direito da Comarca, para os devidos fins, e outra para ser afixada em parte da casa deste Concelho, para conhecimento dos povos deste Municipio.

Do que, para constar, lavrei a presente acta. José Moreira Tavares, servindo de Secretario a escrevi. Sala das Sessões do Concelho da Intendencia de Brejo dos Santos, 5 de novembro de 1890, Segundo Ano da Republica. — Lourenço Gomes da Silva, 1.º Presidente do Concelho; Benevenuto Bezerra da Paixão; José Florentino de Araujo Lima; José Moreira Tavares'.

(Do «Livro de Lançamento das Atas das Sessões do Concelho de Intendencia da Villa de Brejo dos Santos», fls. 1 e 2).

Nota:— Dos signatários dêsse histórico documento, todos já falecidos, José Florentino de Araújo Lima foi meu avô materno; Benevenuto Bezerra da Paixão, meu tio afin, casado com uma irmã de meu pai; Lourenço Gomes da Silva, meu tio avô, irmão de meu avô paterno, Basílio Gomes da Silva, que dirigiu os destinos políticos e administrativos de Brejo Santo ao longo de 20 anos.

Crato, 1955.

Pe, Antônio Gomes de Araújo

NEWTON TEIXEIRA

Representações:

*Fábricas de Tecido São José, Rêdes, Fios,
Toalhas, Tecidos.*

*Charutos Suerdick, os mais afamados do
Brasil — Baía. Velas da Fonte — Recife.*

Cortume Cearense S. A. — Fortaleza.

Fábrica Lafayete — Papel — Recife.

Cortume J. Joaquim — Fortaleza.

Rua Cel. Luiz Teixeira, 189.
Caixa Postal, 32



End. Teleg.: «Luteixeira»
CRATO — CEARÁ

«Farmacia Nossa Senhora de Fátima»

de Maria Astrês e Cia Ltda

Será aberta nestes próximos dias — Grande sortimento
de especialidades farmaceuticas, a preços módicos.

Compras diretas nas principais praças do país.

*Manipulação a cargo de sua farmaceutica
proprietária. — Asseio e pontualidade*

Rua José de Alencar, (Vizinha ao Cine Moderno)

CRATO —:— CEARÁ

«Aderson Tavares & Cía.»

Ferragens, Conexões, Louças, Miudezas, Tintas e Oleos.

Rua Barbara de Alencar, N.º 176

Tel.: «Adervares» — Caixa Postal N.º 24
CRATO — — — CEARÁ

DE
Euclides F. Lima

A CRATENSE

CRATO—CEARÁ

Rua Barbara de
Alencar 161/163

Tecidos—Chapeus Sombrinhas—Guarda Chuvas—Camisas—Pijamas
Roupas feitas—linhas—Bordados—Rendas
E mais um mundo de artigos para homens, mulheres
e crianças.

FARMÁCIA CENTRAL DO CARIRÍ

do *Farmacêutico J. de Figueiredo Filho*

Grande estoque de especialidades farmacêuticas a preços reduzidos.
Manipulação escrupulosa, sob a orientação de seu proprietário.

Rua Barbara de Alencar, 203 e 205.

Caixa Postal, 47. { 22-63 — CRATO
e Telefone: { — CEARÁ

«CASA O NEQUINHO»

de MANOEL PEREIRA DE ALENCAR

Especialista em rês alvegadas e em côres.

ARTIGOS FINOS DE 1ª. QUALIDADE PARA PRESENTES

Rua Barbara de Alencar, 201
CRATO — — — CEARÁ

José Martiniano de Alencar

Da «Galeria dos Brasileiros Ilustres
(os contemporâneos) — S. A. SISSON — 1859.

I

Em 1822 uma mocidade ardente e entusiasta pela liberdade e independência de sua pátria representava o reino do Brasil no Soberano Congresso que se reunira em Lisboa.

Trinta e seis anos são passados; e daquela plêiade brilhante, daquela falange ilustre dos primeiros representantes do paiz, apenas se encontra hoje no Senado, entre as novas glorias que o voto popular e a confiança da Coroa chamou a ocupar essas cadeiras, uma trindade respeitável por muitos títulos.

O Marquês de Olinda, Vergueiro e Alencar, são os três nomes que lembram ainda aos brasileiros as calorosas discussões do congresso português, em que os filhos da jovem pátria que ia surgir proclamavam à face da metrópole o direito que tinha o Brasil de declarar-se independente, lançando assim através do oceano o grito dessa revolução que devia consumir-se em 7 de setembro de 1822.

O Marquês de Olinda, quando sua carreira parecia terminada, assumiu de novo o poder; Vergueiro depois de ter ilustrado a tribuna e dirigido a opinião pública, trabalha ainda pelo paiz dedicando-se à colonização e à agricultura; Alencar, uma das popularidades de 1830, um dos homens mais notáveis da opposição de 1839, um dos autores da revolução parlamentar que produziu a maioria de 1840, só aspira a servir a seu paiz com o seu voto de legislador, e a conservar puras e inalteráveis as crenças políticas que o dirigiram durante a sua vida.

Poucas existências há no Brasil tão cheias de vicissitudes como a sua; poucos homens passaram por tão duras provanças, e acompanharam a revolução da independência de seu paiz desde o primeiro balbuciar deste povo, ainda menino e já respirando a liberdade, até o momento em que o arrefecimento da luta e a calma dos espíritos extinguiu os antigos partidos.

O que há de notável porém na sua vida, é que, tendo mui-

Nota:— Depreende-se do Prefácio de Sisson que José de Alencar (o filho) foi colaborador de "Galeria".

tas vezes exercido, pelo seu prestígio, pela sua habilidade na direção da política, uma influência decidida sobre os negócios do país, não ocupou nunca as primeiras posições oficiais; além do cargo de senador a que fôra chamado na primeira vaga por uma eleição espontânea a quase unânime, apenas foi duas vêzes presidente de sua provincia.

Mas o seu caráter explica êste fato: a sua modéstia reprimia as aspirações; e o seu interêsse pelo país passava adiante dos cálculos da ambição pessoal; depois de ter servido nobremente o seu partido, depois mesmo de se haver sacrificado por êle, ofuscava-se e desprezava as glórias de chefe, para gozar da íntima satisfação que sente o simples e obscuro cidadão, quando tem a consciência de haver cumprido o seu dever.

Assim em tôdas as épocas em que suas idéias triunfaram, ou em que o seu partido dirigiu o país, êle conservou-se na sua modesta posição; em 1831, sendo presidente da Câmara dos Deputados, continuou no seu pôsto depois da revolução; em 1834 quando Feijó, seu amigo íntimo e dedicado governava o Brasil, contentou-se com a presidência do Ceará, onde o levará o seu amor pela provincia natal; em 1840, quando a revolução da maioria saiu de sua casa (rua do Conde n. 55) para rebentar no Senado e ecoar na Câmara dos Deputados, apenas aceitou aquela mesma presidência com o fim de ir reparar os males que as administrações passadas aí haviam feito.

O reverso desse quadro é ainda mais significativo.

Se durante a sua carreira politica Alencar pela sua modéstia e pela sua reserva não quis ou não soube procurar por si as primeiras posições oficiais no momento em que os seus amigos dominavam; sempre que o seu partido foi vencido, sempre que uma reação se operou contra os liberais, o seu nome figurou como mártir entre os mais distintos e os mais célebres; algumas vezes mesmo na primeira plaina.

Em 1817, sofreu quatro anos de prisão rigorosa na Bahia onde teve por companheiro Antonio Carlos, que depois foi um dos seus mais dedicados amigos, e verdadeiro apreciador do seu caráter; em 1824 esteve de novo prêsso um ano, em 1842 acusado de ser o chefe de uma imaginária associação dos Invisíveis foi processado com Feijó, Vergueiro e José Bento; em 1848 attribuiu-se-lhe o movimento político de Pernambuco e o acusaram na Câmara dos Deputados.

Tanta celebridade e tanto prestígio no revés; tanta obscuridade e tanto afastamento no triunfo; - é um contraste que

faz honra ao caráter do homem político, e que lhe deu essa reputação de integridade que seus próprios inimigos nunca lhe negaram.

Mas naqueles tempos de verdadeiro entusiasmo e fé robusta o povo sabia desempenhar a sua missão; e a urna popular era como o altar da pátria onde se sagravam puros votos de reconhecimento e gratidão aos bons filhos e aos bons cidadãos.

Ao passo que Alencar era esquecido, ou fazia-se esquecido das distinções oficiais, não lhe faltavam as honras populares.

Em 1821 as portas do cárcere se abriram para deixá-lo sair, ao mesmo tempo que as do soberano Congresso se abriram para recebê-lo. De volta da Europa encontrou no Rio de Janeiro o diploma de deputado à Constituinte. Minas Gerais e o Ceará o elegeram simultaneamente à segunda legislatura.

Em trinta e seis anos, apenas quatro esteve fora do parlamento; e isto porque achando-se ainda em 1825 comprometido na revolução do ano anterior não pôde ser eleito à primeira legislatura.

I I

J. M. DE ALENCAR começou a sua carreira politica muito cedo.

Em 1817, achava-se estudando em Olinda, quando sobreveio essa revolução mal planejada, aspiração precoce de um povo pela liberdade que ainda não se tinha impregnado nas primeiras camadas da sociedade; e que era apenas compreendida por alguns homens instruidos, a quem os écos da revolução franceza, e da independência dos Estados Unidos, chegavam apesar de amortecidos pelo tempo e pela distância.

Moço, entusiasta, amando a sua pátria com o mesmo ardor que depois sempre mostrou, arrastado pelo exemplo de seus mestres, Alencar deixou-se levar pelo movimento; e partiu para o Ceará munido das cartas e instruções necessárias para fazer aparecer a revolução naquela província. Desempenhou a sua missão; porém pouco tardou que a imperícia dos chefes fizesse abortar todo o plano.

Efetuu-se a restauração; e êle foi prêso e conduzido a Pernambuco; depois passou à Bahia, onde esteve quatro anos encarcerado com o rigor que o govêrno absoluto usava para os crimes políticos; ai assistia êle a essas expansões da imensa erudição de Antônio Carlos, que consolava a uns da desgraça, e a

outros instrua, como um livro vivo e eloquente.

Sólto em 1821, voltou ao Ceará, e eleito deputado às côrtes de Lisboa, tomou assento em 10 de maio de 1822. Foi companheiro de Antonio Carlos, Vergueiro, Barata, Muniz Tavares, Lino Coutinho e outros; apesar de muito moço e inteiramente alheio aos estilos parlamentares, apesar do aspecto imponente dessa respeitável assembléia onde tinha assento Borges Carneiro, Fernandes Tomás, Guerreiro, Ferreira Borges, Girão e mais homens notáveis de Portugal; o jovem deputado achou nas suas convicções a coragem necessária para acompanhar os seus colegas nessa luta parlamentar que preludiou a separação do Brasil.

Chegando a Portugal a noticia da independência, Alencar abandonou as côrtes com alguns outros deputados; e sem passaporte, não obstante a proibição do Congresso, passou à Inglaterra, e correu ao reclamo de sua pátria; achou porém a revolução consumada, e recebeu o diploma de deputado à Constituinte.

Nessa assembléia, seguindo sempre os principios de liberdade, sustentou os de ordem nas sessões agitadas que então apareceram; pelo que mereceu a simpatia geral, e a estima de D. Pedro I, que sempre o distinguiu. Dissolvida a Constituinte, voltou à sua provincia, da qual estava ausente havia dois anos; aí achou os seus amigos e sua familia comprometidos na revolução de 1824; preferiu-se comprometer-se com elles a abandoná-los.

Prêso e conduzido por Minas Gerais até o Rio de Janeiro, foi ser julgado na capital do Ceará pela comissão militar presidida pelo coronel Conrado, a qual proferiu sentença reconhecendo-o inocente e absolvendo-o. Passou êsse pouco tempo estranho à vida política, até que em 1828 as provincias de Minas Gerais e do Ceará o elegeram deputado à segunda legislatura.

Este fato bastante notável, era a reabilitação do seu passado político, se êle precisasse de outra além do reconhecimento da sua inocência pela comissão militar; o voto de uma provincia illustrada como a de Minas Gerais, que o tinha visto na desgraça, era a maior prova de consideração que podia merecer um cidadão.

Alencar optou pela sua provincia, como é de lei; e na vaga que êle deixou tomou assento Evaristo Ferreira da Veiga, eleito primeiro suplente. Foi nesta sessão de 1830 que êle mais se distinguiu pela sua moderação, defendendo como membro da comissão de poderes contra os liberaes exaltados, o direito que tinham José Clemente Pereira, Salvador José Maciel e Oliveira Alvares

de tomarem assento como deputados; devendo notar-se que nesta defesa, movida apenas por sentimento de justiça, êle corria risco de perder a sua popularidade à vista da excitação dos ânimos contra aquelas eleições.

Em 2 de maio de 1832 entrou no Senado, sendo o primeiro senador eleito pela regência; e foi aceito por aquela corporação, então quase tôda composta dos membros da primitiva fundação, como uma garantia contra as idéias da abolição da vitaliciedade, que começavam já a adquirir muita voga; recebendo no seu seio um dos membros mais proeminentes do partido liberal, o Senado julgava adquirir um defensor valioso.

Mas êle não contava com o caráter de Alencar; e não sabia que, deputado ou senador, êle votaria com a mesma facilidade pela idéia, desde que a considerasse útil para o país; e assim o demonstrou pouco depois, e em todos os atos de sua carreira parlamentar.

Nomeado presidente do Ceará em 1834, dedicou-se, durante os três anos que exerceu êsse lugar, a promover os melhoramentos morais e materiais que reclamava o estado de atraso de sua província. Purgou-a dos assassinos que a infestavam; fez punir todos os criminosos grandes e potentados; introduziu colonos naquela época em que nem se falava de colonização; mandou vir operários da Europa; criou um banco pequeno mas em relação aos recursos do lugar; reprimiu o tráfico, apreendendo o único contrabando que appareceu no tempo de sua administração, de modo que um só africano não escapou; e desenvolveu as obras públicas, construindo estradas e pontes.

Não tendo a província rendas para as suas despesas, tanto que recebia uma quota de Pernambuco para suprir o deficit, elevou a receita a ponto que não só cobriu aquelas despesas acrescidas com a criação da assembléia provincial, e os gastos feitos com a prisão de criminosos e com as obras públicas, mas deu para se enviar uma remessa à Inglaterra a fim de amortizar a dívida pública, fato de que não havia exemplo na província; e deixou ainda um grande saldo.

O maior elogio que se pode fazer da administração é que o ministro do Império em 1837, Vasconcelos, um dos nossos mais distintos estadistas, acérrimo adversário politico de Alencar, quando êste pela desistência de Feijó e mudança de politica foi demittido, recomendou ao seu successor, o conselheiro Manuel Felizardo de Sousa e Melo, que não desfizesse os atos da presidência anterior, nem hostilizasse o partido que a havia apoiado;

instrução que o novo presidente executou tanto quanto era possível naquele tempo de luta e opiniões extremas.

Voltando da presidência do Ceará, Alencar veio tomar em 1839 e seu posto de oposição no Senado, e aí foi um dos sete senadores que impediram durante um ano a passagem da interpretação do ato adicional, apesar de todo o esforço do governo e da maioria.

No ano seguinte planejava êle com Antônio Carlos, José Bento, Paula e Souza, Limpo de Abreu, Martim Francisco, Holanda Cavalcanti e outros a revolução da maioridade, que se realizou em 23 de julho, e que inaugurou o presente Império; ainda desta vez aceitou a presidência do Ceará para comprazer com os seus amigos, e evitar uma dificuldade ao ministério.

Foi o segundo e último período de sua vida administrativa, período durante o qual mostrou ainda uma vez a sua energia e coragem cívica em reprimir os movimentos sediciosos que alguns dos adversários da maioridade fizeram aparecer na província, e dos quais não se devem revolver as cinzas.

Voltando à oposição em 1842, em que teve de sofrer o processo de que falamos, nela se conservou até 1845, em que exerceu uma influência notável como um dos chefes da maioria que apoiava o ministério Macaé.

Desde então, ou porque julgou com razão que depois de tão longa luta tinha direito ao repouso, ou porque entendeu que os seus serviços não eram mais precisos, retirou-se da cena política; porém até hoje ainda nem um seu aliado dirigiu-se a êle que não encontrasse o mesmo liberal de 1830.

— O Fortalecimento do Capital —

Teodorico Barbosa

A literatura contábil já se acha bastante difundida. Mas, apesar disto ainda perdura, em muita gente, a mentalidade que empresta a contabilidade o fundamento escritural. Confundem, assim, uma das suas funções com a própria ciência. E, por assim entenderem, é que lhe restringem o campo de atividades, onde pudesse atuar mais eficientemente a serviço da economia da empresa. Estudando e demonstrando as variações econômicas e financeiras das aziendas, oferece elementos á administração, possibilitando-a a conduzir melhormente os destinos de seus negócios. Mas, conformam-se tão somente com o processo escritural dos fatos e com os resultados advindo destes, deixando á margem o exame dos efeitos que podem produzir na massa patrimonial. Não procuram avançar um pouco no tempo e averiguar a evolução dos seus processos técnicos aplicados para determinação das causas que provocaram aumento ou desequilíbrio na substancia líquida patrimonial das empresas. Se o resultado for positivo, ainda bem, porque o capital não foi atingido. Se negativo, não buscam conhecer o que originou esse estado de coisas. Quando, o que deviam fazer, qualquer que fosse o resultado, era procurar, através de um exame minucioso, a verdadeira posição dos valores integrantes de sua riqueza dinamica, fazendo a sua contabilidade sob vários aspectos, afim de caracterisar bem os quocientes relacionais dos valores ativos sobre os passivos, ou entre aqueles, de modo a positivar o seu estado geral. Conhecida, tecnicamente, a sua real posição, então possuíam informações seguras que lhes possibilitavam tomar deliberações administrativas no sentido de formular planos economicos e financeiros de fortalecimento de seu capital. Entretanto, quase sempre não é isso o que se verifica. A contabilidade não é olhada sob esse prisma. Vêem apenas nela um mero instrumento de escrituração. E aí nasce um dos fatores, que determinam o desequilíbrio patrimonial.

Não é assim. Hoje mais do que nunca, os bens economicos em produção de beneficios exigem controle eficiente que lhes possa acompanhar a marcha do seu desenvolvimento.

O illustre professor Luis Nogueira de Paula, em sua obra intitulada "Metodologia da Economia Política", mostra de maneira clara o quanto é importante a ciência contábil á pesquisa econômica. Vejamos o que diz o nosso renomado mestre de Economia Política a respeito da contabilidade emprestando-lhe o caracter de processo metodológico: " A Economia Política na ins-

tituição da teoria do comércio internacional, na determinação do lucro do empresário, na avaliação da renda estática ou dinâmica da terra, e no estabelecimento do preço de custo ou na análise de suas variações tendenciais e princípios diretores de outros processos de investigações não pode lançar mão a não ser da metodologia contábil".

Por aí verificamos que a economia, nas suas observações científicas, vai buscar, em grande parte, elementos nas demonstrações contábeis. Ora, se à Economia Política as suas análises representam contingente informativo para as suas pesquisas, o que não representariam para o desenvolvimento da Economia Aziendal?

As variações dos preços das mercadorias registradas nas épocas inflacionistas dão lugar a investigações de carácter técnico-contábil para estabelecer novas bases de fortalecimento de capital de empresa. A moeda depreciada do valor, reduz, consequentemente, o poder aquisitivo do capital. O fenómeno económico da inflação produz baixa no valor de compra do dinheiro. Logo, o capital da empresa não está representando o valor de constituição, visto, nessa época, não se registrava essa depressão económica. E se o seu valor monetário está reduzido, diminua a sua capacidade de aquisição. Nesse caso, o volume de compras se reduz, dando lugar por conseguinte, a redução de lucros. E outro reflexo dessa situação é a diminuição do crédito. Aí deve surgir a contabilidade para demonstrar a insuficiência do capital em face da desvalorização da moeda. Naturalmente, o valor que tem o capital averbado não atende às necessidades do momento, porque o seu poder de compra de hoje é inferior ao inicial. Torna-se, portanto, preciso reajustá-lo.

O reajustamento do capital aziendal é condição essencial nos períodos de instabilidade da moeda. Assim, constitue demonstração de boa ordem administrativa, reajustar o capital reprodutivo às variações correntes.

Somente com a reabilitação de valor aquisitivo, é que pode o capital se integrar dentro do quadro geral da situação, porque aí ele está com o valor correspondendo ao aumento de custo de mercadorias. Se assim proceder-se, continua inalterável o poder de aquisição de ativo. Portanto, eis aí um caso que, no campo da economia aziendal, pertence exclusivamente à contabilidade. E portanto esta não se confunde com a escrituração.

Pe. CICERO — O INCOMPREENDIDO

★ CELSO GOMES DE MATOS ★

Os milagres de Juazeiro, ocorridos em 1890 e condenados em 1894 na pessoa da beata Maria de Araújo, bem como a Revolução de 1914, geraram vítimas do meio, ecoando, de modo especial, por toda hinterlandia nordestina, a fama do Pe. Cicero.

De nenhuma outra sotaina, como a deste piedoso presbitero, obscuro naquele tempo, se tem dito, como do Pe. Cicero, tanto bem e tanto mal. Os livros de pessoas ilustradas que por aqui tem andado, alguns destes cavando a origem, o tronco do seu prestígio, são os mais radicalmente contraditórios.

Só um, o de Irineu Pinheiro, ponho a salvo, pela sua modestia.

Entretanto, quem acompanhar o Juazeiro de perto, como eu, que o acompanhei desde a meninice, logo compreenderá que ele merece tudo de mal quanto ao misticismo, mas muito em bem quanto á obra do seu fundador.

Não estou absolutamente de acordo com os que o condenam, e bem assim com os que o defendem. Até 1908 quando simples povoação, era a Meca dos sertões, a fazer crescer assustadoramente a figura do "Padrinho", o lugar de Antonio Conselheiro, a região dos misterios, ora cheia de milagres ora coberta de crimes, maldita dos Deuses, para a qual os soldados de Franco Rabelo olhavam atônitos, enfim, terra de vultos carismáticos como o Pe. Cicero, mas também de predestinados ao crime como Zé Pedro. Foi preciso que o Dr. Floro, procurando soergue-lo, mandasse matar o boi santo e ladrões dali, na rodagem Juazeiro-Crato, dando a essa gente um direito novo, para que Juazeiro entrasse nos eixos. Esse direito era o de matar, desterrar, cortar barbas como aconteceu com o "Compadre Chico", tudo sem formalidades jurídicas, sumariamente. Era dele o código do absurdo.

Nos jornais do tempo, se encontram as suas estapafúrdias correspondências com o Chefe de Polícia, enumerando um a um, sem falso reбуço, o numero de mortes feitas no reino da Iniquidade.

Era medida saneadora. Mas o Dr. Floro parece procurar nesta sua documentação comprometedora, não restringir a sua culpa, o que seria impossivel, mas dividi-la com o Governo do Estado. Depois, dê-se o seu a seu dono, o Dr. Floro não era homem de meias medidas.

Era franco, decidido e leal. Matava publicamente na terra em que êle era Rei.

E eis aí, de um lado, o Juazeiro dos milagres de Maria de Araújo, e do outro, o Juazeiro iniquo dos crimes de Zé Terto, Manuel Chiquinha e Zé Pedro, todos impunes, a cuja responsabilidade se procura, de modo injusto, vincular á batina do Pe. Cicero.

Mas analisemos a chamada "Guerra Santa", pondo de lado o caso da beata Maria de Araújo, a qual, depois de receber das mãos do Pe. Cicero a hostia consagrada, cãe em extase numa violenta crise nervosa. Foi o maior sucesso do tempo.

A respeito do fenomeno de as espécies eucaristicas se converterem em sangue, agiram *incontinenti* as autoridades eclesiásticas.

Era Bispo do Ceará D. Joaquim José Vieira, espirito cheio de fé e culto.

O astuto Prelado não aceitou as primeiras conclusões da comissão que nomeara, achando que a mesma provou demais! . . . "A Guerra Santa", no entanto, me oferece dados concretos e sôbre ela é que cãe a minha defesa do Pe. Cicero. Faz, agora, precisamente 40 anos que o Pe. Cicero—e por que não dizer o Dr. Floro? —lançou os seus romeiros contra os soldados do presidente Marcos Franco Rabelo. Dos remanescentes destas forças que tomaram o Crato na tarde de 24 de Janeiro de 1914, existem poucos. O Pe. Cicero se achava encurralado ao pé da serra do Horto sem poder entrar e sem poder sair com o seu povo circunscrito aos muros da cidade, quando o Dr. Floro e o Cel. Antonio Luiz resolvem transpor os valados e tomar o Crato, o que foi feito por setecentos e cincoenta homens, divididos em três colunas, e sob o comando de Zé Pedro, Manuel Chiquinha e Zé Terto.

No Crato se aquartelavam todas as forças do Governo, inclusive os principais chefes politicos do Cariri, notadamente o Cel. Felinto da Cruz Neves, Francisco José de Brito e José Francisco Alves Teixeira.

Faz isto 40 anos. Os poetas daquele tempo, celebrando, como sempre, tais façanhas, glosaram, desenvolvendo em verso, a carreira do Cel. Teixeira na direção do sitio Quebra, saindo daí, logo depois, para Fortaleza.

Rico, generoso e acreditado comerciante do Crato naquele tempo, era natural, dado o seu prestigio, que a sua casa fosse,

como foi, defendida por capangas e amigos.

Mas vendo o Cel. Teixeira deante de si, uma verdadeira onda vandálica, teve que ganhar o mato, e fugir. Foi feliz no entanto. Porque, sendo roubado, recebeu compensadora indenização do Govêrno Federal. Brito e Felinto da Cruz correram para os sertões de Pernambuco. Em debandada os chefes, e dias depois, vencido o bravo comandante Jota da Penha, vencido estava o Govêrno. Por sua vez, o canhão de Emidio Sá fracassou.

E Ladislau, depois do ataque a Juazeiro, fugiu. Acabaram-se as formaturas militares.

Tal se tornou a desorganização das forças legais sob o comando de Ladislau que êste, fugindo para Barbalha, levando ao seu lado, como refém, o deputado Antonio Pinto, falara ás tropas, trepado numa calçada, nos seguintes termos:

—Camaradas, é triste confessar, mas o Pe. Cicero é quem ganha.

A seguir, tomando novo trago da cana do Lameiro, acrescentou, tirando da cabeça o chapirão de feltro:

—Deus é grande, mas o Pe. Cicero é maior. Vocês já não teem mais comandante. Cuidem de si.

Os soldados, como era natural, um a um foram dando as costas, e êle continuou bebendo, suando e gelando.

É sempre aí, em tais conjunturas, que aparecem os trovadores de Juazeiro, sempre prontos por tenlência atávica para canonizarem pessoas vivas, bem como para atribuir a Deus as victorias da terra. Deus e o Pe. Cicero são a mesma coisa:

“ Não tenho capacidade
Mas sei que não digo atôa
Padre Ciço é uma pessoa
Da Santissima Trindade! . . .”

O bem da terra, promovido pelo Pe. Cicero que, diga-se de passagem, já não tinha vontade própria, como o mal, não vinham de ninguem, mas de Deus.

Caida, com a morte do Penha, a linha Maginot de Miguel Calmon, espalharam-se pelo Cariri os poetas.

Andavam de viola no sacco, cantando.

Foram vistos aqui, em Juazeiro e Barbalha.

Depois, em Bodccó. E mais tarde, no Granito.

Não sabiam êles do mêdo, e da desorganização que também, por sua vez, lavrava em Juazeiro a ponto de o Dr. Floro já ter no seu quintal uma burra preparada para a fuga.

Um dia mais de vida ao Penha, e estava tudo perdido.

Não sabiam que o Dr. Floro já havia convidado o Cel Pedro Silvino, conforme confissão deste a mim e ao Dr. Irineu Píneiro, para se suicidarem ambos, caso fossem vencidos.

E cantaram alto e em tom tão sublimado essa vitoria que, pelo exagêro, chegam a comprometer o Padre, dizendo o que êle nunca disse, por exemplo:

“De 10 até 19
Sofre quem nunca sofreu
De 20 até 29
Corre quem nunca correu
Corisca, troveja e chove
Perde quem nunca perdeu”.

Padrinho Cicero venceu
a guerra sanguinolenta
os rabelistas correram
pegados no pau da venta
foi arte do satanaz
deixaram pra nunca mais
essa campanha nogenta

Meu padrinho sempre dizia:
se acabou a grande guerra
pela inveja do diabo
o sangue ensopou a terra
amanhã o mundo geme
e depois a terra treme,
minha palavra não erra

Derramou-se o sangue humano
da parte do povo mau
se via enxames de balas
torando galho de pau
Teixeira correu no tiro,
em vez de fazer um giro
fizeram foi um girau

O romeiro todo dia
tinha da benção conforto,
ou acordado ou dormindo
ou brigando ou mesmo morto

vencendo os perseguidores
davam viva a Mãe das Dores
viva a igreja do horto

Durante a guerra que, como diziam os repentistas, durou 90 dias, o Pe. Cicero que já não era êle, porque a sua voz era a do Dr. Floro, ordenara que não se perdesse munição, e rezassem o rosario e o terço.

Eles entenderam que os tiros deveriam ser certos.

Balas, só gastas nos peitos dos rabelistas e não nos passos.

Vem dai esta infeliz quadrinha :

“Botem o rosario na mão
Reparem o Oriente
Atenção, muita atenção
Cuidado com certa gente
Preciso dizer de novo:
Que quando laçar o povo
O espete no ferro quente.

Nunca, posso asseverar pelo conhecimento que tive da pessoa do Pe. Cicero, foi êle capaz de mandar que se laçassem os rabelistas e, depois de te-los presos a um laço, os espetassem, como faz o diabo, em ferro quente. Depois, esta guerra não era dele, era do Floro e Pinheiro Machado.

Não procurou a guerra. Esta é que vindo a ele, a aceitou resignadamente, embora por gestos, e não por palavras, a condenasse. Não queria ver o sangue do seu semelhante “ensopando a terra”, como dizem poetas, ao pé da viola.

Quando foi da tomada do Crato deu, antes, a benção, na qual, bastante contrariado, mandou que se não perseguissem os fugitivos, deixando para estes duas estradas abertas: a do Alto do Seminário e a do Lameiro.

Para essa grade de sua casa onde costumava dar a benção, foi levado, quase a fôrça, pelo braço do Dr. Floro a quem obedecia.

Depois desta cerimonia, se trancara no seu quarto.

E a beata Mocinha, confirmando aquela velha definição de Aristoteles sôbre a curiosidade das mulheres, contava que, olhando pelo buraco da fechadura, o vira de pé e a rezar fervorosamente, traçando no ar com um crucifixo u'a cruz na direção do Crato. Eis o homem. Este, o Padre.

Este, o homem que, já no fim da vida, padecia nas mãos do Dr. Floro. Este, o Pe. Cicero, fundador do Juazeiro.

Os atos de sua vida, desde humilde e obscuro capelão, foram sempre de bondade e não de vingança e ódio.

Foi, todavia, e continua a ser, um incompreendido.

Ainda a voz da história não lhe deu a verdadeira voz de Deus. Pe. Cicero, se pecados teve, foram unicamente os de tolerar a santidade de Maria de Arsujo, a qual cresceu Juazeiro, crescendo-lhe também a fama.

Acredito que fosse um paranoico. Nunca um mau homem.

O médico Fernandes Tavora é da opinião de que o processo mórbido da paranoia se desenvolveu nele, de modo expressivo, desde a adolescência.

E o Pe. Azarias Sobreira afirma que era manifesta a sua paixão da gloria e contemporização com o fanatismo, nunca o condenando á maneira de S. Paulo, cada vez que os seus discipulos, cegos pela fé, queriam confundir-lo com o próprio Deus.

No Seminário de Fortaleza, confirma o prof. Laurenço Filho, já demonstrava o seminarista sinais evidentes de mitomania.

Tanto assim que o Padre Chevalier pôs duvidas á sua ordenação.

Mas o formigão, apesar de místico e voluntarioso, recebeu ordens sacras das mãos de D. Luiz Antonio dos Santos.

Ordenado em 1870, veio residir no Crato, sua terra natal.

Parecia filho de Juazeiro, o qual em 1908 possui apenas, em todo o seu perímetro urbano, duas mil e quinhentas casas inclusive as de taipa e palha. Era povoação. Pertencia ao Crato.

Admoestado certa vez, porque sendo filho do Crato puxava mais por Juazeiro, respondeu com muita logica e senso:

—Menino, Crato é minha terra, mas Juazeiro é meu filho.

E o interlocutor que era pai, deu-lhe sobejas razões.

Mas concluamos aqui para não tomar mais espaço á revista e paciencia ao leitor, acrescentando —poucas vezes na historia do Brasil contemporâneo um homem—**doublé** de vigario e prefeito, delegado da terra e do céu, foi tão extraordinariamente **VISTO** como o Pe. Cicero. A proposito, sem propósito, e sob preço variavel, foi cantado em prosa e verso, passando ora como um santo, ora

como um demônio, ou ainda, como um demente iluminado.

Nada disto é aceitável de modo definitivo. Ainda não se fez a história do Pe. Cicero.

Porque, quanto á revolução de 1914, se me fosse dado apontar os responsáveis, eu apontaria o Dr. Floro e o general Pinheiro Machado, e nunca o Pe. Cicero.

Também na história dos milagres eu noto o esquecimento da atuação direta do prof. José Joaquim Teles Marrocos que foi o teólogo desta questão religiosa local. Marrocos morreu misteriosamente levando para o túmulo os segredos do sangue. Nada, portanto, está devidamente esclarecido a não ser a argúcia do Bispo que importou na condenação final da Igreja.

Nota: Compadre Chico, como era conhecido, era um fanático iluminado que usava barbas crescidas á Nazareno e pregava teologia ás multidões, servindo-se para reforçar os seus argumentos de citações latinas. Alto de estatura, voz tonitrante, tinha para identifica-lo todos os caracteres somáticos do legitimo camecrâneo (cabeça chata).

Não deixou filhos que lhe herdariam — quem sabe ? — as qualidades mentais e antropológicas.

O seu todo atrevido de evangelizador barato de tal modo encomodava o Dr. Floro que este não teve dúvidas: mandou prendê-lo e cortar os cabelos e a barba.

Nesta mesma semana foi preso o beato José Lourenço e esquartejado e vendido na feira o seu boi santo, um belo zebu que lhe dera o Pe. Cicero. No Crato, com o meu testemunho e do Dr. Irineu Pinheiro, chegaram de uma vez duas rêdes. Eram duas vítimas da rodagem Crato -- Juazeiro.

O prefeito, o Cel. Antonio Luiz, foi em pessoa á cadeia onde os cadáveres se achavam no chão e mandou que as rêdes voltassem para Juazeiro.

Impressões de uma Viagem aos Santuários da Europa

(Palestra pronunciada pelo Ten.-Cel. Raimundo Te'es Pinheiro para os cadetes do Centro Militar Cristo Rei, em Fortaleza, no dia 14 de Setembro de 1954.)

Prezado amigo Coronel Ventura

Minhas senhoras

Reverendíssimos Padres

Meus camaradas

JOVENS CADETES !

Num momento oportuno e feliz, por iniciativa da minha querida e já falecida esposa, decidimos empregar parca economia amealhada em 20 longos anos, numa peregrinação à Europa, no Ano Santo de 1950.

E, talvez, por isso e porque sempre fomos e continuamos a ser católicos, o nosso prezado e distinto Capelão Militar, com a aquiescência entusiasta do vosso Comandante e nosso prezado e velho amigo Coronel Ventura, fez-nos amável convite para dizer-vos algo do que pudemos observar naquela inesquecível viagem.

E aqui estamos, não para fazer-vos o que eles chamaram pomposamente de conferência, mas para contar-vos, na intimidade da Família católica militar, um pouco do que pudemos vêr no período de dois rápidos meses e que, sobretudo, robusteceu sobremodo a nossa fé inabalável em Deus, na Virgem Imaculada e nos Santos da nossa predileção.

Procuraremos apresentar-vos a moldura simples do quadro grandioso que Deus, na sua infinita misericórdia, houve por bem permitir que se gravasse, para sempre, no nosso sub-conciente ..

Partindo da enseada do Mucuripe numa manhã de junho, dez dias depois visitámos, em Tenerife, a Pia em que fôra batizado e a casinha em que nascêra o veneravel ANCHIÊTA, o abnegado apóstolo das nossas selvas, o santo fundador da trepidante cidade de São Paulo, cujo 4º centenário vem de ser comemorado com retubância universal.

E na manhã de 13. desembarcámos em Lisboa, e após per-

correremos a limpíssima e moderna cidade, e visitarmos o simpático e atraente Cardeal Cerejeira, orâmos aos pés de uma pequena imagem do maior orador sacro do seu século, o glorioso S. Antônio,—quem não o conhece?— na cripta da igreja que lhe tem o nome e que é, justamente, o quarto em que nascêra, no antigo e senhorial solar dos Bulhões, aos 16 de Agosto de 1196.

A sensação que despertou em nossos sentimentos... Bem, num pequeno esforço de imaginação, calculem os senhores.

Em seguida a demoradas visitas aos empolgantes mosteiros dos Jerônimos, Alcobaça e Batalha, e aos palácios reais de Queluz e Sintra, visitámos Fátima, e orâmos numa capelinha construída sobre o local da azinheira em cuja copa apareceu Maria Imaculada, em 1917, aos 3 pastorinhos — Lúcia, ainda viva, Jacinta e Francisco, já mortos e cujo túmulo visitámos no humilde cemitério local.

De regresso a Lisbõa, em Santarem, contemplámos o milagre da Hóstia Ensanguentada, cuja consagração se efetuára há 700 anos... e com Ela recebemos a Santa Benção.

De que se trata? Conto-vos sumariamente:

Naquela tão recuada época, uma judia " macumbeira " — permitam-me á expressão — prometera a uma espõsa infeliz que lhe faria voltar a paz no lar, se conseguisse uma Hóstia Consagrada; a ingênua e desditosa senhora, numa manhã de luz, dirigiu-se à igreja local, recebeu a Jesus Hóstia das mãos do sacerdote e retirou-se rápidamente, colocando a Santa Particula no seio, a fim de leva-La áquela que prometêra restituir-lhe a felicidade perdida; no adro, viandantes perguntáram-lhe se estava doente, considerando que suas vestes, na altura do seio, estavam empapadas de sangue; assombrada e aturdida com o fato, correu para sua residência, depositou a Hóstia ensanguentada numa arca e, nervosa e extremamente aflita, deixou passar o dia, e à noite, insõne, nada revelou ao espõsc; em dado momento ouviram cânticos partidos do local em que se achava a arca, e interrogada sobre tão estranho e inusitado acontecimento, contou-lhe, então, o ocorrido e dirigiram-se pressurosos para a arca; encontraram-na aberta e iluminada, caíram de joelhos e oraram contritamente tôda a noite; na manhã seguinte, cientificado o vigário, foi a Hóstia Sagrada conduzida à igreja em pomposa procissão. E lá ainda está ensanguentada, como a vimos de bem perto, faltando apenas uma pequena porção, provavelmente a que tocou na lingua da desventurada...

Maravilhas sem conta poderíamos contar-vos de Portugal,

berço dos nossos antepassados, mas passemos a Lourdes, a pequena e miraculosa cidade, verdadeiro presépio ao sopé dos Pirineus, onde, no fundo de um grande e belo parque, "se ergue o mais belo, o mais espiritual e o mais impressionante Santuário do mundo", assinalando as aparições da Virgem Santíssima a Bernadete Soubirous.

Na mesma noite da chegada, anciosos, visitámos a Basilica, onde uma multidão de peregrinos belgas, holandezes e de vários outros paizes, ouvia o sermão de um sacerdote flamengo, num silêncio absoluto, sem o farfalhar de um leque — e o calor era esaldante — nem o mais leve sussurro que perturbasse a voz do pregador a ressoar naquela abóbada imensa.

Por uma avenida larga e sombreada de plátanos, à esquerda da Basilica, ao som do cascadear do rio La Gave (embora fôsse quase meia noite e estivéssemos fatigados por dois dias de viagem de trem), dirigimo-nos para a Gruta das Aparições que, pouco adiante, "majestosa em sua simplicidade, surgia iluminada por centenas de velas e de cirios postos em tocheiros junto ao altar e aos pés de Nossa Senhora".

Ao lado da gruta, numa série de torneiras, escorria a água cristalina e miraculosa que, levada por milhões de peregrinos, se encontra em tôdas as partes do mundo. à cabeceira dos que sofrem, "como um bálsamo e como uma esperança".

Em frente, separadas por uma grande cobertura de flores, inúmeras filas de cadeiras ocupadas por crentes e curiosos em silêncio tumular.

"É um ambiente de paz, onde se tem a impressão de aspirar um ar de santidade e de fé", no qual ficámos mergulhados, radiantes, dois curtíssimos dias.

Ouçamos, agora, a palavra de um querido amigo, illustre médico cearense que, após 35 anos de indiferença e mesmo de incredulidade, voltou feliz — e nós testemunhámos emocionadíssimos — ao seio da igreja católica:

"E, quando se vai ao museu de Lourdes e se vêem os milagres feitos por Nossa Senhora; quando se examinam as paredes internas da Basilica, recobertas, de alto a baixo, por exaltadas expressões de agradecimentos à Senhora de Lourdes; quando se assiste ao desfile frente à gruta, de centenas de carrinhos conduzindo doentes, todos rezando e com os olhos brilhando de felicidade ou de esperança; quando se acompanha pelas avenidas desse recinto santo, a procissão da tarde e a da noite se-

guida da benção aos que sofrem e que, de olhos erguidos para a Virgem, imploram por entre preces:—Senhora! Curai-me! Senhora! Aliviai meus sofrimentos!; quando se ouve a Ave Maria cantada ao mesmo tempo em diversas linguas por milhares de vozes; quando se sobe a ladeira íngreme e silenciosa do Calvário que, com estátuas de bronze, reproduz o martirio de Jesus; quando, de joelhos, se chega ao alto da Escada Santa, não há quem resista ao impulso d'alma e não caia de joelhos pedindo à misericordiosa Senhora de Lourdes que lhe conceda a graça de um pouco desse fervor e dessa fé que luz nos olhos dos que crêem, que fêz os mártires da cristandade e que ressucita dcentes desenganados.

“E foi em momento como êsse que o sábio Alexis Carrel, então cético impernitente, vendo o milagre de cura de Maria Ferrande, sua cliente de muito tempo e doente de uma peritonite tuberculosa cientificamente considerada incurável, soltou esta invocação que é um misto de fé e dúvida, um grito d'alma que é também o desejo ardente e sincero de uma reconciliação com Deus:

—“Virgem doce que socorreis os infelizes que Vos imploram humildemente, protegei-me! Eu creio em Vós! Quisestes responder à minha dúvida com a manifestação de um milagre. Não sei compreende-lo. Duvido ainda. Mas, o meu maior desejo a mais alta finalidade de tôdas as minhas aspirações é crêr perdidamente, crêr cegamente, sem discutir, sem criticar. Vosso nome é mais suave que o sol da manhã.

Tomai o pecador inquieto, de coração atormentado, de fronte abatida que se consome a procura de quimera. Sob os conselhos profundos de meu orgulho intellectual jaz, desgraçadamente sufocado, um sonho, o mais facinante de todos os sonhos, o de crêr em Vós, de amar-Vos como os frades de alma immaculada”.

“E foi também em um momento como êsse, quando senti minha alma tocada pêla graça bendita da fé por tôda a vida procurada, que eu, por entre lágrimas de emoção, de alegria e de felicidade, soltei uma invocação semelhante, ardente e sincera, agradecendo à Misericordiosa Senhora de Lourdes a benção e a paz que Ela se dignou me conceder”.

Prossigamos:

De emoção em emoção, num ritmo crescente, vimos e tocámos, em Paris, na Casa Mãe das Irmãs de Caridade, na cadeia em que se sentou a Imaculada Conceição quando appareceu a Sta. Catarina Labouré, em abril, junho e novembro de 1830,

e sugeriu a criação e propagação da Medalha Milagrosa; observámos extasiados o coração de S. Vicente de Paula, como se ali fôra colocado há poucos dias, e o corpo da meritória Labouré; e além, na igreja de Sainte Etiene, as cinzas de Sta. Genoveva, a protetora da cidade milenária.

Em Lisieux, na Normandíe, tão sacrificada pelo flagelo tremendo da última guerra, visitámos a imponente Basílica em acabamento, e a capela onde descança o corpo de Sta. Teresinha, aquela que foi elevada à glória dos altares no curto espaço de uma geração, e cujo culto "confirma os milagres de uma vida povoada de bondade a espargir sôbre as dôres dos que arrastam prolongadas amarguras, as benções de uma felicidade prometida"; e pouco além, numa sala do Carmelo, comovidos e respeitosos, vimos pequeninas cousas do seu uso diário, e seus bellos cabelos de louro suave...

Poderíamos demorar mais na França, falar-vos sôbre as maravilhas de arte do Palácios de Versailles e Fontainebleaux, de Malnaison, do Louvre, dos Inválidos, da glória de Napoleão; desejaríamos pintar-vos um rápido esboço da magnífica Suíça, mas voemos rápidamente sôbre a bela Itália.

Em Milão, bonita, rica e progressista cidade, além do célebre Teatro Scala, onde se immortalizou o nosso CARLOS GOMES, visitámos a belíssima e monumental catedral gótica, trabalho magnífico de 5 séculos, impressionante pelo arrôjo de sua construção, admirável por suas 300 setas e 3.000 estátuas filigranadas no mármore; em forma de gigantesca cruz latina, com 5 naves internas, separadas por uma floresta de 153 colunas artisticamente esculpidas em arabescos e florões de mármore, abriga inúmeras estátuas de santos e belísimos "vitraux" representando 144 cenas bíblicas. (Para uma idéia de grandeza: a nave principal mede 150 metros de comprimento e a sua área total é da ordem de 2.000 ms².)

Ai, junto a uma porta lateral, visitámos o túmulo de S. Carlos Borromeu.

Passando rápidamente em Verona, pisámos a terra em que se desenrolou o romance de Romeu e Juliêta; demorando um pouco mais em Pádua, na monumental Basílica de Santo Antônio—"o Santo do mundo inteiro", na expressão do papa Leão XIII—orámos, tocámos no seu túmulo e admirámos a sua lingua intacta, quase como se viva fôsse, objetos do seu uso e um pedaço da cruz de Cristo. Guardemos bem que Êle aqui faleceu aos 13 de junho de 1231, com apenas 35 anos, e foi canonizado 11 menses depois (30-5-1232).

Em VENEZA, apreciámos maravilhas de arte na igreja de S. Marcos e no célebre Palácio dos Doges, de onde não nos furtámos à curiosidade de transpor a famigerada "ponte dos suspiros".

Em FLORENÇA, nos embriagámos do belo e em PISTOIA, no cemitério brasileiro, em tocante cerimônia cívica, homenageámos os 450 irmãos que lá repousam no sono eterno, tombados que fôram no cumprimento do dever, em holocausto à liberdade e aos princípios cristãos.

Em ASSIS, na imponente Basílica, orámos, tocámos no túmulo do "poverello" S. Francisco, o glorioso e humilde êmulo de Cristo — que tanto veneramos em CANINDÉ, vimos o seu paupérrimo e rôto hábito, a pedra rústica que lhe serviu de traverseiro, os seus silícios, o regulamento da "ordem" escrito pelo seu próprio punho e a roseira que perdeu os espinhos em nela se atirando, em momento de tentação, o mavioso poeta que enalteceu o "Irmão Sol", o "Irmão Fôgo", a "Irmã Água"...

Em ROMA, a capital do mundo católico (silenciemos sôbre as belezas profanas, sôbre a empolgante maravilha de arte do museu do Vaticano, da Capela Sixtina), visitámos as catacumbas de S. Domitilla, as majestosas Basílicas de S. Paulo extra muros, de S. João de Latrão, e de Sta. Maria Maior; subimos de joelhos a Escada Santa, a mesma em que subiu Jesus para ser julgado por Pilatos, e nos extasiámos na Catedral de S. Pedro—maravilha de suntuosidade, belesa imponente que cobre uma área de 15.000 metros quadrados, abriga 45 altares, 450 estátuas de mármore e de bronze, 750 colunas de mármore, de bronze e de alabastro, e na qual se destaca a monumental cúpola de Miguel Ângelo, que é sustentada por 4 pilastras, cada com 70 metros de circunferência, ornadas de nichos e balcões, sob a qual, majestático, está o tabernáculo de Bernini, todo de bronze dourado, com 30 metros de altura, e sob êste, repousando o sarcófago de S. Pedro.

Aí, nêsse ambiente estonteante de rara beleza, num momento de vibração descomunal e de emoção culminada com as lágrimas, fomos recebidos em audiência e abençoados, juntamente com outros 60.000 peregrinos, por Sua Santidade o Papa, que assim nos falou em distinto português:

"E agora, aos queridos peregrinos e ao amado povo do Brasil, saúdo com o mais profundo afeto e dou a minha benção com tôda a unção do meu coração de Pai, e assim também às suas famílias, parentes, amigos e doentes que lhes são caros. Espero que o Brasil continue fiel à sua tradição de fé católica e

abenção todos os objetos religiosos que se encontra agora em poder dos amados peregrinos”.

Depois, na mesma imponentíssima Basilica, em novo, feliz e venturoso momento, assistimos à rara cerimônia de uma canonização: vimos, em tocante cerimonial, subir à glória dos altares a equatoriana Sta. Maria Ana de Jesus Parêdes.

A seguir, no meio de imensa multidão em impecável ordem, visitámos, numa pequena igreja, o corpo da mimosa santinha Maria Goretti, canonizada pouco menos de um mês antes, com a presença de sua velha mãe, e que fôra assassinada em 1902, e cujo assassino ainda vivia recluso num convento.

Quanta emoção, quanta felicidade, quanto arreobo de fé !

E por fim vimos, em Nápoles, em duas ânforas, o sangue coagulado de S. Januário, que, miraculosamente, se liquefaz no 1º Domingo de Maio, a 19 de setembro e a 16 de Dezembro; e em Gênova, as cinzas do precursor João Batista, das quais não é permitido que se aproximem as mulheres.

E a seguir, saturados de belezas artísticas, são de espírito, plotóricos de fé, retornámos ao Brasil querido . . .

Jovens camaradas !

Ano e pouco depois, golpeado profundamente, fulminado, mesmo, com a perda irreparável de um ente querido, verguei como a árvore fustigada pelo vendaval . . . Mas, encouraçado por uma fé ardente no Creador e na Virgem Imaculada, suergui-me e estou de pé, cumprindo o meu dever, servindo ao nosso Deus, à nossa Pátria e ao nosso Exército.

Fortaleza, 14 de Setembro de 1954

Raimundo Teles Pinheiro — Ten-Cel.



PAGINAS ESCOLHIDAS DE UM ESCRITOR CRATENSE

AO ARARIPE

— JOSÉ CARVALHO —

Serra, azul, do Crato, Araripe imortal, eu de ti me lembro com saudade, e, de longe, embora, te saúdo e proclamo bendita!

Bendida, sim! porque abres os teus seios fecundos, desabrochados em fontes d'aguas cristalinas e perenes que descem cantando entre os seixos das ravinas e vão regar e fecundar as terras abençoadas dos teus pendores!

Serra bendita entre todas as serras, vestida com o teu manto verde-azul de esmeraldas, mãe prolifera das Fontes, és tú que alimentas a vida e geras a felicidades e a paz de todas as gerações do teu povo.

Abençoadas sejam por isto, tuas entranhas e abençoadas sejam os teus flancos transbordantes de linfa, clara como as filigranas de prata.

Os teus Sítios alcandorados com sua casaria branca e os seus engenhos rumorantes, vivem derramados pelo teu regaço, como filhos amados e são belos e ricos como uma prole feliz e ativa de Titans ou de Genios.

E quando chega Maio — o mês de Maria e das Flores — os sítios, para te saudar, se apendôam de flamula, e pela encosta e pelo vale afora, todo o canavial, em festa, estremece e flutua ao vento, como um grande manto de sêda fulgurante estendido aos teus pés.

Se fosses da Grecia, dos tempos pagãos, serias, de certo adorada como uma deusa e cantada como a encarnação mitologica das forças da Natureza: serias, porventura, Céres, serias Pómonas, serias Venus, — as deusas das Ceáras, dos Pomos e da Formosura Ideal

Sim! Porque és formosa como a divindade pagã que nasceu das espumas do Mar. Tu és a Mãe das Ceáras que amadurecem no regaço dos teus vales fecundos. Tu és a Mãe dos frutos saborosos que pendem balouçantes dos avergados ramos dos teus Pomares.

As palmeiras cantam nas tuas esarpas, com os grandes leques abertos ao vento como uma porção de harpas eolas e divinas.

Cantam em ti as aves, as arvores e as aguas; és toda portanto um hino!

E até do meu tempo, a toada dos engenhos de madeira

quebrava deliciosamente, o silencio augusto das tuas madrugadas embalsamadas e tranquilas !

Ah ! como era bom acordar com a toada constante dos en-
genhos !

Eu quizera que a minha saudade fosse uma Lira de muitas
cordas e que nela pudesse eu cantar as minhas Recordações.

Então cantaria, tambem, a formosura das tuas Colinas que
como um bando de ninfas, tributárias à sua Rainha e Senhora, vi-
vem a teus pés, banhadas de sol e coroada de flores.

Como são belas as Colinas que correm ao lado dos vales
comosuas inseparaveis irmãs !

Como se enfeitam elas ! com que profusão inconcebivel de
flores, com quantos festões de ramos olcrantes não se engrinal-
dam ou não se toucam perfumadas e felizes para festejar as de-
licias de Maio !

Quantas vezes não galgava eu o alto de uma delas para con-
templar, ao longe a tua Cidade branca, formosa, fulgurando ao sol,
como um bando de cisnes, pousando sobre um lago tranquilo de
esmeraldas.

E no alto estavas tu radiante, serena, feliz, presidindo os des-
tinos daquela terra que parece uma concha azul, de perola, aberta
para o Ceu.

Ah ! que si os destinos me permitissem uma Graça : ter ali,
no alto daquela Colina, donde se avista uma Torre, encerrados
numa urna tosca de pedra, dentro de uma pequena Mesquita bran-
ca, os restos desta vida que por ali teve o seu berço !

Assim não deixaria nunca eu de te olhar, Serra querida, e
Torre abençoada, cujos sinos cantam as alegrias cristãs da gente
de minha terra.

Dali, Cidade pequenina e gloriosa, Mãe dos Herois de 17,
berço dos Alencares, os restos desta vida obscura, que por lá teve
o seu berço, ficariam sentindo, ao menos, o rumor intenso do teu
grande futuro : sentiriam de lá, de dentro de sua pedra tósca, o
rugir e silvo de tuas locomotivas possantes; o estrugir e apitar das
fabricas, no labor incensante de tuas industrias remuneradoras ; o
crepitar das maquinas poderosas, tangidas pela electricidade, creadas
pelas quedas dessas mesmas aguas mansas e cristalinas, derivadas
então, para um tal mister; sentiriam por cima, no azul do ceu, o
bater das azas fabulosas dos grandes aeroplanos ; e, por fim, de
certo, a voz de tuas multidões futuras, fremindo de ardor civico,

nos dias das grandes festas nacionais em que serão celebrados os feitos illustres dos teus filhos illustres !

E tu, serra querida, Serra Azul do Crato, Araripe imortal, Serra bendita entre todas as serras, Mãe prolifera das fontes, fecunda como Céres, formosa como Venus que nasceu das espumas do Mar, Mãe dos sitios e dos Brejos risonhos, Rainha das Colinas que são irmãs dos vales, por um dos quais deflue o Batateiras, sinuoso e claro como um fio de prata deluido, em cujas aguas amigas, eu saltei, em creança, recebe, Serra, a minha saudação un-gida de saudade

E que Deus—a Providencia Suprema — te conserve sempre fecunda, não permitindo jamais, —oh ! nunca—que se tornem estereis as tuas entranhas abençoadas, fazendo estancar as aguas de tuas fontes benfazejas !

Pará—Fevereiro—1919

Itaytera

José Alves de Figueiredo



S OBERBO como o Himalaia
Êste penhasco se ergueu,
Foi dizer no alto às nuvens,
Lá bem pertinho do céu:
—Nasce a meus pés, sonora,
Qual novo Jordão sagrado,
Água tão pura que lava
Té a mancha do pecado !

A fonte ficou jorrando,
Fluindo assim rumorosa,
Da cavidade granítica
Secreta, misteriosa !
Há quantos anos ? Há séculos.
Mesmo há milênios, talvez !
As vêzes carpindo mágoas,
Rindo, cantando outra vez !

Êstes sons se eternizaram
Em dulçurosa harmonia,
Vindo encher os meus ouvidos
Da mais tocante poesia !
Como eu ficava enleado
Ouvindo a sonoridade
Que vem do ventre da serra
Nessas horas de saudade !

Como se fosse num sonho
Bem cheio de encantamento,
Remonto-me aos dias idos
Nas asas do pensamento,
E vejo essas águas livres
Aprofundando, em coleios,
Ou retas abrindo aos saltos,
Por sua conta, os seus veios !

Tudo aqui eram visões
Deslumbrando minha vista !
Beijava, ao leve a corrente
Bentivi paraquedista ;
Descia o jorro em vertigem
Formando bela grinalda
Zumbiam enxames de insetos
Na folhagem de esmeralda.

A natureza em redor
Bordou encantado ambiente;
Cobriu com flôres em tufo
Toda encosta viridente !
A água saindo apertada
Por entre pedras em rumas.
Borrifava tudo aos lados
Com seu turibulo de espumas !

Densas sobes pintalgadas
De flores azuis, vermelhas,
Abriavam bandos de aves,
Davam quartel às abelhas;
Soavam sublimes cantos
De pagãos, de velhos cultos;
Andavam sátiros, faúnos,
Pelas ramagens ocultos !

Quantos ipês festonados
Jogando os ramos no ar
Ficavam gemendo em cima
E a água em baixo a cantar !
Rolando, sempre rolando,
Pela selva virginal,
Dissedentava as encostas,
Indo a caminho do val.

Quantos segredos nos ninhos,
Nos silvedos que frescura
Por tudo sonora música
Da adolescente Natura !
Que sustos não tinha a lua
Quando ao ver-se na corrente,
O jaguar vinha espreitá-la
Raivoso, rilhando o doente !

Era aqui tudo amorável,
 O' primavera sem fim!
 Beijavam-se aves voando,
 Tudo livre, livre assim!
 Cariri Pagé um dia
 Trouxe aqui um branco audaz
 E bem ali ao pé da fonte,
 Quebrou a flexa da paz!

Desde, então, tudo mudou,
 Ficou tudo desolado!
 Caiu a virgem floresta
 Aos golpes do vil machado!
 Mas o branco guiando as águas,
 Em rêgos, cheios de curvas,
 Subindo, ou descendo aclives
 Tornou-as assim mais turvas.

Mas por onde elas passaram
 Brotaram hortas viçosas,
 Jardins, herdades, pomares,
 A sua ação generosa!
 Surgiram canaviais
 Que, desfaldando o pendão
 Proclamam grande opulência
 Nêste famoso rincão!

E hoje, assim, sem liberdade,
 Aprisionada em comporta
 Obrigaram-na a escoar-se
 Nos limites de uma porta;
 Seu canto perdeu o ritmo
 É um tristonho lamento,
 Ou queixa quase dorida
 Que sobe p'ro firmamento!

Não cantes mais! Chora, chora,
 Chora sempre Itaytera!
 —São as bagas do teu pranto
 Origem da primavera,
 Eterna, sempre cantante,
 Por êstes cimos nevados,
 Pelos valados cobertos,
 Dessas constantes floradas.

Os intelectuais de Crato falam sobre o Cariri e suas lutas seculares

F. Corrêa de Araújo

CARIRI,—em sua bárbara ressonância, o vocábulo sempre me foi hermético, místico, quase misterioso. Em "JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS", interessante monografia de Irineu Pinheiro, médico humanitário e historiógrafo cratense dos mais abalizados, professor dos mais eminentes e pesquisador de todos os arquivos, já lera eu que muitos emigrantes baianos, fascinados pelas minas de Morros Dourados e pela fertilidade do solo caririense, estabeleceram-se no grande vale, bem ao pé do planalto do Araripe.

Denizari Macedo, cratense desterrado no litoral, mas vivendo espiritualmente no Crato, já me assegurara que na ponta sul da Estrada de Ferro do Ceará, sugestivas ruínas evocavam as primeiras lutas dos povoadores pernambucanos, antigos posseiros ali radicados, através da indústria de moer canas e fabricar rapaduras em toscos engenhos - de - pau (ou banguês), semelhantes às primitivas mós de pedras, tão magistralmente pintadas pelo escultural pincel de Frei Luiz de Sousa.

Precisava conhecê-los. E parti. Enquanto a composição, ao ritmo compassado de seus motores a "diesel", elimina velozmente a grande distância, em minha imaginação esbatem-se esparsas recordações de leituras de adolescente, onde perlustram encardidos retratos de negreiros implacáveis, sadios, furibundos, gigantes de ébano a voltear-se iracundos, sob o azorrague canibal, pragas, gemidos, gritos, soluços, imprecações. E tudo isso num vale paradisíaco, em meio a colunatas de troncos nervados e erguidos como catedrais imensas, árvores ubertosas e turgidas, largas folhas reluzentes, cantares de canários esturdios e nervosos, policrômicos frutos, a desprender-se de entrelaçados ramos, flôres muito brancas, —tapete verde, quase quimérico, de quando a inocência e a honra se não tinham, ainda, exilado do coração dos homens. Sou, por certo, o primeiro a descer do trem. Tenho a frente, meio oculta por esbeltas palmeiras, um prédio de dois andares, de construção portuguêsa, conquanto deva ter sido reparado há alguns anos.

A minha aproximação, um vulto muito claro, finos traços de antiga nobreza, que longe notára na varanda vizinha, desenha-se mais nitidamente, ergue-se, desliza sorrateiro, em direção à primeira porta, e some-se como diluído na sombra interior do prédio lateral esquerdo. Era uma mulher, aparentemente fidalga. Não mais a vi.

Fui, afinal, quem menos lucrou da visão. Muito, porém, gabei da viagem.

Na fachada do hotel, bêm ao destaque, uma placa de metal, com impertinência norte-americana, ostenta em côres berrantes e tracejado vivo: **CRATO HOTEL**.

De vagar, pisando o chão de manso, subo a escada em espiral. Em meio do caminho, um fula esguio, acobreado, de feições corretas, sussurrou em tom interrogativo: "Armando". Não, retruquei, sou "armandista". A resposta pareceu-me desconcertá-lo. Talvez não fosse absoluta a tranquilidade de sua consciência de eleitor.

Pelas ruas irregulares, à luz do sol causticante, formam-se rodas de homens graves, sentenciosos, com ares de quem se consulta reciprocamente sôbre questão de monta. Em sua maioria, são entrados em anos, quase sempre de elevada estatura, fortes, alguns bem queimados, e outros tão claros como a gente da orla marítima.

Minha presença passa-lhes despercebida. Alguns olhares, ou quase todos, se estão voltados para os últimos trapos de nuvens a espriar-se sôbre a tapeçaria azulada do firmamento. Ia eu até jurar que haveriam de falar de sementeiras próximas, de amanhã de solo, que, dentro em breve, seria empapado de chuva, de terras fôfas, aráveis, capazes de renovar, no milagre redevivo da matéria, o grão de milho, arroz ou amendoim... Puro engano. Falariam de letras, literatura e artes.

DUARTE JUNIOR, prevenido, régulo patriarcal, dá gôsto no apuro e asseio de seu jaquetão de linho, muito branco. Foi para honrar-me, certamente, que o vestiu. Para **DUARTE JUNIOR** a pobreza do Estado, casada à pobreza das populações não permite uma assistência financeira com as exigências escolares. Daí, por que, adianta êle, as "espessas camadas infantis das nossas cidades, frente ao reduzido número de escolares, evidenciam o excesso da infância abandonada, exposta ao perigo dos vícios que as contaminam e deformam" (De A Provincia, num. 2. ano 54).

Pe. **ANTONIO GOMES DE ARAÚJO**—, figura austera de virtudes imperecíveis, traz, porém, o coração aberto a todos os mortais. Seu retrato ficará em minha lembrança como um símbolo, êste historiador modelar que, na feliz expressão de Renato Braga, "não copia o Barão de Studart," mas pesquisa, descobre, por si mesmo, investigando, como verdadeira traça de arquivos. Para Mozart Soriano Aderaldo, é o Pe. Gomes um dos maiores expoentes intelectuais do Ceará, o qual muito lhe deve em pes-

quisas. Haja vista a esta recentíssima, em que éle, em interessante monografia, vem afirmando que D. Bárbara Pereira de Alencar não é cearense, mas natural de Cabrobó. Isto sim. Sômente os laços de afinidade espiritual fazem-na filha do Ceará.

E por este muito sofreu, juntamente com seus estremecidos filhos José e Tristão.

Pe. GOMES DE ARAÚJO, misto de intelectual e de gentleman. É destes modelos da Igreja antiga, tronco resistente de raízes teimosas que, desde tempos bíblicos, mergulham no solo e nele descobrem ainda, apesar de seus sessenta janeiros, seiva bastante para sentir o frémito de novas primaveras, na alegria de viver.

Vergôntea débil que as ventanias dobram em todos os sentidos, mas que se não quebra antes de atingir a plenitude: é pontual como um cronômetro de navio.

CELSE GOMES DE MATOS, para quem a guerra de 1914 foi feita pelo Dr. Floro, e não pelo Pe. Cicero, "êste exemplo de castidade do clero cearense; isso por que" o padre visivelmente comovido, recomendava, dominando as turbas, do alto de sua janela gradeada: cerquem, dizia, a metade de Crato, deixando abertos os lados do Sul e do Poente: quer dizer, os lados do Seminário e do Pimenta, afim de que possam sair por ali as famílias e os fugitivos". Aquelas recomendava muito respeito

OTACILIO ANSELMO E SILVA, belo exemplo de "causeur", afeito às lutas do passado, guarda de reminiscências imorredoras do velho Cariri: conflitos de feira, seu encontro com Luiz Padre, cadáver ensanguentado de Zé Leite, Beato da Cruz, penitenciando-se de haver assassinado os pais, aparecimento do primeiro automóvel, assalto do sitio NASCENÇA do Coronel Basilio Gomes, praticado pelo grupo de Sebastião Pereira e Luiz Padre. Ah! como eu compreendo bem a olimpica indiferença com que meus leitores haverão de passar a meu lado, na ponte, e o descaso por cousas que tressandam a velharia. É que sou representante de uma raça insaciável e ávida, para quem a terra vale tanto quanta a beatitude.

Duma raça que "suou e tressuou", fazendo tressuar os outros, para que a mancarra, o coconote é a borracha fizessem recheiar o bojo alargado dos enormes galeões fumegantes, que cruzaram os mares de outrora.

Aos intelectuais de Crato, guardas vigilantes dos remanescentes de civilização e cultura de nossos povoadores e desbravadores, mormente aos diretores de A PROVINCIA é que

não devo esta explicação, por que sei de seu nível de adiantamento, nesta bela e encantadora Crato, "linda princesinha do Cariri, entronada ao sopé da serra do Araripe", na frase lapidar de Fernando José das Neves.

Crato, igualmente, é princesa de nossas liberdades políticas.

Podemos afirmar, com Irineu Pinheiro, que, no Ceará, a independência se fêz do interior para a litoral, ou, para sermos muito precisos, de Crato para Fortaleza.

Ninguém desconhece que foi "Dona Bárbara, mãe dos irmãos Alencares, quem preparou a refeição dos rebeldes, mandando comprar ao contratador 2 libras de carne salgada, matando 3 galinhas, pondo á mesa 3 garrafas de vinho".

Quem não sabe que "José Martiniano de Alencar, vestido de batina e roquete proclamou a Independência e a República, armado de faca, instrumento que se não casava bem com as vestes de sacerdote, simbolo da paz e da humildade"?

Fracassada a intentona, porém, foi o Pe. José Martiniano de Alencar o único que de faca em punho, tentou resistir á ordem de prisão.

Conta Irineu Pinheiro que, ao ser algemado, o Pe. José Martiniano de Alencar recebeu do ferreiro, propositadamente ou não, forte pancada de camartelo no punho, a que Alencar respondeu com enorme gemido. O irmão dêste, que já se achava algemado, ergueu os braços já presos, e, violentamente, sacudiu-os na cabeça do ferreiro, que, por pouco, não caiu desmaiado.

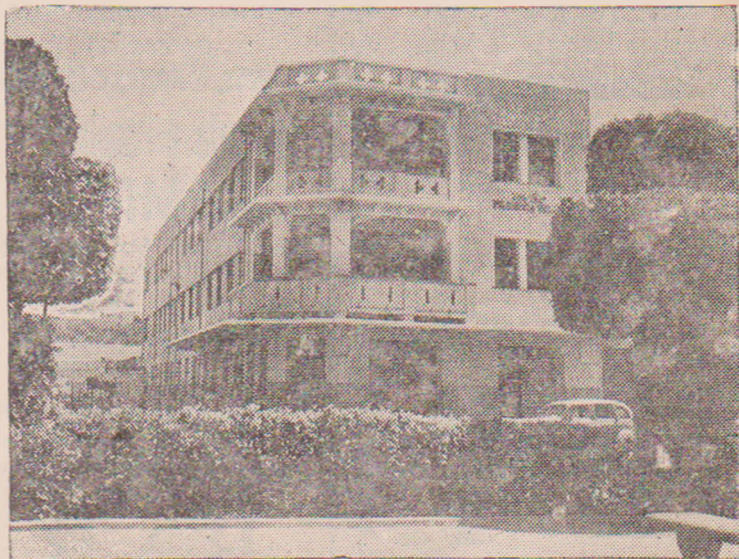
É que a notícia do levante, encabeçada pelo capitão-mor de Crato, ao qual se deveria aliar o paraibano, Pe. José Corrêa e Sá, homem de grande prestigio político, poderia ter erguido o ânimo dos rebeldes do Recife. Vitoriosos ali os rebeldes, com apôio de tôda a cidade, esclarece RAIMUNDO GIRÃO, organiza-se um govêrno provisório, presidido pelo Pe. João Ribeiro Pessoa Montenegro e de que faziam parte Domingos Martins, o Advogado José Luiz de Mendonça e o Coronel de Milícia Manuel Correia de Araújo. (Em HISTÓRIA DO CEARÁ, pag. 118—119, edição de 1954).

Tivemos, dessarte, a sonhada república nativista, que durou, vitoriosa, 75 dias em Pernambuco e 8 no Ceará. Dona Bárbara de Alencar seria livre em virtude do perdão dois anos depois, até que, em 1821, foram todos postos em liberdade ou anistiados.

GRANDE HOTEL

SITUADO NO PONTO MAIS CENTRAL DA CIDADE.

*Ótimos quartos — Asseio — Bom tratamento —
Ambiente de família.*



Proprietário: **ARISTIDES CISNE**
PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS
Edifício Filgueiras Teles
Entrada pela Rua José de Alencar

POSTO REGENTE

— de **MÁRIO CORREIA DE OLIVEIRA** —

Gasolina Texaco, Óleo,

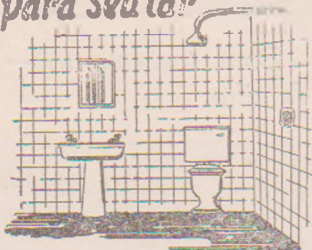
Lavagem de Carros,

Lubrificação e Pulverização.

Rua Barbara de Alencar

CRATO - CEARÁ

para seu lar



o **CONFORTO** e **DISTINÇÃO**
de sanitários **MODERNOS!**

É UM ESTABIMENTO COMPLETO de LAVATÓRIOS
VASOS, ACCESSÓRIOS AZULEJOS ETC. NA
CASA QUE, NO CRATO, É A MAIOR E MAIS
CONCEITUADA ESPECIALISTA NO GÊNERO

B. BEZERRA & CIA

(SÓMENTE ARTIGOS de QUALIDADE)

Rua BARBOSA de ALMEIDA 176

CRATO CEARÁ

Rua BARBOSA de ALMEIDA 176

CRATO CEARÁ

FERRAGENS
E
ESTIVAS

Máquinas:

Crosley

e

DANUBIA

Livraria e Papelaria

RAMIRO

FUNDADA EM 1928

Grande estoque de livros
didáticos, romances, etc.

Óptica e artigos para
presentes.

Quadros, Molduras e Espelhos

Livraria e Papelaria

RAMIRO

MANTÉM UMA SEÇÃO
GRÁFICA

FONE: 21-73

Rua Dr. João Pessoa, 110
CRATO - CEARÁ

BAR
Social

de Francisco de Paula Bezerra

Bebidas, bolos,
doces e conservas.

Nesses dias a inaugu-
ração de sua Fábrica
de Gêlo

Praça Francisco Sá
CRATO—CEARÁ

vimentadas de Crato a tocarem marcha e baião, sempre com o porta bandeira na vanguarda, a tirar esmolos, com uma bandêja, para o Santo, cuja festa se comemora na ocasião.

Nas festas comemorativas do Centenário de elevação de Crato à categoria de cidade, a 17 de Outubro de 1953, foi a cabaçal o principal atrativo dos folguedos folclóricos. Cinco ou seis bandas desfilaram pelas ruas, a tocarem baião, sambas, marchas e valsinhas dolentes. Dentro de pouco tempo, cada conjunto se fazia acompanhar de numerosas pessoas de fóra, que nunca tinham visto nem ouvido semelhante e original banda de música, em qualquer outra paragem. Organizaram-se verdadeiros grupos carnavalescos a fazerem o passo, acompanhando a caminhada dos PIPEIROS e zabumbeiros. Naquele dia, beberam êles à vontade e ainda chegaram em casa com os bolsos recheados de dinheiro, com as inúmeras dádivas dos visitantes de Crato.

Fóra de minha cidade, só ouvi essas bandas sui-generis, em Juazeiro do Norte e Exú. Soube que, tempos atrás, muitos daqueles conjuntos tocavam em festas dos subúrbios de Recife. Eliminou-as ali a civilização como o fez com os cantadores de CÔCO, que transportavam pianos pelas ruas centrais da capital pernambucana. Afirmou-me o amigo Prof. Antônio Teodorico Barbosa, natural de Alagôas, que naquele Estado, são

muito comuns as cabaçais, tais quais se encontram, em Crato. Uma delas chegou até a visitar o Cariri, há poucos anos. Era bonito e bem apetrechado conjunto, que além dos instrumentos usuais, usava também pratos idênticos aos das bandas de músicas comuns. Aliás, foi essa novidade introduzida em Juazeiro do Norte pelo Dr. Tomaz Pompeu Filho que assim obteve melhor efeito na tocata de Zabumba de Couro, isso há cerca de 30 anos. A moda, entretanto, parece que não pegou, em plagas sul cearenses.

Na mesma reportagem que citei atrás, de Martim Braunwieser, publicada sob o título: "O CABAÇAL", no "BOLETIM LATINO AMERICANO DE MÚSICA", há fotografia de uma banda de couro da vila de S. Miguel, no S. Francisco, com pífaro de palheta, como clarinêta, acrescido também de um réco-réco. O autor de "O CABAÇAL" acima citado, encontrou diversos conjuntos, em dois PIPEIROS, um zabumba e uma caixa, no interior do Estado da Paraíba.

No município piauiense de Pio Nono, na fazenda Condamdo, de propriedade do deputado Antonio de Alencar Araripe, havia zabumba de couro, porém, transplantado do Cariri. Ninguém a conhece nas zonas criadoras do Ceará e do litoral, tudo assim comprovando que tivemos colonização inteiramente diversa da de outras regiões cearenses.

Não resta a menor dúvida de que tiveram origem as cabaçais, em meio dos escravos africanos. Apesar da pouca contribuição do nêgro na formação do Cariri, seus costumes que perduram no Brasil, muito mais do que os do ameríndio, vieram-nos através da imigração da Bahia ou de Pernambuco.

Koster, em seu livro— "VIAGENS DO NORDESTE DO BRASIL", à página 273, escreve:

"Fez-nos ouvir a música que se usa nessa parte do país. Três nêgros com gaitas de fole começaram a tocar pequenas toadas enquanto estavam jantando mas pareciam tocar em tons diversos uns dos outros e às vezes supunha que um deles executava peça de sua própria composição.

Imagino que alguém jamais tentou produzir harmonias sonoras com tão maus resultados como esses chameleiros. A posse de uma dessas bandas empresta um certo grau de superioridade, e conseqüentemente, os ricos plantadores têm orgulho pelos seus músicos".

Mais adiante, á pag. 317:

"Um deles é uma espécie de tambor formado de uma pele de carneiro, estendida sobre um tronco ôco de árvore".

Parece o autor ter descrito o próprio zebumba das cabaçais do interior nordestino, pois, é formado de tronco ôco, coberto de pele de carneiro.

No mesmo livro há uma nota do conhecido pesquisador de nossa história e do folclore na-

cional, o escritor Camara Cascudo, e que diz nunca ter encontrado menção de gaita de foles tocada no Brasil e por nêgros.

Creio que houve erro de observação do autor estrangeiro, ou por outra, emprego de palavra não traduzindo bem o pifaro com bocal de palheta, ou mesmo simplesmente o de bocal lateral. O primeiro tipo é que ainda hoje é chamado gaita no sertão, em vez do realjo de bôca.

Parece que, Koster, em princípios do século passado, não fez mais do que descrever o embrião da música de couro, organizada depois com a junção do zabumba, pifaros e da caixa.

Na estrondosa festa de recepção, em Crato, ao Bispo de Fortaleza — D. Mancel Lopes, em 1909, o Major José Gonçalves, encarregado por muitos anos da festa da Padroeira, chegou a juntar mais de trinta bandas cabaçais, todos os seus componentes fardados e com suas bandeiras bem novinhas. Foi a nota mais atraente para a meninada daquele tempo. Mais até do que a competição das bandas de músicas verdadeiras, de Crato e de Barbalha.

Com a morte daquele cratense, misto de comerciante a agricultor, as cabaçais passaram a declinar, embora seu irmão Major João Evangelista Gonçalves, também já falecido, tenha tentado reorganizá-las. Mas, a luta do progresso contra o passado é bem árdua. Meu pai.

José Alves de Figueiredo, quando prefeito, tentou proibi-las na cidade. Naquele tempo, tudo que não vinha de fóra, não estava de acordo com a civilização que começava a penetrar no interior. Não podíamos, de forma alguma, apresentarmos ao visitante, vindo do litoral, com músicos tão bisonhos e primitivos. O estudo de folclore estava ainda bem em seu início. A tradição apresentava-se como inimiga número um do progresso.

A mentalidade atual mudou. O que é bom, que nasceu com o povo, deve ficar e ser incorporado ao patrimônio do Brasil. Se não fossem as bandas de músicas de couro, as sanfonas dos pés-de-serras e dos sertões, as violas lânguidas e monótonas, não teríamos doado ao país o popularíssimo baião que começou a invadir até as terras estranhas. Esse gênero musical existia há mais de um século, conservado na tradição do povo que nunca conheceu as sete notas de escrita da música. Hoje o ritmo do baião derrama-se pelo Brasil e começa a extravasar-se pelo mundo afóra.

A Cabaçal também não está mais circunscrita á música de carater regional. Executa marchas e sambas carnavalescos que seus componentes ouvem e aprendem de ouvido nas amplificadores de som, que pululam em vilas, povoados e cidades do interior. Há pifeiros que tocam dobrados bem marciais. O Sr. Vicente Silva to-

cou em frente de minha casa, com sua banda, marcha de sua composição que ficaria bem em qualquer banda de música do exército, ou da policia.

Dão os pifeiros modulações várias, em seus instrumentos de taboca, que mais parecem flautas de 12 chaves. Acredito que fazem isso porque um deles faz o solo, enquanto o outro faz o acompanhamento, empregando a maior técnica que aprendeu de ouvido ou inventa de cabeça.

A Cabaçal já evoluiu, em seu ritmo musical depois que os anglo-saxônios Koster e Gardner a ouviram na primeira metade do século pretérito. Tanto assim que os ouvidos do paulista Martin Braunwieser, de sangue germânico mais familiarizado com a verdadeira música do continente europeu, a entenderam com maior carinho e simpatias, quase no meado do presente século.

Executam os componentes da banda de couro músicas onomatopáicas de compositores locais, que são bastante apreciadas pelos caboclos dos campos e dos bairros das cidades carienses. O baião é o gênero que mais gostam. PIPOCA é um baião que imita o milho pipocando no fogo. MARIBONDO é tão agressivo em notas agudas quanto aqueles insetos tão valentes e de ferroada tão causticante. CACHORRA é como se fosse a cadela a gritar com o açoite. Notei que

cabaçais diferentes tocam CACHORRA de maneira diversas umas das outras. Parece-me até que sendo gênero, embora originário do baião, já possui certo grau de emancipação. Isso só poderá ser melhor identificado por alguém que entenda bem de música.

Pifeiros e zabumbeiros não são tocadores somente. Dançam ao mesmo tempo que tocam, aqueles músicos matutos. Saracoteiam o baião tal qual se dança a há mais de cem anos. Há passos diversos. Alguns deles podem confundir-se com o frêvo pernambucano. Já vi tocador de zabumba dançar com um pé só, pulando vara deitada, a tocar no seu volumoso instrumento, sem perder o compasso da música e da dança. Há trejeitos diversos, muitas vezes exigindo verdadeiras proezas acrobáticas. Há tanta riqueza coreográfica no baião tradicional, dançado pelos pifeiros do Cariri, que pode superar até o frêvo do Recife. Há caboclos que dançam, tão bem ao som do popular ritmo sertanejo, que conseguiu dominar o Brasil de norte a sul, que não têm medo de munir-se de duas afiadas facas de pontas e saírem incolumes depois de saracotearem passos diversos e arriscados.

Mesmo com o declínio do prestígio do Cabaçal, nos últimos anos, ainda podemos ver conjuntos bem apetrechados como o que existe no sítio cratense Francisco Gomes.

Zabumba e caixa são bem acabados e pintados esmeradamente. Os pifaros são de metal e bem reluzentes. Mas, isso é uma exceção apenas. O comum é vermos zabumba e caixas toscamente trabalhadas e os pifaros de tabocas com os sete buracos furados a espeto quente.

A Cabaçal não morreu no Cariri. Seus componentes, trabalhadores dos sítios e dos engenhos, alguns deles já morando na cidade, ainda tocam e dançam, arrancando melodias dos rústicos instrumentos. Possuem também seu ritual de tocatas e danças para o novenário do mato. Reverenciam Santos com cerimonial bem complicado de passos e trejeitos que mostram terem praticado muito em ensaios.

O progresso não deve eliminá-la da paisagem pitoresca da terra caririense. As festas da Padroeira e as comemorações do Dia do Município, de cada localidade, devem trazer para a rua e praças as bandas de couro de seus sítios. Não é prova de matutice e de atraso. É o Brasil do interior que precisa ser conhecido, com o seu rico folclore, forjado neste caldeamente de três raças diversas, cada qual com seus costumes e hábitos que aqui se fundiram tão harmonicamente. A Banda Cabaçal é expressão de arte do povo. Mostra que a nossa gente tem sua música, que nasceu, desde os primórdios da colonização. A banda

de couro é também trabalho em equipe. O indivíduo se dilue naquele conjunto, comprovando que o sertanejo tem o espírito inato de cooperação. A Cabalça precisa ser conhecida e estudada, principalmente por algum musicista que queira pesquisar as verdadeiras raízes de nossa música popular. Mais tarde, o zabumba, embora ca-

racteristicamente regional, tende a perder sua feição própria absorvido todo pela música que nos vem de fóra. Até o baião já nos chega despersonalizado, dos morros e das avenidas do Rio, despojado da singeleza em que nasceu, nos sertões, pés-de-serra e brejos do Nordeste.

Janeiro de 1955

CRATO—HOTEL

Situado à Praça Francisco Sá

Num dos pontos mais aprazíveis da cidade, nas proximidades da estação rodoviária e da gare da estrada de ferro de Baturité.



Asseio — Quartos Amplos — Bom tratamento —
 AMBIENTE FAMILIAR.

Proprietário: RAIMUNDO RIBEIRO
 CRATO — CEARÁ

Os Poetas Populares - Juriti e Beija Flor -

Há pouco material folclórico na tradição popular em torno do engenho de rapadura e da cana de açúcar, compativamente ao boi da zona de criação.

Às montado nas almanjarras, ao açoitar ou ao espicaçar, com a vara de ferrão, as juntas de bois mansos, o tangedor preferia entoar lóas, bem lânguidas, ao bicho que puxava o engenho do que mesmo ao produto doce e gostoso que estava sendo apurado, lá em baixo, na casa das caldeiras.

Poucas vezes é que cantava, no aboiado, versos que enalteciam a rapadura boa do Cariri e sua fama, em todos os sertões do Nordeste :

"Neste mundo de meu Deus
Foi boa a repartição:
Piauí pra criá gado,
Pajeú pra valentão,
Cariri pra rapadura,
Rio do Peixe pra algodão."

O escritor cratense José Carvalho, em "Perfis Sertanejos", publicado, em Fortaleza, em Novembro de 1897, (1) fala-nos do cantador repentista Juriti que era exímio mestre de rapadura, dos engenhos caririenses:

"Tipo achamurrado, cabeça e pescoço de touro, venta chata, peito largo, fornido, voz cheia e sonora, foi Juriti o primeiro cantador de viola daqueles tempos.

Repentista feliz, rei dos cantadores, nunca encontrou competidor e nos sambas e **são gonçalos** era ouvido e aclamado com o respeito devido aos mestres e aos gênios. Revolucionou toda a alma sertaneja coeva e morreu sem nunca ser batido, orgulhoso, gloriosamente vitoriado, imorredouramente lembrado.

Mestre que era, teve também os seus discipulos bem dignos de sua escola.

O mais notavel deles foi o Vicente, um cabrinha, franzino, moreno, danado para o **repente**, que recebendo as primeiras li-

ções e ambicioso de renome e gloria, insofrego e dominado de gênio, saiu mundo a fóra, a cantar ganhando reputação e, levando todos de vencida, respeitado e temido pelos rivais.

Onde não chegava a voz de Juriti, chegava a do Beija—Flor que bem cêdo se sentiu grande e orgulhado ao ruído febril das aclamações”.

Beija—Flor andou pelo S. Francisco, penetrou de Bahia a dentro, sempre a abater cantadores afamados com os seus repentos e ao som da viola. Vitorioso em tantas pejeas precisava vencer o mestre.

Cedamos a palavra a José Carvalho:

“ Adeus ! Adeus ! que me vou
Em busca do Cariri:
A esta terra só volto
Quando vencer Juriti !

Quando o poeta chegou ao Cariri, soube que o seu velho mestre deixara, naquele ano, a vida boêmia e dedicara-se ao trabalho; que era mestre no engenho do capitão B.

Foi procurá-lo e ao chegar na roda do engenho, sem ter avistado ainda o rival, atirou-lhe, alto, este repto:

“Cadê o tal Juriti
Que as asas quero cortar ?

O Velho, com toda calma, sereno, respondeu com a sua voz sonora e cheia:

“Está mechendo rapaduras !
O fogo está muito quente.
As asas são muito duras
Amola a faca Vicente !

Interrompido o serviço, os dois cantadores apaixonados e vibrantes cantaram por espaço de três dias, findo os quais, o Beija—Flor reconheceu, e confessou em versos, que o Juriti ainda tinha forças para ser o seu mestre ”.

José Carvalho só não acertou foi na qualidade de profeta.

Juriti não foi “imorredouramente lembrado ”. Hoje, na bagaceira, no corte de cana e nas poucas almanjarras que sobram ainda de motorização dos engenhos, ninguém entoa mais os versos simples de Juriti, o cantor tão integrado na vida do en-

genho de rapadura. Agora cantam apenas sambas, modinhas carnavalescas e até o baião, prato bem da terra, nos chega deturpado pelo malandro ou pelo granfino das grandes capitais.

(1) Na biblioteca do deputado Antonio de Alencar Araripe há volume, rarissimo agora, de "Perfis Sertanejos" de José Carvalho. Nêle foi onde colhemos as notas sôbre Juriti e Beija-Flor.

N. R.

AERONORTE

(Em consórcio técnico com REAL — AEROVÍAS BRASIL.)

*Serviço aéreo regular com aeronaves
DOUGLAS DC/3 de 28 passageiros.*

Horário Para o Cariri

DOMINGOS E QUARTAS:

Chegada de São Luiz e Escala ás 13.00. Partida: — As 13.30 para Cajazeiras, Campina Grande, João Pessoa e Recife.

SEGUNDAS E QUINTAS:

Chegada de Recife e Escala ás 9.25. Partida: — As 9.55 para Fortaleza, Terezina, Caxias, Codó e São Luiz.

SEXTA - FEIRA

Chegada de Fortaleza ás 15.35 — pernoitando em Crato.

SÁBADOS:

Partida: — As 7.00 para Iguatu, Fortaleza, Parnaíba, Brejo, Chapadinho, Urbano Santos e São Luiz.

CONEXÕES:

Em Recife e São Luiz, para qualquer outra localidade do País.

Passagens — Encomendas — Cargas — Tarifas Reduzidas
Consultem nosso Agente: **ERNANI SILVA**

Em CRATO — Rua Dr. João Pessoa Ns. 116 e 118.
Em JUAZEIRO DO NORTE — Rua São Pedro, 373.
Endereço Telegrafico: "ERSIL" — CRATO

Serviço de Proteção ao Vôo — Instalação de Rádio Faról e Rádio Comunicação — Serviço perfeito e seguro.

O Crato visto de cima

LEVI EPITÁCIO

Você já se lembrou alguma vez de subir uma noite o bairro do Seminário, para contemplar lá de cima a cidade iluminada, que se estende pelos meandros do vale, avança pela encosta do morro e se insinua pelos declives, num verdadeiro labirinto de ruas e vielas? Não acha que é um espetáculo que paga bem a canseira de um meio quilometro de subida?

É como se a gente estivesse vendo dois ceus. No alto o firmamento pontilhado de estrelas luzentes com o seu estremecimento de fogo que se vai apagar mas não se apaga. E cá em baixo o formigueiro de luzes inventadas pelo homem no afan desordenado de imitar as coisas da natureza. É bonito, sim, aquela infinidade de luzes pequeninas, bruxoleantes. A cidade parece ficar ajoelhada aos pés da gente, e a gente se sente grande como aqueles reis das histórias de reinos encantados dos nossos tempos de criança. Velhos tempos que a borracha dos anos vai pouco e pouco apagando de nossa memória.

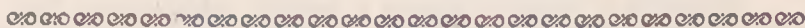
E a gente lá de cima se lembra dos milhares de problemas que afligem a vida dos cidadãos, no borbórinho em que se agitará no dia seguinte aquela cidade que parece morta mas que apenas dorme um sono fugaz de algumas horas. Quem

sabe se não está morrendo alguém n'alguma daquelas casas grandes lá em baixo, ou se não está nascendo mais um habitante da cidade que cresce... Esses pensamentos todos, milhares de outros pensamentos povoam a imaginação da gente que olha lá de cima, como o senhor que contempla orgulhoso, do seu trono, a multidão dos seus vassallos.

Dentro de dois minutos o observador fica esquecido de si mesmo, para só se lembrar daquela imensidade de casas enfileiradas nas duas margens do rio que corta a cidade. Do outro lado, no morro defronte, está a igreja de São Francisco, o bairro dos pobres, com suas linhas de construção moderna, que a operosidade do Pe. Vieira presenteou aos católicos do Barro Vermelho. Mais para baixo está o Colégio Diocesano onde algumas centenas de jovens se preparam para a vida, sob o olhar vigilante e amigo desse grande educador que é o Pe. Montenegro. Mais à direita está a Catedral onde se desdobra em atividades o vigário que D. Francisco em boa hora escolheu para dirigir os destinos da paróquia de N. S. da Penha. Um pouco além está o Ginásio Santa Teresa, outra instituição educacional que honra a terra cratense. Na

outra extremidade avulta a torre de São Vicente, na paróquia de São Miguel, dos padres da Sagrada Família, que tantos benefícios têm trazido para a nossa terra. Um pouco para a frente ergue-se o monumento do Cristo Redentor, no alto da coluna da praça Francisco Sá. E assim vão os nossos olhos

descobrendo um por um os pontos principais da cidade. E a cada nova descoberta o coração da gente bate de contentamento porque a gente pensa que o Crato de hoje é afinal aquela bonita cidade que há mais de um século sonharam os destemidos desbravadores das vertentes do Itayera.



AUTO IMPORTADORA CRATENSE LTDA.

End. Telog. AUTOCRATO — Caixa Postal 4 — Fone:— 22-76
Rua Monsenhor Esmeraldo, 175.
CRATO — CEARÁ — BRASIL

Distribuidora para toda região de produtos das mais afamadas marcas:

«Geladeiras»—«Maquinas de Costura»—«Enceradeiras»—
«Liquidificadores»—«Aspiradores de pó»—«Bicicletas»—
«Motores»—«Bombas»—«Rádios e Radiolas».

Toca-Disco automáticos e manuais —

ESTABILIZADORES E TRANSFORMADORES

Venda à vista e a longo prazo.

Peças e acessórios para automoveis e caminhões — Pneus
e Câmaras de ar — Baterias — Óleos e lubrificantes.

AUTOCRATO — Uma firma que garante os seus produtos.



CASA ABIDORAL

Recebeu: — Bicos, Bordados, Fitas, Gregas, Botões de enfeites,
Gravatas, Perfumes diversos.

*Meias e uma infinidade de artigos que só o freguês
pode ver melhor.*

Tudo por preços de abafar!

Crato — Rua Barbara de Alencar, 128 — Ceará

O CEARÁ' NA REVOLUÇÃO DE 30

OTACILIO ANSELMO E SILVA

Os nove meses que precederam a Revolução de 1930, no que se refere aos militares, decorreram sob um clima de apreensões e extraordinário labor.

Enquanto a oposição agitava a opinião pública com a bandeira vermelha da Aliança Liberal, o governo federal, através do Ministério da Guerra, tomava medidas acauteladoras para assegurar a ordem e preservar a disciplina.

Um duro regime de prontidões prolongadas passou a vigorar nas casernas, enquanto várias unidades do Exército se deslocavam de suas sedes. Daí a naturalidade com que recebemos aquele chamado ao quartel do 23º B. C., ao alvorecer daquela segunda-feira, 4 de agosto, não obstante nos acharmos em dispensa.

Ao chegarmos no quartel, encontrámos um ambiente desusado: as companhias em forma, respondendo chamada, o Batalhão em ordem de marcha e as suas repartições em febril atividade.

Tudo indicava que algo de grave estava para acontecer.

Como é natural em momentos semelhantes, começaram a circular no seio da tropa os mais alarmantes boatos. Alguém afirmava que o Batalhão ia embarcar para a capital da Paraíba; outros diziam que a Revolução rebentara no Sul. Uma atmosfera de expectativa pairava sobre a soldadesca habitualmente pródiga em notícias infundadas. Ao velho quartel do 23 continuavam a chegar apressadamente oficiais e praças, enquanto grupos de populares estacionavam no jardim das suas imediações.

Por volta das 10 horas, as desconfianças sobre o embarque foram confirmadas com a execução das seguintes ordens: encaixotamento do material do Almoxarifado, retirada das cozinhas de campanha e demais viaturas dos respectivos depósitos e distribuição do armamento e equipamento à tropa. Ainda mais: soube-se, logo depois, que dois trens haviam sido requisitados na R. V. C., em cuja estação central já se achavam de fogos acesos.

As ordens do comando foram executadas com absoluta presteza; assim é que, pelas 16 horas, o Batalhão estava em condições de embarcar.

Finalmente, às 22 horas, após as formalidades regulamentares, o 23 rompia marcha na direção da central da Estrada de

Ferro Baturité, ao som da sua excelente banda de música e sob o olhar curioso da multidão que se postara ao longo da rua Dr. João Moreira, apesar do adiantado da hora.

Depois de 1925, ano em que se deslocara para o Estado do Maranhão, reforçado com uma companhia de fuzileiros da Polícia Militar do Ceará, comandada pelo Capitão João de Moura Brasil, com o fim de dar combate à Coluna Prestes, era a primeira vez que o 23º B. C. deixava a sua sede para missão em campanha; um fato inédito para os seus novos quadros e efetivos.

Na gare da Central foram feitas as últimas despedidas da soldadesca às suas famílias e amigos em comovedores abraços. Pouco antes das 24 horas, depois do toque de BATALHÃO-AVANÇAR, um longo apito ecoou sobre o Morro do Moinho. Em seguida, vagarosamente, os dois trens começaram a rodar. Durante cerca de quarenta e uma horas, as duas composições percorreram o longo trajeto da Baturité, de Fortaleza a cidade de Lavras, onde o Batalhão desembarcou e acantonou, após uma jornada somente interrompida para os serviços do rancho.

Naquela cidade já se achava, havia meses, a 2ª Companhia, do comando do Capitão Paulo de Aguiar, a qual fôra incumbida de vigiar as vias de acesso ao Estado da Paraíba, fazendo parte do plano de cerco à terra de João Pessoa, plano este pôsto em prática pelo govêrno federal, desde as primeiras escaramuças ocorridas nas imediações de Princeza, entre a polícia paraibana e a gente de José Pereira, aquela sob o comando do valiente Capitão João Costa.

Com um dos seus pelotões acantonado em Missão Velha, a Companhia Paulo de Aguiar tivera como missão imediata a apreensão de armas e munição que os aliancistas cearenses, porventura, enviassem ao govêrno paraibano, por aquêlê trecho de fronteira. Todavia, fôra exatamente por aquêlê mesmo local e pelo ramal ferroviário da Paraíba que muitos rifles, fuzis e munição, disfarçados em volumes de rapadura ou mergulhados em barris de mel, alcançaram o seu destino, ardil fartamente utilizado pelo advogado Antonio Duarte Junior, em colaboração com o industrial Virgilio Maracajá, ambos influentes aliancistas do Vale do Cariri.

* * *

A essa altura dos acontecimentos, a conspiração revolucionária se havia estendido decisivamente nas fileiras do 23º B.C., não obstante a vigilância da Polícia Civil e a tenaz atividade do serviço de informações estabelecido no próprio Batalhão pelo seu

enérgico comandante, Tenente-Coronel Pedro Angelo Correia.

A direção militar da revolução no Ceará achava-se sob a responsabilidade de um grupo de jovens oficiais do Exército, pertencentes ao corpo docente do antigo Colégio Militar, os quais tinham a cooperação de alguns sargentos daquele estabelecimento e do 23º B.C.. Nesta unidade, porém, só havia um oficial chefiando a conspiração, o Tenente Carlos Cordeiro de Almeida, cuja capacidade, inteligência e bravura foram os fatores mais decisivos para o êxito obtido no transcurso da conjuração até o levante do Batalhão.

Por uma entrevista que concedêra o referido tenente ao jornal "Pátria Nova", dirigido por Renato Viana, na qual o jovem oficial rebelde fizera uma síntese da rebelião que chefiara, foi revelado que o ponto de reunião dos conspiradores era uma casa situada na antiga Praia de Iracema. Fôra ali que, sob u'a mesma bandeira, cheios do mais puro idealismo, inspirados no exemplo dos bravos revolucionários de 1922 e 1924, coordenaram planos para a revolta os tenentes Ary Hugo Brígido Correia, Júlio Veras, Carlos Cordeiro de Almeida, Landry Sales Gonçalves, Antonio Martins de Almeida e Djalma Bayma. Sim; porque, embora o movimento de 1930 tenha sido provocado pela campanha eleitoral da Aliança Liberal, aquela sedição foi, incontestavelmente, um prolongamento das revoluções dos dois 5 de julho.

* *

A preparação do movimento no Batalhão foi dirigida com verdadeira maestria. Houve todavia um contratempo que ia originando sério embaraço á sua eclosão, o qual se verificara no âmbito da 2ª Companhia, no acantonamento de Lavras. O fato que deu motivo à instauração do rigoroso inquérito de que fôra encarregado o próprio Comandante do Batalhão, não foi conhecido.

Evidentemente, estivera em Lavras um viajante comercial, o qual vendêra a alguns cabos, exemplares do livro "Coluna da Morte", da autoria do Cel. João Cabanas. Esse fato talvez tenha sido o ponto de partida para a febril investigação exercida sobre os suspeitos da 2ª Companhia pelo Major Fleury de Souza Amorim, então Fiscal do Batalhão, e que se desdobrara no rumoroso inquérito.

Em dias consecutivos, foram conduzidos à séde do 23, prê-sos e sob rigorosa incommunicabilidade, os cabos Antonio Orestes Maciel, Alberto Holanda da Costa e Antonio Waldemar Pireineiro; soldados Aquino José Nogueira, Manuel de Oliveira Li-

ma, Expedito Jerônimo da Silva, André Rufino dos Santos, José Rodrigues da Silva, Raimundo Gomes de Oliveira, José Carneiro da Silva e Francisco Pedro da Silva.

A condução dessas praças era feita parceladamente pela estrada de ferro, em composições especiais, com itinerário ininterrupto. Vale assinalar a façanha do soldado Aquino. Mais ou menos á meia-noite, o trém que o levava à Fortaleza corria no trecho montanhoso entre Canafístula (Antonio Diogo) e a estação de Itapai. Na metade daquela descida aterradora em que os trens correm perigosamente entre encostas e abismos, Aquino pediu ao comandante da escolta para ir ao gabinete sanitário, no que foi atendido - sem dúvida pela impossibilidade de fuga que a natureza do terreno e a velocidade do reduzido comboio lhe ofereciam. Aquino, porém, era exímio saltador, um dos bons atletas do Batalhão. O prodigioso salto em profundidade que executou da própria janela do gabinete sanitário, foi apenas a repetição de suas proezas nas nossas pistas de atletismo.

Em consequência dessa fuga foi instaurada sindicância para apuração da responsabilidade do chefe da escolta, o veterano Sargento Cordeiro, cujo resultado ignoro.

Aquino refugiou-se em Redenção, sua terra natal, desde aquela noite até a passagem por Açarape da primeira força revolucionária comandada pelo Tenente Júlio Veras, à qual se incorporou sob o espanto e contentamento dos seus companheiros.

* * *

A vigilância em tórno dos elementos suspeitos recrudescceu com a prisão das praças da 2ª Companhia. De vez em quando, alguém era chamado ao Gabinete do Comando, até mesmo por motivos fúteis como aconteceu com o autor destas linhas, por ter, em conversa com um colega, admitido a inocência do cabo Orestes Maciel.

Como parte das medidas de segurança do Comando, os cabos e soldados submetidos a inquérito foram mandados para a sede da 7ª Região Militar, em Recife, sendo recolhidos às prisões da Fortaleza do Brum. A escolta que os levou estava assim constituída: 1º Sargento Raimundo da Costa Nogueira, músicos Francisco Alenquer, José Peixoto de Oliveira, Sebastião Pequeno Montenegro e Otacilio Anselmo e Silva; soldado rádio-telegrafista Emidio Evangelista de Santana e dito sapador Antonio Rodrigues Loureiro.

Chegámos à capital pernambucana no dia 26 de julho, pela manhã. No velho quartel do 21º B. C., onde a escolta ficou

adida, tomei contacto com Luiz Nogueira Barros, músico daquela unidade e meu antigo companheiro no colégio do Dr. Francisco de Lima Botelho, em Jardim. Era o que me faltava: Luiz estava com a revolução. Falou-me sobre o movimento em perspectiva, das simpatias populares pela causa e da duvidosa contribuição do 21° B. C. à revolução. Pôs-me ao corrente das últimas violências policiais contra o povo do Recife, capitaneadas por José Ramos de Freitas. Por último, referiu-se ao Presidente João Pessoa, que naquela hora almoçava no Restaurante Manuel Leite, em companhia de alguns amigos, demonstrando receios de um atentado contra o governador paraibano.

Aquêles informes coincidiram com as minhas observações. Os elementos menos graduados do 21 estavam empenhados numa série de conflitos com a Policia, sem proveito algum para a revolução. Nada revelava a existência duma organização no seio da tropa para o futuro movimento. De fato, a rebelião no Recife foi iniciada pelos rapazes do Tiro de Guerra nº 333, sob a chefia de dois sargentos instrutores.

Mais ou menos às 18 horas daquêle dia, fomos arrancados do jantar, numa pensão à rua da Concórdia, pela notícia do assassinato do Presidente João Pessoa. Corremos à rua Nova. Uma incalculável multidão ali se achava em desespero. Arrojámo-nos no seio da massa de onde partiam apêlos ao Exército. Mas antes de atingirmos a Confeitaria Glória, o local do crime, fomos apinhados por uma patrulha do 21, para cujo quartel fomos conduzidos, juntamente com várias praças que ali se achavam entre a multidão exaltada. A policia foi impotente para reprimir o protesto popular.

No dia seguinte, à tarde, o cadáver do destemeroso presidente foi conduzido em trém especial para a Paraiba, saindo o enorme cortejo do necrotério de Santo Amaro, onde permanecêra velado pelo povo. Durante o trajeto, fez uso da palavra o Professor Joaquim Pimenta, em inflamado e memorável discurso.

Deixámos a capital pernambucana sob a mais aguda excitação popular. Recife revivia o seu passado de lutas. Os jornais de Carlos de Lima Cavalcanti, ao mesmo tempo que verberavam o atentado, concitavam o povo à revolta, não obstante o clima de insegurança e a coação policial.

Na Paraiba a indignação popular atingia o auge. Encontrámos a pequena cidade de Cabedêlo desolada. Os sinos da sua igreja ainda dobrando a finados, e as casas, desde as mais humildes, ostentando luto.

* * *

Ao chegar de volta à Fortaleza, dirigi-me à redação de "O Povo", fazendo entrega ao saudoso Demócrito Rocha, dos jornais do Recife, os quais publicavam farto noticiário dos acontecimentos ilustrado com várias fotografias, entre elas a de João Pessoa morto. Fiz, então, ao intrépido jornalista um relato de tudo que observara naquela viagem. O flagrante mais sugestivo da tragédia do Recife foi reproduzido na primeira página da edição imediata do corajoso órgão aliancista.

Foi aí que Demócrito — o homem de imprensa mais bém informado que já conheci — passou a dar-me seguras informações acêrca do Comandante Pedro Angelo. Declarou ser êle um lealista ferrenho, enérgico e de comprovada valentia. Fôra o carcereiro dos cadetes de 22 (textual); e em 1924, um dos mais bravos oficiais da Brigada Potiguara, no ataque à capital paulista, em cujos combates recebera vários ferimentos.

A propósito, há um fato digno de registro. Após o levante do 23, um emissário fôra incumbido de notificar a esposa do Comandante sôbre os acontecimentos de Souza. Fê-lo, entretanto, referindo-se à prisão do mesmo e ao seu bom estado de saúde. Conhecedora porém do caráter do esposo, teve aquela senhora a seguinte expressão para os filhos que a rodeavam:

"Filhos, botemos luto; vosso pai morreu".

Mais tarde, tive confirmação do que dissera Demócrito Rocha, por parte de um colega da antiga e extinta Escola de Sargentos de Infantaria, Elpidio Leite Cavalcante, o qual tivera um atrito seríssimo com o então Capitão Pedro Angelo, por haver, de sentinela, contrariado ordens do mesmo oficial, permitindo que dois cadetes se dirigissem juntos às instalações sanitárias da prisão.

Evidentemente, o maior entrave à revolução no 23 B. C. era o seu comandante. E ninguém tinha dúvidas sôbre isso, de vez que fôra designado para aquêlê pôsto como um chefe da inteira confiança do Ministro da Guerra, Gen. Nestor Sezefrêdo dos Passos, em substituição ao bondoso Comandante Guilherme Ribeiro Cruz.

Soube-se que momentos antes do embarque do 23, êle reunira a oficialidade no seu gabinete e assim falou:

"Vou partir com o Batalhão para o interior do Estado. Ai daquêlê que desobedecer minhas ordens".

Esse era o homem que os revolucionários do Ceará tinham pela frente.

De uma estatura muito acima do normal; ombros alevantados em consequência de ferimentos recebidos em combate; com uma ligeira lordose diminuindo-lhe o aprumo marcial; taciturno e aparentemente vagaroso; frio e impassível a qualquer emoção; de uma vontade inabalável e de uma energia impressionante, assim era o Tenente-Coronel Pedro Ângelo Correia. Trabalhador infatigável, vigoroso como um turco e pouco comunicativo, não demonstrava ser um oficial de vasta cultura. Mas naquêlê arcabouço de chefe exclusivamente ligado às leis e aos regulamentos, havia uma bravura excepcional, da qual deu prova irrefutável na madrugada de 4 de outubro.

Um instante de calma proporcionou-me fazer um juízo definitivo sôbre o nosso comandante.

Realizavam-se, na Matriz de Souza, as exéquias do ex-Presidente João Pessoa. No templo, o momento era solene, de profundo recolhimento. Enquanto o erudito oficiante pronunciava o seu discurso, corri a vista na massa de fiéis cuja maioria soluçava em silêncio.

O tema da oração girava em tórno da individualidade do presidente extinto, com um fundo eminentemente revolucionário.

Concentrei o olhar no Comandante Pedro Ângelo, que ali se achava em lugar de honra, no meio de sua brilhante oficialidade, e observei demoradamente a sua figura emergindo da multidão comovida.

Enquadrado na sua compostura militar, o Comandante permanecia com toda a sua fortaleza de ânimo. Era como se nada visse ou escutasse. Indiferente aos vôos de eloquência do sacerdote e ao pranto em surdina dos fiéis, êle se mantinha imóvel, sem o mínimo rictus no semblante de rocha, com o seu olhar duro fixado num ponto indefinido. Apenas, algumas vezes, passava os longos dedos da mão esquerda sôbre o vasto bigode negro, como era de hábito quando interrogava suspeitos...

* *
*

O Batalhão havia chegado em Lavras no dia 6 de agosto, exatamente às 17 horas e 15 minutos. No dia 12, às 6,30, deixava aquela cidade rumando ao ponto inicial da R. V. C., com todo o seu efetivo. Embora o nosso destino fôsse mais uma vez desconhecido da tropa, tinha-se como certo que nos dirigiamos

à Paraíba. O nosso comboio era o da testa, onde se instalara o Estado Maior do B. C. Ao atingirmos a estação de Paiano, hoje Arrojado, a vozeria da soldadesca prorrompeu em côro nos vagões, num palpite unânime e jocoso: "Direção à direita—Marche! Direção à direita—Marche!" Com efeito, os combois tomaram o ramal da Paraíba. Depois de passarmos pela localidade de Umari, próxima à divisa, uma ordem pôs fim aos cânticos e toques de corneta. Penetrámos o Estado da Paraíba em completo silêncio.

Precisamente às 13 horas chegámos na estação de Souza. Como de costume, o primeiro a desembarcar foi o Comandante. Da janela do nosso carro, vimo-lo receber os cumprimentos do Coronel Elísio Sobreira, Comandante da Polícia Militar da Paraíba. Com a sua baixa estatura contrastando com a gigantesca figura do Comandante Pedro Angelo, o Coronel Elísio representava, da maneira mais eloquente, o símbolo da luta desigual que a pequenina Paraíba sustentara contra o govêrno federal.

Desembarcada a tropa, formadas as companhias em coluna, o Batalhão marchou para a cidade ao pêso das mochilas, sob um sol ardentíssimo. Do centro da cidade as sub-unidades dirigiram-se aos seus acantonamentos adrede designados. Cada uma ocupou um edificio, com exceção da Companhia de Metralhadoras Mixta, que, juntamente com o Pelotão Extraordinário, acantonou na Igreja do Bom Jesus, ainda em construção. Aquela junção era u'a medida preventiva do Comandante, pois eram as sub-unidades da sua maior confiança, as quais ficaram a menos de cem metros do seu P. C. (Posto de Comando). Êste por sua vez, foi instalado numa das casas mais sólidas da cidade. Quanto á officialidade, ficou hospedada numa pensão à praça da Matriz.

Com a chegada do 23 a Souza, estava concluido o cêro da Paraíba por forças federais. Naquêlê mês de agosto, encontravam-se no território paraibano os seguintes efetivos do Exêrcito, além da sua guarnição normal constituída do 22º Batalhão de Caçadores, com sêde na capital: uma companhia do 21º B.C. do Recife, em Campina Grande; uma companhia do 24º B. C. de São Luiz do Maranhão, em Cabedêlo; outra do 25º B. C. de Terezina, na capital; uma companhia do 20 de Maceió, e outra do 28 de Aracajú, em Princeza. Em Santa Luzia do Sabuji acantonara o 29º B. C., de Natal. Além disso, um Aviso de Guerra da Marinha fôra destacado para o patrulhamento fluvial da capital ao porto de Cabedêlo.

Com tais medidas o govêrno federal imaginava estar em condições de jogar ou evitar qualquer movimento armado dentro daquêlê Estado.



Não obstante a queda dos companheiros da 2ª Companhia, o movimento subterrâneo no 23 B. C. continuou firme. O afastamento daqueles leais camaradas e o recrudescimento das atividades da Polícia Civil e do serviço secreto do Batalhão não arrefeceram o ânimo dos conspiradores. Muito contribuiu para isso o fato excepcional de não ter havido durante toda a preparação do movimento uma só traição, nenhuma delação.

Por outro lado, o Comandante desdobrava-se com medidas acauteladoras. Suas suspeitas chegaram ao extremo de confiar a vigilância da sua residência, no Passeio Público, a elementos da Guarda Civil. Tal medida foi conhecida por motivo de ter sido pôsto naquêle serviço um policial fardado.

É provável que as suas desconfianças tenham aumentado com a descoberta de um audacioso plano de envio de munição à Paraíba, adquirida pelo Sargento João de Pinho Pereira. Aquêlê incidente, que ficou conhecido apenas nos bastidores policiais, teve suas consequências retardadas, graças à habilidade com que se portou João de Pinho perante o Comandante Pedro Angelo e o Chefe de Polícia, na Secretaria da Segurança Pública. Pereira foi a palavra mágica que salvou João de Pinho e seus cúmplices, Sargento Antonio Nogueira de Sá e o ex-cabo Eliezer Guerreiro de Lima.

Havia razão, portanto, para o Comandante Pedro Angelo viver cauteloso e vigilante com os seus homens. Entretanto, a sua ação era exercida sem alarde, havendo uma igual dose de energia e calma em todos os seus atos. Só uma vez perdeu a serenidade: quando, certa noite, submetia a interrogatório o irrequieto cabo Alberto Holanda.

Em Souza, teve oportunidade de dar prova da sua inabalável energia e da sua aversão à mentalidade democrática da nova geração de oficiais. Aconteceu o seguinte: em virtude de uma ordem sua, a correspondência dirigida aos oficiais passou a ser distribuída pela Ajudância do Batalhão, em vez de ser entregue aos destinatários na Agência do Correio. A medida causou surpresa aos oficiais, que dela só tomaram conhecimento na mencionada repartição.

O primeiro oficial a insurgir-se contra a ordem foi o 1º Ten. João Lago Diniz Junqueira, que, pessoalmente, levou o seu protesto ao Comandante. Como resultado, ficou prêso, ao que se soube, por 30 dias, com ordem de embarcar em seguida para o Recife, onde cumpriria o castigo. Logo depois, os primeiros te-

nentes Floriano da Silva Machado e Jehovah Mota, num gesto de solidariedade à altivez do colega, dirigiram-se ao Comandante apresentando idêntico protesto. Ambos receberam o mesmo castigo disciplinar.

Menos de 24 horas depois, acompanhados do Cap. Leonidas de Lima Botelho, embarcavam em trem especial para o Recife, via Fortaleza, aquêles briosos tenentes.

A ausência daquêles oficiais criou um certo desalento entre os elementos conjurados, pois, se tinha como certa a colaboração dos mesmos no levante do Batalhão, sobretudo a cooperação do Ten. Jehovah Mota.

Contra o ato do Comandante Pedro Angelo protestou Demócrito Rocha, nas páginas do seu jornal, com um artigo intitulado VIOLÊNCIA CONTRA A MOCIDADE DO EXÉRCITO.

* * *

Com exceção do incidente acima referido, os dias transcorriam tranquilamente na tristonha cidade de Souza. A disciplina e a boa disposição da tropa continuavam no seu ritmo costumeiro. Havia uma perfeita cordialidade entre a tropa e a população local. O mesmo acontecia com relação à Companhia da Polícia ali sediada, comandada pelo Cap. Antonio de Araujo Salgado.

As formaturas e desfiles do Batalhão, o povo comparecia sem esconder a sua admiração pela tropa. Na missa de réquiem no trigésimo dia da morte de João Pessoa, povo e soldados lá estavam, comprimidos, na Matriz, ouvindo o formoso discurso fúnebre do pároco local.

A paz e o sossêgo daqueles dias sonolentos pareciam intermináveis.

A revolução, porém, aproximava-se. E é verdade que entre nós havia uma ansiedade incontida pela sua eclosão. Os ânimos estavam inquietos por longos meses de espera, durante os quais o situacionismo cometera os mais odientos atos de violência contra o povo, numa revivescência dos tempos do "estado de sítio" decorridos nos dois últimos quadriênios. Os comícios dissolvidos a pata de cavalos, prisões e espancamentos de cidadãos indefesos, remoções e demissões de funcionários, a farsa eleitoral, o malôgro da anistia, tudo isso continuava bem vivo na memória de todos.

Animáva-nos por outro lado, o vibrante apêlo à mocidade brasileira, vindo há três anos de Buenos Aires, nas últimas pá-

ginas de "A Guisa de Depoimento", cujo autor, o então Capitão Juarez Távora, precisamente àquela hora, dirigia a organização revolucionária no Norte do País, do seu esconderijo no Estado da Paraíba.

O movimento fôra marcado para o dia 7 de setembro. O Comandante do Batalhão por certo tivera uma denúncia, pois, às vésperas daquela data ordenou às companhias o enchimento dos carregadores das armas automáticas com munição de guerra. Ademais, a guarda do P. C. fôra dobrada. Todavia, o movimento foi adiado.

* * *

Numa daquelas tardes abrasadoras, no adro da Igreja da Matriz, mantive uma longa conversa com o Ten. Carlos Cordeiro, no fim da qual me fez uma revelação: estava redigindo uma vasta correspondência para Juarez Távora, que seria remetida por um emissário daquele chefe revolucionário há pouco chegado em Souza. Senti um calafrio; é que o referido emissário hospedárase na mesma pensão onde se achavam os oficiais.

Muitos hão de recordar-se de um moço de boa aparência que estivera em Souza, interessado na compra de uma propriedade rural naquelas paragens . . .

Nos últimos dias de setembro, o Ten. Cordeiro viajou para Fortaleza, tendo retornado à Souza pelo trém de sexta-feira, 3 de outubro. Após a sua chegada, mandou chamar-me à sua presença. Atendi o chamado imediatamente, antevendo o que se tratava.

Realmente, com sua calma habitual, o Ten. Cordeiro comunicou-me que o levante do Batalhão seria feito impreterivelmente às primeiras horas da madrugada. Deu-me as ordens mais imediatas, e foi-se à procura dos outros elementos com os quais se ligava pessoalmente.

A minha conversa com o chefe da conjuração despertou a atenção de diversos elementos alheios ao movimento, de vez que a mesma se realizara em plena rua. Fui abordado insistentemente por alguns camaradas que desejavam saber o assunto daquêlê colóquio. Pude escapar, porém, da encômoda curiosidade, com uma versão inocente daquêlê entendimento.

Sem perda de um minuto, estabeleci contacto com os meus companheiros do Pelotão Extranumerário, músicos Otávio Rodrigues da Silva e Alfeu da Costa Lira, soldado r—tel. Emídio Evangelista de Santana e cabo ferrador Heliodoro. Recomendei a todos que evitassem dormir naquela noite e que se mantivessem

uniformizados para que na hora " H " não houvesse atraso na execução das missões.

Cada um dos elementos comprometidos com a revolta recebeu a sua tarefa e logo tratou de cumpri-la. Seria longo enumerar todas elas. Dentre as mais importantes, destaca-se a que coube aos primeiros sargentos Manuel Genito do Carmo e Raimundo da Costa Nogueira. Ambos haviam recebido ordens do Comandante do Batalhão para ir a Fortaleza naquela mesma tarde, afim de trazerem os arquivos de suas sub-unidades. Por outro lado, foi-lhes determinado pelo Ten. Cordeiro que abandonassem o trêm na estação de São João do Rio do Peixe, atual Antenor Navarro, onde fariam junção com alguns oficiais do Colégio Militar, e com êles voltariam às vizinhanças de Souza, de modo a se acharem antes de meia-noite num frondoso juazeiro, a cêrca de três quilômetros da cidade. Ali deveriam aguardar o Cap. Salgado que os conduziria à Souza no seu automóvel, para auxiliarem o levante da tropa.

Genito cumpriu a ordem do chefe revolucionário. Quanto ao seu companheiro, por motivos que ignoro, prosseguiu viagem até Fortaleza, de onde voltou após a eclosão do movimento.

O encontro de São João não se realizou. Houve pressa por parte de Genito e atraso na chegada dos oficiais.

Apesar da dúvida no êxito do levante, nenhum companheiro se mostrava temeroso da hora que estava bem próxima.

Ao cair da noite, a banda de música dirigiu-se à praça da Matriz, onde efetuaría a sua derradeira retreta semanal. No intervalo daquela tocata, fui avisado pelo Sargento Aderson de Aquino Pereira que o Ten. Irapuan, às 21 horas, iria ao Pelotão Extra escolher um grupo de homens, entre os mais fortes, para um serviço extraordinário de vigilância em todas as estradas da cidade. Aquela medida do Comandante, soube-se mais tarde, foi motivada por um telegrama que êle recebêra, segundo o qual, oficiais do Colégio Militar haviam partido de Fortaleza com o objetivo de revoltarem o 23º B. C.

Positivamente, àquela hora, os oficiais em aprêço já se achavam na região de Souza, estudando um meio de penetrar a cidade antes da meia-noite, conforme os planos estabelecidos.

Tratava-se dos primeiros tenentes Ary Hugo Brigido Correia e Júlio Veras e do sargento João de Pinho Pereira, os quais, havendo partido de Fortaleza no dia 1º de outubro, num velho " Hudson " do cidadão Walter Barroso, dirigido pelo motorista

Júlio Guedes, foram vítimas de sérios êrros de itinerário no decorrer daquela aventura revolucionária, chegando ao cúmulo de ultrapassarem Pau dos Ferros, em caminho de Areia Branca, no R. G. do Norte . . .

Nada, porém, devia obstar a entrada daquêles homens na cidade. Um novo emissário, após um dramático reconhecimento na estrada de S. João, levou-os para Souza no automóvel do Cap. Salgado, dentro do horário previsto.

As 21 horas, na revista do recolher, preveni os meus companheiros sôbre o tal serviço extraordinário. Apenas Emídio Santana foi apanhado pela escalação, sendo, contudo, recuperado na hora do levante.

Souza adormeceu sob a mais severa vigilância, com todas as suas estradas guardadas por sentinelas, cheia de perigos.

* * *

Depois do toque de silêncio, dei um giro em volta do acantonamento. Do flanco direito da igreja onde permaneci largo tempo pretextando calor, vi um grande vulto sair do P. C. e tomar a direção do caminho de Pombal. Era o Comandante dando uma "incerta" nos vigias daquêle setor. Emídio Santana estava de sentinela e contou-me como fôra abordado :

—Quais são as ordens que você tem ?

—Não deixar sair ninguém da cidade e impedir a entrada de oficiais estranhos ao Batalhão.

—E se não fôr obedecido ?

—Eu atiro.

—Muito bem, menino. (Realmente, Emídio era o mais jovem de todos nós.) E não tenha mêdo, concluiu o Comandante, porque ao primeiro disparo eu estarei aqui.

Recolhi-me ao acantonamento, não para dormir—o que não seria possível naquela noite a nenhum de nós—mas, apenas para "matar" tempo.

* * *

Numa hora que não posso precisar, ouvi pisadas cautelosas aproximando-se do local onde me achava deitado, exatamente no lugar destinado à grade das comunhões. Ergui-me rapidamente. Apesar da fraca luz dos lampeões de campanha, pude reconhecer o vulto esguio do tenente de Artilharia Ary Correia, que, de

revólver em punho, interpelou-me :

"Onde está o músico Otacilio ?"

"Sou eu mesmo "

"Chame seus companheiros; não temos tempo a perder".

Naquêle instante, vi caminhando por entre as praças adormecidas, acompanhado do 3º Sargento Pedro Lucas Advincula, o Ten. Carlos Cordeiro, à procura do cabo Mescouto e outros conjurados da Companhia de Metralhadoras. Imediatamente, chamei Otávio Rodrigues e Alfeu Lira, os quais se levantaram prontamente. Apresentei-os ao Ten. Ary e dirigimo-nos à reserva de armamento da Companhia de Metralhadoras onde nos armámos de mosquetão. Corri à Ferradoria. Acordei o cabo Heliodoro, que se mostrou indeciso. Não se achava uniformizado. Mesmo assim, levei-o comigo e apresentei-o ao Ten. Ary, cientificando-lhe da indisposição daquele cabo. O Ten. Ary, homem de pouca conversa, deixou-o junto de uma janela do Almojarifado do Pelotão Extra, com a simples missão de evitar evasão de qualquer elemento. Daquêle ponto o pobre homem desertou, acompanhado do seu colega Araujo. Ambos foram dominados pelo pânico, segundo suas próprias declarações em Lavras, onde se apresentaram ao Ten. Cordeiro por intermédio do autor destas linhas.

Sem perda de tempo, iniciamos a retirada das metralhadoras pesadas para posições escolhidas pelo Ten. Cordeiro, as quais ficaram sob a guarda dos cabos Raimundo Mescouto Filho, José Pequeno, José Carlos Augusto, soldado Pedro Lourenço de Souza, Raimundo Pereira Sobrinho, Damasceno, José Pires e outros. Uma a uma foram sendo despertadas as praças, que se mostravam atônitas e temerosas, sobretudo com a presença de um oficial estranho à corporação—o Ten. Ary Correia.

A medida que as praças se uniformizavam, iam sendo armadas e metidas em forma, mesmo sem munição para a maioria.

Enquanto isso ocorria, idênticas providências eram tomadas nas 1ª, 2ª e 3ª Companhias. Naquêle setor se achava o Ten. Júlio Veras auxiliado pelos sargentos Manuel Genito do Carmo, Aderson de Aquino Pereira, José Sampaio de Castro, João de Pinho Pereira, Clovis de Lima Pires, cabos João Fernandes de Melo, Francisco Mozart Cavalcante Gomes, João Batista Teixeira, Manuel Macedo Falcão, Raimundo Barros dos Santos, João Leite de Góes, José Prata Filho, João Vitoriano da Rocha, Manuel Chaves Cruz e outros.

Simultaneamente, foi sitiada a pensão onde se achavam os

oficiais por um grupo comandado pelo Sargento Os mundo, tendo sido parlamentar junto aos mesmos o Ten. Júlio Veras, que os persuadiu a não se oporem ao movimento. Ali, as coisas ocorreram sem alteração, apenas houve uma forte polêmica entre Os mundo e o Ten. Costa, comissionado de 1924.

Enquanto as duas secções de metralhadoras tomavam posição em frente ao P. C., a retaguarda do mesmo era isolada por um grupo do Sargento Aderson, o primeiro homem a penetrar naquêle reduto após a sua queda.

Com relação à Companhia da Polícia, que já era uma força rebelde em estado latente, ficou no seu quartel, em ordem de marcha, com o seu comandante à testa. É justo ressaltar a cooperação do Capitão Salgado ao movimento. Elemento de ligação entre a Polícia e os organizadores do levante, Salgado teve o encargo de introduzir em Souza os oficiais e sargento do Colégio Militar, bem assim o da recondução de Genito, transpondo a barreira de sentinelas que circundava a cidade.

Toda a tropa do Bom Jesus já se achava em nossas mãos, com exceção do sargenteante da Cia. de Metralhadoras, 1º Sgt. João Marçal de Oliveira, de reconhecida ascendência sobre a tropa, contra o qual havia fortes acusações de estar a serviço do Comandante. Portanto, havia razões para neutralizá-lo, sobretudo por se tratar de um homem destemido e benquistado da tropa.

Esperávamos uma forte reação de Marçal, e preparámo-nos para a sua decisão enquanto Advíncula foi ter com êle. Antes, porém, de acordá-lo, retirou de uma cadeira a pistola e uma faca de Marçal, fazendo-me entrega das mesmas, medida, aliás, justa em tais circunstâncias e que teve a minha aprovação e a de Otávio Rodrigues. Em seguida Advíncula despertou Marçal pondo-lhe ao par do que estava acontecendo. Disse-lhe, por fim, que todos nós desejávamos tê-lo ao nosso lado. Marçal respondeu prontamente:

“Perfeitamente, estou com os meus camaradas”.

A decisão de Marçal contentou-nos bastante, cuja voz se fez ouvir mais uma vez, mas para reclamar a posse de suas armas. Advíncula tranquilizou-o assegurando que elas voltariam logo às suas mãos. Tive desejo de restitui-las. Surgiu, porém, o Ten. Ary ordenando urgência. As praças já se achavam em forma, a dois de fundo, hesitantes e assustadas.

Dei uma volta rápida pelos recantos do acantonamento enquanto a tropa era cientificada do nosso destino por ambos os

tenentes. Em seguida avisei ao Ten. Cordeiro que tudo estava pronto. Ele se pôs à frente da coluna, ao lado do Ten. Ary Correia. Este, sempre de arma em punho, encarou a tropa e exclamou:

“Atenção! Comigo”.

A coluna avançou para o Posto de Comando do Batalhão.

Tomei o flanco direito da tropa e Otávio o esquerdo, com o objetivo de evitarmos fuga e sobretudo traição. Na verdade, tínhamos receios de um atentado contra os tenentes.

Ao atingirmos a metade do trajeto, sou um tiro de fuzil no interior do acantonamento. A coluna estremeceu. Indignado, soltei um grito de protesto e fiz meia-volta. Fui contido todavia pelo Ten. Cordeiro, o qual determinou que me juntasse a êle. Coloquei-me entre os dois oficiais, e nessa disposição invadimos a área do edifício onde se instalara o Comando do Batalhão.

Logo após o levante, ficou apurado que o autor do disparo tinha sido o mestre da Banda de Música, 1º Sgt. Manuel Francisco de Lira, que lançara mão do fuzil do soldado Freitas, deixado por êle no acantonamento. Freitas havia abandonado seu posto de vigia na estrada de Pombal, logo que verificara as primeiras anormalidades nas imediações do Bom Jesus. O autor do tiro procurou inocentar-se alegando ignorar que a arma estivesse carregada. Os oficiais, certamente por benevolência, aceitaram a desculpa de Lira e o incidente foi esquecido. Nós outros, porém, jamais acreditámos na sinceridade daquela inocência. E ainda hoje estamos certos de que o disparo fôra um aviso ao Comandante, porque não se concebe que um antigo 1º Sgt., embora músico, desconhecesse o mais elemental manejo de um fuzil comum. Ademais, era conhecida a aversão do mestre Lira às idéias revolucionárias.

Todos nós imaginávamos surpreender o Comandante e dominá-lo fisicamente evitando luta e suas consequências. Esta era a idéia geral; mesmo porque os nossos chefes não queriam efusão de sangue, malgrado posteriores insinuações malévolas da imprensa reacionária. Aquêlê disparo, entretanto, trouxe um resultado funesto.

Atingimos a porta do P. C. simultaneamente com o aparecimento ali do Comandante Pedro Angelo. Coloquei-me ao lado direito da porta, o Ten. Cordeiro no esquerdo e o Ten. Ary defronte à mesma, a cêrca de quatro passos.

Quanto ao resto da tropa, ficou aglomerado formando um semi-círculo, cujo centro era a porta.

Antes mesmo de ser intimado falou o Comandante:

— Que é isto ? Que é isto ?

— O Batalhão está revoltado sob o meu comando, e o senhor considere-se pr̄so de ordem do General Juarez Távora — respondeu o Ten. Ary Correia.

Como um possesso, o Comandante replicou:

“P’ra fora, O comandante sou eu”.

E ato contínuo descarregou o revólver no Ten. Ary, á queima roupa.

Os gritos e tiros do Comandante produziram verdadeiro pânico á maioria das praças. Algumas fugiram do local. Contudo, a descarga do Comandante foi respondida com outra descarga, que o obrigou a retrair-se no P. C. A sua demora não foi muito breve. E aquêles retraimento, como previramos, tinha por fim a organização da resistência. Compreendendo a situação, o Ten. Ary reuniu-nos e disse:

“Não quero sacrificar nenhum de vocês aqui dentro. Vamos lutar em campo aberto”.

Saimos da área e tomámos posição em frente o edificio de cujo interior se ouvia a voz trovejante do Comandante Pedro Angelo ordenando a defesa do seu posto. Acompanhou-nos o cabo Altino Carvalho, nosso leal companheiro, que se encontrava de reforço no P. C., cuja morte anos depois, em Fortaleza, foi atormentada pela relembração daquêles momentos. (Com efeito, os instantes do primeiro “round” da sublevação foram aterrorizadores, e jamais, creio eu, apagar-se-ão da memória daquêles que dele participaram, não pr̄priamente pelo medo, pelos riscos da luta, mas pelo seu ineditismo, pela profunda impressão psicológica do ato insurrecional.)

O Comandante ressurgiu na área, acompanhado do Ten. Irapuan Saturnino de Freitas, Ajudante do Batalhão. Sem se deter veio até a calçada onde se defrontou com o Ten. Ary que já o esperava sob um “ficus benjamini”, e iniciou um novo diálogo com o chefe da rebelião:

— Quem está aí ?

— O Ten. Ary Correia, o novo comandante do 23º B. C.

Não pude perceber o resto daquela conversa, em vista do grande ruído que se ouvia do interior do P. C., onde havia enorme balbúrdia. Além disso, exatamente naquele instante eu concitava o cabo Gerson Cortez Guedes a dirigir-se à Agência do Telégrafo Nacional, a fim de ocupá-la, em cumprimento de uma ordem do Ten. Carlos Cordeiro. Contudo, ouvi estas últimas palavras:

“Entregue-se, Coronel!”

Novamente o Comandante revidou a intimação com uma descarga do seu revólver sobre o Ten. Ary. Vários tiros foram trocados, à curta distância, ao fim dos quais o Comandante voltou ao P. C., e lá dentro ordenou ao cabo Rolim: Corneteiro, toque **Batalhão—reunir**”. Ouvi-se imediatamente um grito do Ten. Cordeiro: “Não toque, corneteiro”. Estabeleceu-se, então, um duelo de ordem e contra-ordem. Afinal, o som da corneta saiu, trémulo e dorido, embora Rolim fôsse o mais vigoroso clarim do Batalhão. O toque, porém, logo se extinguiu com um tiro de pistola, cuja bala atingiu um dos pés do corneteiro, que decidira fazer o toque deitado.

Agora, no interior do P. C., o Comandante desdobra-se na mais intensa atividade. Elementos da guarda e reforço, empregados e ordenanças, todos são convocados para a resistência que logo se fez sentir. Das janelas do edificio, vários atiradores iniciam nutrida fuzilaria que é prontamente revidada. Num breve intervalo do tiroteio, ouve-se uma voz concitando o Comandante a desistir da luta alegando estar todo o batalhão revoltado. A sugestão é repelida incontinentemente: “Ainda tenho Marçal com as metralhadoras”.

Justamente naquele momento, fui procurado pelo Ten. Cordeiro, cuja pistola enguixara. Troquei-a com a que se achava em meu poder. Foi naquela ocasião que o Ten. Ary deu ordem para retrairmos às posições das metralhadoras, estendidas defronte do P. C. Atribuía o Ten. Ary que com o matraquear das peças removeria o Comandante da sua tenaz e suicida resistência. Dêsse modo, teria um fim aquela luta desigual.

Dividimo-nos nas posições das metralhadoras. Assumi a direção do fogo da peça guarnecida pelo cabo José Carlos Augusto e soldado Damasceno, a qual se achava perpendicular ao P. C. colada a um oitão residencial. Por espaço de uns cinco minutos reinou um completo silêncio, no fim dos quais se ouviu uma série de tiros de pistola—sinal para o desencadeamento de fogos, convencionado pelo Ten. Ary Correia.

“Fogo!”—gritei para Damasceno. Mais de uma dezena de

rajadas de 15 a 30 tiros foram despejadas sobre o P. C. em poucos segundos. Foi em vão que se esperou o aparecimento de uma bandeira branca ou qualquer sinal de rendição ou armistício, vindo em seu lugar a reação firme e imediata. De cada janela, fulguram canos de fuzis, cujas balas passam sobre as nossas posições com o seu assobio arpegiante. Enquanto o tiroteio se mantém ininterrupto, são ocupadas a estação ferroviária e a agência telegráfica. O duelo de tiros continua firme por longo tempo. De repente, fortes estampidos são ouvidos sobre o P. C., semelhantes a explosões de granadas de mão. Eram bombas "Liberal", rudimentar engenho de combate em uso na polícia parai-bana durante a campanha de Princeza, de puro efeito moral.

Começa a romper o dia. À medida que a luz da manhã aumenta, a resistência vai diminuindo. Em compensação, os seus tiros são agora mais bem dirigidos. Embora a nossa peça estivesse na "posição baixa", passou a oferecer um bom alvo com a sua guarnição, visto encontrarmos-nos inteiramente descobertos. Comecei a pensar numa solução para o caso quando dois tiros atingiram de través a parede junto à qual nos achamos, pouco acima das nossas cabeças. Dos pontos de impacto, grande quantidade de estilhas caiu diretamente sobre nós e o alimentador da peça, que, como se sabe, é descoberto nas metralhadoras pesadas "Hotchkiss". Em consequência, a arma deixou de funcionar, engasgada com um carregador pela metade. É verdade que nós nos assustámos; mas Damasceno abandonou a peça e foi abrigar-se, juntamente com o cabo, num monte de tijolos à nossa retaguarda e só descoberto naquele momento. Lancei-me sobre a metralhadora. Retirei o carregador e passei pelo alimentador um lenço vermelho até ali conservado ocultamente. O incidente foi sanado. Damasceno reanimou-se e voltou a manejar a arma, enquanto eu e José Carlos removíamos o monte de tijolos para a frente da nossa posição.

Podia-se ver agora a fachada do edificio dilacerada pelo fogo das metralhadoras; e subindo do P. C., o fumo cinzento das bombas arremessadas da sua retaguarda. Nem as janelas escaparam à violência do fogo, indo todas ao chão.

Aos poucos, as descargas do reduto foram enfraquecendo. Reconhecendo o malôgro da resistência, os seus defensores decidiram abandonar aquêlê inferno. Muitos escaparam por uma abertura praticada no alto de uma parede comum à casa vizinha. Outros, subtraíram-se pelos muros adjacentes.

Por fim, o Comandante ficou sozinho. Dalí em diante, ia desenrolar-se no interior do P. C. uma espécie de tragédia, cu-

jos detalhes me foram descritos logo depois pelo seu único sobrevivente, soldado Clovis, ordenança do Major João Cesar de Castro, Fiscal do Batalhão.

Não se chegou a saber o momento exato em que o Major Castro recebêra o primeiro ferimento, atingido, lamentavelmente, por uma bala transviada. Segundo Clovis—e aqui começa a sua história — socorrêra o Fiscal no instante em que o Comandante organizava a sua feroz resistência, colocando-o num dos cantos do interior da casa. E ali permaneceu, ao lado do chefe, durante todo o desenrolar da luta. Chegou o momento em que o Comandante Pedro Angelo ficara sozinho e sem esperança de dominar o movimento. Desesperado, resolveu incendiar o paiol de munição, constituído de vários milhões de tiros e um estoque de granadas. Sabedor da intenção do Comandante, o Major determinou ao seu ordenança que evitasse aquela loucura. Sem ter atendido aos apelos do Major Castro, o Comandante já havia posto gasolina em vários cunhetes e achava-se empunhando uma caixa de fósforos quando Clovis saltou sobre êle. Depois de um violento corpo-a-corpo, ambos contendores caíram. Do ponto onde caiu, o Comandante alvejou Clovis. Este, porém, esquivou-se, e os tiros a êle dirigidos foram atingir exatamente o Major Castro.

O Comandante não se deteve. Voltou à frente da sua cidadela sem dar tregua à luta. Clovis aproveitou a sua ausência para conduzir o Major Fiscal a um ângulo morto do muro, onde ambos permaneceram até nossa entrada no P. C.

Os tiros do Posto de Comando foram diminuindo progressivamente, tornando-se cada vez mais escassos. Só, ferido e exausto, os movimentos do Comandante eram agora lentos e penosos. Contudo, lá continuava êle, reaparecendo em cada janela, apontando e disparando suas armas: um revólver, uma pistola e um mosquetão. A cada tiro que fazia, recebia em troca uma sarivada de balas acompanhada de estrondos de bombas. Era, ao mesmo tempo, espantoso e comovedor aquele duelo, diante do qual não pude reprimir um sentimento estranho: "Basta, Comandante. Não lute mais". Exatamente naquele instante, fomos surpreendidos por gritos infantis de uma casa próxima, à nossa esquerda. Era um grupo de meninos, ainda em trajes de dormir, que nos pediam "casca de bala". A resistência tornara-se tão débil que, sem nenhuma precaução, nos divertimos em lançar às crianças os estojos menos aquecidos.

Afinal, chegara o desfecho bravo daquela resistência excepcional.

O soldado Clovis ouviu o derradeiro brado do herói :

"Não morrerei acuado como um cão. Vou morrer no campo da honra ".

Vimo-lo reaparecer no meio da área e penetrar no banheiro do lado oposto de onde saira, após executar um disparo. Uma bomba arremessada sobre o teto afugentou-o dali. Ao sair, foi colhido por uma descarga no centro da pequena área, junto ao portão de ferro. Tombou fulminado, em decúbito ventral. Tinha à mão direita uma pistola "Parabelum", sua arma regulamentar ; no bolso trazeiro da calça estava o seu inseparável " Smith & Wesson ", com o cano voltado para cima ; e a seu lado, não muito longe, o mosquetão que lhe saltara das mãos. Seriam sete horas da manhã.

Naquele instante, a maioria dos sitiante dirigiu-se correndo para o P. C. gritando vivas à Revolução, extravazando um entusiasmo reprimido por longos meses. Na realidade, foi um desabafo inesquecível. Abraçámo-nos uns aos outros cheios de contentamento pelo êxito do levante. Grandes lenços vermelhos foram então agitados em profusão.

* * *

Penetrámos o P. C. com a intenção principal de socorrer os feridos, cujo número atribuíamos ser elevado. Antes de nos determos diante do cadáver do Comandante, fomos atraídos para um dos recantos do muro por insistentes chamados, onde já havia regular número de companheiros. Deparámos, então, com uma cena dolorosa, que, na realidade, veio empanar o nosso entusiasmo: o Major Cesar de Castro moribundo, nos braços do seu fiel ordenança.

Imediatamente, todas as providências foram tomadas pelo Comando Revolucionário no sentido de salvar-se o desventurado Major. O Ten. Carlos Cordeiro, sem dúvida, o mais pesaroso daquele infortúnio, apelou para os deveres profissionais do médico do Batalhão. 1º Ten. Dr. Raimundo Vóssio Brigido, o qual se achava detido com os demais oficiais. Foram em vão, entretanto, todos os esforços do nosso facultativo. O próprio Maj. Castro reconheçera a gravidade dos seus ferimentos ao despedir-se de sua esposa inconsolável e de todos os camaradas presentes, desejando-lhes boa sorte. Padeceu pouco e morreu sem um queixume ou mágoa dos chefes da rebelião, lamentando apenas não ver a vitória da revolução, pela qual sempre esperara...

O Major João Cesar de Castro era a antítese do Comandante

Pedro Angelo Correia. Oficial de Estado Maior, profundamente culto, de fina educação, ponderado e acessível, embora com pouco tempo no 23º B. C., era admirado e querido pela tropa. Daí a razão da sua morte haver sido lamentada por todo o Batalhão.

Ele havia chegado de Fortaleza pelo trem do dia anterior em companhia de sua esposa. Todavia, por determinação do Comandante, pernoitara no P. C. do Batalhão no mesmo dia da sua chegada.

O sepultamento dos dois ilustres oficiais foi realizado por volta das 4 horas da tarde, com grande acompanhamento da tropa e do povo. Por falta de munição de festim, não lhes foram prestadas honras fúnebres. Em seu lugar, porém, ambos tiveram o tributo espontâneo da população de Souza, tendo contribuído para o brilho daquela homenagem o fato de ser aquela data o dia da feira semanal. Cidadãos de todas as categorias, fazendeiros e lavradores, comerciantes e vaqueiros, funcionários e tropeiros formaram um grande cortejo até o cemitério.

* * *

Triunfara, finalmente, o levante do 23º B. C. Restava sahermos se o nosso movimento não estaria destinado a ter o fim melancólico das revoluções fracassadas. O epíteto de mazorca começava a inquietar os mais tímidos, notadamente aquêles que aderiram ao movimento pelas circunstâncias ocasionais.

Souza permanecia sem notícias positivas sôbre a Revolução no resto do país. Sômente pelas cinco horas da tarde chegaram os primeiros comunicados do movimento iniciado simultaneamente em Minas e Rio Grande do Sul, no dia anterior. Quanto às demais guarnições da Paraíba, revoltaram-se ao mesmo tempo que o nosso Batalhão.

Desde logo, os chefes do levante lançaram-se às tarefas mais urgentes para a continuidade do êxito e preparativos para as futuras operações do B. C. Reforçado com grossos efetivos da Polícia da Paraíba e voluntários, que começaram a chegar em Souza, o 23 foi dividido em três colunas comandadas, respectivamente, pelos tenentes Ary Correia, Júlio Veras e Carlos Cordeiro, os quais, para efeito do comando, foram comissionados no posto de tenente-coronel.

Em seguida, teve início um rigoroso serviço de requisição de todos os veículos automóveis da cidade e das localidades vizinhas, como medida preliminar para a nossa marcha sôbre Fortaleza.

Na mesma tarde de 4 de outubro, os oficiais não partici-

pantes do levante foram conduzidos a cidade de Patos, onde, após entendimentos com o general da Revolução Juarez Távora, aderiram ao movimento.

A Coluna Júlio Veras foi a primeira a deixar Souza, seguindo para Fortaleza por estrada de rodagem até Lavras, em virtude do arrancamento de trilhos levado a efeito pela direção da R. V. C. no ramal da Paraíba, com o fim de retardar o avanço do 23 para a capital cearense, cuja reposição foi feita pelas forças da Coluna Carlos Cordeiro, durante várias horas de trabalho árduo e intenso.

No dia 5, pela manhã, chegaram a Souza os oficiais e sargentos do Colégio Militar, que, impossibilitados de uma ação revolucionária em Fortaleza, fugiram para incorporar-se ao 23 B. C. Tratava-se dos primeiros tenentes Landry Sales Gonçalves, Antonio Martins de Almeida, Djalma Bayma e Maj. João da Silva Leal; sargentos Antonio da Rocha Andrade, José Augusto de Oliveira, Pedro Leão de Queiroz, Antonio Nogueira de Sá, Abimael Clementino de Carvalho, Luiz Marques de Souza, Edson da Mota Correia, Raimundo da Costa Nogueira e outros.

As duas colunas restantes rumaram ao Vale do Cariri. De Juazeiro a Coluna Ary Correia seguiu para o Recife, enquanto as forças de Carlos Cordeiro permaneciam no Crato como tropa de reserva e tendo como missão a tenaz campanha de desarmamento da população sertaneja, extensiva a todo o Estado do Ceará.

Foi aquela, sem dúvida, a medida mais salutar da Revolução; e até hoje, a única repressão à prepotência do coronelismo do sertão, cujos alicerces foram abalados pela primeira vez.

* * *

A contribuição do 23º B. C. à Revolução de 1930 foi inestimável, quase decisiva ao seu triunfo no Norte, de vez que a sua ação se estendeu até o longínquo Estado do Pará.

Essa contribuição—convém ressaltar—foi, incontestavelmente, o resultado da tarefa gigantesca desempenhada pelos responsáveis do levante, sobretudo dos tenentes Carlos Cordeiro de Almeida, Ary Hugo Brigido Correia e Júlio Veras, os quais, após a vitória da revolução pela qual jogaram realmente a vida, permaneceram no seio da tropa, nada pleiteando nem usufruindo da nova situação política que na realidade ajudaram a criar no país.

É claro que ao lado da legalidade o 23 não esmagaria o movimento no Estado da Paraíba. Mas nas condições em que

estava o Batalhão, com seu efetivo completo em quadros e tropa, precisamente no término do ano de instrução, na posse de sua dotação de meios de combate para uma campanha prolongada, e, sobretudo, conduzido por um comandante da envergadura do Ten.-Cel. Pedro Angelo Correia, podemos afirmar, sem exagero, que a vitória da revolução no Norte seria retardada, pois, admitindo-se que o 23, por imperativo estratégico, retornasse à sua sede, Fortaleza não teria capitulado pela imposição irrisória de telegramas fantasmagóricos.

* * *

Estamos em volta da nossa cozinha de campanha. É o nosso último jantar na ensolarada e poeirenta cidade de Souza. Os garotos da rua que até ali compartilhavam do nosso rancho, também estão reunidos no oitão da igreja do Bom Jesus, empunhando suas latinhas. Há em suas fisionomias uma expressão de tristeza muito maior que a dos dias anteriores. Como de costume, dividimos as nossas rações com as crianças; e enquanto comemos a gororoba conversamos animadamente. Comentamos a desventura daquela gente e falamos sobre a nossa própria sorte.

Confrontamos Cambronne, Gomes Carneiro e Pedro Angelo. O nome de Chico Chicote é lembrado por um soldado da policia paraibana, de côr preta, alto e magro, cujo maxilar inferior faltando a metade lhe dava um lastimável aspecto. Perguntámos-lhe a origem daquela deformação. Respondeu-nos com a mais fria naturalidade: "Foi uma rajada de F. M. num tiroteio em Teixeira. Eu achei até bom porque me levou um dente que doía como o diabo". Risos ruidosos acompanham as palavras do soldado negro.

O velho cabo Moreira, que se tornara tristonho e pensativo depois do levante, tomou a palavra: "Se desta vez o Brasil não se endireitar, eu mato a família, toco fogo na casa e suicido-me depois". A verdade é que Moreira, desde o dia anterior, havia transformado o seu cantil num cômodo depósito de aguardente . . .

Anoitece. Roncam os motores dos nossos caminhões estendidos em colunas na praça do Bom Jesus. Grande massa popular agita-se entre os nossos pelctões. É a hora das despedidas. Não obstante o ruído estrepitoso das viaturas, ouvimos as últimas palavras de carinho da gente paraibana:

"Deus o leve. Deus o leve".

Foram estas as expressões de adeus do amável povo de Souza à hora da nossa partida.

"ENSAIOS DE INTERPRETAÇÃO

O ilustre folclorista cearense Florival Seraine, acaba de dar à publicidade o opúsculo «Ensaio

LINGUISTICA,"

DE FLORIVAL SERAINE

expressões orais ao homem, que a própria comunidade não o faz. E é isto um fator

de interpretação Linguística», obra em que procurou intrincar-se na filosofia da linguagem, tentando esplanar e interpretar o uso ou a pragmática de expressões orais, em relação com o homem.

À sua pesquisa na seara da semântica, precedeu o autor de sábias considerações sobre a valorização de fatores vários na existência humana para, alfim, enveredar-se no relativismo existente na linguagem falada, muita vez com diversidade de sentido da mesma frase, de região para região, como já estudara o filólogo suiço Charles Bally, IN *Traité de Stylistique Française*, ed. 1951.

O processo psicológico e social da linguagem, como expressão vital da humanidade, trata o folclorista e filólogo Florival Seraine dentro de uma concepção em que os elementos, às vèzes contrapostos, se enlaçam e se coordenam, para formar uma unidade superior na linguagem oral, ordem de fatores que a onomasiologia e a semântica estudam em suas linhas gerais, como preleciona Karl Vossler, IN *Filosofia del Linguaje*, ed. 1940 — Madrid.

Observa ainda Vossler, op. cit., o papel do indivíduo e da comunidade na linguagem, acentuando que a língua permite meios de

social na linguística que, como disse Florival Seraine, «decorre, pelo menos originariamente, da soma de diversos fatos individuais». Impõe-se à língua, pois, um papel preponderante nêste facto social, principalmente quando se procura explicar a evolução semântica disto que o preclaro folclorista cearense chama de «pragmatismo e relativismo na linguagem oral».

Em seu erudito ensaio, procura Florival Seraine fazer a distinção entre fala e língua (PAROLE e LANGUE). Aliás, o filósofo e psicólogo Dugal Stewart, IN *Philosophie de l'Esprit Humain*, já preconizava que «l'expression par la PAROLE est moins naturelle que l'expression par le geste.» E Ernest Renan, IN *De l'Origine du Langage*, ed. 1864, escrevia que «l'homme avait un jour imaginé la PAROLE, comme les arts utiles ou d'agrément Et cette invention, on l'assujettissait aux mêmes lois de progrès successif que tous les produits de l'intelligence réfléchie». À medida que as idéias do homem se multiplicavam, urgia então que se inventasse um meio mais fácil de comunicação, e desta fala (PAROLE) em acção articulou-se naturalmente a língua (LANGUE). IN *Origine et Préhistoire du Langage*, ed 1950, diz Révész

que êsse foi o mais primitivo de entre todos os outros factos linguísticos.

A parte interpretativa dos seus ensaios de linguística, enriqueceu-a Florival Seraine com exemplos forjados a seu modo, na maioria dos casos, deixando de lado a observação directa dos matizes do linguajar cearense, que não só se percebem em fôrtalesza, como em todo o Ceará, apresentando variantes que mais e mais completam o estudo afanoso da sematologia. Albert Dauzat, IN *La Langue Française d'aujourd'hui*, ed. 1908, já dizia que «un glossaire, bien fait, du patois d'un seul village, avec les significations et l'emploi de tous les mots consignés dans des exemples ENTENDUS et non forgés, et une oeuvre considérable, qui demande des années de travail, et qui présente pour son auteur, malgré son apparente aridité, un puissant intérêt. A la science, il rend de grands services en fournissant aux linguistes des documents sur lesquels ils puissent travailler avec certitude. On ne demande aux chercheurs indigènes que de réunir des matériaux, mais des matériaux irréprochables». Em sua Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa, o prof. Manuel de Paiva Boléo admite, também, que o material para pesquisas desta natureza «pode e deve ser colhido oralmente, quando o assunto o permita». «Mas - adianta o erudito mestre - é evidente que, só por si, não chega; seriam precisos muitos anos para

reunir um número suficiente de factos, que nos permitissem tirar algumas conclusões, e, na maioria dos casos, não o conseguiríamos». Para o estudo interpretativo das lutas entre as palavras e as formas, que se observam na geografia linguística, somente um atlas de factos correntes na linguagem popular de cada região, poderia preencher os claros de nossas obras semânticas e folclóricas.

O ilustre filólogo e folclorista Florival Seraine, já que soube recorrer aos filósofos da linguagem, para explicar fatores sem conto da existência humana, sujeita a uma hierarquia de valores lógicos, deveria ter rebuscado, para maior ilustração de sua obra, grande número de textos, não só de épocas anteriores à actual, mas também desta em que é um espectador arguto e um actor privilegiado.

Em suma, a obra de Florival Seraine é um paradoxo, porque profunda em sua tentativa de ensaiar, social e filosoficamente, o pragmatismo e o relativismo na linguagem oral, e superficial no exame das expressões populares, quanto à sua origem, à sua evolução semântica e ao seu valor como um processo vital da sociedade humana, em relação com as suas liberdades de falar como lhe impõe a vontade.

Nuenes Teixeira

«Itaytera» é o simbolo da opulência intelectual do Cariri.

Reminiscências

A MARTINZ DE AGUIAR



*ESSA que eu conheci nos idos tempos, quando
Tudo era vida e amor, e por campos em festa,*

*Voavam de ramo em ramo os pássaros, e, em bando
Borboletas azuis brincavam na floresta;*

*Essa que o vivo olhar no meu olhar pousando,
Causava inveja e ciúme. E, assim, graciosa e lesta,
Era dona de um riso, um riso suave e brando,
E, entre as damas, talvez, a mais nobre e modesta;*

*Essa de niveas mãos que as minhas mãos outrora,
Açagavam, de manso, em dô:e fantasia,
Tinha encantos de fada. E eu vos direi agora:*

*Era de tal beleza imácula e tão pura,
Que se Phidias quisesse, ao certo, não podia
Nem de leve esculpir tamanha formosura.*

ARNAUD BALTAR

Fortaleza, 7-8-954

Armazem do Norte

—:— DE —:—

VICENTE PRIMO & FILHOS

End. Telegr: — «PRIMO» — Caixa Postal n. 50

GRANDE E VARIADO ESTOQUE DE

*Tecidos finos e grossos,
Artefatos de tecidos,
Etc.*

Telefone:— 20-17.

CRATO — Rua Dr. João Pessoa N.º 108 — CEARÁ

FERRAMENTAS PARA A LAVOURA.

MATERIAS DE CONSTRUÇÕES.

REMÉDIOS VETERINÁRIOS.

— NA —

COOPERATIVA AGRICOLA DO CARIRI LTDA.

End. Teleg:— «COOPERATIVA»

RUA SANTOS DUMONT, 63.
CRATO — CEARÁ

UMA SOCIEDADE DO AGRICULTOR,
PARA O AGRICULTOR.

«ESTAÇÃO RODOVIÁRIA DO CRATO»

Direção de: **CHAGAS BEZERRA**

PRAÇA FRANCISCO SÁ, 26

Partidas de onibus para:

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Fortaleza — Terezina — Floriano — Varzea Alegre — Juazeiro do Norte.

MATRIZ:

Praça Francisco Sá, 26

Telegr:- CHABEZERRA

Fone : 20-01

Crato—Ceará

FILIAL:

Rua Cavalheiro, 58 (Braz)

Telegr:-CEARENSES

São Pau'0

LINHA NORTE:

De Crato a Fortaleza,

Terezina, Floriano

e Picos.

LINHA SUL:

De Crato a Recife,

São Paulo

e Rio.

AGENCIAS: — IGUATU — Rua 7 de Setembro, 288
Acopiara - M. Velha - Juazeiro; Rua Pe. Cícero

LINHAS: — CRATO — Recife 3a. Feira — CRATO —
Floriano — 6a. Feira. — CRATO — Campos
Sales — 2a. e 4a. Feira — CRATO — V. Alegre — Diariamente.

O PAPEL DA IGREJA CATOLICA NO DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO E CULTURAL DO CRATO

Escreve: PE. ANTONIO FEITOSA

(2a. parte da Conferencia proferida pelo Pe.
Antonio Feitosa na sessão inaugural do Instituto
Cultural do Cariri.)

A julgar pelo que diz Antonio Beserra, a cidade do Crato nasceu em 1730, quando o Capuchinho Fr. Carlos Maria de Ferrara, do Convento da Penha em Recife, enviado pela Junta das Missões daquela mesma cidade, veio bater nas plagas caririenses, e aqui fundou um núcleo de catequese na fralda oriental do morro que tem agora o nome de Pinto Madeira (Barro Vermelho) e o transportou depois para o mesmo lugar em que hoje garbosamente se ostenta a Feira de Amostras. (Praça da Sé).

Vinte anos aqui ficou Fr. Carlos. Depois que retornou a Recife, em 1750, a sua obra de catequese e evangelização foi continuada, por dez anos, até 1760, por Fr. Gil Francisco de Palermo, e desde então, por quatro anos, até 1764, por Fr. Joaquim de Veneza.

Atingimos assim o ano em que foi criada a paróquia de Crato. Naturalmente, não espero de ninguém a paciência de ouvir agora a história de quase duzentos anos de apostolado paroquial. Basta dizer que é sempre a mesma atividade in-

defessa, a mesma atuação doutrinária, educativa, moralizadora, continuada sem tropeço, executada sem desfalecimento.

Ainda era a Diocese de Olinda a "ingens terrarum portio" de que fala Fr. Luiz de Santa Teresa, compreendendo as comarcas eclesiásticas de Olinda, Manga e Ceará, quando se fundou, em Recife, em 1681, a Junta das Missões, com o fim especial de dar à catequese organização mais perfeita e mais ampla divulgação.

Já no segundo quartel do século XVIII a Junta estava enviando ao Ceará missionários que fundaram em nosso Estado numerosos aldeamentos, dos quais resultaram prósperas cidades, cumprindo salientar, no que nos toca particularmente a nós, que a antiga "Missão do Miranda" é hoje a cidade do Crato. Foi assim também que se originaram Missão Velha, Missão Nova e Barbalha.

Até 1759 estavam aldeados no Estado do Ceará, pelos Jesuítas, Capuchinhos e Carmelitas, os índios Genipapos, os Quixerarius, os Quixelôs, os Jucás, os Carius, os Calabaças,

os Icó's, os Cariris, e outros mais.

Havia naquele ano, em todo o Ceará, dez missionários Jesuitas em plena atividade de aldeamento e catequese. Antes, porém, que estendessem ao Cariri o raio do seu apostolado catequético, o Marquês de Pombal (de quem diz Camilo Castelo Branco que falava sem gramática e sem bom senso, e tendo passado sete anos na Inglaterra, não aprendeu inglês), o trêfego Ministro de D. José conseguiu do Rei a lei de expulsão dos Jesuitas. Voltaram então muitos índios aldeados aos antigos hábitos de nomadismo e vida selvática.

É lícito conjeturar que somente no seu bicentenário, o Crato terá atingido o grau de civilização e progresso que já teria hoje alcançado se não tivessem sido expulsos os Jesuitas. Qui, porque a esta zona também, pelas consequências mediatas, se pode aplicar aquilo que disse primeiro Eduardo Prado, e Rui Barbosa citou depois: "Com a expulsão dos Jesuitas, a civilização recuou centenas de leguas dos centros do continente africano e do Brasil. As prósperas povoações do Paraná e Rio Grande, caíram em ruínas; os índios volveram á vida selvagem; as aldeias do Amazonas despovoaram-se, até hoje reinam a solidão e o deserto onde havia já a sociabilidade humana".

Foram as primeiras missões e catequese do Cariri as pri-

meiros passos desta longa série, por todos nós conhecida, de atividades missionárias entre nós exercidas pelos Capuchinhos, pelos Franciscanos Menores, pelos Jesuitas, pelos Lazaristas, pelo clero secular.

Houve, no entanto, em Crato, em dias do século passado, um movimento missionário digno de que se mencione em destaque. Quero reportar-me às missões dos Lazaristas Pe. Guilherme e Pe. Antônio, mandados até aqui em 1872 pelo primeiro Bispo do Ceará, D. Luiz Antônio dos Santos. Que houve naquelas missões de mais das outras? Ocorreu aos missionários o plano de um instituto de educação do segundo grau. O povo concordou e concorreu. De tudo se deu logo rebate ao Sr. Bispo, e então lhe preluziu, ao grande prelado a idéia de um Seminário.

Tendo já estado no Crato em 1873, D. Luiz fez rumo outra vez a esta terra em 1874, e tanto que foi chegado, a 31 de dezembro, pactuou com o povo aqui ficar, sob cláusula de não retornar a Fortaleza sem deixar funcionando o Seminário. Assim determinou e assim fez. "Uma bela recompensa de D. Luiz Antônio dos Santos ao Cariri", assevera o Dr. Irineu Pinheiro.

Dêste modo a Igreja, que havia fundado aqui, com a catequese, a instrução primária, também fundou, com o Seminário, a secundária. E quem negaria que a Igreja é, ainda

hoje, o grande baluarte da educação do segundo grau entre nós? A quem devemos, além do Seminário, o Colégio Diocesano e o Ginásio e Escola Normal Santa Teresa? Excetuando-se a Escola de Comércio, tudo o que temos na esfera da educação secundária devemos a D. Luiz Antônio dos Santos, a D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, a D. Francisco de Assis Pires. E não será despropósito consignar que o Sr. Pedro Felício Cavalcante, Diretor da Escola de Comércio, de certo não subestima a colaboração do clero por êle mesmo requisitada.

Abramos aqui espaço para uma questão que logo de início parecerá supérflua. Quem foi o fundador do Seminário do Crato? Se comentarmos somente a História, responderemos: D. Luiz Antônio dos Santos. Se consultarmos também o Direito Canônico, responderemos: D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

Canonicamente, D. Luiz não erigiu o Seminário do Crato como pessoa jurídica distinta da instituição congênere já dantes existente em Fortaleza.

C a b e m a q u i d u a s observações.

1^a. O Seminário de Fortaleza foi criado por Decreto de 27 de setembro de 1860. Não houve, porém, que me conste, decreto de erecção do Seminário do Crato.

2^a. A intenção de D. Luiz não foi criar no Crato um novo

instituto, mas apenas desdobrar o curso de preparatórios do Seminário de Fortaleza, o qual passou assim a funcionar em duas casas. Quem o disse foi o mesmo D. Luiz, em carta de 8 de janeiro de 1875, datada do Crato, ao Visitador dos Lazaristas: "Adivrto que êste Seminário do Crato não constitui nova fundação, sendo apenas um suplementar ao Seminário Episcopal da Capital e dele inteiramente filial, por isso de baixo do mesmo contrato que com o Superior Geral celebrei: Com isto nada mais faço do que dividir o curso de preparatórios em duas casas para bem dos estudantes e dos mesmos professores que não se demorem com os ares marítimos da Capital."

Criada que foi a Diocese do Crato, já não podia mais o nosso Seminário considerar-se como simples filial do de Fortaleza. E se não houve, da parte do Sr. D. Quintino, Decreto de erecção, houve, quando menos, a designação dos oficiais—Reitor e Professores—o que é bastante, segundo os melhores jurisprudencistas eclesiásticos, para a verdadeira e valiosa erecção canônica de um Seminário. Juridicamente, foi D. Quintino o criador do Seminário do Crato.

Em qualquer catálogo do que tem feito a Igreja na região cariense, omitir o nome do Pe. Dr. José Antônio Pereira de Maria Ibiapina, seria injustificável omissão.

Releva notar, logo a princí-

pio, que o Pe. Ibiapina teve a força de capitar os louvores e conquistar a admiração do Dr. Gilberto Freire: testemunho intelectualmente autorizado e, moralmente, insuspeito.

Demos rápido balanço a algumas atividades do Pe. Ibiapina no Cariri:

Convidado pelo Pe. Felix Arnaud Formiga, chegava o Pe. Ibiapina em Missão Velha no dia 14 de outubro de 1864. Que andou fazendo por esta zona o grande missionário ?

“Regenerando os costumes ” e “fundando obras de utilidade coletiva ”, responde o Dr. Irineu Pinheiro.

Além da notável obra educativa das Casas de Caridade em Missão Velha, Barbalha, Crato e Milagres, as quais eram ao mesmo tempo hospitais, creches, oficinas, escolas e templos, visto que lá se recebiam doentes, se recolhiam crianças, se trabalhava, se estudava e se

orava, temos ainda que lançar a crédito do Pe. Ibiapina, a construção de igrejas, capelas, cemitérios, cacimbas públicas e açudes. Foi realmente um benemérito o grande missionário do nordeste brasileiro. A despeito de todas as adversidades, fazia verdadeiros prodígios. Em Barbalha concluiu os trabalhos da Matriz, construiu um cemitério e uma cacimba pública, tudo no espaço de 15 dias. Em Goianinha reuniu 12 mil pessoas, e em 18 dias fez um açude e uma capela. Em São Pedro de Milagres edificou uma capela em 6 dias e pouco depois levantava outro em Brejo do Coité. Em Porteiras de Fora construiu um cemitério, e desmentiu cabalmente, por essa ocasião, a lei da oferta e da procura: reuniu mais de 10 mil pessoas numa pequena povoação, e o preço dos gêneros baixou. Em Caldas fez uma capela e um açude em 6 dias.



Meu Crato

A J. DE FIGUEIRÊDO FILHO



VEJO-O na mente, como num retrato,
E sinto n'alma tanta nostalgia...
É um tesoiro, é meu querido Crato,
De História nobre e cheio de alegria.

A Catedral... Mais longe a serrania...
Cantam os azulões lá pelo mato,
Num concerto sonoro a todos grato,
Num despertar de luz e sinfonia...

O Seminário... O rio Batateira...
Lindas morenas... Um dia de feira...
Num sonho vejo todo o meu sertão.

Meu bêrço não esqueço... Ninguém há-de
Poder matar as fontes da saudade,
Que lanceia meu pobre coração.

JAYME SISNANDO

Crato e o seu primeiro cinema

Florival Matos

Capítulo indispensável a quem se proponha escrever a história de nossa cidade, êste que tentarei esboçar em poucos traços, referente ao seu primeiro cinema.

* * *

Ficam bem os asteriscos acima dispostos, por que denunciavam recuo no tempo, de quasi cinquenta anos.

Na primeira década dêste século, aqui aportou uma família de artistas italianos, fragmento duma companhia teatral, condenada à falência pelas exigências das platéias das capitais, que, à falta de dotes artisticos ou atributos físicos a exhibir, explorava o cinema.

Cinema, é o modo de dizer; na verdade, tratava-se de rudimentar aparelho de projeção, com um título exótico: Bioscópio.

Para instalação do aparelho, foi-lhes concedido o velho sobradão da rua Grande, atual Miguel Lima Verde N. 25, àquele momento elevado às culmânias de palácio encantado, ponto obrigatório dos cratenses de bom gôsto, nas noites de função.

A sua sombra, Cupido armou sua tenda, fazendo pulsar em descompasso o coração das jovens casadoiras.

A novidade, porém, em breve perdia o seu encanto, e, os donos do Bioscópio, desiludidos,

arrumaram a bagagem e partiram em busca de outras plagas...

A tranquilidade voltou à cidade, não voltou porém, ao coração de muita jovem, o sossego roubado por algum rapaz em quem julgára vêr o seu príncipe encantado, romance que os eflúvios da noite inspiraram...

* * *

Interregno de, seis a oito anos, entremeou o desaparecimento do Bioscópio e o aparecimento da "Lanterna Mágica".

Luiz Gonzaga, pessoa bem relacionada, conhecido por Gonzaguinha, fotógrafo profissional in Jo à Capital comprar materiais, de lá trouxera o aparelho. Nessa época, a cidade dava-se ao luxo de possuir uma entidade cultural e artística, o famoso club "Romeiros do Porvir".

As seis portas do prédio onde funciona a loja "A Pernambucana", àquele tempo pertenciam a edificios diversos; as três primeiras,—lado direito de quem desce a rua Grande—pertenciam à casa comercial da firma L. Teixeira & Cia, às três restantes, eram a séde do club "Romeiros do Porvir".

Êsse club reunia o que a cidade possuía de mais expressivo, quer em letras, quer em artes; uma coisa porém, dizia cá fora da sua pobreza mate-

rial; o fato das famílias mandarem suas cadeiras nas noites de encenação de algum drama, ou exibição de alguma fita pela "Lanterna Mágica".

Foi na séde dêsse club, que Gonzaguinha instalou o seu pequeno projetor de imagens. Ai sob à luz mágica da "Lanterna Mágica", muitos namoros iniciados à luz do Bioscópio foram reatados.

—Quantos casais a "Lanterna Mágica" mandou à igreja, eu não sei, por que afinal, não sou daqueles dias, ou melhor daquelas noites...

* * *

A falar verdade, cinema em prédio apropriado, com dia determinado para sessão, em suma, como divertimento coletivo, sômente de 1911 para cá, passámos a desfrutar.

Esse avanço social devem os cratenses a monsieur Dimaio, velhote baixo, gordo, corado e risonho, simpática figura de francês, que, após montar em Fortaleza o Politheama, vem ao cariri, e aqui, por compra, adquiriu o prédio onde tempos atrás, funcionava a casa de negócios do coronel Juvenal de Alcantara Pedrosa, adaptando-o para o fim em vista, tornan-

do-o afinal, capaz de servir, como serviu, por muitos anos, de salão de projeção.

Inaugurou o cinema Paraíso o film Borboletas Douradas. Um dos assistentes contou-me que as borboletas apareciam voando, e, quando pousavam, em vez de borboletas eram mulheres...

* * *

De 1920 datam as minhas lembranças do Cinema Paraíso.

Dezenas de bancas ao seu derredor, desenvolviam minúsculo comércio de comestíveis. Pés de moleque, doce seco, cocadas, tapiocas, e toda escala de bolos e suspiros que deliciam os meninos de qualquer tempo.

Às vezes, por falta de quatrocentos réis para comprar o ingresso de primeira classe, e, não querendo ir à segunda, que custava sômente duzentos réis, resolvia banquetear-me com algum menino do meu tope, empregando o meu capital em coisa mais concreta que simples figuras.

Esse era, em suma, o lado externo do Cinema.

Dentro, Tom-Mix, no seu cavalo ensinado, fazia delirar a assistência...

Bons tempos, aquêles!...

A IGREJA NA FORMAÇÃO DO CRATO

Padre Rubens Lóssio

Oração pronunciada frente à Sé Catedral, por ocasião do solene 'TE DEUM, oficiado no Primeiro Centenario da Cidade.

Em fulgurações esplendentes de luz, uma hora singular vem de ser vivida por esta nossa estremecida e nobre Cidade do Crato.

Descerrando os cortinados de suas grandezas, eis que Ela — a muito airosa Princesa do Cariri — abriu as portas da sua decantada hospitalidade e se regorgitou de filhos seus aos milhares e de outros tantos visitantes, todos felizes de remirarem, na prodigalidade de sua natureza linda e feraz, o patrimonio portentoso de seu presente e as gloriosas tradições do seu passado e as alviçareiras promessas do seu porvir.

Aos acordes maviosos da sublime orquestração dos seus imensos canaviais farfalhantes e das suas muitas aguas marulhantes, alteou-se o garboso estandarte desta imortal Cidade, drapejando o seu nome secular ao sopro dos ventos cariris, em cujas azas vòa a glória da sua incontestante hegemonia, Rainha que é do Sul do Estado. De longe, de bem longe e mais de perto, vieram admiradores e amigos nossos, que, descendo as

escadarias dos Palácios ou sacudindo a poeira da rotina profissional, aqui estão ou estiveram a comungar conosco da mesma hóstia de júbilo e confraternização. Figuras das mais gradas do mundo oficial do Estado e do País, representantes categorizados das classes mais elevadas, vultos por tantos titulos proeminentes e destacados, todos — acompanhados de tamanha multidão de pessoas distintas como não houve aqui jamais — cantaram os cânticos epiniciais com que saudamos a elevação da outrora Missão do Miranda à categoria de Cidade. E tantas presenças simpáticas e ilustres, dentro da moldura encantadora desta Praça, trouxeram o colorido mais vivo que emprestar-se pode à excelsa apoteose do primeiro Centenário.

Todavia, meus Senhores, tão brilhantes solenidades não valeram apenas rútilos clarões dardejados sobre a catacumba de um século, ao róseo despontar de uma nova alvorada de progresso.

Mais que uma comemoração das coisas idas ou uma aspira-

ção das porvindouras, a Festa Centenária é a mais expressiva evocação daquelas e a mais decidida invocação destas. Porque no meio das efusões destes dias festivos, nós vimos e recolhemos a mensagem imortal dos antepassados que souberam construir esta primeira centúria de grandezas, cujos braços temos de transmitir à posteridade esmaltados pela bravura de uma vida fecunda e empreendedora.

Ainda ontem foi lançada a primeira pedra do Monumento aos heróis de 1817 e nada mais justo quanto prestar, na pessoa dos mártires altivos da liberdade, o culto da gratidão e da exaltação aos bravos filhos da Terra, entretanto que se confia aos irmãos que hão de ir a eloquente lição de amor e dedicação à causa da Pátria.

Dos rumores que sobem da gruta do passado, contudo, nenhuma voz ecôa mais forte, nenhuma emerge mais viva que a dos incansáveis bandeirantes das almas, dos quais, aliás, 4 foram a alma da epopeia de desessete bandeirantes do espirito que, no afã incontido de salvar os homens, não descuraram jamais de salvar a própria gleba das trevas da ignorância religiosa e científica e dos grilhões da escravidão politica ou econômica.

Hoje, na era da máquina, pode dar-se que um lugar se forme ao lado de uma bomba de gasolina, para depois receber o batismo da verdade no templo que se ergue sem tardança. O

Crato, porém, filho das selvas de Tupan e do Evangelho de Cristo, nasceu à sombra da Cruz, em torno da Capelinha rústica dos missionários.

E sob o signo da Fé, também cresceu e se desenvolveu a Missão do Miranda em boa hora plantada, qual semente de terra heróica, na concha deste vale ubertoso onde as bravas gentes que se cruzaram souberam beber as aguas cristalinas dos mais nobres ideais de grandeza moral e de sadio patriotismo. Orvalhado pelas bênçãos dos céus, o Curato de S. Fidelis viveu sempre fiel à divina Religião que o batizou e confirmou na fortaleza e audácia cristãs.

Em todos os momentos, notadamente, nos mais difícies, a pequenina metrópole do Sul Ceará encontrou o apoio confortador da Igreja Catolica que verdadeiramente plasmou todo o patrimonio de sua grandeza.

Pioneira destemida do progresso e da Civilização, Ela presidiu ou inspirou, promoveu ou estimulou todos os grandes movimentos ascensionais e as manifestações tojas de amor à terra. Do pináculo deste centenário, bem se enxerga o rastilho luminoso dos Ministros do Altar, quer enverguem o burel quer a sotaina, mas sempre autênticos condutores de homens que foram e dedicados semeadores de idéias fecundas.

Desde Frei Carlos Maria de Ferrara, o Apóstolo que deu o Crato ao Ceará como ao Brasil Anchieta deu S. Paulo, até

D. Francisco de Assis Pires que se vem dando à Diocese, num holocausto sublime e realizador, ante nós desfilam impressionantemente as silhuetas gloriosas dos Levitas do Senhor, os quais, pondo nas mãos do povo a cartilha do Evangelho e da Ciência, ensinaram a construir o edificio da perfeição interior e o monumento da grandeza pública. O Diácono José Martiniano de Alencar, D. Luiz Antonio dos Santos, Pe. Ibiapina e D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, são nomes que valem uma legenda e assinam, sozinhos, o atestado de que a glória do Crato desceu do pé do Altar. A não falar na larga folha de serviços prestados pelas Associações Religiosas, por cujo ministério inúmeros beneficios se têm prestado, silenciando as lides afanosas da imprensa e do ensino, em todas as horas da formação cratense, baste lembrar os marcos maiores do primado e da supremacia da Igreja no acrisolamento das virtudes morais e civicas deste rincão venturoso.

Aí está a majestade arquitetônica do Seminário de S. José, fruto do zelo dinâmico de D. Luiz Antônio dos Santos, a erguer-se, altaneiro, como o primaz dos estabelecimentos de ensino secundário em todo o interior do Estado, há mais de três quartéis de século, montando guarda à Cidade e espadanando luzes por toda a região. Abrindo clareiras no árduo problema da assistência social, o Pe.

Ibiapina também aqui deixou esta vetusta Casa de Caridade, onde tantas e tantas jovens acham guarida e proteção, agora ampliada pela solicitude do Patronato. Assim como ainda dormem no alto do Barro Vermelho os alicerces do Hospital planejado por D. Quintino, sonho que se concretizou sob os auspícios da Diocese neste magnifico conjunto hospitalar da Beneficente de S. Francisco. E outra demonstração inequivoca de que a Igreja assistiu aos maiores empreendimentos da terra é, por sem dúvida, o Banco do Cariri, pioneiro das organizações bancárias e corôa esplendida dos esforços tenazes do primeiro Bispo do Crato.

Este, Senhores, o panorama que descortinamos do cimo do monte dos cem anos de vida cidadina. Razão é, portanto, neste ensêjo, a Cidade se prosterne para reverenciar a memória de tão celebrados benfeitores, oferecendo a Deus o mais puro e fervente hino de agradecimento pela cópia de tantos favores.

E aqui estamos à roda do Altar, como ontem na S. Missa, vivendo as últimas cintilações de um Tabor, de cujas culminâncias divisamos, a um tempo, o quadro rico do passado e bem assim o horizonte convidativo do futuro. E ante o estendal de valiosas conquistas alcançadas, a todos nos impende a grave responsabilidade de brilhantes vitórias a conquistar

Conta-se que a 1817, o Cura

da Catedral de Olinda levou aos revolucionários uma bandeira benta e disse: "In hoc signo vinces". Neste sinal, venceis. Pois, também eu, neste instante impar de brilhantismo solitário, nesta hora maior de todas para o Coração da Terra da Luz—quando, em aljofaradas de luzes amortalhando um século e enfaixando outro. Crato sente o dever imperioso de espelhar no futuro a grandeza do passado — apresento-vos a mais augusta bandeira da vitória, que folgo de ver hasteada neste mesmo histórico local onde o Diácono Martiniano de Alencar, um dia, proclamou a liberdade republicana. "In hoc signo vinces". Sim, ó soberana Cidade do Crato, vencerás, como venceste, com esta invicta bandeira da Fé, que é a tua Catedral de N. S. da Penha. Bandeira da Fé que é a bandeira da Sé de tua excelsa Padroeira, amiga e protetora de todas as horas, Mãe carinhosa dos teus filhos.

Crato, Cidade-Capital como cantam os poetas de hoje, serás sempre grande, enquanto fôres, como rezam os cronistas de ontem, uma Jerusalém moderna.

E esta é, Senhores, a razão por que no formoso e refulgente colar destas comemorações

não poderia faltar a pérola do sentimento religioso. E aqui nos encontramos ao pé do Altar do Senhor das Nações, para entoar o hino da nossa Fé: TE DEUM LAUDEMUS. Nós Vos louvamos, Senhor. Sim, diante disto, por isto e para isto, só uma atitude se nos impõe: adorar no presente, agradecer pelo passado e implorar pelo futuro. Só um dever nos constringe: transbordar os corações de entusiasmo e clamar na Praça Pública, com a voz potente do Povo e os lábios sagrados da Igreja: "Te Deum laudemos"! Senhor Deus, a Vós todo o louvor.

Senhor, orvalhastes de bênçãos o nosso presente construtivo e, diante disto, nós dobramos os joelhos em terra e Vos adoramos a majestade infinita. Senhor, enriquecestes de conquistas o nosso passado heroico e, por isto, nós alongamos os olhos ao Céu e Vos agradecemos a suprema bondade.

Senhor, Vós constelareis de vitórias o nosso risonho porvir e, para isto, nós alevantamos os braços ao alto e Vos imploramos a égide divina!

TE DEUM LAUDEMUS!

«A fé é uma claridade que desfaz as sombras interiores».

Coelho Neto

JUBILEU DE OURO

Em todo o mundo livre foram comemoradas as bodas de ouro do ROTARY—esta instituição que se firma em função da amizade e da harmonia, da tolerância e cooperação — no próximo passado dia 23 de fevereiro deste ano de 1955.

Iniciado em Chicago em 1905, por PAUL P. HARRIS, advogado, e mais três amigos seus que exerciam, cada um, uma atividade diferente — GUSTAVO LOEHR, mineiro; SILVESTRE SHIELE, comerciante de carvão; HIRAM E. SHOREY, negociante de roupas feitas — o movimento rotário tem se propagado intensamente e de modo ascendente e, hoje, em mais de 8 400 comunidades, associando mais de 400 000 cidadãos de ramos de negócios diferentes em 89 países e regiões, servindo de escola de civismo, de boa conduta profissional e de tolerância.

A nossa cidade, Crato, tem sido beneficiada pelo ideal que agrega os rotarianos e, em tudo que visa o bem estar social, o progresso da localidade ou da região caririense, êstes homens de boa vontade têm posto em prática o ideal de servir que os anima.

Fazendo o registro de tal efemeride, esta REVISTA o faz prazenteiramente vez que o Rotary Club de Crato tem dado seu inteiro apoio ao INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

FABRICA DE MARMORITO SANTO ANTONIO

:DE: VICENTE MARQUES

Endereço Telegrafico: VIMARQUES

Matriz: Rua José Carvalho, 171 — Filial: Praça Pe. Cícero, 141. Fone: 670,
Fone: 21—13, CRATO - CEARÁ — Juazeiro do Norte-Ceará

Especialidade em:

Altars—Pias Batismal—Grades de Comunhão—Túmulos—

Lousas de inscrição—Soleiras para prédios—Pisos para escadas—Pias para cozinhas—Bancas para bar—Aparelhos sanitários—Bancos e postes para avenidas etc.,

em

Madreperola e marmorito — Gesso e cimento armado.

Café Jacira

Primeira Qualidade

PURO, GARANTIDO, MOIDO

À VISTA DO FREQUÊS.

MERCEARIA HONOR

de ANTONIO HONOR DE BRITO

Rua Santos Dumont, 51. — Crato - Ceará

«Farmácia N. S. da Penha»

—:— Do Farmaceutico — —

Eduardo Solon

Rua Santos Dumont, 52 — CRATO-CEARÁ

SAPATARIA POPULAR

ANTONIO MARIANO DOS SANTOS

CALÇADOS, COURO, SOLAS E FERRAGENS.

Rua Senador Pompeu, 98 — Crato - Ceará

FARMACIA SÃO JOSÉ

de Alfredo Alencar Filho e Cia. Ltda.

*Mantem grande sortimento de especialidades
Farmaceuticas, nacionais e estrangeiras,
vendendo ao público pelos melhores
preços da praça.*

BARBARA DE ALENCAR, 197

Crato - Ceará

Serraria Monteiro

de J. Monteiro e Cia.

*DAS MAIS BEM MONTADAS DO
INTERIOR CEARENSE.*

Beneficia madeira para construção.

Rua Almirante Alexandrino, 85.

CRATO - CEARÁ

Conflito de Leis

OLIVEIRA BORGES
ADVOGADO

Não existirá de certo, por este mundo afóra, país tão rico, tão fecundo em legislação como o Brasil.

Legisla-se, aqui, sobre tudo.

Parece até que a preocupação dominante dos nossos homens públicos é enquadrar o brasileiro num sistema rígido de normas legais, num círculo apertado de cânones disciplinares, em que se circunscreve, angustiosamente, a órbita já de si estreita de suas atividades.

Cresce, na árvore frondosa de nossas manias, mais um galho robusto do nosso ufanismo tólo.

O Brasil é o país mais adiantado em legislação trabalhista.— proclama, de papo cheio, empavonado, o oficialismo.

Bobagem, m e r a tapeação, porque enquanto os decretos que beneficiam o trabalho abarrotam as secretarias de estado, a fome aumenta, o pauperismo mais angustia o operariado.

Visite-se o nosso meio rural, o interior desamparado. Aqui se arrasta. — é o têrmo, — há seculos, o homem do campo no mesmo deprimente estado de miséria: por morada uma casa de taipa coberta de palha, por mobiliário um banco tóscó, uma tipoia suja, uma cama de varas, e, por cima, a praga dos per-

ceijos, a carência alimentar, a comida invariável do cuscús de milho azêdo com o feijão de corda gorgulhado.

Roido de vermes, anemiado e triste, eis o espetáculo acabrunhador do nosso caboclo, que Euclides, no seu estilo atrevido, hiperbolizou com o sendo antes de tudo um forte.

Código de Águas, Códigos de Minas, Código Florestal, Código do Ar, Código Civil, Código Penal, Código de Processo Civil, Código de Processo Penal, Código Comercial, Código de Menores, Código Militar, Consolidação das Leis do Trabalho, Constituição Federal, Constituições Estaduais, Códigos de Posturas municipais, — as bases mestras das nossas instituições,—além dêsse acervo imenso de decretos e decretos-leis que são o pesadêlo dos advogados e a tortura maior dos seus aplicadores.

O brasileiro tem o fetichismo da lei. Não há aí vereador chinfrim ou deputado aldeão que se não contamine pela vaidade de ver o seu nome ligado a uma norma legal.

Daí, dêsse prurido de legislação, a dificuldade dos profissionais do fôro no manejo das leis.

Um exemplo, dentre milhares,

tem-se no art. 506 do Código Civil, segundo o qual, quando o possuidor tiver sido esbulhado, será reintegrado na posse sem ser ouvido o autor do esbulho antes da reintegração. Disposição clara, taxativa: sem ser ouvido o esbulhador ...

Mas vem, posteriormente, o Código de Processo Civil e estabelece no art. 371, n° 1V, § único, que, quando os requisitos da justificação da posse não consistir em documento poderá o juiz ouvir o réu (esbulhador). Já se vê, a lei nova é facultativa e não taxativa como a anterior.

Criou-se, assim, um conflito sério de opiniões entre os estudiosos do assunto, e, conseqüentemente, mais um entrave à marcha regular dos processos, já por si sós tão demorados ...

Se entre leis codificadas isto acontece, imagine-se a confusão tremenda que reina na legislação esparsa que infesta como praga o país inteiro.

A adoção da medida recomendada por CLOVIS, em tais casos, evitaria a balburdia: "Seria vantajoso que a nova lei indicasse especificadamente o que fica abolido na lei anterior. Evitar-se-iam por esse modo, muitas obscuridades. Como, porém, é difícil determinar, em todas as hipóteses, a extensão da força contrária da nova lei, costumam os legisladores fazer apenas a declaração ociosa: ficam revogadas as disposições em contrário."

"As leis anteriores, continua o mestre, na parte em que não são, expressa ou tacitamente, abolidas, mantêm-se em vigor pelo principio da **Continuidade** da sua eficácia, combinando-se, assim, nesta harmonia unificadora, o direito antigo e o moderno".

Quem, em função do officio, já se deu ao trabalho de examinar um auto de infração lavrado por um desses carrancudos e inabordáveis fiscais do consumo, que, vez por outra, amarguram com suas pesadas multas o esforçado comerciante do interior, de certo ficou desorientado com a carga de artigos, paragrafos, alíneas, etc., de um sem numero de leis, decretos, regulamentos e outras tranças de que o homem se utiliza no auto para maior confusão do pobre e atemorizado contribuinte.

Quando procurado para uma defesa em casos tais, o advogado sente-se emaranhado, como que envolvido num verdadeiro cipal de dispositivos, as mais das vezes contraditórios, para esboçar, afinal, umas razões de defesa cujos resultados são quasi sempre negativos.

As más leis, no Brasil, têm pronta aplicação, das boas mal sabemos a noticia.

E é pena que não façam elas a felicidade das Nações, porque se o fizessem, com o estoque vultoso que aí temos, seríamos, incontestavelmente, o povo mais venturoso da terra.

O PROFESSOR PRIMARIO

Sua responsabilidade na época atual

Jm. PINHEIRO TELES

A sociedade humana está dividida em várias classes, cada uma delas, como é natural, desempenhando uma função própria e distinta. Destas, contudo, uma das que exerce missão mais nobre e de maior relevância é sem dúvida, a do professor primario, a quem compete moldar caracteres em começo de formação. A escola primaria é a continuação do lar, bem como o professor a continuação da familia. Para bem desempenhar a sua sublime tarefa precisa o professor primario possuir qualidades especiais, sendo as principais, segundo o eminente pedagogo iusitano Mario Gonçalves Viana: Aptidão, intuição, poder de observação, paciencia, serenidade e dignidade, optimismo, e enthusiasmo, cultura, imparcialidade, acolhimento e simpatia. Referidas qualidades não são exigidas, porém, ao maximo, devemos nos conformar apenas com o minimo, uma vez que não é possível encontrar individuos que possuam, em globo, todas as qualidades exigidas, em teoria, para exercer a profissão. Há certas deficiencias que a boa vontade compensa. Desenvolvendo as aptidões que possuem, podem compensar, até certo ponto, as qualidades que não possuem ou aquelas que

foram pouco desenvolvidas. A aptidão para o magisterio é, no entanto, uma qualidade indispensavel a qualquer professor que se preze deste titulo, uma vez que sem ela seria inteiramente impossível desempenhar a delicada missão de educador.

Nos dias atuais ainda é mais grave e difficil o trabalho do professor primario porque instruir somente não basta. É preciso educar, pois educar é formar o carater e é justamente disto que o homem precisa. Porém como se educa a infancia ? Pelo exemplo. O professor tem que ser acima de tudo um modelo de virtudes. A criança percebe mais pelos olhos do que pelos ouvidos. Ela não é boa nem má e sim um produto do meio em que vive. Se o professor é íntegro e possuidor de um pouco daquelas qualidades enumeradas acima, então teremos o protótipo do educador. O individuo apto a formar os melhores componentes de todas as classes sociais. Já dizia Ingenieros que: " O magisterio deve ser uma profissão vocacional; não há pior mestre do que o animado por simples fins lucrativos, nem pior pedagogia do que a praticada sem amor. A sociedade entrega a criança ao mestre, como ao jar-

dinheiro a semente, para que daquela germinem sentimentos e destas brotem flores. É preciso saber formar os canteiros humanos, rega-los, protege-los, escora-los, classifica-los, arrancar-lhes as mazelas, para que da escola desabroche, bela e louçã, a mais admiravel flôr do universo:— o homem ". Tinha razão o grande pensador portenho. O professor tem que se entregar de corpo, alma e coração à sua causa. Do contrario nada fará de proveitoso e util. Só devem ser professores aqueles que possam cumprir por verdadeira vocação uma tarefa que é, entre todas, a mais s u b l i m e e honrosa. Aquelle que toma a si a grave

tarefa de educar e não a desempenha eficazmente, causa um mal irreparavel à sociedade que lhe confiou o seu futuro. Assim sendo a escolha dos professores deveria obedecer a um criterio muito rigoroso. Só deveriam ser escolhidos e seleccionados aqueles que, de fato, demonstrassem verdadeira vocação. Enquanto a escolha estiver sujeita às influencias politicas, nunca teremos um bom professorado. É necessario que pouco a pouco vamos pondo à margem os antiquados criterios de escolha e seleccionando os verdadeiros professores, pois somente estes poderão dar ao Brasil o grande destino que ele merece.



TAVARES & FILHO

Vendem pelos menores preços da praça

Camas PATENTE — Fogões TIETÉ —
Arame Farpado — Balanças FILIZOLA

Material para construção:

CIMENTO — FERRO REDONDO
— SANITÁRIOS —

TAVARES & FILHO

FONE: 22-11 — Te'grama: TAVAFILHO — CAIXA POSTAL 33
Rua Barbara de Alencar, Ns. 160/170
Rua Senador Pompeu, 82 Crato - Ceará

F. C. PIERRE

PNEUS, CAMARAS E

ACESSÓRIOS PARA

AUTOMOVEIS

Endereço Telegrafico: ★ RUA SANTOS DUMONT, 52
★ PEÇAS ★ Crato — Ceará

SERRARIA LUCAS

— DE —

JORGE LUCAS DE SOUZA

BENEFICIAMENTO DE MADEIRA PARA CONSTRUÇÃO E MOVELARIA

TELEFONE:— 22-91

Rua Nelson Alencar, 158

CRATO —:— CEARÁ

*A preferência que os senhores
construtores dão aos materiais*

— da —

—Serraria Lucas—

**Atesta a bôa procedência
dos seus trabalhos.**

As florestas nordestinas têm sido exploradas criminosamente. Em pouco tempo, devastaram-se milhares de quilômetros quadrados de ricas matas. Tem-se a impressão de que, em face de não ter havido providência proibitiva, rapidamente certos núcleos florestais sucumbiram, se eliminaram aos machados dos lenhadores; e mais, com a necessidade de abrir espaço para as culturas, os sítios, as estradas, as fábricas, o desflorestamento foi longe. No dizer de Pimentel Gomes, ultrapassou de muito as necessidades. Tornou-se uma rotina, uma espécie de vício. A devastação de florestas não se limitou às terras férteis,

tudo aquilo que a natureza levou muitos anos para formar.

Os maiores responsáveis pelo desflorestamento do Nordeste são os proprietários de sítios e fazendas que não têm observado o Código Florestal vigente e que criminosamente mandam derrubar mais de 3/4 partes de suas matas; os donos de frentes nas encostas dos morros ou serras que teimam em derrubar as matas protetoras; os prefeitos negligentes e insensíveis ao problema de reflorestamento de seus municípios; as estradas de ferro que devastam anualmente grandes áreas de matas para o seu desenvolvimento ferroviário, utilizando-se, também, cons-

Em defesa das florestas

Antonio Alves de Queiroz
(Engenheiro Agrônomo)

planas e ligeiramente onduladas. Ganhou as encostas íngremes, galgou as montanhas, não respeitou nascentes dos rios e riachos, nem zonas de abastecimento de fontes naturais. Não cogitou de abrigos à fauna, nem das exigências dos microclimas agradáveis e favoráveis ao homem. Houve, em síntese, a má fé, a ignorância da lei, a falta de mentalidade florestal ou visão de proteção à natureza.

A infração cometida não parte só dos pequenos, dos lenhadores, carvoeiros ou lavradores profissionais que, por instinto de destruição e completa ignorância, eliminam a ferro e fogo

tantemente, de madeiras selecionadas para dormentes; as fábricas, as usinas e os engenhos que, sem nenhuma iniciativa de reflorestar, queimam anualmente outras tantas matas para sua manutenção industrial; a indústria de cortumes escolhe nas florestas árvores taníferas, despindo-as de suas cascas e sacrificando desta maneira, periodicamente, milhares de essências florestais. Assim, computando pequenos e grandes, temos realmente a lista tétrica dos exploradores e responsáveis pela devastação de nossas matas. Uns, de modo bárbaro e empírico, transformam as árvores em lenha ou

carvão; o utros, objetivando construções, fazem seleção de madeira, e consomem milhões de árvores.

* * *

As florestas existentes sendo exploradas constantemente de modo irracional, dizimadas para diversos fins, tornam-se cada ano mais pobres em elementos preciosos; ficam mais reduzidas quanto às árvores de madeira de lei, de linhas e troncos possantes, de madeiras grossas de valor inestimável; apresentam aglomeração de essências florestais mal desenvolvidas, imperfeitas, composição unigênica de poucas espécies valiosas.

As clareiras dentro das florestas danificadas por meio do aço cortante não se preenchem com os mesmo elementos anteriores, pois o solo exposto por muito tempo á ação dos raios solares vai transformando sua composição químico—biológica, microorgânica, de modo a ficar esteril, incapaz de nutrir as plantas antigas, exigentes; daí a tendência para a introdução de elementos adventícios, provenientes das matas xerófilas ou semixerófilas, menos exigentes; e assim, a floresta antiga cede lugar á mata secundária, raquitica, composta de essências estranhas; perde o seu higrofilismo natural; sofre a privação da cobertura protetora da flóra criptogâmica; perde o caráter da mata verdadeira, passando ao agreste, decaindo para o carrasco, finalizando ge-

ralmente em mata xerófila ou misera capoeira.

Faz-se urgente, portanto, a defesa e conservação das florestas que ainda nos restam. É preciso combater e reprimir todas as medidas de destruição das matas; evitar as queimadas, cujo processo de renovação redundante em extermínio completo, devido ao esgotamento prematuro dos elementos vegetativos. Enfim, para diminuir a ação devastadora, deve-se cuidar da educação do povo no sentido de que êle compreenda a influência benéfica da flora e venha auxiliar no trabalho de defesa, conservação e restauração da mesma.

* * *

Graças a uma providência de elevado alcance, em 1946, do governo federal, foi criada a Floresta Nacional Araripe—Apodi com o fim de promover, precipuamente, a perpetuação e o desenvolvimento da reserva florestal, de modo a torná-la uma fonte de matéria prima, para atender as necessidades da região onde está encravada; do mesmo modo, sua finalidade está em íntima coordenação para a proteção de nascentes d'água, conservação da fauna, localização das pastagens para criação, além de promover facilidades de recreação pública.

Com a instalação e organização desse serviço, a região do Cariri conta, atualmente, com uma área de 34.790 hectares de floresta defendida e conservada na chapada da ser-

ra do Araripe. Além das medidas de defesa e proteção, há, concomitantemente, o labor do reflorestamento com o fim de substituir por elementos iguais ou essências congêneres os

componentes antigos, nos claros da mata. Já se pode verificar que o trabalho do Serviço Florestal no setor Araripe está sendo coroado de franco êxito.
(Crato, 18-2-55)

CASA ALENCAR — Filial

M. ALENCAR & Cia.

Rua Dr. João Pessoa, 106 — Teleg.: ALENCAR — Crato-Ce.

Vendas em grosso e a varejo

Tecidos finos e grossos e seus artefatos

CHAPEUS, PERFUMES E BIJOUTERIAS.

ARTIGOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

CASA ALENCAR

A casa dos que sabem comprar.

FARMACIA CONFIANÇA

De LEONISIO VIEIRA & Cia.

Grande estoque de medicamentos vendidos aos preços melhores da praça — O maior escrupulo no aviamento das receitas.

Rua Tristão Gonçalves, 94 — (Em frente ao prédio dos Correios)
CRATO — CEARÁ

O Instituto, Frei Carlos e o Jardim da Praça da Sé

Pe. Antonio Gomes de Araújo

Edificando a igreja de Nossa Senhora da Penha, da qual foi o primeiro Cura, e instalando em torno do templo o aldeamento de índios, cuja catequese evangélica e educação civilizadora superiormente dirigiu ao longo de nove anos—o capuchinho italiano, Frei Carlos Maria Ferrara, consagrou-se fundador desta cidade, formada em derredor do templo e nascida do aldeamento indígena como o fruto sai da flor.

Na hierarquia de seus valores históricos, costumam as cidades dispor os fundadores na galeria dos principais benfeitores.

Gregos e Romanos consideravam heróis aos fundadores de suas cidades. Prestavam-lhes culto cívico-religioso. Cantavam a perpetuidade de sua memória na sinfonia dos mármores das estátuas, dos templos, nos monumentos literários e na chama sagrada, inextinguível sobre as aras da URBS e da POLIS.

Esse carinho cívico, expressão da gratidão coletiva, confunde-se com a alma de todos os povos civilizados no espaço e no tempo.

No Brasil, temos o exemplo dos habitantes da capital paulista, os quais se desvelam no culto cívico a Anchieta, fundador-mor da Paulicéia. Perpetuaram-lhe a memória no bron-

ze das estátuas, na nomenclatura das ruas e até numa estrada: a Via Anchieta, que liga a capital bandeirante ao porto de Santos, a cidade de Brás Cubas.

Se ficamos em nosso Cariri, vamos encontrar as crianças das escolas de Jardim e Barbalha aprendendo os nomes dos fundadores dessas cidades: respectivamente padre João Bandeira de Melo e capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá.

Em trabalho subordinado a epígrafe — A Cidade de Frei Carlos — publicado na "A Provincia", ano 2, número 2, Crato, julho, 1954, escrevi: "Quando a cidade ergerá um monumento ao seu fundador? É uma dívida em atraso".

No mês de novembro desse último ano, levei aquela sugestão ao Instituto Cultural do Cariri, que a recebeu com simpatia.

Em janeiro do ano em curso, o sócio-correspondente do Instituto, coronel do Exército Nacional, Raimundo Pinheiro Teles, ilustre filho desta cidade, sugeriu a essa instituição cultural a idéia de solicitar do poder municipal a atribuição do nome do fundador da cidade ao jardim da Praça da Sé. A praça-feliz-coincidência! — está localizada onde Frei Carlos erigiu o templo de Nossa Senhora

da Penha e instalou a povoação indígena-berço social da cidade. A praça, outrora-Quadro da Matriz - assistiu a elaboração—em casa de D. Bárbara— e a deflagração da Revolução Cratense de 1817. E o jardim verá, em breve, erguer-se, em seu cetro, um monumento aos heróis daquela revolução nativista e democrática.

O Instituto tomou conhecimento da sugestão do sócio em apreço, e deliberou empenhar-se junto ao poder competente no sentido da transformação da idéia em ato legal, empenho que está patrocinado pelo patriotismo esclarecido e dinamismo do sócio-presidente, escritor e jornalista dr. José de Figueirêdo Filho.

Assim, a cidade de Crato começa a mover-se para a primeira prestação da dívida cívica contraída com seu fundador.

ROTEIRO GENEALÓGICO DA FAMÍLIA COELHO, DE BARBALHA.

A êsse Roteiro, de R.P. Coelho de Alencar. Tip. Imperial, Crato-Ceará, 1954 — trago o meu contributo sob a forma de notas á margem e homenagem à ilustre e tradicional Família Coelho, de cujo tronco, nêste Cariri, também, descendo

Já em 1784, agricultava o sítio "Juazeiro", de Missão Nova, vizinha a M. Velha, o baiano, alferes Gonçalo Coelho de Sampaio (1), casado com a baiana, Lourença Barbosa de Me-

lo (2).

Do casal, nasceu Lourenço Correia Dantas, natural do mencionado sítio "Juazeiro", ou "Engenho do Juazeiro", e que se casou—5/5/1767—na Capela da citada M. Nova, com Antonia Maria da Conceição, baiana, neta paterna do baiano João de Sousa Goulart em 1718 sesmeiro na Salamanca. (Barbalha-Ceará). (3).

Gonçalo Coelho de Sampaio, filho daquele casal, Lourenço Correia — Antônia Maria, convolou núpcias com Ana Pereira da Silva, filha legitima de Francisco Pereira da Silva e Maria Francisca Soares, posseiras de terras em Jardim-Ceará. (4).

Desse leito, nasceu Antônio Coêlho de Sampaio, casado com Antônia Maria de Castro, filha legitima de Alexandre Correia Arnaud, Sobrinho, e Francisca Teodora da Conceição, ou Francisca Filgueiras. (5). Alexandre era filho do capitão Francisco Pereira de Abreu. (6) e neto paterno de João Correia Arnaud, o fundador da cidade de M. Velha. (7). Pais de Francisca Filgueiras: tenente José Quesado Filgueiras Lima, português, e Maria Pereira de Castro, baiana. (8).

Filho dos referidos Antônio Coelho de Sampaio e Antônia Maria de Castro: Luís Coelho Sampaio Filgueiras, casado com Gertudes de Sá Barreto. os quais, por sua vez, foram pais do padre Miguel Coelho, nascido 5/7/1870, e ordenado sacerdote, em 1892. (9).

- (1) Livro de reg. de Batisados, Missão Velha, 1748-1764 fls. 4 e 29.
- (2) Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765-1770, fls. 4.
- (3) Livro citado, fls. 18.
- (4) Livro de reg. de Casamentos, Missão Velha, 1773-1810, fls. 159.
- (5) Livro citado, fls. 261.
- (6) Livro de reg. de Casamentos, Missão Velha, 1790-1800, fls. 4.
- (7) Livro de reg. de Casamentos, M. Velha, 1765-1770, fls. 24.
- (8) Idem.
- (9) Processo de ordenação, Arquivo da Cúria do Crato-Ceará.

OS ALENCAR PEIXOTO

Os Alencar Peixoto, do Cariri e Exu, Pernambuco, descendem dos casais Manuel Carlos da Silva Saldanha—Antônia Pereira de Alencar, e Alexandre da Silva Peixoto—Josefa Pereira de Alencar, casamentos realizados respectivamente, 1º-7-1793, e, 22-1-1795, na Capela de Barbalha, e na Matriz de Missão Velha, e celebrados pelo padre Miguel Carlos da Silva Saldanha, irmão dos nubentes, segundo vigário colado de Crato, onde tomou parte na Revolução de 1817 (10)

Antônia e Josefa eram irmãs, de pai e mãe, de Dona Bárbara Pereira de Alencar casada com o português, capitão José Gor-

calves dos Santos, e que foi a heroína autêntica, aliás a única, daquela Revolução. E Alexandre da Silva e Manuel Carlos procediam do Riacho do Sangue, Ceará.

OS LANDIM E CRUZ NEVES

No ano de 1731, o alagoano, capitão José Paz Landim, aparece como senhor do "Engenho de Santa Teresa"; ou sítio de "Santa Teresa" (11). Foi casado com Geralda Rabêlo Duarte, baiana, (12) O filho do casal, capitão Domingos Paz Landim, casou-se com a baiana Izabel da Cruz Neves, (13) filha do sargento-mor Manuel da Cruz Neves, português, e Joana Fagundes de Sousa, baiana, ambos, colonos fixados neste Cariri Novo (14) durante o século 18. Assim se formou o tronco Landim—Cruz no "Engenho de Santa Tereza", em Barbalha.

«O SALAMANCA»

Esse apelativo, que designa um curso liquido marginante à cidade de Barbalha, foi iniciativa de Antônio de Sousa Goulart em 1718 quando aí obteve sesmaria, associado a seu irmão João de Sousa Goulart (15). No sec. 18, escrevia-se: "A Salamanca", atualmente Barbalha,

- (10) L. v. de reg. de Cas. M. Velha, 1790-1800, fls. 35 e 36.

- (11) Liv. de reg. Cas. e Bat., freg. de Icó, 1727-1783, fls. 7. Então, o Cariri pertencia eclesiasticamente a essa freguesia.
- (12) Liv. de reg. de Bat. M. Velha, 1748-1764, fls. 38.
- (13) Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1769-1805, fls. 51.
- Liv. de reg. de Bat. par. cit. 1795-1800, fls. 188.
- (14) Liv. de reg. de Bat., M. Velha, 1748-1764, fls. 83.
- (15) Antônio Bezerra — Algumas Origens do Ceará, pág. 122 — Ceará — Fortaleza — 1918.



Casa onde residiu D. Bárbara. Nela reuniram-se os conspiradores contra o domínio lusitano até a eclosão do movimento revolucionário, em Crato, a 3 de Maio de 1817, dirigido pelo diácono José Martiniano de Alencar.

A casa secular já foi demolida, levantando-se no local o prédio da Coletoria Estadual de Crato, à Praça da Sé.

«Aidéia é arma sempre ativa, que não volta ao estojo nem se embota com os anos.»

Pe. Leonel Franca

Bibliografia, Notas e Comentários

Atividades do Instituto Cultural do Cariri em 1954.

1954 foi um ano de grandes atividades no Instituto Cultural do Cariri.

Mais de uma dezena das reuniões quinzenais programadas foram realizadas, com o comparecimento de numerosos sócios fundadores, sócios correspondentes de passagem pelo Crato, visitantes, autoridades, etc.

Centenas de assuntos foram tratados e dezenas de palestras de cunho histórico ou de interesse da cidade entraram na pauta das sessões.

Se o Instituto Cultural do Cariri não tornou mais positiva a sua existencia, se não ampliou mais o seu raio de ação, foi também por causa de ser ele ainda uma entidade nova, quase embrionária, sem o acervo de experiencias e o cabedal de anos que caracterizam as entidades congêneres existentes no Estado.

Nenhuma verba oficial recebeu em 1954 o Instituto Cultural do Cariri, tendo vivido exclusivamente do seu esforço e das suas minguadas rendas.

Entre os fatos principais debatidos, entre as medidas tomadas no ano que passou, cumpre-nos destacar :

—Idealização da procura do local onde foi morto o herói Joaquim Pinto Madeira.

—Construção da futura Biblioteca Municipal na Praça da Sé.

—Erecção do Monumento aos heróis de 1817.

—Novos horários para a Biblioteca Municipal do Crato.

—Envio de uma banda cabaçal aos festejos do 4º. Centenario de São Paulo.

—Falta de preparação da região do Cariri para receber a energia de Paulo Afonso.

—Telegrafar a Raquel de Queiroz, convidando-a a visitar o Crato.

—Bolsa de estudos para a pessoa que for bibliotecaria na futura Biblioteca.

—Homenagem póstuma (12 de junho) ao 1º. Presidente do Instituto — Irineu Pinheiro.

—Publicações dos estatutos da entidade no Diario Ofi-

cial do Ceará.

—Facilidades para os sócios retirarem livros na Biblioteca Municipal.

—Nova eleição da Diretoria (27 de Novembro).

—Concatenação de ideias sobre o futuro Museu da cidade do Crato.

—Publicação da revista "ITAYTERA", órgão da entidade.

—Providencias para homenagear Irineu Pinheiro e Frei Carlos, com seus nomes em 2 ruas.

Novos horizontes em 1955 para o Instituto Cultural do Cariri

1955 será um ano de novos horizontes para o Instituto Cultural do Cariri.

Grandes atividades desenvolverá a entidade dos intelectuais cratenses, no que concerne ás letras e artes da região.

1955 será caracterizado principalmente pela "batalha do Museu", batalha em que o Instituto Cultural do Cariri vai usar de todo o seu prestigio, de toda a sua força para dotar a cidade de um Museu digno do seu passado historico e das suas tradições de progresso e de cultura.

Dispondo já de verbas para as suas atividades num campo mais amplo e em sentido mais prático, o Instituto vai cuidar tambem de organizar e instalar ainda este ano a sua Biblioteca própria, ao mesmo tempo que cuidará da questão da sua séde. Há muitos planos para 1955. Queira Deus que eles possam ser realizados.

O ano de 1954 para a cidade do Crato

Crato viveu tranquilo o ano de 1954. A cidade continuou no seu desenvolvimento natural, porem em escala maior do que nos anos anteriores.

O ritmo das construções atingiu cifras consideraveis, principalmente no magnifico bairro do Pimenta onde foi enorme a venda de terrenos e onde está surgindo um bairro elegantissimo. Grandes vendas de terrenos se registraram tambem nos outros bairros da cidade. O aspecto das nossas ruas tambem melhorou consideravelmente, principalmente no centro da cidade, onde a construção do edificio do Banco Caixaerial veio dar nova visão a um dos nossos principais logradouros.

Houve progresso em todos os setores. Várias ruas receberam pavimentação. Foi construido e inaugurado um novo sistema de posteamento, ao mesmo tempo que vários serviços de

urbanização foram atacados, bem como decorações em nossos jardins públicos. Houve um crescimento nas rendas municipais, que no ano findo atingiram a casa dos 4 milhões de cruzeiros. Tivemos o início de funcionamento de novas unidades escolares estaduais e municipais, bem como postos médicos.

Por tudo isso, classificamos de "BOM" para o Crato o ano 1954 que passou.

Sócios do Instituto Cultural do Cariri

O Instituto Cultural do Cariri possui sócios, distribuídos em duas categorias — a dos residentes na cidade do Crato e a dos residentes nas outras localidades, que são os sócios-correspondentes.

São os seguintes os sócios do I. C. C. residentes na cidade do Crato:

Pe. Antonio Gomes de Araujo
 Celso Gomes de Matos
 Dr. José de Figueiredo Filho (atual Presidente)
 Dr. Raimundo de Oliveira Borges
 Antonio Teodorico Barbosa
 Prof. Joaquim Pinheiro Teles
 Pedro Gonçalves de Norões
 Francisco de Souza Nascimento
 Dr. Aluisio Cavalcante
 Dr. José Nilo Alves de Sousa
 Pe. Antonio Feitosa
 Pe. Nerí Feitosa
 Prof. José Bezerra de Brito
 Prof^a. Maria de Lourdes Esmeraldo
 Moacir Mota
 Dr. Antonio de Alencar Araripe
 Dr. Jósio de Alencar Araripe
 Dr. Jefferson de Albuquerque e Souza
 Dr. Anibal Viana de Figueiredo
 Prof. José do Vale Arrais Feitosa
 J. Lindemberg de Aquino
 Dr. Antonio José Gesteira
 Euclides Francelino de Lima
 Pedro Felício Cavalcante
 Mons. Pedro Rocha de Oliveira
 Hermogenes Martins
 Dr. Ossian de Alencar Araripe
 Oswaldo Alves de Souza
 José Wilson Machado Borges

Orestes Costa
 Dr. Antonio Duarte Junior
 Ten. Otacilio Anselmo e Silva
 Dr. Francisco Ferreira de Assis
 José Esmeraldo
 Dr. Antonio Macario de Brito
 Paulo Cavalcanti
 Alderico de Paula Damasceno
 Eurico Cordeiro Rocha
 Dr. Luís de Borba Maranhão
 Dr. Antonio Alves de Queiroz
 Zilberto Fernandes Teles
 Antonio Machado
 Prof^a. Edmeia Arrais de Alencar

**Eis a lista dos sócios correspondentes do Instituto
 Cultural do Cariri:**

Valderi Uchôa (Fortaleza)
 Dr. Hêlio Ideburque Carneiro Leal (Fortaleza)
 Prof. José Denizard Macêdo (Fortaleza)
 Prof. Raimundo Girão (Fortaleza)
 Antonio Martins Filho (Fortaleza)
 Candida Maria Santiago Galeno (Fortaleza)
 Prof. Raimundo Gomes de Matos (Fortaleza)
 Dr. Carlyle Martins (Fortaleza)
 Gualter Loiola de Alencar (Fortaleza)
 Abelardo Montenegro (Fortaleza)
 Joaquim Pinheiro Monteiro (Fortaleza)
 Cel. Raimundo Pinheiro Teles (Fortaleza)
 Olga de Lacerda Pinheiro Monteiro (Fortaleza)
 Deputado Décio Teles Cartaxo (Fortaleza)
 Deputado Wilson Gonçalves (Fortaleza)
 Prof. Sebastião Norões (Manaus)
 Dra. Violeta Gervaisson (Curitiba)
 Dr. Jaime Sisnando (Rio de Janeiro)
 Joaquim Pinheiro Filho (Fortaleza)
 Prof^a. Eldenora Arrais de Alencar (Fortaleza)
 Dr. Epitácio Quezado Cruz (Fortaleza)
 Valdir de Sá (Fortaleza)
 Prof. Francisco Correia de Araujo (Fortaleza)
 José Ulisses Viana (Vitória de Santo Antão)
 João Ranulfo Pequeno (Terezina)
 Dr. Luís Samson de Melo (Rio de Janeiro)
 Sérvulo Esmeraldo (São Paulo)
 Antonio Pinheiro Filho (Ouro Preto)

Marchet Callou (Barbalha)
Dr. José Siqueira Cavalcanti (São Paulo)
Dr. Teófilo de Siqueira Cavalcanti Filho (São Paulo)
Dr. Manoel Rodrigues de Melo (Natal)
Dr. Pompeu de Souza Brasil (São Paulo)
Prof. Antonio Rubens das Chagas (Salvador)
Prof. José Newton Alves de Souza (Salvador)
Dr. João Suassuna (Recife)
Maria Alaide Macedo (Rio de Janeiro)
Clélia Lopes de Mendonça (João Pessoa)
Pe. Azarias Sobreira (Aracati)
Dr. Pedro Gomes de Matos (Maranguape)
Dr. Mozart Cardoso de Alencar (Juazeiro do Norte)
Meton Barreto de Moraes (Campos Sales)
Nertan Macêdo de Alcantara (Rio de Janeiro)
Bruno de Menezes (Rio de Janeiro)
Dr. Renato Mesquita de Alencar (Rio de Janeiro)
Pe. Antonio Vieira (Iguatu)
Antonio Levi Epitácio Pereira (Iguatu).

Notas de Uma Viagem (Antonio Levi Epitácio Pereira, Crato, Tip. Imperial, 1953).

O nosso sócio correspondente Antonio Levi Epitácio Pereira, atualmente residindo em Iguatu, realizou em 1952 uma viagem á Europa, á bordo do navio «Provence». São notas da referida viagem, com observações curiosas dos costumes e dos usos de diversos povos, que ele enfeixou em pequeno volume de bonita e impecável apresentação gráfica, e que teve a gentileza de nos enviar.

«NOTAS DE UMA VIAGEM» é um relato franco e quase pessoal, sem veleidades literárias, como diz o autor, sem dúvida uma das inteligencias jovens mais promissoras do quadro de sócios da nossa entidade.

Escrita com linguagem fluente e ao alcance de todos, o pequeno livro do Sr. Levi Epitácio é uma delicia para os que, não podendo conhecer o Velho Mundo desejam ter ao menos uma idéia de como lá se vive e quais os costumes mais usuais na sua vida diária. Muito apreciamos as «NOTAS DE UMA VIAGEM».

Alma Boemia (Jaime Sisnando, Rio de Janeiro, 1951)

Há tempos que estamos de posse do mais recente livro do escritor cratense Jaime Sisnando, um dos mais brilhantes vultos da numerosa colonia cearense na Capital Federal. Jaime

Sisnando já possui 3 romances e deu agora para versejar ...

Livro de uma beleza e de uma inspiração rara, «ALMA BOEMIA» é toda uma coletânea de versos singelos, nos quais o autor deixa transparecer claramente a saudade imensa da terra natal, á qual dedica inspirados e belos sonetos.

O livro de Jaime Sisnando (nota curiosa: o autor nasceu na mesma casa e no mesmo dia em que nasceu o nosso Presidente, Dr. José de Figueirêdo Filho) é um permanente hino de louvor á nossa terra, que ele fixa em momentos de admiravel inspiração, como no soneto «Carro de boi» em que está fielmente retratada a Natureza cratense e a sua característica vida de engenho.

Livro simples, «ALMA BOEMIA» não deixa, todavia de possuir um valor e uma significação muito grande, sobretudo para nós todos, coeterraneos do autor, mas que não «estamos sofrendo as agruras de uma saudade infinda da terra natal...

Inaugurada a «Hidro Elétrica do São Francisco»

A 15 de Janeiro último, perante numerosa assistencia composta de Ministros de Estado, Senadores, Deputados, Governadores, Generais e outras altas autoridades especialmente convidadas, bem como representantes dos estajos do Poligono das Sêcas, o Presidente da República, Sr. João Café Filho, acionou a chave da primeira turbina das construidas na cidade de Paulo Afonso, inaugurando assim a gigantesca obra que é sem dúvida a Companhia Hidro Eletrica do São Francisco. Ao ato falaram diversos oradores, inclusive o Chefe da Nação, que frisou o seu contentamento de nordestino ao inaugurar uma obra tão valiosa para o povo nordestino.

Na verdade, a Usina Hidro Elétrica de Paulo Afonso virá revolucionar por completo o panorama e a paisagem social do Nordeste.

A fatura de Energia Elétrica, possibilitando a instalação da alta industria e a transformação do nível de vida economico da população nordestina, trará enormes beneficios não só ao Nordeste, mas a todo o Brasil, pois a produção agricola e industrial sofrerá um extraordinário aumento, carreando maiores riquezas e uma vida melhor para todos os que labutam nesta região.

O Nordeste, com Paulo Afonso, assinou a sua Independencia.

De mendigo dos poderes públicos, o nordestino passa a uma situação privilegiada, extinguindo-se dos nossos sertões uma raça de desamparados e de esquecidos, de sertanejos a implorar as vistas da Nação.

Os novos governantes do Crato

Tambem o Crato escolheu nas ultimas eleições os seus novos dirigentes.

São eles:— Prefeito: Dr. Ossian de Alencar Araripe, cratense, moço que muito poderá fazer pela nossa terra.

Vereadores: Dr. Aluisio Cavalcante, Aldegundes Gomes de Matos, Joaquim de Souza Brasil, Dr. Derval Peixoto, Juvencio Furtado de Araujo, Dr. Jósio de Alencar Araripe, José Pinheiro Esmeraldo, Expedito Pinheiro Teles, Antonio Xenofonte, José de Alcantara Vilar e Mário Correia de Oliveira.

Alguns desses foram reeleitos, outros estreiam na Câmara.

Frise-se que o novo Prefeito Municipal é membro do Instituto Cultural do Cariri, bem como os vereadores: Dr. Derval Peixoto, Dr. Jósio Araripe e Dr. Aluisio Cavalcante. O Crato muito espera dos seus novos governantes, confiando que a nossa terra continuará a dar um belo exemplo de união política, principalmente quando estiverem em jogo os interesses superiores da cidade.

O Crato servido por aviões da Aeronorte

Não resta duvida que a nossa cidade deu um grandioso passo na história do seu progresso a partir do dia em que os nossos céus começaram a ser sobrevoados com regularidade por aviões do consórcio **REAL-AEROVIAS-AERONORTE**.

O Crato é desde 2 de Janeiro um dos pontos de escala de diversas linhas aéreas da Aeronorte, baixando no Aeroporto de Fátima da Serra do Araripe um avião quase diariamente. Daqui já se pode viajar para S. Lu'z, Fortaleza, Recife, J. Pessoa ou qualquer outra localidade do interior nordestino servida por aquela empreza de transportes aéreos. É um beneficio que muito se sentia faltar em nosso meio, mas que graças ao espirito empreendedor desse cratense que é Ernani Silva, conseguimos, não com pouco esforço.

E o nosso povo tem prestigiado essa iniciativa, conforme pudemos constatar nos balancetes da Aeronorte, que no Crato é representada por Ernani Silva.

Um Local Histórico

O Instituto Cultural do Cariri promoveu no ano passado pesquisas para descobrir o local historico, no antigo Bairro Vermelho, onde foi fusilado o herói Joaquim Pinto Madeira. As pesquisas deram resultados satisfatorios, estando o Instituto

Cultural do Cariri com o firme propósito de ali fazer construir um marco, para relembrar às gerações futuras uma das paginas mais eloquentes da história do Crato. Nota distinta é a oferta do nosso sócio correspondente, Prof. José Denizard Macêdo, que se prontificou a doar a placa a ser afixada no referido marco. A descoberta do local do fusilamento de Pinto Madeira no bairro que hoje tem o seu nome e a futura erecção de um marco ali é outro beneficio que o Instituto Cultural do Cariri prestará a nossa terra, revivendo um dos maiores personagens da sua história.

“Ansia e gloria de Balzac e outros estudos”

Enviou-nos o escritor Abelardo Montenegro o seu mais recente livro, “Ansia e gloria de Balzac e outros estudos” (Editora Minerva, Fortaleza, 1954). Constitui sem duvida, o Sr. Abelardo Montenegro o mais fecundo e festejado escritor cearense da atualidade, pois esse seu livro é o 4º que escreveu e publicou no ano passado. E apesar disso “ANSIA E GLORIA DE BALZAC E OUTROS ESTUDOS” chega-nos para mostrar o Sr. Abelardo Montenegro de uma vitalidade excepcional, malgrado ja haver publicado no mesmo ano outros 3 livros que receberam aprovação unanime da critica literária.

Livro de apresentação gráfica impecavel e de um conteúdo literario de alto valor, essa nova produção do escritor conterraneo vem enriquecer o nosso patrimonio intelectual, aliás já bem valioso, inclusive com trabalhos anteriores do Sr. Abelardo Montenegro, como “TOBIAS BARRETO E MACHADO DE ASSIS”, “CRUZ E SOUSA E O MOVIMENTO SIMBOLISTA NO BRASIL”, “O ROMANCE CEARENSE”, “ANTONIO CONSELHEIRO” e “CEARA — TENTATIVAS DE INTERPRETAÇÃO”, todos eles de inegavel valor historico e literario, em que a pena do autor esteve a serviço da verdade historica muitas vezes com “desassombro” como afirmou o escritor Clovis Monteiro. O novo livro do Sr. Abelardo Montenegro é digno de ser lido por todos, principalmente pela nova geração, que encontrará nele fonte de sadios e verdadeiros ensinamentos, ministrados com aquela pericia e aquela arte de escrever tão característica do jovem escritor cearense.

Somos dos que acreditam que a cultura cearense muito tem a lucrar com as produções intellectuais do Sr. Abelardo Montenegro, que em cada livro se revela de uma nova e revigorante pujança literária.

« O Babassu »

Publicado pela Divisão Nacional de Produção Vegetal do Ministerio da Agricultura, na secção de Fomento Agrícola

do Estado do Piauí, e de autoria do engenheiro agrônomo Dr. Evandro Rocha, recebemos o opusculo "O Babassú", no qual o autor mostra brilhantemente a importância comercial e possibilidades futuras do popular fruto nordestino.

Trabalho de um estudioso na matéria, esse opusculo sobre o babassú vem de encontro aos desejos daqueles que se dedicam à extração desse côco, informando com segurança e com clareza todos os processos do plantio e do aproveitamento desse valioso vegetal, uma das maiores fontes de rendas dos estados nordestinos, principalmente Maranhão, Piauí e Ceará.

O opusculo do eng. agrônomo Evandro Rocha é uma publicação de valor pelos ensinamentos nele contidos. Agradecemos a remessa.

Em Julho Próximo o 1º Centenário da Imprensa Cratense

No próximo dia 7 de Julho a imprensa cratense estará completando o seu primeiro centenário, pois foi a 7 de Julho de 1855 que circulou o primeiro numero do órgão "O ARARIPE", jornal pioneiro de todos os jornais que já possuiu a nossa cidade. Começou com o "ARARIPE" a imprensa do Crato e de todo o sul do Estado. E foi no "O ARARIPE" que começou a sua carreira brilhante um dos maiores jornalistas que militaram na imprensa do Ceará— o grande João Brigido dos Santos, que anos mais tarde fundaria o jornal "UNITARIO" e seria um dos maiores vultos da politica do Ceará.

É, pois, bem significativa a data de 7 de Julho. E o Instituto Cultural do Cariri já está elaborando um vasto programa das comemorações, incluindo uma sessão magna em que falarão diversos oradores e uma exposição da coleção de "O ARARIPE", que pertencia ao nosso primeiro Presidente— Dr. Irineu Pinheiro.

O aparecimento de "O ARARIPE" marca o predomínio intelectual do Crato no Cariri, razão pela qual todos os cratenses são convidados a se associarem às comemorações centenárias da sua imprensa, imprensa valiosa, que sempre tem sido um dos baluartes do nosso progresso.

O Raid dos Ciclistas Cratenses

Ha muitos anos que o Crato não escrevia no seu livro esportivo uma página de tanto arrojado e de tanta coragem como a que foi escrita pelos 5 valorosos rapazes que fizeram em Fevereiro o raid ciclistico Crato a Fortaleza. Foi uma pagina gloriosa do esporte da nossa terra, a desses jovens, que foram levar bem longe o nome esportivo do Crato e dos seus

filhos. Foi há muitos anos... Chamava-se ele Dairo Silva...

Era irmão do comerciante Ernani Silva.

Dairo, com a intrepidez e o arrojo tão comuns nos filhos do Crato, fez um raid Crato x Fortaleza de bicicleta, nos recuados anos da guerra de 39. Desde aquela época ninguém mais havia repetido o feito glorioso que imortalizou Dairo Silva na crônica desportiva local

Agora os valentes rapazes repetiram a façanha, com o mesmo brilho e a mesma serenidade de Dairo. Os nossos parabéns a todos eles e os agradecimentos do Crato esportivo, pela altura que eles elevaram os esportes da nossa terra.

Conferencia da Dra. Violeta Gervaisou

A Dra. Violeta Gervaisou, ilustrada filha da nossa terra, pronunciou uma brilhante e inesquecível conferencia no dia 17 de Fevereiro, no Cariri Esporte Clube. O tema abordado pela ilustre conferencista foi a questão social, tendo ela dissertado com segurança de perfeita conhecedora do assunto para uma grande e seleta assistencia.

Violeta de Alencar Arrais Gervaisou nasceu no Crato, tendo estudado no Ginasio Santa Teresa de Jesus, formando-se no Rio de Janeiro pela Faculdade Catolica de Filosofia.

Casou-se com Pierre Gervaisou em uma viagem de estudos á Europa, tendo residido em Lion. Voltou ao Brasil, morando no Paraná.

Esteve recentemente em Crato em visita á sua familia, tendo ja voltado para junto dos seus. Em recente sessão da nossa entidade foi ela proposta e aceita sócia correspondente do Instituto Cultural do Cariri.

Convidado Gomes de Matos para as Comemorações do Centenário.

O Instituto Cultural do Cariri convidou o jornalista e advogado Raimundo Gomes de Matos para as comemorações do Centenario da Imprensa Cratense, em Julho proximo, devendo aquele conhecido homem de letras pronunciar uma conferencia sobre a personalidade de João Brígido dos Santos, fundador de "O ARARIPE", primeiro jornal do Crato, fundado a 7-7-1855. Raimundo Gomes de Matos é um cratense bastante conhecido pela sua cultura e por suas atividades jornalisticas.

Será, sem duvida, uma festa de inteligencia e de espirito a conferencia de Gomes de Matos sobre a personalidade de João Brígido, jornalista valoroso e dinamico, tambem fundador de "UNITARIO".

Inovação na Radio Araripe

A Radio Araripe, emissora dos Diarios e Radios Associados que funciona em Crato entrou em mais uma fase de franco progresso com a inauguração do seu transmissor auxiliar, o que tem permitido que a sua progamação seja iniciada ás 6 horas da manhã, desde o dia 1º de Março.

Ás 7 horas a Radio Araripe entra em cadeia com a Tupi de São Paulo para a retransmissão do seu jornal falado, o que permite ao povo do Crato se informar sem dificuldades logo ao amanhecer, com os acontecimentos do Brasil e do Mundo. Notamos que a progamação da popular emissora vem aumentando sensivelmente, tanto em qualidade como em quantidade e variedade.

São nossos votos que ela continue em escala ascendente, para maior progresso da nossa terra. A direção da nossa emissora está entregue ao inteligente e dinamico jornalista Wilson Machado, sócio tambem do I. C. C.

Monsenhor Antonio Feitosa

Por ato da Santa Sé foi elevado ao Monse-nhorato o Rvmo. Pe. Antonio Feitosa, um dos mais cultes, virtuosos e destacados sacerdotes da Diocese do Crato. Mons. Feitosa é tambem sócio do Instituto Cultural do Cariri, do qual faz parte desde a fundação da entidade.

Professor renomado, latinista conhecido, jornalista de pulso e orador sacro de nomeada, Mons. Feitosa é tambem o amigo dos pobres e dos seus alunos que lhe tem grande admiração.

Completando a escolha feliz de S. Santidade, que o nomeou tambem Camareiro Secreto da Santa Sé, S. Excia. D. Francisco de Assis Pires, Bispo do Crato provisionou-o vigario de Missão Velha, onde com a sua inteligencia aliada á sua humildade, fará muitos amigos.

O Instituto Cultural do Cariri sente-se honrado em transmitir ao Mons. Antonio Feitosa os seus sinceros parabens, acompanhados de votos de perene felicidade.

D. Francisco de Assis Pires

No dia 23 de Fevereiro ultimo retornou ao Crato S. Excia Rvma. D. Francisco de Assis Pires, preclaro e amado Bispo da Diocese do Crato.

Ha meses que D. Francisco se encontrava na Baia em tratamento de saude, o que deixava em constantes preocupações os seus diocesanos queridos.

Mas Deus quiz que D. Francisco voltasse logo para dirigir novamente o rebanho que lhe confiou. No dia 27 de Março foi S. Excia. Rvma. homenageado pelo povo do Crato em uma grandiosa e inequivoca demonstração de carinho e apreço, na Praça da Sé, quando milhares de pessoas ali se reuniram para demonstrar-lhe o seu amor filial e a sua admiração pelo seu amado Pastor Diocesano. O Instituto Cultural do Cariri associa-se, embora um pouco tarde, ás manifestações do povo do Crato a D. Francisco, desejando a S. Excia. muitos anos de felicidades ao nosso lado, que o admiramos e respeitamos como filhos diletos do seu coração transbordante de bondade.

“ M a p i r u n g a ”

«MAPIRUNGA» é o belo livro de crônicas do escritor alagoano Felix Lima Júnior.

Seu estilo é correto e atrativo, além de ser adorado com certo humorismo sadio que muito nos encanta e nos deleita. Faz parte da coleção AUTORES ALAGOANOS, e comprova que, em Maceió, o movimento intelectual continua a ser bem impressionante e bem na vanguarda do Nordeste. MAPIRUNGA é uma mistura bem saborosa de crônicas regionais e históricas. Edição bem confeccionada da Casa Ramalho Editora, de capital alagoana.

“ História do Cangaceirismo no Ceará ”

Abelardo Montenegro continua a empregar todo o seu dom de inteligencia privilegiada em pesquisas históricas e sociológicas, que muito tem enriquecido a cultura do Ceará, nos ultimos tempos. Só se preocupa o inteligente escritor em assuntos sérios. Publicou ultimamente «HISTÓRIA DO CANGACEIRISMO NO CEARÁ». É relato de época bem nefasta na vida nordestina, especialmente dos dramas que se desenrolaram na terra cearense. Abelardo Montenegro bebeu em muitas fontes e com seu estilo seguro, pintou-nos bem ao nú, a história do cangaceiro e suas causas, hoje, graças a Deus quase desaparecido do cenário nordestino. O cangaceirismo medrou na época da formação do Ceará, explorado pelo coronelismo e pelos políticos que sempre primaram em multiplicar todos os males que infestam ou infestaram o Brasil, de norte a sul. Aliás, o cangaceiro, com rótulo diferente, não foi estranho a todos os países do globo, em certas fases de sua formação, quer entre louros, amarelos, mestiços ou negros retintos.

“HISTÓRIA DO CANGACEIRISMO NO CEARÁ” é outra vitória do espirito de escol de Abelardo Montenegro.

“ Tomaz Pompeu e o seu tempo ”

Tomaz Pompeu de Souza Brasil, com sua inteligência multiforme e fulgurante, encheu de luz o seu tempo. Para comemorar seu centenário, em 1952, F. Alves de Andrade publicou PLAQUETTE que é biografia do ilustre vulto das ciências, letras, da política e do pioneirismo industrial do Ceará. O autor foi muito feliz em sua síntese biográfica do Dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil. Conseguiu retratá-lo bem, mostrando-o às gerações moças como exemplo luminoso a ser imitado. Francisco Alves de Andrade e Castro, professor da Escola de Agronomia, é das poucas inteligências da moderna geração cearense que se dedicam a estudos sérios com critério e muito poder de síntese, tudo temperado com estilo bem atraente.

Intelectuais Visitantes de Crato

Em princípios de março esteve, nesta cidade, o aca-
tado e culto intelectual Prof. Tadeu Rocha, colaborador do “Diá-
rio de Pernambuco” e professor de Geografia de diversos esta-
belecimentos de Recife. É ele um dos principais organizadores do
Congresso Nacional de Geografia a realizar-se neste ano, na ci-
dade de Garanhuns.

Anunciaram sua próxima visita ao Crato

O Dr. Raimundo Girão, uma das figuras principais da
intelectualidade cearense e grande amigo do Instituto Cultural do
Cariri. A ele devemos o nome de nossa entidade de cultura.

O escritor alagoano e apreciado cronista Felix Lima
Junior, autor de “Mapirunga” escreveu ao nosso consócio Moacir
Mota que dentro de alguns dias estará em nosso meio. É ele
gerente do Banco do Brasil em Maceió.

O historiador Gustavo Barroso virá ao Norte chefiando
uma turma de professores e alunos do Museu Histórico,
do qual é diretor, em excursão cultural.

Em carta dirigida ao nosso consócio Ten. Otacilio
Anselmo e Silva, o brilhante escritor assegurou que demorará
alguns dias em Crato.

Centenário do “ O Araripe ” de João Brígido

Em comemoração ao centenário do “ O ARARIPE ”,
de Crato, periódico dirigido pela amestrada pena de João Brígido
dos Santos, o Instituto Cultural do Cariri fará sessão solene, em
salão previamente anunciado. Aquele jornal cratense foi o primeiro
orgão de imprensa a circular em terras do sul cearense. Será
orador da solenidade o conhecido intelectual cratense, catedrático
da Faculdade de Direito do Ceará, Prof. Raimundo Gomes de
Matos.

Abrahão & Monteiro

IMPORTADORES DE LINHOS—SEDAS E TROPICAIS.
TECIDOS — PERFUMARIA.

Com filiais em Crato e Juazeiro do Norte.

Recebem diretamente das fábricas e distribuem nos balcões de suas quatro filiais pelos menores preços da praça.

Antes de fazer as suas compras, consultem as vantagens de nossos preços, que não podem ser imitados

CASA ABRAHÃO

— Matriz em Crato —
RUA DR. JOAO PESSOA. 102

«Estabelecimentos Eduardo Bezerra S. A.» DROGARIA PASTEUR

Grande sortimento de produtos farmaceuticos importados diretamente das fontes de produção — Preços módicos.

ATENÇÃO E PONTUALIDADE NA ENTREGA.

Rua Senador Pompeu — (Esquina com a rua Bárbara de Alencar)

Endereço Telegrafico: PASTEUR — CRATO—CEARÁ

— «Alfaiataria Carvalho» — de CICERO BARBOSA DE CARVALHO

Confeção perfeita de roupas para homens.

Da capital cearense ao vasto cariri, só uma ALFAIATARIA se impõe pela execução dos seus trabalhos.

Rua Dr. João Pessoa, 65 — CRATO—CEARÁ

A Pernambucana

LUNDGREN TECIDOS S. A.

Antes de fazer sua compra de tecidos, procure na

A PERNAMBUCANA

Tropicais — Linhos para Homens e Senhoras.

Tecidos finos — Brins de Linho e Algodão — Lençóis SANTISTA,
os mais duráveis — Artefatos de tecidos — COLCHAS para casal
e solteiros.

Espécialista nos tecidos «MARCA ÔLHO»

End. Teleg: «LUNDGREN» - Caixa Postal 4 - Telefone 21-54
Rua Dr. João Pessoa, 73 -- Crato - Ceará

EXPORTADORA CRATENSE

De ANTONIO ALVES DE MORAIS JUNIOR

Usina de Beneficiamento de Algodão,
Depositário de Mercadorias em Trânsito.

Agente dos Grandes Moinhos do Brasil S. A. — Recife.

Representante da Cia. de Cimento Portland Poty — Recife.

Encarregado da Agência Sertaneja de Transporte Rodoviário.

(Parque D. Ped-o II, 718 — São Paulo.)

Telefone: 21-71 — Teleg.: ANTALVÊS — Inscrição n. 1

CRATO — Rua Senador Pompeu, 11/15 — CEARÁ

Ata da sessão de fundação e instalação do Instituto Cultural do Cariri e de eleição de sua primeira Diretoria.

Aos quatro dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e cinquenta e três (1953), reuniram-se às 10 horas da manhã, no salão da Biblioteca Pública, sito à rua Senador Pompeu n.º 168, nesta cidade do Crato, Estado do Ceará, os srs. Dr. Décio Teles Cartaxo, Dr. Aluísio Cavalcante, Dr. José de Figueiredo Filho, Joaquim Pinheiro, Pedro Norões, Amaro José da Costa, Livio Pequeno, Lindenberg Patricio, Jesus Saraiva, Dr. Luis de Borba Maranhão, Euclides Francelino de Lima e Antonio Levi Epitácio Pereira, com o objetivo de fundarem uma sociedade civil sob a denominação de Instituto Cultural do Cariri, que tem por finalidade o estudo das Ciências, Letras e Artes em geral, e especialmente da História e da Geografia Política do Cariri. Escolhido o Dr. José de Figueiredo Filho para dirigir os trabalhos e por ele designados os Srs. Dr. Aluísio Cavalcante e Antonio Levi Epitácio Pereira, Secretários da Mesa, foi, após esclarecimentos e debates, deliberada por unanimidade de votos dos interessados, a fundação, com sede nesta cidade do Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Santanopole, Caririacú, Quixará, Araripe, Assaré, Campos Sales, Brejo Santo, Milagres e Mauriti, do Instituto Cultural do Cariri, e bem assim que de acôrdo com as disposições legais que regulam a constituição das sociedades de natureza civil seja o mesmo inscrito no registro que lhe e peculiar. (Art. 18 e seguintes do Código Civil Brasileiro), afim de que adquira personalidade jurídica e possa gozar de todas as vantagens e prerrogativas asseguradas em Lei.

Lidos e aprovados, em seguida, os Estatutos da Sociedade e declarado fundado e instalado o Instituto Cultural do Cariri que será regido pelos Estatutos, leis e outros regulamentos aplicáveis, foi eleita por aclamação unânime a sua primeira Diretoria, assim constituída :

Presidente — Dr. Irineu Pinheiro
Vice-Presidente — Pe. Antonio Gomes de Araújo
Secretário-Geral — Dr. José de Figueiredo Filho
Secretário — Antonio Levi Epitácio Pereira
Tesoureiro — Amaro José da Costa

Em seguida foram eleitos, também por aclamação unânime, os membros das Comissões Permanentes previstas no Art. 34 dos Estatutos, as quais ficaram assim constituídas :

Comissão de Sindicância e Finanças :

Dr. Raimundo de Oliveira Borges
 Antonio Teodorico Barbosa
 Joaquim Pinheiro

Comissão de Organização da Revista :

Dr. José de Figueiredo Filho
 Pedro Norões
 Francisco S. Nascimento

Comissão de Ciências, Letras e Artes :

Dr. Décio Teles Cartaxo
 Dr. Aluisio Cavalcante
 João Ranulfo Pequeno

De acôrdo com o Art. 57 dos Estatutos, foi designado o dia dezoito (18) de outubro do corrente ano de 1953, às 14 horas, no Salão Nobre do Colégio Diocesano do Crato, para a posse, em Sessão Magna, da Mêsã e das Comissões Permanentes eleitas para regerem os destinos do Instituto no seu primeiro periodo de existencia. E como nada mais foi tratado, declarou o Sr. Presidente encerrada a sessão, da qual eu Antonio Levi Epitácio Pereira, Secretário, lavrei a presente ata, que, após lida e achada conforme, será assinada pelos sócios fundadores.

(Ass.) Antonio Levi Epitácio Pereira, Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho, Pe. Antonio Gomes de Araújo, Antonio Teodorico Barbosa, Amaro José da Costa, José Nilo Alves de Souza, Joaquim Pinheiro Teles, Jesus Saraiva Gondim, João Ranulfo Pequeno, Pe. Luís Antonio dos Santos, Raimundo de Oliveira Borges, Maria Eldenora de Alencar Arrais, Pe. Antonio Feitosa, Pe. Nerí Feitosa, Francisco Sousa Nascimento, Pedro Gonçalves Norões, Décio Teles Cartaxo, José Bezerra de Brito, Bruno Menezes, Celso Gomes de Matos, Noemia Novais de Alencar, Maria de Lourdes Esmeraldo, Antonia Carmélia Simões, Alvaro Rodrigues Madeira, Madre Tereza Machado, Madre Maria R. Palmeira, Moacir Mota, Antonio de Alencar Araripe, Jósio de Alencar Araripe, Jefferson de Albuquerque e Sousa, Anibal Viana de Figueiredo, Dr. Antonio José Gesteira, José do Vale Arrais Feitosa, João Lindenberg de Aquino, Euclides Francelino de Lima, Mozar Gomes Rolim, Pedro Felício Cavalcante, Mons. Pedro Rocha de Oliveira, José Alves Cavalcante, Aluisio Cavalcante, Hermogenes Martins e Pe. Antonio Vieira.

Estatutos do Instituto Cultural do Cariri

CAPITULO I

Da finalidade do Instituto

Art. 1.º—O Instituto Cultural do Cariri, sociedade civil com sede na cidade do Crato e fundado em 18 de Outubro de 1953, tem por finalidade o estudo das ciências, letras e artes em geral, e especialmente da História e da Geografia Política do Cariri.

Art. 2.º—Para preencher os seus fins o Instituto manterá e promoverá:

a)—intercâmbio cultural com instituições congêneres, científicas e literárias, nacionais e estrangeiras;

b)—uma Revista, em que se publiquem trabalhos dos sócios e colaborações de estranhos;

c)—uma biblioteca e arquivo em que se guardem e relacionem os papéis, livros, documentos, cartas geográficas, autógrafos, etc., obtidos pela Sociedade ou a ela oferecidos;

d)—um museu regional;

e)—o culto, por meio de comemorações adequadas, dos feitos de nossa história, especialmente do Cariri;

f)—a restauração e a conservação de arquivos públicos e particulares, de símbolos e monumentos de qualquer natureza ligados à história, existentes no Cariri e o estudo dos antigos usos, costumes e tradições regionais.

Art. 3.º—A região na qual o Instituto terá jurisdição compreende os Municípios de Crato, Juazeiro, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Santanopole, Milagres, Caririassú, Quixará, Araripe, Campos Sales, Assaré, Brejo Santo e Mauriti.

CAPITULO II

Dos Sócios

Art. 4.º—O Instituto é composto de cinco classes de sócios: Fundadores, Efetivos, Correspondentes, Honorários e Beneficentes.

Art. 5.º—É considerado sócio Fundador o que se associou à idéia de organização do Instituto no ato de sua fundação e assinou a respectiva ata.

Art. 6.º—Sócio Efetivo é aquele que participa ativa e assiduamente dos trabalhos do Instituto, pode votar e ser votado.

Art. 7.º—São considerados Efetivos todos os sócios Fundadores.

§ Unico—O número de sócios é ilimitado.

Art. 8.º—Sócio Correspondente é o que, residindo fora da região do Cariri mantém correspondencia assidua com o Instituto e concorre com a sua ilustração e experiencia para a objetivação da sua finalidade.

§ Unico—Passando a residir na região do Cariri o sócio Correspondente poderá tornar-se Efetivo.

Art. 9.º—Sócio Honorário é aquele que por distinta posição social ou reconhecido mérito pessoal e ainda em virtude de relevantes serviços prestados à Patria, recebe tal distinção do Instituto.

Art. 10—Sócio Benemerito é o que tenha concorrido com elevado donativo de valor histórico ou de qualquer outra espécie, para a organização e manutenção do Instituto.

Art. 11—O Sócio Efetivo contribuirá, no ato de sua admissão, com a joia de Cr\$ 50,00 e ficará obrigado à mensalidade de Cr\$ 10,00.

Art. 12—Todos os sócios têm direito a receber gratuitamente a Revista ou outra qualquer publicação do Instituto.

Art. 13—O sócio eleito em sessão ou nomeado pelo Presidente para um cargo ou comissão não poderá excusar-se, salvo motivo relevante, a juizo da Mesa ou do Presidente, respectivamente.

Art. 14—Torna-se passivel de suspensão, a critério da Mesa o sócio que:

a)—abandonar reincidentemente o cumprimento dos seus deveres decorrentes de eleição ou de determinação do Presidente;

b)—conduzir-se mal em sessão ou na sociedade, tendo recebido advertência na primeira vez e censuras públicas na segunda;

c)—menosprezar de público os atributos e objetos do Instituto, seus fins e organização;

d)—não comparecer às sessões por mais de três meses seguidos, sem justificar por escrito o motivo;

§ Unico—O sócio suspenso, que dentro do prazo de trinta dias a contar do recebimento da respectiva comunicação, não apresentar razões que sejam julgadas pela Mesa suficientes para sua reabilitação, será considerado eliminado.

Art. 15—Ao sócio Efetivo será concedida, por motivo ponderável, licença por tempo não superior a seis meses, sendo seu lugar nas Comissões preenchido por nomeação.

Art. 16—O sócio Efetivo que não satisfizer o pagamento das mensalidades por três meses seguidos ficará suspenso dos seus direitos, podendo voltar à plenitude dos mesmos logo que normalizar a sua situação com os cofres sociais.

Art. 17—Na sessão de posse do sócio Efetivo o recipi-

endário prestará o seguinte compromisso: «PROMETO TRABALHAR PELO DESENVOLVIMENTO DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRÍ E CUMPRIR FIELMENTE OS SEUS ESTATUTOS».

Art. 18—O sócio Correspondente que, dentro de três meses a contar do recebimento da comunicação de ter sido eleito pelo Instituto, não declarar por escrito que aceita a eleição, será considerado renunciante.

Art. 19—Todo sócio Efetivo ou correspondente do Instituto deve, quando receber a comunicação de sua aceitação, enviar uma declaração por escrito ratificando e, se necessário, retificando e completando os dados contidos na proposta, relativos à sua pessoa, remetendo também dois exemplares livros e trabalhos que tenha publicado, cujo recebimento será acusado em Ata, sendo os mesmos exemplares distribuídos à Biblioteca ou ao Arquivo.

CAPÍTULO III

Das Sessões

Art. 20—As sessões do Instituto serão: ordinária, extraordinária, de assembleia geral, magna em 17 de outubro, e solene, sendo estas nas datas festivas do Brasil, do Ceará e da Região do Cariri.

Art. 21—As sessões ordinárias serão quinzenais e se realizarão em dia e hora designados pela Mesa.

Art. 22—As sessões ordinárias só poderão ser realizadas com o comparecimento mínimo de dez sócios e obedecerão à seguinte ordem: a)—abertura da sessão pelo Presidente; b)—leitura e discussão da Ata; c)—leitura e despacho do expediente; d)—estudo e solução dos assuntos trazidos ao conhecimento do plenário; e)—uso facultativo da palavra; f)—encerramento pelo Presidente.

Art. 23—Consideram-se extraordinárias as sessões não estabelecidas nos presentes Estatutos, as quais seguirão o rito das sessões ordinárias e obedecerão às mesmas exigências.

Art. 24—As sessões de Assembleia Geral serão convocadas pelo presidente, quando julgar necessário a Mesa, ou a requerimento de dez sócios efetivos no pleno gozo de seus direitos, ficando o Presidente, neste último caso, obrigado a convocá-la dentro do prazo máximo de três dias.

Art. 25—Para a realização da sessão de assembleia geral é necessária a presença da metade e de mais um dos sócios efetivos existentes, na primeira convocação; da terça parte, em segunda convocação; e de qualquer número até o limite mínimo estabelecido para as sessões ordinárias, após a terceira convocação.

§ Unico—Entre as convocações de assembléia geral deve haver um prazo improrrogavel de quarenta e oito horas.

Art. 26—As sessões ordinárias e as extraordinárias serão reservadas, sempre que o julgar necessário a Mesa.

CAPITULO IV

Da direção e administração do Instituto

Art. 27—A direção e a administração do Instituto competem à Mesa eleita anualmente entre os sócios Efetivos.

Art 28—A Mesa ou Diretoria do Instituto será constituída de um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário-Geral, um Secretário e um Tesoureiro.

Art. 29—Ao Presidente compete: a)—abrir, dirigir, distribuir os trabalhos nas sessões e suspendê-los, quando necessário; b)—visar a correspondência recebida e assinar a expedida; c)—representar o Instituto ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente; d)—nomear o Bibliotecário e quaisquer Comissões Especiais; e)—tomar parte nos trabalhos das Comissões Permanentes e das Especiais, sempre que o entender ou for necessário; f)—fiscalizar o serviço das Secretarias e do Arquivo, da Biblioteca e do Museu, determinando as providencias que julgar necessárias; g)—nomear, suspender e exonerar funcionarios do Instituto, submetendo o ato à aprovação da Mesa; h)—autorizar quaisquer despesas e visar os respectivos comprovantes; i)—promover sessões comemorativas de aniversário e de datas civicas; j)—exercer o voto de Minerva quando houver empate em qualquer votação; k)—apresentar, nas sessões de aniversário do Instituto, um Relatório geral dos trabalhos realizados durante o ano, expondo as medidas que julgar convenientes para o seu maior desenvolvimento.

Art. 30—Ao Vice-Presidente cabe substituir o Presidente em seus impedimentos ou falta.

§ Unico—Na falta do Vice-Presidente, o Presidente será substituído pelo Secretário-Geral, e assim sucessivamente, na ordem acima estabelecida.

Art. 31—Ao Secretário Geral compete: a)—redigir, expedir, receber e arquivar toda a correspondência do Instituto; b)—assinar os Diplomas, as Portarias e demais atos emanados do Presidente e da Mesa; c)—ter sob sua direção e guarda o Arquivo do Instituto, consertando e autenticando todas as cópias de documentos que tenham de ser arquivadas; d)—ler o expediente que houver em cada sessão; e)—encarregar-se da publicidade, na imprensa, dos atos públicos do Instituto; f)—organizar o Livro de Tombo e todos os documentos do Arquivo e objetos do Mu-

seu, indicando a procedência dos mesmos e o modo como foram adquiridos; g)—fazer parte da Comissão de Redação da Revista.

Art. 32—Ao Secretário cabe: a)—escrever e ler as atas das sessões ordinárias e de quaisquer outras, fazendo constar das mesmas os nomes dos sócios presentes; b)—manter um livro de efemérides regionais; c)—organizar e atualizar sempre o livro do Registro dos Sócios; d)—substituir o Secretário Geral em seus impedimentos ou faltas.

Art. 33—É da competência do Tesoureiro: a)—escriturar a Receita e a Despesa do Instituto; b)—receber as mensalidades e joias dos sócios e quaisquer outras contribuições, subvenções públicas e auxílios públicos e particulares; c)—pagar as contas de despesas autorizadas pelo Presidente, depois de visadas pelo mesmo; d)—recolher a uma casa bancária os saldos existentes cuja retirada se realizará por meio de cheques assinados pelo Presidente e pelo Tesoureiro.

CAPITULO V

Das Comissões

Art. 34—Haverá três Comissões Permanentes: a)—Comissão de Sindicância e Finanças; b)—Comissão de Organização da Revista; c)—Comissão de Ciências, Letras e Artes.

§ Unico—Essas Comissões serão de três membros, um dos quais será o Presidente, por escolha da Comissão, sendo esta eleita anualmente por ocasião da eleição da Mesa, sendo que na Comissão de Organização da Revista serão eleitos apenas dois membros porque um deles é o Secretário Geral.

Art. 35—As Comissões Especiais serão nomeadas pelo Presidente, dissolvendo-se logo que tenham preenchido o objetivo para o qual foram constituídas.

Art. 36—A Comissão de Sindicância e Finanças incumbem: a)—emitir parecer sobre a idoneidade moral dos candidatos a socios; b)—realizar inquéritos quando estes se fizerem necessários; c)—emitir parecer sobre as contas anualmente prestadas pelo Tesoureiro; d)—pronunciar-se sobre as despesas para qualquer fim, quando o seu valor for superior a Cr\$ 500,00, estudando os respectivos orçamentos.

Art. 37—A Comissão de Organização da Revista compete: a)—organizar e publicar a Revista do Instituto; b)—catalogar todos os documentos manuscritos pertencentes à Revista, cujos originais serão arquivados na Biblioteca do Instituto.

Art. 38—A Comissão de Ciências, Letras e Artes compete realizar os estudos e proceder as pesquisas que lhe forem

determinadas pela Mesa, bem como emitir parecer sobre a idoneidade intelectual dos candidatos e sócios.

CAPITULO VI

Da admissão dos Sócios

Art. 39—Os sócios efetivos, correspondentes e honorários só serão admitidos mediante proposta escrita apresentada em sessão por sócio em gozo dos seus direitos, quando a mesma tiver parecer favorável das Comissões de Sindicância e de Ciências, Letras e Artes e fôr aceita pela maioria dos sócios presentes.

§ Unico—Da proposta acima referida deverão constar a filiação, o nome completo, data do nascimento e naturalidade do sócio proposto, os cargos que tenha exercido, a residencia, a natureza de qualquer escrito, composição ou livro que tenha produzido, obrigando-se à remessa de dois exemplares deste, dados esses que serão, em declaração escrita, ratificados e, se necessário, retificados pelo sócio proposto, quando este receber a comunicação oficial de sua aceitação pelo Instituto.

Art. 40—Ao sócio Benemerito será enviado um diploma com um officio comunicando a distinção que lhe foi conferida pelo Instituto.

CAPITULO VII

Das eleições e substituições

Art. 41—A eleição da Mesa e das Comissões Permanentes será realizada anualmente, quinze dias antes da sessão Magna na qual serão empossados os eleitos.

Art. 42—As eleições para qualquer fim se realizarão por escrutinio secreto, sendo considerado eleito o que obtiver maioria simples de votos.

§ Unico—Em caso de empate, será considerado eleito: a)—o sócio Fundador; b)—entre os dois sócios fundadores e efetivos, o mais velho.

Art. 43—Havendo qualquer vaga na Diretoria ou nas Comissões Permanentes, por motivo de falecimento, renúncia, mudança de domicilio e de categoria do titular de qualquer cargo, será este preenchido; a)—por nova eleição, em sessão ordinária, logo após o vacância, quando faltarem quatro ou mais meses para o término do mandato da Diretoria; b)—por nomeação do Presidente, quando faltar menos de quatro meses para a extinção do mandato.

Art. 44—O período social terá a duração de um ano, ini-

ciando-se na data do aniversário de fundação do Instituto, ocasião em que serão empossados os eleitos.

CAPITULO VIII

Disposições Gerais

Art. 45—As consultas, pareceres, propostas e requerimentos serão feitos por escrito, devidamente assinados, sendo todos arquivados.

Art. 46—Os sócios efetivos poderão retirar e conservar em seu poder qualquer livro da Biblioteca, até o prazo máximo de trinta dias, devendo solicitá-los por escrito e ficando responsáveis pelos mesmos.

Art. 47—Os documentos do Arquivo e da Biblioteca e os jornais e revistas só poderão ser consultados na sede do Instituto.

Art. 48—Nenhuma preciosidade artistica ou histórica, ou objeto, poderá ser retirado do Museu.

Art. 49—A Mesa organizará os Regulamentos que julgar convenientes para a plena execução destes Estatutos e funcionamento dos diversos órgãos do Instituto.

Art. 50—Fica o Presidente do Instituto autorizado a entrar em entendimento com o Prefeito Municipal quanto à forma de utilização pelo Instituto da Biblioteca Pública Municipal e de sua respectiva sede.

Art. 51—Os presentes Estatutos só poderão ser reformados após dois anos de funcionamento ininterrupto do Instituto.

Art. 52—Os sócios do Instituto não respondem pelas obrigações sociais.

Art. 53—Quinze dias antes da sessão de aniversário de fundação do Instituto, os relatores das Comissões Permanentes apresentarão os relatórios dos trabalhos de suas Comissões ao Secretario Geral para subsidio do relatório geral.

Art. 54—Ocorrendo o fato de interrupção seguida por mais de cinco anos das sessões do Instituto, entender-se-á que o Instituto tenha encerrado as suas funções, passando então todo o seu patrimônio, em qualidade e espécie, à guarda do Municipio do Crato, na sua acepção de pessoa juridica de direito público até que seja restaurado o Instituto, e, enquanto não se realizar tal restauração, considerar-se-á o patrimônio do Instituto incorporado ao do Municipio.

§ Unico—Durante o periodo de interrupção dos trabalhos normais do Instituto, todo o seu patrimônio será administrado e conservado pela última Diretoria até o prazo estabelecido no artigo anterior, ficando a mesma responsável pelo referido patrimônio e entregando-o, mediante recibo, ao Municipio, nas

condições acima estabelecidas.

Art. 55—Os casos omissos nos presentes Estatutos serão resolvidos pela Mesa ou, segundo sua importância, em Assembléia Geral, a critério da Mesa.

CAPÍTULO IX

Disposições Transitórias

Art. 56—Os sócios Fundadores se obrigam a concorrer, equitativamente, com a quantia necessária para a cobertura das despesas de fundação e instalação do Instituto.

Art. 57—Aprovados os presentes Estatutos, os sócios Fundadores procederão imediatamente à eleição da Mesa e das Comissões Permanentes que deverão reger os destinos do Instituto por um ano, a partir de 18 de Outubro de 1953, quando então serão empossados, em sessão magna, considerado esse dia como o da fundação oficial do Instituto.

Sala das sessões do Instituto Cultural do Cariri, em 4 de Outubro de 1953, na cidade do Crato, Estado do Ceará.

Irineu Pinheiro—Presidente

Pe. Antonio Gomes de Araújo—Vice-Presidente

J. de Figueiredo Filho—Secretário Geral

Antonio Levi Eptácio Pereira—Secretário

Amaro José da Costa—Tesoureiro



Í N D I C E

Explicando—F. F.	1
A Bahia nas Raízes do Cariri—Pe Antonio Gomes de Araújo .	3
Manhã no Caldas—Caryllye Martins	48
Fragmentos da Crônica Literária de Jardim—F. S. Nascimento	49
Carta do Dr. Quixadá Felício ao Advogado Duarte Junior .	51
Figuras Representativas da Vila do Crato Quando Passou à Categoria de Cidade—1853	55
Museu do Crato—J. Lindemberg de Aquino	57
Requerimento n. 336, de 1953—Transcrição do Diário do Congresso	60
In Memoriam—Duarte Junior	61
Ata da Inauguração da Vila de Brejo Santo—Pe. Antonio Gomes de Araújo	73
José Martiniano de Alencar—S. A. Sisson	75
O Fortalecimento do Capital—Teodorico Barbosa	81
Pe. Cicero—O Incompreendido—Celso Gomes de Matos .	83
Impressões de uma Viagem aos Santuários da Europa— Ten.-Cel. Raimundo Teles Pinheiro	90
Ao Araripe—José Carvalho	97
Itaytera—(Poema)—José Alves de Figueiredo	100
Os Intelectuais do Crato Falam Sobre o Cariri e Suas Lutas Seculares—F. Corrêa de Araújo	103
Bandas Cabaçais do Cariri—J. de Figueiredo Filho	107
Os Poetas Populares Juriti e Beija-Flor—N. R.	113
O Crato Visto de Cima—Levi Epitacio	116
O Ceará na Revolução de 30 - Otacilio Anselmo e Silva	118
Ensaio de Interpretação Linguística—Nunes Teixeira	142
Reminiscências—Arnaud Baltar	142-B
O Papel da Igreja Católica no Desenvolvimento Religioso e Cultural do Crato—Mons. Antonio Feitosa	143
Meu Crato—Jayme Sisnando	147
Crato e o Seu Primeiro Cinema - Florival Matos	148
A Igreja na Formação do Crato—Pe. Rubens Lóssio	150
Jubileu de Ouro—N. R.	154
Conflito de Leis—Oliveira Borges	155
O Professor Primário—Jm. Pinheiro Teles	157
Em Defesa das Florestas—Antonio Alves de Queiroz	159
O Instituto, Frei Carlos e o Jardim da Praça da Sé—Pe. Antonio Gomes de Araújo	162
Bibliografia, Notas e Comentários—N. R.	166
Ata da Sessão de Fundação do Instituto Cultural do Cariri	179
Estatutos do Instituto Cultural do Cariri	181

VISITANDO CRATO CONHEÇA A
**SAPATARIA
AZTECA**

Um estabelecimento que faz honra ao
prestígio de que desfruta e lidera o
progresso comercial da cidade.

★ AVANÇANDO COM A ÉPOCA, A ★

SAPATARIA AZTECA

ATENDENDO AS CONTINGÊNCIAS DO MEIO, TRANSFORMOU-SE DE UMA SIMPLES
SAPATARIA EM UM VERDADEIRO EMPÓRIO DE UTILIDADES.

★ ————— ★
Calçados PELLEGRINE, FOX,
SCATAMACHIA, CLARK,
ALIANÇA, EMBAIXADOR,
RUDAN, ETC.
—————

SAPATARIA AZTECA

Rua Dr. João Pessoa, 97

End. Teleg:- **AZTECA**

CRATO — CEARÁ

★ ————— ★

BANCO DO BRASIL S. A.

Séde — Distrito Federal — Rua 1.ª de Março N.º 66
Agência em Crato: Rua Senador Pompeu, 49

Tôdas as operações bancárias, inclusive
crédito agrícola e industrial.

Tabela de juros para os depósitos do público.

Depósitos Populares

—Limite de Cr\$ 100.000,00 5%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito mínimo de Cr\$ 50,00. Cheques do valor mínimo de Cr\$ 20,00.

Depósitos Limitados

—Limite de Cr\$ 500.000,00 3%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito mínimo de Cr\$ 200,00. Cheques do valor mínimo de Cr\$ 50,00.

Depósitos sem Limites 2%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito inicial mínimo de Cr\$ 1.000,00.

Depósitos de aviso prévio — Sem limite

Retirada med ante aviso prévio superior a 90 dias 4½%

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Depósitos de quaisquer quantias para retiradas também de quaisquer quantias.

Depósitos a prazo fixo — sem limite

Por 12 meses 5%

Por 12 meses, com renda mensal 4½%

Juros anuais. Depósito mínimo de Cr\$ 1.000,00.

Letras a prêmio — sem limite

De prazo de 12 meses 5%

Juros anuais. Depósito mínimo de 1.000,00. Letras nominativas, com juros incluídos e seladas proporcionalmente